

# MANUAL DO **ESCOTISTA** Ramo Escoteiro

Um método de  
Educação não-formal para  
**jovens de 11 a 14 anos**



MANUAL DO  
**ESCOTISTA**  
Ramo Escoteiro



**EscoteirosdoBrasil**  
construindo um mundo melhor

**Todos os direitos reservados.**

Nenhuma parte desta publicação, incluindo as ilustrações e os desenhos das capas, pode ser traduzida ou adaptada, reproduzida, armazenada ou transmitida sob qualquer forma e por nenhum meio sem a prévia autorização da Diretoria Executiva Nacional da União dos Escoteiros do Brasil, que detém sua propriedade intelectual.

Esta reserva de direitos se aplica às Associações membros da Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

**1ª edição - 3.000 exemplares  
Novembro de 2001**

**2ª edição - 3.500 exemplares  
Março de 2013**



**Escritório Nacional**

Rua Coronel Dulcídio, 2107 - Bairro Água Verde  
CEP 80250 100 - Curitiba - Paraná

Tel.: 41. 3353-4732

[www.escoteiros.org.br](http://www.escoteiros.org.br)

# ÍNDICE

---

|   | Página |
|---|--------|
| APRESENTAÇÃO  | 5      |
| MENSAGEM DA DIRETORIA EXECUTIVA NACIONAL                        | 6      |
| COMO USAR ESTE MANUAL   | 7      |
| <b>CAPÍTULO 1</b>   |        |
| <b>Os jovens de 11 a 14 anos</b>                                | 8      |
| Conceitos básicos   | 10     |
| As principais tarefas de desenvolvimento entre 11 e 14 anos     | 13     |
| Um perfil geral segundo os diferentes aspectos da personalidade | 18     |
| Outros aspectos   | 21     |
| <b>CAPÍTULO 2</b>   |        |
| <b>O Marco Simbólico</b>  | 26     |
| Os símbolos   | 28     |
| O gosto por explorar  | 32     |
| O interesse pela conquista de um território                     | 42     |
| Pertencer a um grupo de amigos                                  | 48     |
| A aplicação do Marco Simbólico                                  | 53     |
| <b>CAPÍTULO 3</b>   |        |
| <b>A Patrulha</b>   | 57     |
| Conceitos básicos   | 59     |
| A Patrulha como grupo informal                                  | 62     |
| A Patrulha como comunidade de aprendizagem                      | 77     |
| <b>CAPÍTULO 4</b>   |        |
| <b>Os elementos do Método Escoteiro: a vida de grupo</b>        | 89     |
| Os elementos do Método Escoteiro                                | 91     |
| A vida de grupo   | 95     |
| <b>CAPÍTULO 5</b>   |        |
| <b>A Tropa Escoteira</b>  | 99     |
| Natureza da Tropa Escoteira                                     | 101    |
| Estrutura da Tropa Escoteira                                    | 108    |
| Identidade da Tropa Escoteira                                   | 114    |
| <b>CAPÍTULO 6</b>   |        |
| <b>Lei e Promessa</b>   | 117    |
| O projeto educativo do Movimento Escoteiro                      | 119    |
| A Lei Escoteira   | 121    |
| Reflexões sobre a Lei Escoteira                                 | 127    |
| A Promessa  | 137    |



## CAPÍTULO 7

|                               |     |
|-------------------------------|-----|
| <b>O papel dos escotistas</b> | 145 |
| Os escotistas                 | 147 |
| Os escotistas como educadores | 160 |

## CAPÍTULO 8

|   |     |
|---|-----|
| <b>As áreas de desenvolvimento</b>          | 167 |
| As dimensões da personalidade               | 169 |
| Reflexões sobre as áreas de desenvolvimento | 173 |

## CAPÍTULO 9

|   |     |
|---|-----|
| <b>Os Objetivos Educativos e as Competências</b>    | 190 |
| Natureza dos Objetivos Educativos e as Competências | 192 |
| A proposta de Objetivos                             | 197 |
| As etapas de progressão                             | 223 |

## CAPÍTULO 10

|  |     |
|--|-----|
| <b>As atividades educativas</b>                    | 225 |
| Objetivos, competências, atividades e experiências | 227 |
| Tipos de atividades                                | 230 |
| As atividades fixas                                | 235 |
| As atividades variáveis                            | 247 |
| As especialidades                                  | 254 |

## CAPÍTULO 11

|   |     |
|---|-----|
| <b>Avaliação da progressão pessoal</b>        | 259 |
| O período introdutório                        | 261 |
| O acompanhamento da progressão pessoal        | 271 |
| Conclusões da avaliação da progressão pessoal | 277 |

## CAPÍTULO 12

|  |     |
|--|-----|
| <b>O Ciclo de Programa</b>                           | 281 |
| Conceitos gerais                                     | 283 |
| Diagnóstico da Tropa                                 | 288 |
| Proposta e seleção de atividades                     | 294 |
| Organização, planejamento e preparação de atividades | 301 |
| Desenvolvimento e avaliação das atividades           | 310 |

# APRESENTAÇÃO

---

O livro que o leitor tem em mãos é produto do trabalho conjunto de 15 associações escoteiras latino-americanas, com o apoio dos Escritórios Escoteiros Interamericano, Europeu e Mundial. Durante três anos, cerca de 50 pessoas trabalharam para aperfeiçoar seu conteúdo e sua apresentação. É um exemplo de cooperação internacional e uma expressão coerente da experiência de pessoas diferentes que atuam em ambientes variados.

As ideias contidas no livro representam com rigor o pensamento de Robert Baden-Powell, fundador do Movimento Escoteiro, e constituem um esforço para refletir a realidade dos jovens de hoje. Consideramos que o resultado é uma apresentação autêntica e atual do Método Escoteiro, que conjuga com harmonia, fidelidade e renovação.

O Manual foi escrito para ser aplicado, razão pela qual seus principais destinatários são os escotistas do Ramo Escoteiro, que apoiam o desenvolvimento dos jovens ajudando-os a organizar sua aventura. Esperamos que estas páginas lhes permitam encarar de uma forma nova o trabalho que realizam, renovar seu compromisso, descobrir outras ideias e cumprir sua tarefa de forma cada vez melhor. Quanto mais profundamente refletirmos sobre os valores que nos guiam e sobre o método que aplicamos, mais sentido terão nossas vidas e nosso trabalho com os jovens.

O livro é um material de orientação que apela constantemente para a capacidade do escotista de projetar novos modos de fazer as coisas, apropriados à realidade de seu ambiente e dos jovens a quem apoiam em seu desenvolvimento. Para projetar, basta conhecer o Método Escoteiro e ter uma atitude educativa. Assim, o Manual não é uma receita. É um convite para pensar e criar, um ponto de partida em direção a novas perspectivas.

Esperamos que o Manual também seja útil àqueles que, sem ser escotistas, se interessam pelo Movimento ou desejam iniciar-se nas atividades escoteiras. Esses logo se darão conta de que o livro tem uma visão bastante ampla, está escrito em um linguajar simples e reúne o que há de mais valioso nas atuais orientações em educação.

Finalmente, como coordenador do grupo que elaborou o livro, agradeço a todos pela participação, pela confiança e pela paciência.

GERARDO GONZÁLES E.  
**Diretor Regional**  
Oficina Scout Interamericana

Santiago,  
Setembro de 2001

# MENSAGEM DA DIRETORIA EXECUTIVA NACIONAL

---

Nos últimos dezesseis anos, a União dos Escoteiros do Brasil vem investindo na atualização do seu Programa Educativo, buscando torná-lo, conceitualmente, o mais próximo possível ao proposto por Baden-Powell, considerando a realidade do mundo em que vivemos, com um conteúdo que desperte o interesse e produza experiências relevantes para contribuir para o crescimento pessoal dos jovens.

A partir da implantação de algumas propostas, foi possível perceber o impacto, os aspectos positivos e as dificuldades, permitindo à Instituição desenvolver uma análise mais profunda, que nos levou a fazer algumas alterações significativas no sistema de progressão oferecido aos jovens, que é o principal instrumento para direcionar e avaliar seu desenvolvimento.

Nesse importante processo, que começou com um estudo da então Comissão Nacional de Programa de Jovens, somaram-se várias forças da UEB, com a participação efetiva do CAN – Conselho de Administração Nacional, das Regiões Escoteiras, do Escritório Nacional e da nova estrutura da área de Métodos Educativos, que criamos neste mandato.

Graças a este esforço conjunto, que esta Diretoria Executiva Nacional teve a satisfação de coordenar, chegamos a um resultado totalmente positivo, lançando agora o Manual do Escotista Ramo Escoteiro, que é uma publicação dirigida aos adultos que se dedicam a oferecer aos jovens oportunidades de vivenciar atividades que lhes ajudem a conquistar novos territórios com seu grupo de amigos, em uma atraente aventura, ampliando conhecimentos, desenvolvendo habilidades e, principalmente, cultivando atitudes e valores que os tornarão pessoas melhores.

Concluimos, assim, o material de apoio ao Programa Educativo do Ramo Escoteiro, tornando realidade um sonho que começou em 2009, e que só foi possível alcançar graças ao esforço de muitos escotistas, dirigentes de todo o Brasil e profissionais do Escritório Nacional, a quem a UEB agradece.

É importante lembrar que já existem outras publicações disponíveis para as atividades do Ramo Escoteiro: o “Escotistas em Ação - Ramo Escoteiro”, também destinado aos adultos, e os livros “Guia da Aventura Escoteira - Pistas e Trilha”, “Guia da Aventura Escoteira - Rumo e Travessia” e o “Tropa Escoteira em Ação”, destinados aos jovens, e que são importantes instrumentos para que a dinâmica das Tropas do Ramo Escoteiro fique cada vez mais interessante e educativa.

Mais uma vez, agradecemos a todos que contribuíram, de uma forma ou outra, para alcançarmos este momento. Estamos certos de que este passo terá um importante reflexo no futuro da União dos Escoteiros do Brasil, para torná-la cada vez melhor e com maior capacidade de realizar a sua missão.

**Sempre Alerta!**

**Marco A. Romeu Fernandes**  
Diretor Presidente

**Renato Bini**  
Diretor 1º Vice-Presidente

**Rafael Rocha de Macedo**  
Diretor 2º Vice-Presidente

**Marcos Carvalho**  
Diretor de Métodos Educativos

# COMO USAR ESTE MANUAL

Este livro tem 12 capítulos. No verso da primeira página de cada capítulo aparece um sumário de seu conteúdo, onde se indicam os temas abordados em seus diferentes parágrafos.

O leitor que desejar obter uma informação mais superficial sobre o conteúdo do livro poderá se satisfazer lendo esses sumários ou examinando os títulos dos seus vários parágrafos.



Os textos impressos em azul se referem aos conceitos mais relevantes relacionados com um tema, para os quais se pretende chamar a atenção.

Os textos em preto correspondem à informação básica necessária sobre cada assunto.

Os textos impressos em verde apresentam informações consideradas complementares, cuja leitura é recomendada para o aprofundamento de uma ideia.

O esperado é que, desta forma, o leitor se familiarizará com o Manual e o consultará com frequência, de acordo com suas necessidades e interesses.





1 Os  
jovens de  
11 A 14 ANOS



# SUMÁRIO

---

## CONCEITOS BÁSICOS

- A adolescência é uma etapa de crescimento e progresso pessoal
- A duração e as características da adolescência dependem de cada pessoa
- A puberdade marca o início da adolescência

## AS PRINCIPAIS TAREFAS DE DESENVOLVIMENTO ENTRE 11 A 14 ANOS

- Construir o “esquema corporal”
- Ter uma boa opinião de si mesmo
- Afirmar o papel sexual
- Desenvolver novas formas de pensar
- Aprender a lidar com emoções que variam
- Aprender a “colocar-se no lugar do outro” e a construir normas consensuais
- Iniciar a busca da identidade, a abertura para a sociedade mais próxima e a construção de um projeto de vida

## UM PERFIL GERAL SEGUNDO OS DIFERENTES ASPECTOS DA PERSONALIDADE

- Um corpo novo
- Ideias emergentes
- Valores próprios
- Emoções contraditórias
- Amigos para a vida
- Uma fé pessoal

## OUTROS ASPECTOS

- Na primeira etapa da adolescência, é possível distinguir duas faixas etárias: de 11 a 12 anos e de 13 a 14 anos
- Homens e mulheres são iguais e diferentes
- Educar na igualdade e na diferença
- Cada jovem é uma história e um projeto que não se repete



# CONCEITOS BÁSICOS



## A ADOLESCÊNCIA É UMA ETAPA DE CRESCIMENTO E PROGRESSO PESSOAL

De um modo geral, entendemos por adolescência o período de nossa vida que se inicia com as mudanças biológicas da puberdade e termina com o ingresso no mundo dos adultos.

Há 200 anos, este período não existia ou passava despercebido. A palavra adolescência não era utilizada e só se diferenciava entre “crianças” e “adultos”. A aptidão fisiológica para a procriação, a que denominamos puberdade, marcava a fronteira entre essas idades.

A crescente complexidade da sociedade (que diversificou as funções sociais e passou a exigir maiores habilitações para o mundo do trabalho), a consequente evolução da escola, a proibição do trabalho infantil, o aumento da expectativa de vida e outros fatores que transformaram a sociedade determinaram o surgimento desta etapa de amadurecimento sexual e social.

Durante muito tempo, ela foi mencionada como uma etapa de “transição”, como uma simples passagem para a etapa adulta, caracterizada por agitações e instabilidades. Apesar do adolescente com perturbações não ser a regra geral, se aludia muito frequentemente à adolescência como um período tormentoso de instabilidade emocional e se enfatizava demasiadamente a rebeldia juvenil.

Hoje, com maior conhecimento científico do processo vivido pelos jovens, se generalizou a visão da adolescência como um período de forte crescimento e progresso pessoal, que compreende não só aspectos puramente biológicos da puberdade, mas também aquelas mudanças mentais e sociais que serão determinantes na formação da futura personalidade.

A adolescência não é um mal inevitável. É um período do ciclo da vida que tem sua própria natureza, que se diferencia nitidamente da infância e da vida adulta, que apresenta enormes possibilidades de desenvolvimento e que é importante vivê-lo. É tão rico em vivências que não pode ser encarado como uma simples “passagem para”. Os jovens clamam por ser considerados como tal e não como ex-crianças” ou “futuros adultos”.

A rebeldia que se atribui aos jovens, por exemplo, mais do que uma característica própria da idade, é um conceito que se forma a partir da perspectiva do adulto, já que essa suposta rebeldia não é mais do que a autoafirmação que o jovem faz de sua diferença, indispensável para a formação paulatina de sua própria personalidade.

As grandes tarefas de desenvolvimento da adolescência, em sua totalidade, desde a puberdade até o ingresso no mundo adulto, podem ser resumidas do seguinte modo:

- Alcançar a maturidade sexual, em todos os seus aspectos, não apenas do ponto de vista biológico;
- Conquistar a identidade;
- Construir um projeto de vida próprio.



Podemos dizer que a adolescência começa na biologia e termina na cultura. Seu início se manifesta com as modificações corporais que indicam a masculinidade ou a feminilidade, se prolonga com o surgimento de novas formas de pensar que permitem compreender os acontecimentos de maneira integrada. Prossegue na busca da individualidade coerente, contínua, e se conclui com a inserção no mundo com um projeto próprio ou com a convicção de que é necessário assumir uma opção de vida e de que se é capaz de fazê-lo.

## A DURAÇÃO E AS CARACTERÍSTICAS DA ADOLESCÊNCIA DEPENDEM DE CADA PESSOA



De um modo geral, a adolescência se inicia entre os 10 e os 13 anos e termina por volta dos 20. Seu início, sua duração e seu término são muito variáveis, dependendo basicamente da natureza de cada pessoa, de sua história pessoal e das características sociais e culturais do ambiente em que vive.

É um período longo, já que os desafios da sociedade contemporânea apresentam exigências cada vez maiores e mais alto é o nível de qualificação exigido para satisfazê-las. Sua extensão favorece o aparecimento de estados de ambiguidade e contradição, de processos de avanço e recuo que são necessários para que os jovens encontrem sua própria identidade e o sentido da vida.

A adolescência também não tem uma natureza fixa e imutável. Ela depende das características de cada pessoa, da situação existente no seio da comunidade e, sobretudo, do maior ou menor apoio dos recursos psicológicos e sociais com que os jovens puderam contar em seu crescimento anterior. A qualidade de vida que se teve durante a infância influencia notoriamente sobre a forma como se vive e termina a adolescência.



## A PUBERDADE MARCA O INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA

Não se pode fixar uma idade definida para o começo da puberdade, da mesma forma como não se pode caracterizar, em termos absolutos, esta primeira parte da adolescência. São grandes parcelas do organismo e da personalidade que se modificam em idades diferentes e com ritmos de crescimento distintos. Mais do que idades cronológicas, é preferível levar em conta histórias pessoais de maturidade e desenvolvimento.

De um modo geral, a puberdade se inicia, em nosso meio, entre os 10 e os 12 anos, para as meninas, e entre os 11 e os 13 anos, para os meninos.



Quando se ativa e aumenta a produção de certos hormônios da hipófise, têm início o amadurecimento e a liberação periódica de óvulos e a produção de espermatozoides. Surgem as características sexuais primárias e secundárias. Se iniciam as transformações em outras funções fisiológicas não-sexuais e as alterações no tamanho, no peso, nas proporções corporais, na força e na coordenação motora.

As características sexuais primárias se referem à constituição dos órgãos sexuais envolvidos na reprodução. Estes órgãos apresentaram, durante a infância, um desenvolvimento menor que o dos outros sistemas. Na puberdade, se produz o crescimento do pênis, dos testículos, do útero, da vagina, do clitóris e dos pequenos e grandes lábios vaginais.

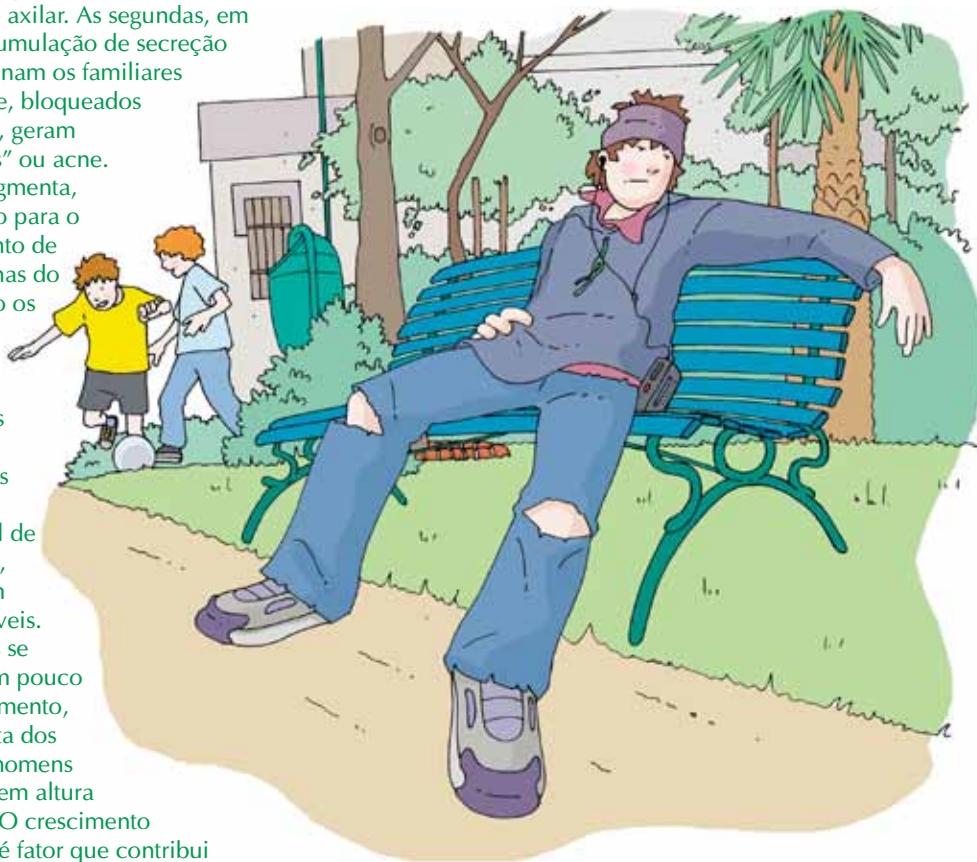
A capacidade de reprodução não ocorre simultaneamente com a primeira menstruação nas mulheres ou com a primeira ejaculação nos homens. Estas são apenas as fases iniciais do processo de amadurecimento sexual. Mesmo assim, a capacidade de gerar filhos aparece antes que se tenha completado o crescimento físico, razão pela qual se considera a gravidez na adolescência uma situação de risco, tanto para a mãe como para o filho.

As características sexuais secundárias se referem às modificações corporais que servem como indicadores de masculinidade e de feminidade. Aparecem os pelos no púbis, o que dá origem à expressão “puberdade”, e nas axilas, sendo mais abundantes nos homens, entre os quais se espalham pelo peito e pelo rosto, marcando o surgimento da barba. Nas mulheres, o crescimento dos seios é, com frequência, o primeiro sinal que evidencia o começo da puberdade.

Em ambos os sexos, aproximadamente entre os 14 e os 15 anos, a laringe se modifica, produzindo as conhecidas alterações na voz - mais notórias entre os homens.

As glândulas sudoríparas e sebáceas se desenvolvem. As primeiras fazem com que os jovens comecem a apresentar o odor característico da transpiração axilar. As segundas, em razão da acumulação de secreção oleosa, originam os familiares “cravos” que, bloqueados e infectados, geram as “espinhas” ou acne. A pele se pigmenta, contribuindo para o escurecimento de algumas zonas do corpo, como os mamilos e a genitália.

As estruturas esqueléticas e musculares seguem um padrão geral de crescimento, embora com ritmos variáveis. As mulheres se adiantam um pouco nesse crescimento, mas por volta dos 15 anos os homens as superam em altura - na média. O crescimento esquelético é fator que contribui com o aumento do peso.



# AS PRINCIPAIS TAREFAS DE DESENVOLVIMENTO ENTRE 11 E 15 ANOS



## CONSTRUIR O “ESQUEMA CORPORAL”



A transformação do corpo é a mais evidente modificação que os jovens experimentam entre os 11 e os 15 anos. O esquema corporal, que é a imagem interna que formamos do nosso próprio corpo, se vê alterado por essa transformação.

Na infância, o ritmo pausado das transformações permite que a criança as integre a seu esquema corporal na medida em que as experimenta, mas a velocidade e a intensidade das transformações que ocorrem nessa fase da adolescência tornam muito difícil que essa integração se faça acompanhar, no jovem, de estabilidade e de familiaridade.

## TER UMA BOA OPINIÃO DE SI MESMO



As modificações corporais seguem um curso irregular e a aparência física dos jovens perde a harmonia dos anos anteriores. Com o crescimento de seu corpo, o jovem se pergunta, por vezes, se ele ainda é a mesma pessoa. A irregularidade nas transformações chega a assustá-lo e afeta até sua autoestima.

É preciso considerar também que, na infância, sua autoestima dependia, quase exclusivamente, do que lhe diziam seus familiares e outros adultos em posição de autoridade. Agora depende, basicamente, de suas próprias experiências e da opinião dos seus pares, o que produz insegurança e desejo de afirmar seus atrativos, sua aceitação afetiva e social.





## AFIRMAR O PAPEL SEXUAL

As transformações corporais estão associadas ao amadurecimento sexual. Durante a infância, a sexualidade esteve presente quase como uma brincadeira. Se expressava fundamentalmente na curiosidade e na autoestimulação. Na adolescência, surgem os impulsos sexuais, os problemas do sexo e do amor se tornam conscientes, e se produz um acúmulo de tensões provenientes das demandas próprias do desenvolvimento sexual.

A resolução dessas tensões dependerá da força dos impulsos, da habilidade de avaliar a realidade, das facilidades ou proibições do ambiente cultural em que se vive, dos valores que orientam o caráter, dos mecanismos de governo de sua personalidade, de sua história particular e das circunstâncias peculiares de sua vida.

A evolução sexual conduz a uma progressiva e apropriada afirmação de seu papel sexual, o que depende de uma forte e positiva identificação com o progenitor do mesmo sexo ou outra figura adulta que o substitua, de experiências gratificantes com pessoas do sexo complementar e de vínculos de identificação com outros jovens de seu mesmo sexo. É a época em que o jovem se aproxima do pai e dos amigos, enquanto a jovem se aproxima da mãe e das amigas. Só mais adiante, lá pelos 13 anos, inicialmente de forma esporádica e, logo depois, com maior frequência, começam a aparecer vínculos e amizades com pares do outro sexo. Isto guarda uma estreita relação com a composição de patrulhas mistas, como veremos mais adiante.



## DESENVOLVER NOVAS FORMAS DE PENSAR

Paralelamente, aflora neste período uma transformação intelectual que se desenvolverá durante toda a adolescência. Novas formas de pensamento permitem encontrar uma compreensão mais ampla e integradora de tudo o que ocorre. Cada vez com mais estabilidade, o jovem desenvolve operações formais que caracterizam a capacidade de generalização e de abstração. Pelo maior conhecimento que deriva do treinamento e da experiência, os jovens demonstram capacidade para formar juízos mais lógicos apoiados em raciocínios causais. Têm “uma maior efetividade para compreender e coordenar ideias abstratas, para pensar em possibilidades, para comprovar hipóteses, para pensar com antecipação, para pensar sobre o pensar e para construir filosofias”.\*

A criança de sete anos brinca com fogo sem refletir que isso pode dar origem a um incêndio. Sua incapacidade de estabelecer relações de causa e efeito a impede de prever as consequências. O jovem de 12 anos, capaz de estabelecer representações simbólicas, pode se antecipar a uma situação que ainda não ocorreu na realidade e sabe que, diante de certas circunstâncias, é possível que “fogo se desencadeie em um incêndio”, mesmo que, no momento em que estabelece essa relação, não haja fogo por perto.

\* Raising Teens: A Synthesis of research and a Foundation for Action. A. Rae Simpson, Ph. D., Center for Health Communication, Harvard School of Public Health, Boston, 2001.

Se a bola com que um grupo de crianças de sete a nove anos está jogando na rua escapa a seu controle e atravessa um cruzamento, elas vão tentar recuperá-la sem perceber o risco que está envolvido no esforço. Jovens de 11 a 13 anos, nas mesmas circunstâncias, possuem a capacidade de avaliar simultaneamente tempo e espaço, distância e profundidade para, assim, apreciar os riscos envolvidos na recuperação da bola. Tais habilidades são adquiridas progressivamente, razão pela qual não se pode acreditar que, nessa faixa etária, os jovens estão em condições de medir todos os riscos com que se podem defrontar.

Um tenista de sete anos de idade se limita a responder aos lançamentos que recebe e a fazer com que a bola devolvida passe por cima da rede. Só depois dos 11 anos reconhecerá as regras formais. Com base nessas regras e na observação do estilo de seu adversário, perceberá padrões de jogo e de erros, produzindo uma resposta estratégica. Terá aprendido a abstrair, a generalizar, a estabelecer relações de causa e efeito e, como resultado, a oferecer respostas mais adequadas.



Esses exemplos nos permitem entender que se passa o mesmo nos terrenos dos conceitos mais abstratos e dos valores. É por isso que certas “respostas estratégicas” imprevistas dos adolescentes tendem a desconcertar pais e professores. É como se, jogando de forma descontraída com o tenista do exemplo, fôssemos surpreendidos por uma incrível “cortada”.



## APRENDER A LIDAR COM EMOÇÕES QUE VARIAM

Neste período, também se apresentam transformações emocionais características e que acompanham as transformações hormonais e intelectuais ou que delas decorrem. É época de confusão de sentimentos em que se deseja “ser grande” e independente ao mesmo tempo; em que se sente saudade do tratamento familiar acolhedor e da segurança que caracterizam a infância. Tempo de iniciativas mirabolantes, que se sucedem umas às outras e que, de repente são interrompidas por episódios de apatia, indolência e reflexões interiores. Momentos de alegria incontida que logo se transformam em tristeza, que pode chegar ao pranto. Períodos de espanto e meditação diante da própria sexualidade, que passam pela ansiedade e que deságuam, mais adiante, na curiosidade e no descobrimento desses processos no sexo complementar.

Os jovens dessa faixa etária não avançam para a vida adulta de uma forma linear, mas reaparecem em sua caminhada impulsos e necessidades infantis que coexistem com a ânsia de se inserir no mundo de uma forma nova. Isto exige tempo e paciência, especialmente da parte dos adultos, que frequentemente estimulam soluções imediatistas e não procuram observar, em relação ao jovem, um comportamento coerente. Ao mesmo tempo em que se diz “você não é mais uma criança”, também se faz questão de lembrar que “você ainda não é um adulto”. Dessa maneira, fomentamos reações de ansiedade e induzimos o jovem a buscar soluções adaptativas prematuras para resolver a tensão natural do período. Mesmo assim, esta ansiedade cumpre um papel positivo ao promover a aprendizagem, incrementar a capacidade de execução e aumentar o nível de aspirações.

Nossas próprias confusões e contradições como adultos se refletem em nosso pensamento e o jovem as percebe, agora, com maior clareza do que durante a infância. Isso agrega um novo fator de incerteza às inquietações que ele enfrenta em suas tentativas de interpretar e interagir com o mundo de forma coerente. É por isso que os jovens têm a tendência de seguir aos adultos que se apresentam diante deles com um sistema de valores definido.





## APRENDER A COLOCAR-SE NO LUGAR DO OUTRO E A CONSTRUIR NORMAS CONSENSUAIS

Os adolescentes desenvolvem e aplicam progressivamente “um nível mais complexo de visão em perspectiva que lhes permite colocar-se no lugar do outro”\*. A empatia, esta nova e poderosa capacidade para compreender as relações humanas, os auxilia a resolver problemas e conflitos em seus relacionamentos.

Essas novas qualificações também se refletem na evolução que se produz a partir da aceitação unilateral das regras apresentadas pelos adultos, típica das crianças, em direção ao respeito mútuo das regras consensuais que se observa entre os jovens. Por isso, é importante que esta seja uma época em que os jovens desfrutem de espaços em que possam questionar e até rejeitar a lei estabelecida pelos adultos, de modo a poder reconstruir as normas ou estabelecer outras novas que possam interiorizar. No capítulo 6, quando se fala da formação da norma entre os jovens e da Lei Escoteira, voltaremos ao tema com maior profundidade.



## INICIAR A BUSCA DA IDENTIDADE, A ABERTURA PARA A SOCIEDADE MAIS PRÓXIMA E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE VIDA

**Esta capacidade de refletir, de rever sua maneira de pensar e a dos outros, leva o jovem a questionar as orientações provenientes da infância e que se geraram, basicamente, no ambiente familiar. São as primeiras manifestações da passagem da dependência infantil para a autonomia adulta, que se desenvolverá fortemente na medida em que avança a adolescência.**

As oportunidades e o apreço dos outros dependem cada vez mais do mundo exterior do que do ambiente familiar, razão pela qual se produz, como em outras etapas da vida, uma confrontação entre passado e futuro. A opinião dos pares passa a ser mais importante que a opinião da família ou dos adultos. As transformações físicas e intelectuais obrigam a buscar novas modalidades de ajuste social. A identidade começa a se elaborar mediante uma síntese entre as identidades infantis e os novos impulsos e capacidades, buscando alcançar a sensação de continuidade.

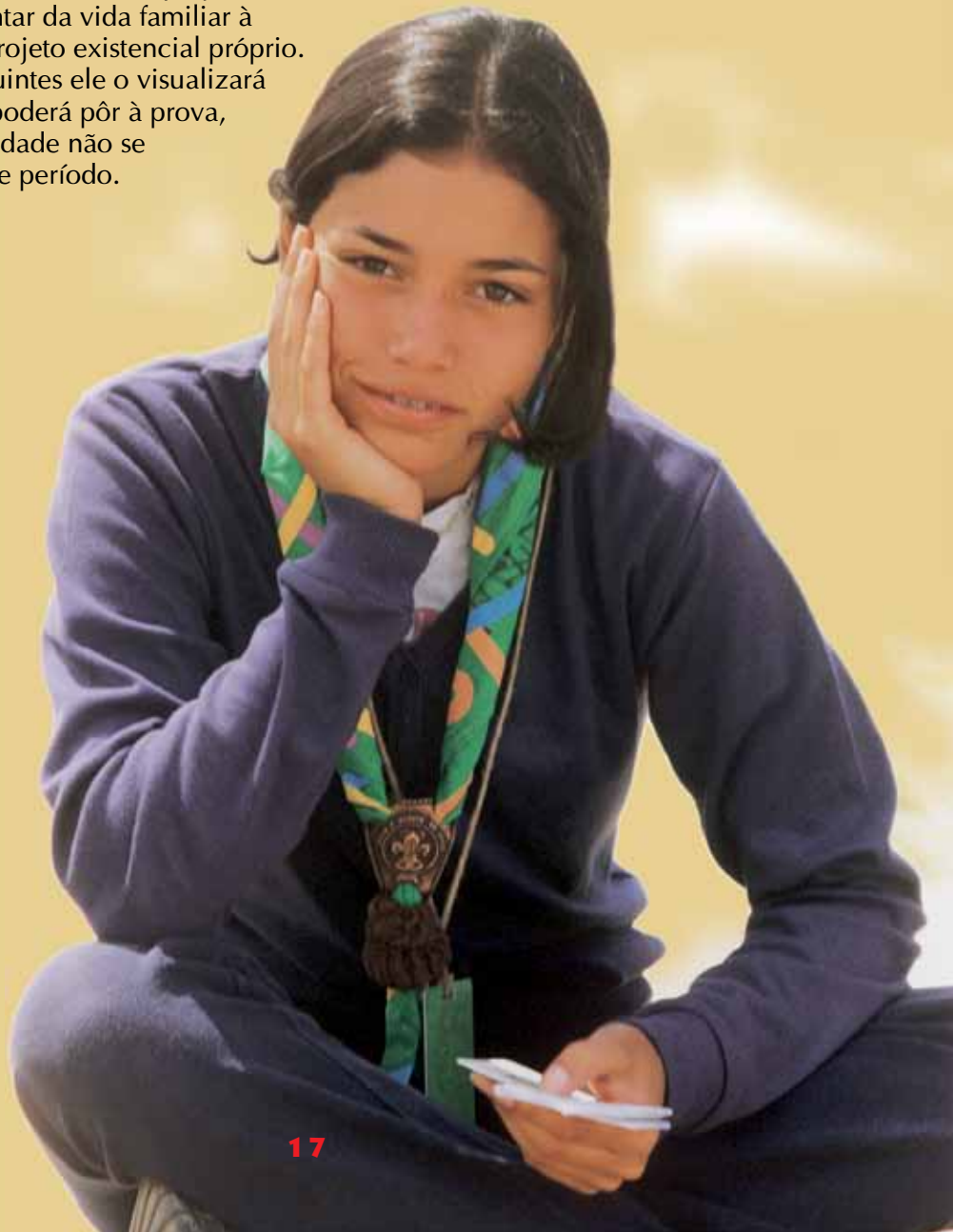


\* Harvard, obra citada.

Este processo de elaboração da identidade vem durante a adolescência e continua se estruturando nos anos que correspondem à etapa do adulto jovem. Se manifesta fortemente seu desejo de não ser considerado dependente e sim um indivíduo que, a partir da consciência de si mesmo, é capaz de apresentar contribuições, diferenciadas e próprias, à sua vida e à dos adultos.

No plano social, aparecem novas relações interpessoais - com efeito, aquelas ações que permitem estender sua expressão pessoal a um grupo mais amplo do que o grupo familiar. No entanto, no âmbito social, ainda não se manifestam fortemente o questionamento e as inquietações que marcarão as etapas subsequentes da adolescência.

Por fim, o jovem começa a evoluir a partir de um estilo e projeto de vida complementar da vida familiar à elaboração de projeto existencial próprio. Só nas fases seguintes ele o visualizará claramente e o poderá pôr à prova, já que sua identidade não se consolidará neste período.



# UM PERFIL GERAL SEGUNDO OS DIFERENTES ASPECTOS DA PERSONALIDADE



Ordenadas segundo as diversas áreas de desenvolvimento, vamos apresentar, a seguir, algumas características gerais dos jovens que se encontram nesta faixa etária. Muitas delas vão lhe parecer familiares e recordarão jovens que são ou foram de sua Tropa.

## UM CORPO NOVO



O corpo se renova a cada dia. Com ele, acontecem coisas que desconcertam, que convidam à exploração, que o arrastam aos extremos dos seus próprios limites, que revelam a beleza, que fazem surgir o pudor, que rompem as proporções, que importam muito ou que importam muito pouco, que alegrem, que entristecem, que doem, que dão prazer e que são parte da caminhada para chegar a ser homem ou mulher.

O cansaço é um convidado permanente, que só se retira quando convidamos os jovens para comer. A ordem não é seu forte, o esporte os atrai, a apresentação pessoal os inquieta, a roupa nunca cai bem ou, se cai bem, não é a mais apropriada. O dia é muito curto para cumprir todas as tarefas e muito longo quando existe pouco o que fazer.

Tudo está em permanente transformação, em crescimento e em desenvolvimento. É tanta mudança que não se pode construir uma imagem estável de si mesmo.

## IDEIAS EMERGENTES



O mundo também parece mudar e crescer. Aparecem os conceitos que já não precisam se prender à realidade. As ideias têm vida própria, agora se combinam com mais facilidade e dão fruto a novas ideias.

E esse mundo de ideias dá, pouco a pouco, espaço à realidade, ao prático, ao concreto. Fazer com que as coisas aconteçam, “com o pé no chão”, sempre é um desafio, inclusive no momento de expressar, por meio de palavras concretas, o que se sente e o que se pensa.

As perguntas, antes dirigidas ao mundo exterior, se concentram, agora, em torno de si mesmo. Quem sou? Como sou? São questões que não serão respondidas até que se passem alguns anos e que são o motor de um questionamento que se espalha por tudo, especialmente pelo que antes se aceitava como uma verdade indiscutível.



## VALORES PRÓPRIOS

E o mundo do certo e do errado também é objeto de dúvidas e de perguntas. Tudo se analisa, se cria, se volta atrás e se reinicia a caminhada, se modifica como se modificam as ideias e os conceitos. Surge a capacidade de se colocar no lugar do outro e imediatamente tudo pode ser questionado desde esse “outro” ponto de vista, em um exercício que parece não ter fim.



Este é o ponto de partida para a construção de um código de conduta que começa a ser assumido pessoalmente, que já não depende da opinião da família - que muitas vezes nem chega a ser considerada - e que se articula a partir das próprias crenças e, especialmente, do permanente diálogo com outros jovens da mesma idade.

## EMOÇÕES CONTRADITÓRIAS



O mundo interior ganha força. As sensações, as emoções e os sentimentos se sucedem uns aos outros, em ondas coincidentes e contraditórias, sempre intensas e muito mais duráveis do que na etapa anterior. Os sentimentos inundam, transbordam, desconcertam, se descontrolam e passam a ser um eixo central na vida dos jovens.

Seu conhecimento, sua condução e seu controle são tarefas desta etapa.



Amar o amor, odiar o ódio. Ser amigo dos amigos e inimigo dos inimigos são características do jovem, agora muito grande para continuar criança e muito pequeno para ser adulto.

Na busca de ser um indivíduo, de ter identidade própria, ele é, às vezes criança, às vezes adulto. Esta dualidade, algumas vezes, nos faz perder a paciência mas, na maioria das oportunidades, descobrimos o crescimento que os jovens experimentam dia a dia e percebemos com satisfação que tudo o que fazemos para acompanhá-los está dando seus frutos.



## AMIGOS PARA A VIDA



Nos amigos se confia, nos amigos se crê, com os amigos se descansa e com eles se recuperam as forças. Os amigos são em menor número do que antes, mas a amizade é mais profunda. É um pequeno círculo que permite crescer. Os amigos são espelho e motor do desenvolvimento.

E, às vezes, o jovem sente que a família parece não entender o que ele quer, que os pais estão muito perto ou, talvez, muito longe, que a liberdade nunca é suficiente e que são muitas as responsabilidades para com os outros.

A luta constante entre estar com os demais ou estar consigo mesmo, entre a necessidade de companhia e o desejo da solidão, entre o interior e o exterior, é um ir e vir que parece não ter fim.

Orbita-se entre a família e o descobrimento da sociedade próxima, e as confrontações se sucedem dentro dessa órbita. Ainda não se percebe a sociedade global em toda a sua amplitude, muito menos em seu questionamento.



## UMA FÉ PESSOAL

Viver a transição entre a fé das crianças (oferecida pela família como um dom que ilumina a vida infantil) e a fé do adulto, pessoal (íntima e consequente nos seus atos) também é um processo que se inicia nesta etapa e que só vai terminar depois dela. Na maioria dos casos, muito depois dela.

Esta transição se vive na dualidade, entre a crítica permanente à forma e a busca constante do sentido, e no questionamento que pretende diferenciar a crença, manifestada pelo adulto (que “vem de fora”) e a sua própria crença (“construída de dentro”).

Descobrir que a transcendência é um fato essencial na existência humana será uma tarefa que exigirá tempo e esforço, tanto da parte dos jovens como da parte dos adultos que acompanham o processo.

# OUTROS ASPECTOS



## NA PRIMEIRA ETAPA DA ADOLESCÊNCIA, É POSSÍVEL DISTINGUIR DUAS FAIXAS ETÁRIAS: DE 11 A 13 ANOS E DE 13 A 15 ANOS

O repentino amadurecimento sexual dos adolescentes, o acelerado crescimento que o acompanha, as transformações mentais que se associam às transformações biológicas e as consequentes demandas que a sociedade apresenta aos jovens nos permitem distinguir duas faixas etárias, entre os 11 e os 15 anos.

Na primeira, aproximadamente de 11 a 13 anos, as preocupações do adolescente se concentram, de um modo geral, nos aspectos biológicos do “eu”. Os jovens se encontram muito atarefados em se ajustar a uma velocidade insólita de amadurecimento biológico e se voltam para eles mesmos. Como não se sentem seguros, não estão muito interessados em seus pares do outro sexo, não se propiciam contatos com eles e tendem, inclusive, a afastá-los. Esta atitude muda por volta dos 13 anos, na medida em que os jovens se adaptam às novas condições, consolidam sua imagem corporal e adquirem uma nova segurança. Com o prosseguimento do desenvolvimento, as “turmas” do mesmo sexo cedem espaço às mistas, onde se encontram jovens de ambos os sexos.

No plano físico, devemos levar em conta que o chamado estirão puberal, que consiste na acelerada taxa de aumento da estatura e peso que se segue ao amadurecimento sexual, ocorre em momentos diferentes, considerando se o jovem é do sexo masculino ou do feminino, as condições sociais em que ele vive, etc.

Nas meninas, em média, a aceleração do desenvolvimento físico começa entre os 10 e os 11 anos, atinge o máximo aos 12 anos e, nas proximidades dos 13, baixa rapidamente, até retomar às taxas de desenvolvimento observadas antes do estirão, o que não impede que o crescimento lento e continuado prossiga durante vários anos mais. No rapaz, por outro lado, a rápida aceleração do crescimento começa, em média, pouco antes dos 13 anos, alcança seu ponto mais alto lá pelos 14 e, logo em seguida, volta bruscamente às taxas anteriores ao estirão.

O fato de as moças alcançarem estatura e peso de adultas uns dois anos antes dos rapazes alimenta a crença de que “as mulheres amadurecem mais depressa do que os homens”, o que é um erro, pois devemos considerar que o amadurecimento é um processo que compreende toda a personalidade e não apenas o desenvolvimento físico.



Em homens e mulheres, na medida em que aumenta a estatura, o desenvolvimento muscular avança, alcançando o ápice pouco depois do ponto culminante no aumento de estatura. Depois do estirão puberal, os rapazes avançam um pouco mais rapidamente do que as moças. Via de regra, o aumento de seu tecido muscular e de sua força é maior que o delas, característica que se conserva durante os anos da idade adulta. É muito importante que o escotista considere esta circunstância na formulação de projetos de atividades educativas e na animação de jogos, especialmente quando lidando com patrulhas ou Tropas mistas.

Ao amadurecimento sexual e às transformações físicas, vão seguir as transformações psicológicas. O desenvolvimento da identidade exige que se considere o próprio “eu” como algo distinto e separado dos demais, ao mesmo tempo em que se encontre e experimente, ao longo do tempo, um certo sentimento de congruência, tanto em relação a si mesmo como em relação aos demais. Estes aspectos do ajuste são simultâneos ao amadurecimento sexual e ao crescimento físico mas, como a identidade individual se forma lentamente, é necessário mais tempo para integrar todas essas transformações. É por isso que alguns aspectos psicológicos, tais como a independência em relação à família e a aproximação do grupo de pares como fonte primordial de segurança e posição, se tornam mais notórios entre 13 e 15 anos e se prolongam para além dos 15 anos, mesmo depois de diminuído o ritmo de crescimento.

De 13 a 15 anos, também de maneira genérica, se acentua o desenvolvimento cognitivo associado às transformações físicas. Aparece com mais clareza a etapa das operações formais ou pensamento abstrato, constituída pela capacidade de pensar sobre afirmações que não guardam relação com objetos reais. Nesta faixa etária, os jovens demonstram mais capacidade de formular, provar hipóteses e de pensar sobre o que poderia ser, em lugar de pensar apenas no que é, o que os torna mais introspectivos e analíticos. O aumento do uso da ironia, a capacidade de criticar e o gosto pela utilização do duplo sentido são expressões do desejo de mostrar suas novas habilidades.

A aparição dessas novas capacidades intelectuais amplia, por sua vez, as demandas que a sociedade faz aos jovens entre 13 e 15 anos, especialmente em matéria de educação, vocação e independência, o que modifica progressivamente suas relações com os adultos e acelera sua integração ao grupo de pares.

**Do ponto de vista do nosso Programa Educativo, essas duas faixas etárias dão origem a duas colunas diferentes de objetivos intermediários e Competências que, embora apontem para os mesmos objetivos finais, consideram as particularidades de cada faixa etária, tal como foram descritas.**



## HOMENS E MULHERES SÃO IGUAIS E DIFERENTES

Como já dissemos, as alterações hormonais que despertam a adolescência marcarão diferenças físicas e motoras, além de ritmos de crescimento distintos, entre o homem e a mulher.

Também é possível observar diferenças em aspectos afetivos e cognitivos, que se referem aos impulsos, comportamentos, atitudes e interesses dos jovens de ambos os sexos. A origem destas diferenças em aspectos da personalidade que não são de natureza física tem gerado discussões acaloradas. No entanto, hoje se aceita, de modo geral, que as formas de comportamento de homens e mulheres são adquiridas e dependem quase que completamente do ambiente em que os jovens foram educados e dos modelos que tiveram a seu redor, que representam para eles uma forma “herdada” de ser homem e ser mulher.

A origem fortemente “cultural” dessas diferenças se relaciona estreitamente com certos estereótipos que prevalecem em nossa sociedade, pois, embora já se tenha avançado muito em direção à igualdade de direitos para homens e mulheres, sobretudo no plano teórico, ainda resistem, em muitos setores, estereótipos do que se considera propriamente feminino ou masculino.

Devido à necessidade de afirmação da identidade sexual, característica deste período, é comum que jovens busquem mutuamente jovens de seu mesmo sexo para o estabelecimento de amizades: rapazes com rapazes e moças com moças. Por isso, os grupos naturais são normalmente homogêneos quanto ao sexo, particularmente na primeira faixa etária, que vai dos 11 aos 13 anos, aproximadamente. A ansiedade que pode surgir nos jovens por explorar a relação com pessoas do sexo complementar não costuma se resolver neste primeiro momento. A urgência no atendimento de suas próprias transformações interiores é mais forte e gera, inclusive, certa distância “defensiva” entre jovens de um e outro sexo. A partir dos 13 anos, segundo o ambiente e as características pessoais, o maior conhecimento e controle dos novos impulsos experimentados pelos jovens desperta seu interesse por pessoas do sexo complementar.



Este aspecto deve ser observado na formação das patrulhas, tanto no que se refere à idade como ao sexo daqueles que as integram. Também é preciso prestar atenção aos estereótipos, que tendem a se reforçar nos grupos formados por jovens de um mesmo sexo (“Clube do Bolinha” ou “Clube da Luluzinha”). A aplicação apropriada do Método Escoteiro permite compensar a tendência e manter o equilíbrio entre os jovens. Mesmo nas sociedades mais abertas, como as escandinavas, existe uma tendência a educar as moças em habilidades de relação, consenso e negociação, enquanto a educação dos rapazes enfatiza as habilidades de competição, confrontação e assertividade, o que contribui para a preservação dos estereótipos.

Na Tropa, devemos evitar ser condicionados por esses estereótipos e prevenir, por exemplo, a tendência a só permitir que os rapazes desenvolvam atividades que impliquem desafio e liderança, reservando para as moças as atividades mais passivas e de prestação de serviços.

Por outro lado, o desejo de afirmar a igualdade entre os sexos não pode nos fazer esquecer das diferenças que se apresentam e da natural complementaridade entre o homem e a mulher. É por isso que dizemos que os jovens de um e outro sexo são iguais e diferentes.



## EDUCAR NA IGUALDADE E NA DIFERENÇA

O que se deve, então, é educar na igualdade, fazendo com que os

jovens experimentem uma real aprendizagem da igualdade de direitos entre os homens e as mulheres, garantindo a ambos os sexos as mesmas oportunidades de pleno desenvolvimento. Isto significa promover o conhecimento do outro, o respeito por suas particularidades e o caráter complementar de ambos os sexos.

Simultaneamente, também se deve educar na diferença, resgatando ou ressaltando as múltiplas possibilidades que decorrem de ser homem e de ser mulher, de modo distinto. Isso pressupõe que cada jovem disponha, na Tropa, de liberdade suficiente para desenvolver suas habilidades e interesses individuais, sem que este ou aquele comportamento seja antecipadamente tipificado como inadequado para um ou outro sexo.

Assim como as diferenças não devem implicar antagonismo ou superioridade de um sexo em relação ao outro, a igualdade de oportunidades não tem que significar uniformidade ou simetria.

Para alcançar um processo educativo que respeite a igualdade e a diferença, é fundamental que pais, professores e escotistas atuem de comum acordo. É a única forma de superar a tendência machista que subsiste na cultura e a reação mais ideológica do que cultural do feminismo, que muitas vezes se apresenta como uma espécie de “machismo ao contrário”.



## CADA JOVEM É UMA HISTÓRIA E UM PROJETO QUE NÃO SE REPETEM

Conhecer as características gerais dos jovens entre 11 e 15 anos e reconhecê-los como iguais e diferentes constituem um conhecimento e uma atitude elementares para nosso trabalho como educadores voluntários de tempo livre.

É evidente que nem todos os jovens são iguais e que nem todos se defrontam com as mesmas demandas em seu ambiente. Um jovem de um setor economicamente desfavorecido ou de um bairro segregado tem problemas substancialmente diferentes daqueles com que se defronta um adolescente economicamente privilegiado em um bairro socialmente ajustado. Um jovem de um lar desfeito enfrenta desafios distintos de um jovem que vive com uma família unida e protetora.



Todos os adolescentes compartilham certo número de experiências. Todos passam pelas alterações físicas e psicológicas da puberdade. Todos enfrentam a necessidade de estabelecer sua identidade e de traçar seu próprio caminho, como membros independentes da sociedade. Mesmo assim, não existe uma identidade a que possamos chamar “o adolescente” ou “o jovem de hoje”. Ainda mais se buscarmos em referências eufóricas sobre “o futuro do país” ou em sombrias análises sobre “o reflexo de todos os males de nossa sociedade”. Estas serão, sempre, simplificações excessivas e enganosas.

Por isso, conhecer as generalidades não é suficiente. Em uma etapa de crescimento e de grandes transformações, irregulares e individuais, é necessário, além disso, conhecer cada um individualmente. Não basta saber o que são a adolescência e a puberdade e quais são os desafios que se apresentam diante dos jovens entre os 11 e os 15 anos.



Para saber como ele ou ela é pessoalmente, é fundamental observar as particularidades que fazem única sua personalidade e que dependem de sua conformação orgânica, do lar em que nasceu, da ordem que ocupa entre seus irmãos, da escola em que estuda, dos amigos com quem compartilha, do meio em que vive, da forma como se desenvolveu sua vida - enfim, de sua história que não pode ser repetida e de sua realidade individual.

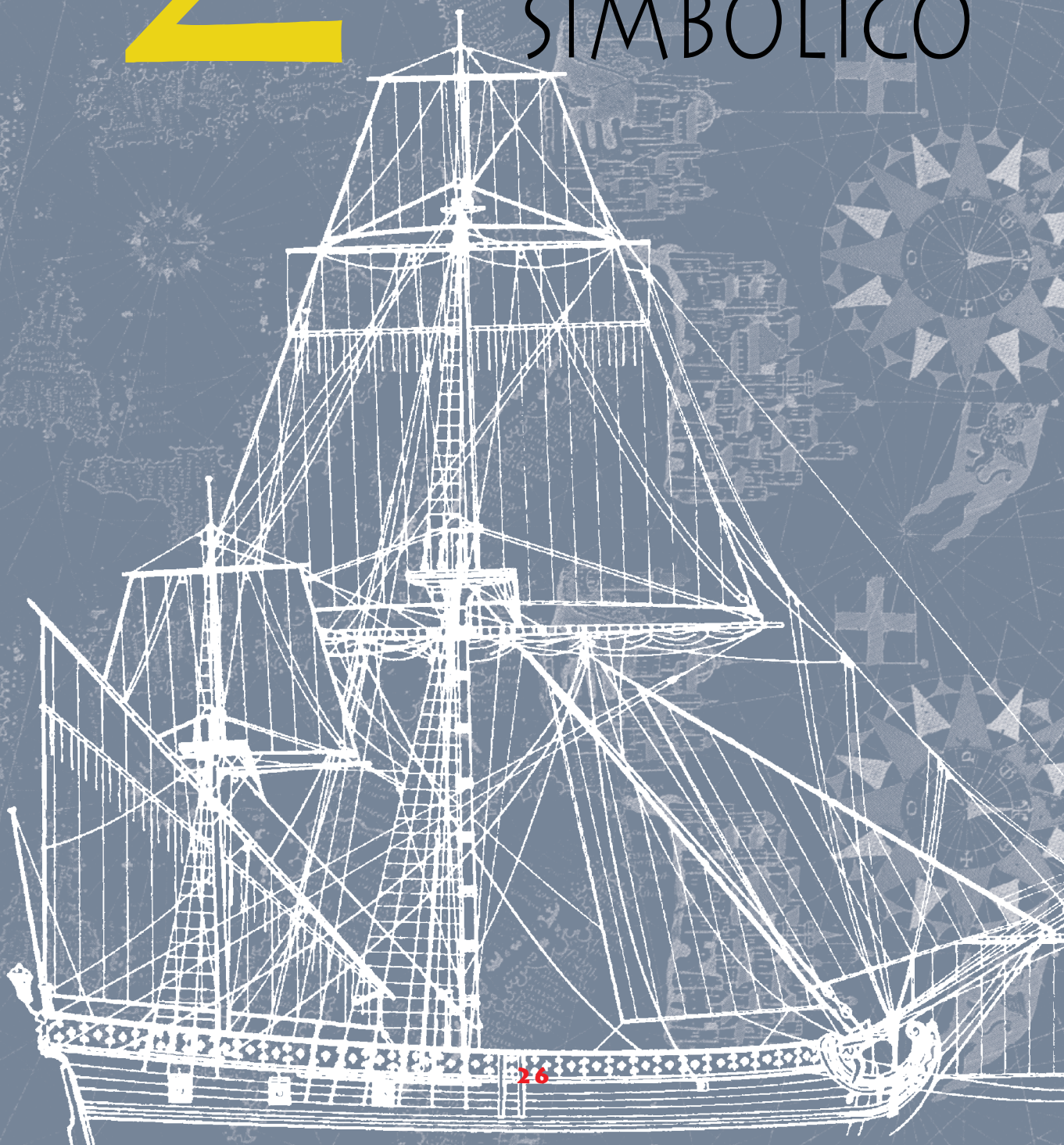
Para obter essa informação de cada jovem que integra a Tropa - especialmente daqueles cujo desenvolvimento você acompanha e avalia - não bastam livros, cursos nem manuais. É necessário dispor de tempo para conviver com ele, conhecer seu ambiente, viver os mesmos momentos, ser testemunha de suas reações, entender suas frustrações, escutar seu coração, desentranhar seus sonhos. Em suma: descobrir a cada um como pessoa.

Esse esforço é sua primeira tarefa cujo sucesso dependerá da qualidade da relação que você estabelecer com cada jovem. Uma relação educativa que pressupõe interesse, respeito e dedicação.



# 2<sup>o</sup> Marco

## SIMBÓLICO







# SUMÁRIO

## OS SÍMBOLOS

- O símbolo representa e educa.
- O Marco Simbólico dos Escoteiros: Explorar novos territórios com um grupo de amigos.
- O papel do Marco Simbólico:
  - \* Incentiva a imaginação e desenvolve a sensibilidade.
  - \* Reforça o senso de pertencer a uma comunidade que caminha em busca de um propósito.
  - \* Permite aos escotistas

apresentar os valores escoteiros de maneira atraente e ajuda os jovens a se identificar com esses valores.

- \* Dá unidade às atividades desenvolvidas.
- \* Motiva e dá importância à conquista dos objetivos pessoais.

## O GOSTO POR EXPLORAR

- Descobrir novos mundos.
- Ampliar as possibilidades físicas.
- Ampliar o conhecimento e usar a engenhosidade.
- Encarar a vida de uma forma diferente.
- Comprometer-se com tudo o que se é.
- Converter a exploração em uma busca permanente.

## O INTERESSE PELA CONQUISTA DE UM TERRITÓRIO

- Ganhar espaços.
- Melhorar o mundo.
- Assumir a aventura de crescer.
- Descobrir-se a si mesmo e formar a própria personalidade.

## PERTENCER A UM GRUPO DE AMIGOS

- Os amigos ajudam a construir nossa história pessoal.
- Entre 11 e 14 anos, os amigos são um modelo.
- O grupo informal de amigos desempenha um papel educativo.
- A patrulha de escoteiros “organiza” a “patota” natural.

## A APLICAÇÃO DO MARCO SÍMBÓLICO

- Manter vivo o espírito de aventura.
- Evocar o herói e transferir o símbolo.
- Contar é entrar na magia.



# OS SÍMBOLOS

Um símbolo é uma imagem ou figura que possui uma característica que lhe permite representar uma realidade ou um conceito. Por isso, existe, em qualquer símbolo, um significante e um significado. O significante é a imagem perceptível de alguma coisa e o significado é o conceito a que se refere esse significante.



O SÍMBOLO  
REPRESENTA E EDUCA

A balança, por exemplo, é considerada o símbolo da justiça porque, em razão do equilíbrio que a caracteriza, representa a equidade, que é essencial à justiça. A balança é o significante e a justiça é o significado.

A linguagem que usamos para nos comunicar é um sistema de símbolos. As palavras representam realidades e nos permitem identificá-las, compreendê-las e relacioná-las, mas não são as realidades em si mesmas. A capacidade de agir com base em um sistema simbólico possibilita a construção ou a representação mental de uma realidade, mesmo quando não estão presentes os componentes a que o significante faz referência.

A flor de lis, símbolo do Movimento Escoteiro, cujo desenho varia de associação para associação, provém de antigos mapas que a utilizavam na rosa dos ventos, para indicar o Norte. Segundo Baden-Powell, representa "o bom caminho que todo escoteiro há de seguir".



ESCOTEIROS  
DO BRASIL

No plano educativo, a existência de um símbolo ajuda a tomar impulso para chegar a ser aquilo com que alguém se identifica. Um Marco Simbólico estimula os jovens a ir mais além da vida cotidiana, transformando o ordinário em extraordinário, o impossível em possível, o imperceptível em algo que se pode sentir intuitivamente, pondo diante dos olhos, do pensamento e do coração aquelas realidades que habitualmente não podemos perceber.

## Para que se produza essa transformação, são necessárias algumas condições:



Deve haver correspondência entre **significante e significado**, isto é, uma “sintonia” isenta de qualquer ambiguidade. Se o símbolo se torna ambíguo, abre-se uma brecha e se rompe a conexão entre significante e significado. Por exemplo, certas aparentes “tradições” que algumas Tropas Escoteiras incorporaram ao símbolo original de maneira imperceptível ou descuidada - como a tendência “indianista” ou a inclinação para o uso de imagens da cavalaria medieval - conspiram contra a identidade do símbolo que o fundador designou com toda a nitidez para a exploração.



O **significante deve guardar relação com as necessidades psicológicas da idade**. Uma menina brincando com bonecas poderia ser um símbolo positivo de identidade, pois permitiria a identificação com um determinado modelo de vida e um potencial papel de mãe. Mas uma mulher adulta brincando com bonecas seria um símbolo de identificação regressiva, já que esta brincadeira não guarda nenhuma relação com as necessidades de sua etapa de desenvolvimento. Por esse mesmo motivo, o símbolo da história fantástica do povo livre dos lobos não pode se prolongar para além dos 10 ou 11 anos, pois, a essa altura, as crianças mudam sua maneira de pensar.



Para **evocar e se aproximar do significado**, o **significante deve estar vivo e latente**. Durante sete séculos, a imagem de Santiago de Compostela, cavalgando seu cavalo branco, significou para os espanhóis a luta para recuperar seu território invadido. Em algumas Tropas Escoteiras, produto da rotina ou da falta de importância atribuída pelos escotistas, o símbolo tende a perder força e nitidez. Como referência esmaecida, feita ocasionalmente em comemorações formais, o símbolo não possui o vigor suficiente para motivar o comportamento dos jovens.



## O MARCO SIMBÓLICO DOS ESCOTEIROS: EXPLORAR NOVOS TERRITÓRIOS COM UM GRUPO DE AMIGOS

O **Marco Simbólico que o Método Escoteiro propõe aos jovens de 11 a 14 anos - explorar novos territórios com um grupo de amigos - guarda uma estreita relação com as necessidades que eles experimentam e expressam por meio de suas atividades espontâneas.**

Ele se apoia em três dinamismos essenciais, próprios desta idade:



O gosto por explorar



O interesse pela conquista de um território



O senso de pertencer a um grupo de amigos

Estes centros de interesse também se expressam em outras idades, mas ocupam um lugar predominante nesta etapa da adolescência.







## O PAPEL DO MARCO SIMBÓLICO

O Marco Simbólico se apresenta como um ambiente de referência que reforça a vida em comum na patrulha e na Tropa, contribuindo para dar coerência a tudo o que se faz.

Oferece vantagens educativas sob os mais variados aspectos:



Incentiva a imaginação e desenvolve a sensibilidade.



Um dos valores do símbolo é que dá às coisas um sentido distinto daquele que elas têm habitual ou aparentemente. Os exemplos de exploradores, descobridores e cientistas se distanciam no espaço e no tempo e são poucas as possibilidades de que possam ser repetidos. Entretanto, abrem o horizonte e mostram que é possível a própria realização pessoal. O significante desses exemplos é a possibilidade de construir significados na própria realidade em que se vive. A realidade adquire, assim, uma dimensão que talvez não tivesse, sem a ajuda do símbolo, ou que não poderia ser vista, por falta de sensibilidade.



Reforça o senso de pertencer a uma comunidade que caminha em busca de um propósito.

O propósito do Movimento Escoteiro é conseguir que os jovens se convertam em pessoas autônomas, solidárias, responsáveis e comprometidas, que participam da construção de um mundo melhor. Este propósito está implícito e provavelmente nem chega a ser considerado nas inquietações do jovem no momento em que decide ingressar no Movimento, mas logo se torna explícito por meio do símbolo.

Para o jovem que participa do Movimento Escoteiro, a exploração de novos territórios cumpre o papel de significante no que se refere à busca de novas dimensões para sua personalidade. E o grupo de amigos cumpre papel semelhante no que se refere ao valor assumido pelos pares nesta fase do desenvolvimento e, em consequência, ao significado de sua patrulha escoteira.





**Permite aos escotistas apresentar os valores escoteiros de maneira atraente e ajuda os jovens a se identificar com esses valores.**

Para que sejam vivenciados, os valores exigem o exemplo de outros que tenham sido capazes de incorporá-los a suas vidas. Não existe nada mais poderoso do que uma pessoa vivendo de acordo com o que pensa. São esses os verdadeiros heróis. Quando faltam heróis, não resta ao jovem outra opção senão a de se conformar com os ídolos. No herói, o jovem encontra inspiração; do ídolo, imita-se o aspecto. O herói cria significados permanentes; o ídolo promove imitadores. O herói liberta; o ídolo cria dependência. O herói nunca falta, a menos que passe a ser idolatrado, isto é, que se converta em ídolo. O ídolo, mais cedo ou mais tarde, decepciona.



**Na educação escoteira, o exemplo de pessoas que viveram segundo seus princípios apresenta e reforça valores contidos na Lei e entusiasma o jovem, levando-o a querer fazer o mesmo em sua própria vida.**

Em um sistema de atividades em que, antes da elaboração de uma programação, pergunta-se ao jovem o que ele deseja fazer, é frequente que a programação contemple atividades de natureza bastante diversificada. A presença de um significativo comum - explorar novos territórios com um grupo de amigos - conecta e dá um sentido único a tudo o que se faz.



**Motiva e dá importância à conquista dos objetivos pessoais.**

Como veremos mais adiante, o acúmulo paulatino e sequencial de experiências pessoais desencadeadas pelas atividades leva à conquista dos objetivos propostos pelo Método Escoteiro, que os jovens personalizam quando os adaptam a suas necessidades e aspirações.



E não se trata de um jogo trivial, de um entretenimento mais ou menos rico em sensações. Como o Marco Simbólico encarna o tipo de homem ou de mulher que se aspira a ser, está diretamente relacionado com o exemplo de heróis que inspiram, pelo seu exemplo, os valores expressos na Lei e, de forma definitiva, com o comportamento por meio do qual cada jovem manifesta a conquista da Competência proposta.

# O GOSTO POR EXPLORAR



## DESCOBRIR NOVOS MUNDOS

Diante dos portais do mundo adulto, onde existe tanto a descobrir, inclusive a própria personalidade, a exploração e o descobrimento têm uma ressonância muito particular na vida dos jovens.

Assombrados diante das transformações de seu corpo, os jovens deixam para trás, progressivamente, a segurança infantil adquirida no lar e respondem ao impulso de encontrar novos posicionamentos que configurarão sua futura identidade, como pessoas adultas, que podem ou não coincidir com as aspirações do projeto de vida que seus pais imaginaram.

Em qualquer caso, esta mudança paulatina na maneira de pensar e no modo de se ajustar à vida torna estreitos os limites dentro dos quais o jovem se movia até agora. Mesmo que, mais adiante, voltem a se ajustar ao projeto de vida imaginado por seus pais, os jovens necessitam, agora, de horizontes mais amplos que lhes permitam expressar suas novas e maiores capacidades. Nada agrada mais aos jovens desta idade do que descobrir o novo e se deixar surpreender pelo imprevisto.

Para reforçar este dinamismo, o Método Escoteiro propõe a aventura. Não se trata mais de se maravilhar diante de episódios vividos por outras pessoas; agora, é possível experimentar sua própria história.

Para participar desse experimento, já não é suficiente um fundo motivador baseado em um mundo de fantasia que apresenta modelos de sociedade e formas de comportamento encarnados em grupos e personagens fictícios, a quem se atribui valores quase que absolutos. Agora, é preciso entrar no mundo real, o dos fatos e das pessoas de carne e osso, o da história que efetivamente ocorreu e da realidade que está verdadeiramente acontecendo.





É por isso que o mundo da selva oferecido aos lobinhos durante a infância, com seus personagens fantásticos que mostravam as primeiras pegadas a seguir, é substituído agora pela atração das grandes explorações e por seus líderes exemplares. Essas explorações e seus protagonistas não só empolgam como ajudam a desenvolver novas identificações, oferecendo um exemplo que pode ser imitado aqui e agora.

Então, o jovem arruma a mochila e sai, como nas grandes expedições, viajando rumo ao desconhecido. O acampamento habitual passa a ser muito mais do que é, ou do que parece ser para os adultos, para adquirir um novo significado na alma juvenil. Um jovem que sai para uma excursão estabelece um vínculo entre sua realidade e as aventuras dos grandes exploradores. Sua imaginação está seguindo, por exemplo, com o Marechal Rondon, militar e sertanista brasileiro que cumpriu essa missão abrindo caminhos, desbravando terras, lançando linhas telegráficas, fazendo mapeamentos do terreno e, principalmente, estabelecendo relações cordiais com os índios.

Cândido Mariano da Silva Rondon percorreu durante anos o interior do Brasil, estabelecendo linhas telegráficas em vastas áreas de acesso difícil e ocupação por indígenas. Suas expedições somaram mais de 40.000 quilômetros, o que equivale a uma volta completa ao globo terrestre. Apesar do mérito de sua gigantesca obra, Rondon se fez conhecido pelo respeito que demonstrou pelas culturas diferentes e pela defesa da vida e direitos dos índios, o que fez com que até hoje seja mencionado como “marechal da Paz”. Seu lema era “...., morrer, se preciso for, matar, nunca”. Em muitos lugares do Brasil, existem Grupos Escoteiros que levam seu nome.

Assim como Marechal Rondon, de cujas aventuras se sentirão participantes, crescerão com objetivos e viverão episódios que marcarão para sempre sua vida ainda jovem.





## AMPLIAR AS POSSIBILIDADES FÍSICAS

Buscar novas pistas,  
percorrer caminhos antes  
ignorados, subir uma

colina, atravessar um barranco, descer o leito de um rio, passar a noite sob as estrelas, preparar a própria comida, procurar abrigo e segurança: atividades que permitem usar o corpo para conhecer o mundo, descobrir as próprias possibilidades, provar as forças que estão surgindo, adquirir novas certezas e ganhar confiança em si mesmo.



Os jovens encontrarão notáveis exemplos de todos esses esforços nos grandes exploradores brasileiros.

Waldemar Niclevicz foi o primeiro brasileiro a escalar o Monte Everest ao lado de Mozart Catão. Também é o primeiro e único brasileiro a escalar o K2, considerada a montanha mais difícil do mundo, bem como Os Sete Cumes (a maior montanha de cada um dos continentes). Tornou o Brasil o primeiro país da América Latina a conquistar a maior torre de granito do mundo, a Trango Tower, e já escalou 6 montanhas com mais de 8 mil metros. Em 2005, escalou novamente o Everest ao lado de Irivan Burda, em comemoração ao aniversário dos 10 anos da primeira conquista, tornando-se um dos raros alpinistas a escalar a maior montanha do mundo pelos dois lados, Nepal e Tibete.

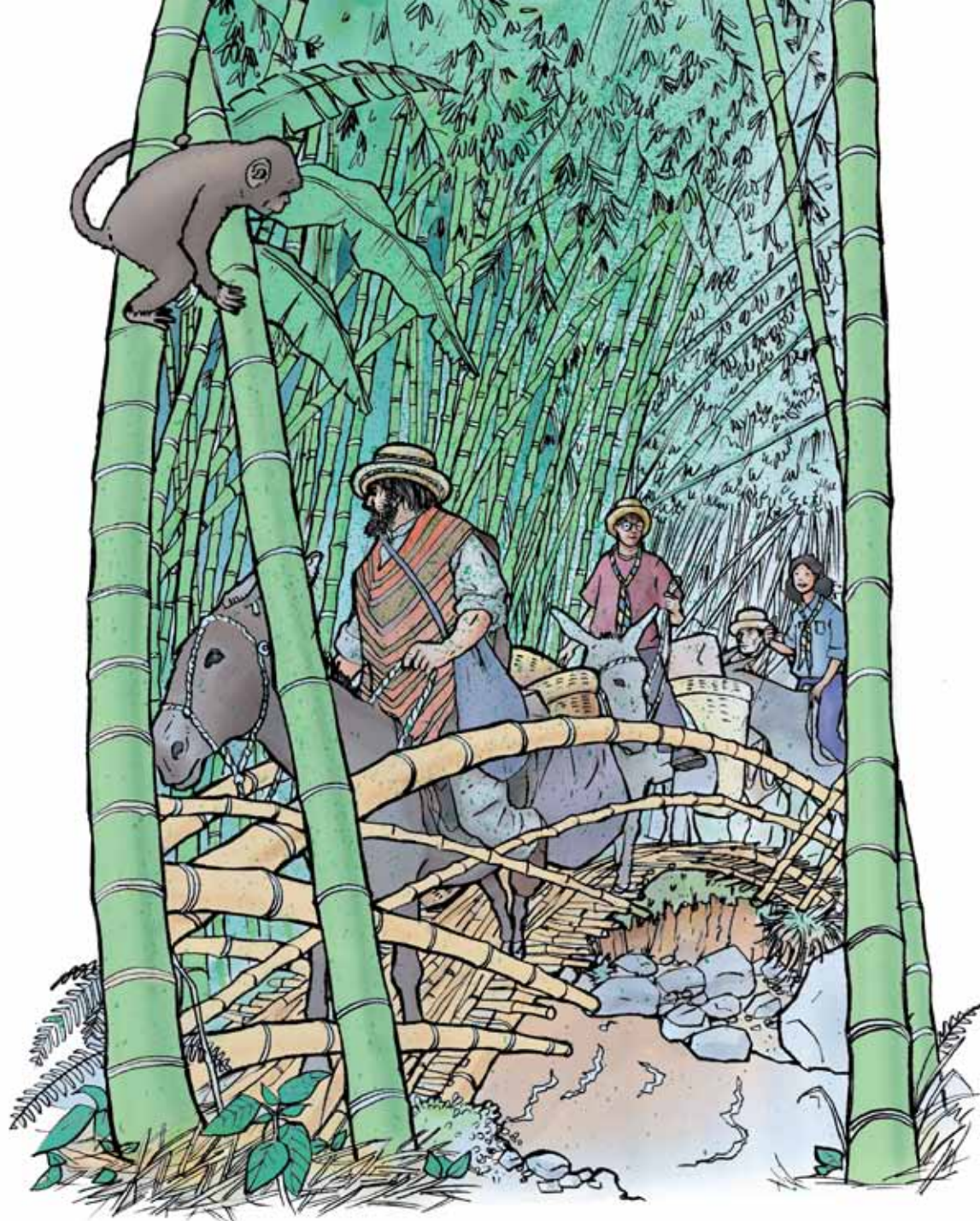
Amyr Klink é um empreendedor de expedições marítimas e escritor brasileiro. Ficou conhecido pelas suas expedições marítimas, normalmente de forma solitária. O primeiro feito a ser amplamente divulgado ocorreu entre 10 de junho a 19 de setembro de 1984, quando realizou a travessia solitária, num barco a remo, do oceano Atlântico. Foi um percurso de sete mil quilômetros entre Luderitz, na Namíbia (África) e Salvador, na Bahia, percorrido sozinho. Em dezembro de 1989, viajou rumo à Antártida, em um veleiro especialmente construído para a expedição, o Parati. Permaneceu sozinho por um ano na região, sendo que, por sete meses, seu barco ficou preso no gelo da Baía de Dorian. Da Antártica, rumou em direção ao Pólo Norte e retornou ao ponto de partida, a cidade de Paraty, em outubro de 1991. A partir de então, passou a planejar uma viagem de circunavegação da Terra, concluída mais tarde.

Estes e muitos outros exemplos da exploração a serviço do ser humano não teriam sido possíveis sem um esforço que levasse ao máximo as possibilidades físicas de seus protagonistas.

Que feliz coincidência entre este aspecto da exploração e a necessidade que sentem os jovens nessa idade, rapazes ou moças, de ampliar suas capacidades físicas!

Foi sobre a base desta coincidência educativa que Baden-Powell fundou o Escotismo e lhe deu esse nome. A palavra Escoteiro significa explorador, o que vai na frente, o que dá notícia do que está para acontecer, como fizeram, cada um a seu tempo, Humboldt, Bonpland, Mutis, Caldas, Raimondi e tantos outros que exploraram e nos iniciaram no conhecimento da América.





Também por esta necessidade de ampliar as possibilidades físicas, os escoteiros privilegiam a vida ao ar livre. A exploração é, antes de tudo, movimentar-se, agir, deslocar-se, viajar, buscar. Explorar vem do latim *explorare*, que significa fazer um reconhecimento. E aventura tem sua origem em *venire*, que significa movimento em direção a um lugar específico.

Para uma grande parcela dos jovens, cuja possibilidade de viver uma aventura se resume à tela da televisão ou dos jogos eletrônicos, o exemplo dos exploradores potencializa a capacidade de sonhar, abre novos horizontes, enriquece o mundo das brincadeiras e se converte em realidade nas atividades e projetos, levando-os a agir, a abandonar o imobilismo, a descobrir as possibilidades do próprio corpo.





## AMPLIAR O CONHECIMENTO E USAR A ENGENHOSIDADE

Como vimos nos exemplos anteriores, explorar também põe a prova a capacidade intelectual. É por isso que usamos a palavra “explorar” como sinônimo de “pesquisar”.

Igualmente, a palavra inglesa scout, que traduzimos como escoteiro, não significa apenas explorador, já que sua origem remonta à palavra latina auscultare, que se refere a escutar, examinar e esquadriñar.



Não há exploração sem problemas ou conflitos, e não há exploradores sem capacidade de resolver esses conflitos usando a engenhosidade. E não há engenhosidade sem conhecimento. Para que a exploração seja relevante e consiga ir adiante, é preciso formação e desenvolvimento mental e intelectual.





Em 1891, em Paris, quando tinha 18 anos de idade, Santos Dumont, precursor brasileiro da aviação, pendurou um motor em uma árvore em plena praça pública, para verificar se o motor vibraria quando suspenso. Como isso não aconteceu, instalou motores a gasolina em balões aerostáticos. Chegou a construir 6 balões e 8 dirigíveis. Em 1906, em um avião fabricado por ele, denominado “14 Bis”, percorreu 120 metros voando a uma altura de 6 metros. Foi o primeiro voo em que um aparelho mais pesado que o ar alçou-se com sua própria força, voou e pousou. Ou seja: o avião tal como conhecemos hoje.

A chave está no conhecimento, que se converte em ciência e técnica. O uso do conhecimento apropriado dá legitimidade e valor à exploração. Hoje, nos defrontamos com uma infinidade de proezas; se não se fizerem acompanhar de um conhecimento valioso, entretanto, tais proezas não chegam a ser exploração, não passando de um simples vagar por aí. Seria como se os escoteiros acampassem sem usar as técnicas próprias da construção de pioneiras, do trabalho com cabos ou de soluções engenhosas que ajudam a preservar o meio ambiente. É como se considerássemos exploradores um grupo de camaradas que sai para fazer um piquenique.





## ENCARAR A VIDA DE UMA FORMA DIFERENTE



Explorar não envolve apenas novas terras, esforço físico e encontro com a ciência. Também é adquirir novas dimensões a partir das quais se pode observar de maneira diferente os fatos de sempre.

Após cada excursão ou acampamento, os pais observam, surpresos, como seus filhos voltam diferentes. Retomam das novas terras um pouco mais autônomos, mais capazes de estabelecer um diálogo; e também transformados, encarando a vida de forma diferente. Este novo modo de encarar as coisas de sempre é tão importante que, em sua extensa obra “À procura do tempo perdido”, o escritor francês Marcel Proust chega a afirmar que “a única e verdadeira viagem de descobrimento não consiste em ir a novos lugares, mas em vê-los com novos olhos”.



Maria Emma Hulga Lenk foi a principal nadadora brasileira, tendo sido a única mulher do país a ser introduzida no Swimming Hall of Fame, em Fort Lauderdale, Flórida. Maria Lenk foi a primeira nadadora brasileira a estabelecer um recorde mundial. Ela teve uma pneumonia dupla. Depois do susto, os pais acharam que a natação faria bem à saúde da filha de 10 anos. Na ausência de piscinas, a paulistana Maria Lenk tem de dar suas primeiras braçadas no Rio Tietê. Aos dezessete anos, já era uma atleta de nível internacional. Foi a primeira mulher sul-americana a competir em Olimpíadas, nos Jogos de Los Angeles, em 1932. Nos Jogos seguintes, realizados em Berlim, em 1936, estava de volta, desta vez acompanhada por mais três nadadoras. No ano de 1939, durante a preparação para os Jogos Olímpicos de Tóquio, quebrou dois recordes mundiais individuais, nos 200m e 400m peito, a primeira e única

brasileira a fazê-lo. Em 1942, ajudou a fundar a Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. No início dos anos 40, é a única mulher da delegação de nadadores sul-americanos que excursiona pelos EUA. Maria Lenk quebra doze recordes norte-americanos e aproveita sua estadia para concluir o curso de Educação Física na Universidade de Springfield. No campeonato mundial da categoria 85-90 anos, realizado em agosto de 2000, ela voltou de Munique com cinco medalhas de ouro! Maria Lenk foi a campeã dos 100 m peito, 200 m livre, 200 m costas, 200 m medley e 400 m livre. Em 2003, após três anos de pesquisas, lançou o livro Longevidade e Esporte, que mostra os benefícios trazidos pela prática de esportes. Até os últimos dias de vida, nadava cerca de 1.500m / dia. Em 13 de janeiro de 2007, a prefeitura do Rio de Janeiro publicou decreto do executivo municipal dando o nome de Maria Lenk para o Parque Aquático do Jogos Pan-americanos de 2007.





## COMPROMETER-SE COM TUDO O QUE SE É

Embora pareça desnecessário, é importante lembrar que explorar é muito mais do que façanha para forçados. A exploração física e mental acarreta, paralelamente, o desenvolvimento do caráter, a expressão dos afetos, a sensibilidade social e a busca espiritual.

Quando Neil Armstrong – um escoteiro, como Baden-Powell havia previsto – se tornou, em 20 de julho de 1969, o primeiro homem a pisar na lua, estava pondo a prova todos os valores que se mesclavam em seu caráter.

Quando os integrantes de uma equipe escalam presos por uma corda e se aferram com os dedos a uma estreita prateleira, cada passo é uma aventura e também um gesto de amor e solidariedade para com os demais escaladores, presos uns aos outros por cordas que parecem fracas.

O certificado que aparece nesta página se encontra no Escritório Escoteiro Mundial e diz textualmente: “Certificado que esta insígnia escoteira mundial foi levada à superfície da Lua na primeira alunissagem feita pelo homem. Apolo XI, 20 de julho de 1969. Neil Armstrong, Comandante da Tripulação, Apolo XI”.

Aldrin e Armstrong avançaram saltos pela superfície lunar, maravilhando a milhões de pessoas que, na Terra, os acompanharam pela televisão. Seus saltos se convertem em uma imagem característica do Século XX e simbolizam o espírito de busca e exploração do ser humano.





Carlos J. Chagas foi um médico sanitaria, cientista e bacteriologista brasileiro, que trabalhou como clínico e pesquisador. Atuante na saúde pública do Brasil, iniciou sua carreira no combate à malária. Destacou-se ao descobrir o protozoário *Trypanosoma cruzi* (cujo nome foi uma homenagem ao seu amigo Oswaldo Cruz) e a tripanossomíase americana, conhecida como doença de Chagas. Ele foi o primeiro e o único cientista na história da medicina a descrever completamente uma doença infecciosa: o patógeno, o vetor (*Triatominae*), os hospedeiros, as manifestações clínicas e a epidemiologia. Também trabalhou no combate à leptospirose e às doenças venéreas, atualmente denominadas doenças sexualmente transmitidas.

Oswaldo Cruz foi um cientista, médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitaria brasileiro. Foi o pioneiro no estudo das moléstias tropicais e da medicina experimental no Brasil. Fundou, em 1900, o Instituto Soroterápico Nacional no bairro de Manguinhos, no Rio de Janeiro, transformado em Instituto Oswaldo Cruz, respeitado internacionalmente.

Todos esses exemplos demonstram que explorar é uma atividade que, entre todas as atividades do ser humano, é uma celebração do seu espírito e envolve todas as facetas da personalidade.



## CONVERTER A EXPLORAÇÃO EM UMA BUSCA PERMANENTE

Explorar não é só partir. O regresso também é parte da aventura. Vencida a prova, encontrado o caminho, o explorador volta para compartilhar o que aprendeu. Da palavra latina *venire* também derivou o vocábulo *adventus*, que significa chegada.

Mas, depois de voltar e compartilhar, algo dentro de nós nos impulsiona a tornar a partir. O *adventus* se transforma em *explorare*. E é assim que nos surpreendemos na vigília que antecede a uma nova viagem, seja às profundidades de uma ideia nova, às entranhas de uma cultura diferente ou ao interior de nós mesmos. Precisamos disso para nos reconstruir, para ser mais, para continuar vivendo.

Roberto O. Ballard, cientista do Instituto de Exploração de Mystic, Connecticut, que conseguiu encontrar o lugar onde afundou o famoso Titanic, disse certa vez que “então iniciamos uma nova viagem heroica para sonhar, preparamos nossa equipe de mergulhadores e nos apresentamos para ser novamente colocados à prova”.

Ballard, que descreve seu trabalho como antigas buscas legendárias, agrega que “o exploração é parte do ser humano”. E conclui dizendo: “todos somos exploradores. Como alguém poderia passar sua vida observando uma porta sem jamais abri-la?”

Os jovens exploram de forma espontânea, faziam isso antes do Método Escoteiro e continuariam fazendo, mesmo que B-P não houvesse criado o Escotismo. O valor do Método é fazer desabrochar esta característica da alma juvenil e converter a exploração em uma motivação, em um símbolo, em um estilo e em uma paixão que se entrelaça com nossa busca das origens, da natureza e do destino do ser humano.





# O INTERESSE PELA CONQUISTA DE UM TERRITÓRIO



GANHAR  
ESPAÇOS

A exploração está estreitamente ligada à aventura e está à busca de novos territórios ou espaços, que sempre significam novas dimensões e perspectivas para a vida.

Nas antigas expedições, com grande parte do mundo ainda por descobrir, a exploração se confundia com a busca de novos territórios. É quase impossível encontrar explorações que não estejam marcadas por este sinal.



É este propósito que impulsionou Marcos Cesar Pontes a ser o primeiro cosmonauta brasileiro, o primeiro sul-americano a ir ao espaço, na missão batizada "Missão Centenário", em referência à comemoração dos cem anos do voo de Santos Dumont no avião 14 Bis, realizado em 1906. Em 30 de março de 2006, partiu em direção à Estação Espacial Internacional (ISS) a bordo da nave russa Soyuz TMA-8, com oito experimentos científicos brasileiros para execução em ambiente de microgravidade. Retornou no dia 8 de abril a bordo da nave Soyuz TMA-7. A missão, realizada com sucesso, teve duração de 10 dias, sendo dois dias a bordo da Soyuz e oito na ISS.



A história está cheia de explorações como estas, em que se consolidou, cada uma a sua maneira, o sonho de um homem ou de um povo pela conquista de um novo território.



## MELHORAR O MUNDO



**Graças à tenacidade de gerações de exploradores, parece que não existe na Terra um único lugar desconhecido ou por dar nome. Sabemos o que existe nas profundezas dos oceanos e no cume das montanhas mais altas. Os mapas registram a aridez dos desertos e os glaciares das mais frias regiões polares. Nem a gravidade terrestre impediu que os exploradores adentrassem o espaço sideral.**

**Quando os lugares mais distantes se tornaram familiares, mudou a natureza das explorações. Agora, o desafio não se encontra em descobrir terras desconhecidas, mas em compreender o planeta com seu clima e os seres que o habitam.**

Durante milhões de anos, os ecossistemas têm vivido em equilíbrio delicado. A exploração, em si mesma, mal chega a alterá-los. Mas, quando os homens ocupam regiões recém-descobertas, provocam alterações permanentes. As explorações de outros tempos mostraram a nossos antepassados as maravilhas da Terra e nos legaram o testemunho de seus relatos. É nosso dever preservar para as futuras gerações as maravilhas ontem descobertas. Chegou, portanto, o tempo da exploração de novas dimensões da vida em nosso planeta.

Os exploradores de territórios visitaram selvas tropicais remotas, mas os cientistas de hoje ainda sabem muito pouco, por exemplo, acerca do manto de folhagem com 30 metros de altura que se eleva do seu solo. A maioria das espécies vegetais e animais que vivem ali ainda não receberam nomes e nem ao menos foram identificadas. Mesmo assim, a exploração comercial destrói quase 150.000 km<sup>2</sup> de selva a cada ano.

Talvez pareça que resta pouco a descobrir na Amazônia, mas só recentemente se iniciaram, com grande dificuldade, pesquisas científicas para estudar a reciclagem da selva, seu solo e suas águas, a evolução do terreno e a vida dos insetos.

A Antártida já foi explorada e parece suficientemente conhecida, mas os 3,5 km de espessura de sua cobertura de gelo são um banco de dados que permite pesquisar como se alteraram o clima e a atmosfera nos últimos 160.000 anos.

Já não representam novidade os satélites artificiais que hoje orbitam a uma altura de 900 km da terra, mas eles nos enviam a cada minuto sinais que os computadores convertem em fotografias de alta precisão, úteis para cartografar as regiões mais remotas, para buscar recursos minerais e para detectar a poluição e as pragas que atacam as colheitas.

A exploração dos desertos é muito antiga, e uma em cada oito pessoas vive em zonas desérticas ou de baixo índice pluviométrico, mas seu estudo científico ainda é bastante recente. Mais de um milhão de quilômetros quadrados de terra fértil se transforma em deserto a cada cinco anos. Hoje, o desafio não é explorar esses novos desertos, mas investigar formas de fazer reverter o processo de desertificação. Existem várias formas de melhorar o mundo e a Irmã Dulce contribuiu bastante com isto.

A fragilidade de Irmã Dulce era apenas aparente. A miudinha freira, raro exemplo de bondade e amor, foi arquiteta de uma das mais notáveis obras sociais do Brasil. Nascida Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, com 13 anos manifestou o desejo de entrar para o convento. Na época, já inconformada com a pobreza, amparava miseráveis e carentes. Aos 18, recebeu o diploma de professora e entrou para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, do Convento de São Cristóvão, em Sergipe. Com os votos de profissão de fé, a já então Irmã Dulce, em homenagem à mãe, voltou a Salvador, onde trabalhou como enfermeira voluntária e professora de Geografia. Sem vocação para lecionar, dedicou-se ao trabalho social nas ruas. Começou prestando assistência à comunidade favelada dos bairros de Alagados e de Itapagipe. Mais tarde, fundou a União Operária São Francisco, primeiro movimento cristão operário de Salvador, e depois o Círculo Operário da Bahia, que proporcionava atividades culturais e recreativas, além de uma escola de ofício. Criou, em 1939, o Colégio Santo Antônio, instituição pública para os operários e seus filhos. No mesmo ano, ocupando um barracão, passou a abrigar mendigos e doentes, levados depois ao Mercado do Peixe, nos Arcos do Bonfim. Desalojados pelo prefeito da cidade, acolheu-os, com a permissão da madre superiora, no galinheiro do Convento das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, transformado em 1960, com o apoio do governador do Estado, que cedeu um terreno, em Albergue Santo Antônio, com 150 leitos (hoje o Hospital Santo Antônio). Inaugurou ainda um asilo, o Centro Geriátrico Júlia Magalhães, e um orfanato, o Centro Educacional Santo Antônio, que abriga atualmente 300 crianças de 3 a 17 anos e oferece cursos profissionalizantes.



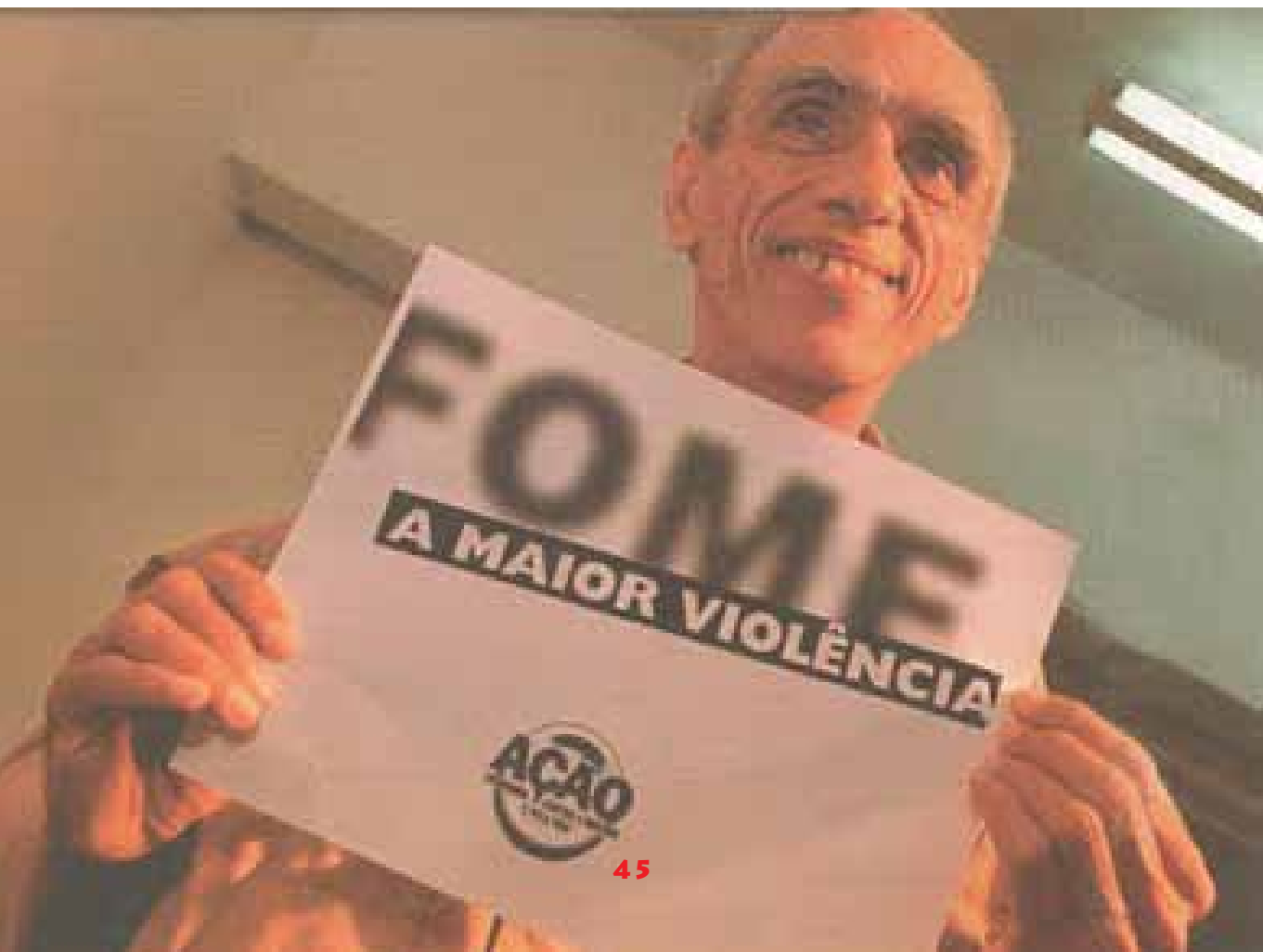


## ASSUMIR A AVENTURA DE CRESCER

Seja na proa de um barco viking, tentando avistar novos territórios, ou diante da lente de um microscópio, buscando decifrar os mistérios da célula, a exploração tem sido, ao longo dos séculos, o fruto de um mesmo espírito de aventura. Sem aventura não há novos territórios nem novas dimensões da vida.

Herbert José de Sousa, conhecido como Betinho, foi um sociólogo e ativista dos direitos humanos brasileiro. Concebeu e dedicou-se ao projeto Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. Nasceu no norte de Minas Gerais e, junto com seus dois irmãos - o cartunista Henfil e o músico Chico Mário, herdou da mãe a hemofilia, e desde a infância sofreu com outros problemas, como a tuberculose. “Eu nasci para o desastre, porém com sorte” - costumava dizer. Concluiu seus estudos universitários em Sociologia, no ano de 1962, passando a envolver-se com diversas causas sociais. O projeto pelo qual se imortalizou foi, provavelmente, a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, movimento em favor dos pobres e excluídos.

Para John Dewey, filósofo norte americano que influenciou fortemente na educação moderna, a prova da vida residia na aventura do crescimento. Em seu livro “Reconstrução da Filosofia”, Dewey afirma que o objetivo da vida não é a perfeição como meta final, mas “o constante processo de aperfeiçoamento, amadurecimento e refinamento”. Esse processo sempre será uma aventura e significará explorar novos territórios, campos de ação e perspectivas.





## DESCOBRIR A SI MESMO E FORMAR A PRÓPRIA PERSONALIDADE

Este espírito de aventura, simbolizado na conquista de novos territórios e dimensões, se manifestou no dinamismo dos jovens. E, se não é manifestado, está latente. Para que aflore, é só uma questão de motivação ou de modificação de certos fatores condicionantes, geralmente próprios do meio ambiente.

Assim como os exploradores, os jovens dessa idade, rapazes ou moças, orientam continuamente seu espírito de aventura na direção da conquista de um território ou de uma dimensão diferente, como se o ato de construir um domínio fosse um reflexo, uma projeção do desejo de descobrir a si mesmo e de construir sua própria personalidade.



Sinais de conquista de novos territórios começam a aparecer espontaneamente na vida familiar, mais cedo ou mais tarde, segundo o critério educativo dos pais. Ter uma estante especial para guardar “suas” coisas, dispor de uma cópia da chave de casa, não ser interrompido nem “espionado” durante as reuniões com seus amigos,

ter um horário mais flexível, contar,

se possível, com um quarto para seu uso exclusivo, passar a noite na casa de um amigo e receber uma mesada, embora pareçam assuntos triviais, são fatos que significam ultrapassar um antigo limite e ingressar em um “novo território”. São sinais de autonomia ou, pelo menos, de reconhecimento de independência, que afirmam a própria imagem e a personalidade.

As atividades proporcionadas pelo nosso Programa Educativo - diferentemente do que acontece na escola, que parece sempre descobrir com atraso a necessidade juvenil por “novos territórios” - é uma fonte deliberada e inesgotável destas novas dimensões.



A vida na Tropa, organizada pelos jovens sem a manipulação dos escotistas; os “segredos” da patrulha, guardados com zelo no livro de Patrulha; o canto da patrulha, de seu uso exclusivo; as excursões a lugares variados, distantes ou antes desconhecidos enfrentar responsabilidades, individuais e coletivas, que nunca lhes haviam sido confiadas; entre muitos outros, estes são os novos territórios ou as novas dimensões que oferecem a oportunidade de explorar e de se conhecer, de definir progressivamente a própria identidade e de se integrar ao mundo.

Os novos territórios dos jovens provavelmente nunca serão tão ameaçadores como a escalada ao K2 feita por Waldemar Niclevicz. O importante está em que seu significado para os jovens é o mesmo, e em cujos, dos exemplos, que eles tomarão a força e os valores de que necessitam para chegar e se orientar nessas novas dimensões.

O Método Escoteiro não só abre as fronteiras das novas terras, mas também cria um novo significado para aquelas que os jovens conheciam até agora. Na medida em que se cresce, estes novos territórios levarão a dimensões cada vez mais desafiantes. É “a aventura do crescimento” de que falava Dewey.

Não nos atemorizemos diante do emprego educativo das forças da imaginação. Como demonstrou Piaget, os jovens nesta idade podem lidar, sem problemas, com espaços abstratos, sem nenhuma vinculação com o concreto. Sempre sobrar tempo para o realismo total. Além disso, quem, entre nós, não se fortaleceu com as promessas da própria imaginação?

Estamos falando desse impulso quando dizemos que a conquista de novos territórios é um dos dinamismos que movem os jovens. A particularidade do Movimento Escoteiro é converter este impulso em estratégia educativa e estilo de vida.



# PERTENCER A UM GRUPO DE AMIGOS



## OS AMIGOS AJUDAM A CONSTRUIR NOSSA HISTÓRIA PESSOAL

A amizade, um dos sentimentos e virtudes que experimentamos de maneira mais contínua, é uma das muitas expressões do amor. Não se trata de amor erótico nem amor familiar, da mesma forma como não é paixão. É amor sem qualquer outro interesse, que se instala nas relações com algumas pessoas - não com todas, nem sequer com muitas - em razão de certa identidade que com elas estabelecemos.

Afeto gratuito, que não é um dever, já que, como o amor, não pode ser imposto. Afeto pessoal e sem inveja, recíproco, que é comunhão, fidelidade e que se fortalece com o tempo.



Milton Nascimento é um cantor e compositor brasileiro, reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos cantores e compositores da Música Popular Brasileira. Também conhecido pelo apelido de Bituca, nasceu no Rio de Janeiro, filho de Maria Nascimento, uma empregada doméstica muito humilde, que foi mãe solteira. Tentou criar Milton, o registrou e o levou para a casa dos patrões, mas foi demitida e viu que não poderia criá-lo tamanha miséria em que vivia. Sofrendo muito, entregou o filho para um casal rico criar. Milton, então, foi adotado. Sua mãe adotiva, Líliam Silva Campos, era professora de música. O pai adotivo, Josino Campos, era dono de uma estação de rádio. Mudou-se para Três Pontas, em Minas Gerais, antes dos dois anos, e aos treze anos já cantava em festas e bailes da cidade. Junto com amigos Lô Borges, Márcio Borges, Wagner Tiso, Flávio Venturini, Beto Guedes, Fernando Brant, dentre outros, criou, na década de 1960, o chamado “Clube da Esquina”, movimento responsável pela composição de alguns dos mais belos e aclamados sucessos da Música Popular Brasileira. Até hoje, Milton encontra-se com seus amigos e recorre aos mesmos para suas novas composições. Uma de suas mais conhecidas músicas é Canção da América, um canto em reverência aos amigos e à importância de amizade para a vida humana.

Aristóteles dizia que “sem a amizade, a vida é um erro” e Risa Maritain, escrevendo sobre a amizade que existia entre os humanistas franceses da primeira metade do Século XX, acrescenta que “nossos amigos fazem parte de nossa vida e nossa vida explica nossas amizades”.

Se pensamos bem, a experiência de Milton Nascimento não é muito diferente da que todos temos. Cada um de nós poderá descobrir que sua própria vida é parte e fruto de uma comunidade de amigos. Construimo-nos compartilhando com nossos amigos, amando-os e aprendendo com eles, que muitas vezes nos servem de sustento.





## ENTRE 11 E 14 ANOS, OS AMIGOS SÃO UM MODELO



A amizade, embora construída no cotidiano, adquire maior relevância nos momentos críticos da vida. Entre 11 e 15 anos,

quando as alterações físicas se fazem acompanhar de sentimentos de insegurança, os amigos da mesma “turma” cumprem um papel emocional e socializador fundamental. São uma audiência crucial para confirmar sua imagem e obter a aceitação sexual e afetiva.



Também assumem grande importância na elaboração de dimensões da identidade: enriquecimento interpessoal, valores, reconhecimento de habilidades, ampliação de opções, identidade sexual, participação social.

Esta importância dos pares - principalmente dos que se convertem em amigos - se acentua em razão das limitações que, neste período da vida, afetam a família, que, até então um marco de referência estável e inquestionável. A capacidade dos jovens de refletir, de rever sua própria forma de pensar e a dos outros, os leva a questionar esse marco de referência e a buscar fora de casa outros modelos, o que torna ainda mais forte a influência dos amigos.

Por outro lado, e diferentemente do que acontecia em outros tempos, a família já não está em condições de dar a seus filhos uma socialização exclusiva. Pelas mais diferentes razões, a família lhes entrega “uma independência que chega mais cedo a cada dia, sem que lhes dê a autonomia que permitiria saber usar essa independência”. (Jacques Moreillon, Secretário Geral da Organização Mundial do Movimento Escoteiro, 2ª Reunião de Cúpula, República Dominicana, 1999).





Em decorrência disso, os meios de comunicação social e as ruas se tornaram um âmbito de reconhecida influência para os jovens. Pouco a pouco, se desenvolvem interações cada vez mais frequentes com seus pares, em cuja companhia se sentem mais à vontade e felizes.



## O GRUPO INFORMAL DE AMIGOS DESEMPENHA UM PAPEL EDUCATIVO

O grupo informal de amigos, ou a “patota”, ou a “turma” da vizinhança, é o lugar onde cada jovem procura encontrar a certeza de que não é um personagem estranho, de que existem outros que experimentam suas mesmas angústias, sonhos e frustrações.

Logo se estabelece no grupo de amigos uma espécie de cumplicidade espontânea, que devemos valorizar como fonte de criatividade e de crescimento pessoal, em lugar de convertê-la em fonte de angústias e preocupações.



Quatro jovens franceses irrequietos e inseparáveis – Marcel Ravidat, Georges Angelot, Jacques Marsal e Simon Coencas, num dia de setembro de 1940, acompanhados do cachorro Robot, percorriam como de costume o campo de Perigord. Na planície de Montignac, entre arbustos e pinheiros, perseguindo lebres e raposas, deram com uma cova na qual Robot desapareceu. Após seguir o cachorro com cuidado e depois de alguns dias de investigação silenciosa, os rapazes descobriram que a aparente cova era nada menos que uma caverna de 30 por 10 metros, rodeada de salas e grutas contíguas, cujas paredes estavam completamente cobertas de pinturas pré-históricas de animais.

Os jovens haviam descoberto o que hoje se conhece como a Gruta de Lascaux, um dos maiores tesouros paleolíticos do mundo. Com todo o sigilo, revelaram seu descobrimento a um antigo professor da escola, que informou ao abade Breuil, conhecido por seus trabalhos sobre a pré-história. Durante todo o tempo em que duraram as primeiras pesquisas, Marcel Ravidat e seus amigos distribuíram entre si as tarefas de apoio, se alternavam para proteger da curiosidade danosa os trabalhos do abade Breuil, e rapidamente estabeleceram códigos que os ajudavam a proteger o sigilo da empreitada.

Na “patota”, a identidade de cada um se reforça com as semelhanças que encontra em seu interior. Na “patota”, não se cultiva a diferença: os jovens se reúnem porque se parecem. Buscam encontrar tudo aquilo que reforça esta identidade compartilhada: nomes, roupas semelhantes, símbolos, esconderijos secretos, humor, ritos de iniciação.



## A PATRULHA ESCOTEIRA “ORGANIZA” A “PATOTA” NATURAL

A genialidade de Baden-Powell consiste em ter compreendido este dinamismo da “patota”, o quanto ela é atraente para os jovens e as inúmeras oportunidades que ela oferece para um sólido desenvolvimento da autonomia dos que a integram. A capacidade dos jovens para se unir em torno de um grupo de iguais foi detectada pelo fundador do Escotismo durante a guerra do Transvaal, quando percebeu a maneira como os jovens se desincumbiam das tarefas de mensageiros e observadores que precisaram cumprir durante os 217 dias que durou o cerco à cidade de Mafeking. Posteriormente, quando promoveu o primeiro acampamento escoteiro, em agosto de 1907, na ilha de Brownsea, sua primeira providência foi organizar aqueles que seriam os 22 primeiros escoteiros em 4 patrulhas: Lobos, Touros, Corvos e Maçaricos.



Uma patrulha escoteira é um grupo natural de jovens como qualquer outro, mas que tem um sentido para sua vida e que se orienta pelos valores escoteiros. Uma “patota” formada por jovens racial ou economicamente discriminados, que vivem o presente entre as vielas estreitas de uma favela e que tem grandes chances de se converter em um bando de delinquentes, só se diferencia de uma patrulha escoteira porque esta vive, basicamente, segundo a Lei Escoteira. Mas os elementos sociológicos que reforçam sua identidade como grupo são praticamente os mesmos.

O grupo natural de jovens é uma força que não se deve reprimir, mas reconhecer e orientar, para que os ajude a construir sua personalidade. O sistema de equipes do Movimento Escoteiro está inteiramente baseado nesta convicção, principalmente durante essa fase da adolescência. A forma como funciona uma patrulha escoteira será analisada em nosso próximo capítulo.

# A APLICAÇÃO DO MARCO SIMBÓLICO



## MANTER VIVO O ESPÍRITO DE AVENTURA



O êxito sem igual que o Movimento Escoteiro tem obtido entre os jovens, tanto hoje como em suas origens, se explica pelo fato de convidá-los a realizar atividades que correspondem estreitamente a esses três dinamismos essenciais: exploração, território e “patota”. Pode ser que uma Tropa Escoteira não observe com muito rigor a aplicação de todos os elementos do Método Escoteiro, como analisaremos detalhadamente no capítulo 4, mas, se mantiver viva a resposta a esses três dinamismos, o interesse dos jovens nunca diminuirá.

É por isso que a ideia simbólica de “explorar novos territórios com um grupo de amigos” deve estar sempre presente na vida de grupo. Para chegar a isso, os escotistas devem repassar continuamente os conceitos do Marco Simbólico e confrontá-lo com a forma como o aplicam na realidade diária de sua Tropa. Esta atitude permitirá que o símbolo esteja sempre presente.







## EVOCAR O HERÓI E TRANSFERIR O SÍMBOLO



A evocação de diferentes passagens da vida e das aventuras de exploradores e pesquisadores, homens e mulheres, pode estar sempre presente na Tropa e nas patrulhas por meio de diferentes atividades:

- Animados relatos em noites de acampamento
- Apresentação de exposições
- Montagem de documentários em vídeo
- Dramatizações para o Fogo de Conselho
- Pequenas histórias que proporcionem um fundo motivador para um jogo prolongado
- Visitas a lugares históricos e museus
- Entrevistas com pessoas que possam proporcionar informações sobre fatos e personagens
- Debates na Tropa com especialistas convidados
- Fóruns e discussões em torno de documentários ou textos
- Leituras sugeridas individualmente aos jovens
- Atividade de pesquisa, por patrulhas
- Vigílias com um tema central, em que tudo o que acontece está relacionado com um relato ou personagem, inclusive o lugar escolhido, a ambientação, as caracterizações e a alimentação
- Montagem de pequenas experiências, maquetas e outros objetos úteis que utilizem descobrimentos científicos célebres
- Feiras de “inventores” que estimulem a criatividade dos jovens

A lista de ideias é interminável e as atividades que podem ser projetadas variarão segundo o ambiente, a iniciativa dos jovens e os recursos disponíveis. O importante é que a evocação ponha os jovens em contato com um herói ou heroína de verdade, que este personagem seja um explorador ou um pesquisador a serviço da humanidade, e não um guerreiro ou um colonizador a serviço de causas obscuras, ambições de poder, ideologias ou outros interesses semelhantes. Também é recomendável que o meio escolhido seja atraente, evitando-se a intelectualização excessiva e permitindo que os jovens, além de receber a informação, possam “fazer coisas” que os ajudem a interiorizar o conhecimento adquirido.

Para que as evocações atraiam a atenção dos jovens e sejam variadas, os dirigentes necessitam dominar informação suficiente que os capacite a aportar ideias, sugerir exemplos e atuar como verdadeiros animadores da atividade. Neste Manual, estão apresentados os exemplos de numerosos exploradores e pesquisadores, e muitos outros poderão ser encontrados nos Guias que orientam as diversas etapas de progressão dos jovens. Nunca será demais, entretanto, sugerir aos escotistas que recorram a textos especializados, em busca de informações mais amplas.



À evocação constante se segue, naturalmente, a transferência simbólica, isto é, um processo de interiorização do valor que se desprende da conduta do herói e uma reflexão sobre o impacto que este valor exerce na vida pessoal e no comportamento. O símbolo cumpre, assim, seu papel educativo, impulsionando o jovem a ser aquilo com que ele se identifica. Em outras palavras, o significante leva ao significado.

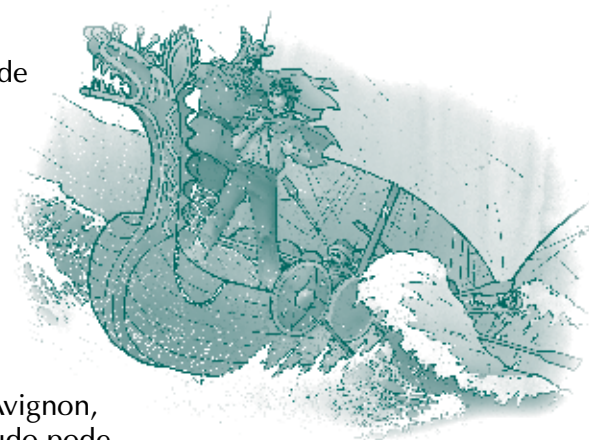
Os escotistas devem permitir que este trânsito se produza, entre os jovens, com o mínimo possível de interferências. A abordagem do exemplo do herói deve operar como uma experiência, que depende de cada pessoa e sobre a qual não é possível intervir. Ao adulto corresponde o papel de um educador, isto é, apenas revelar aquilo que aos jovens poderia passar despercebido e, em seguida, avaliar o comportamento pessoal e discuti-lo com o próprio jovem, atuando quase como um espelho. Voltaremos a tratar da avaliação da progressão pessoal no capítulo 11.



## CONTAR É ENTRAR NA MAGIA

A exploração do Marco Simbólico pressupõe que os escotistas possuam a virtude de “saber contar”, o que nem sempre é muito valorizado. Se um educador possui esta qualidade, pouco a aprecia; se não possui, ninguém espera que ele a desenvolva.

Para Gabriela Mistral, professora primária, Prêmio Nobel de Literatura em 1945, “contar é encantar, é um meio de entrar na magia”. Em um artigo escrito em Avignon, França, em fevereiro de 1929, ela diz que tudo pode ser aprendido graças à “bela arquitetura de um relato”, produzindo nos jovens “o mesmo encantamento de uma fábula”.





Relatar os exemplos dos exploradores não consiste, então, em alinhar fatos e aborrecer a plateia com datas, lugares e nomes. Graças ao “saber contar”, se recria um ambiente, os personagens caminham, gesticulam e agem diante dos olhos dos jovens e, como descreve a poetisa chilena, “adentra a alma todo esse núcleo que os mantém sentados em companhia dos seres com quem estabelecem familiaridade”.

Para narrar bem, não é necessário ser um artista, nem poeta, nem contista, nem humorista. A força do relato está em viver o que se diz, de modo que o relato brote do interior, “saia de dentro”.


**Para alcançar tal resultado, aquele que relata deve ser intimamente rico, em pensamentos e em vivências, isto é, deve ter algo a dizer aos demais. Isto se obtém sabendo observar, escutando aos demais, lendo, experimentando, vivendo com intensidade. O bom contador de histórias sabe descobrir os diversos tons de verde em uma paisagem, porque enxerga além das simples aparências das coisas. Também deve emprestar encanto e fluidez a suas palavras, porque os jovens são muito sensíveis à graça.**


Do texto de Gabriela Mistral e da experiência de bons contadores de histórias, podemos extrair alguns conselhos para obter essas condições:


 O relato deve ser direto, sem se perder em digressões. O bom relato “caminha como uma flecha ao centro do alvo e não cansa o olho do menino ou do homem”.


 Um relato é vivo se é sóbrio; basta que, por si mesmo, o fato mágico ou extraordinário esteja “bem carregado de eletricidade criadora”. Para atrair o interesse, não se necessita de adjetivos nem de expressões pedantes ou melosas. O atraente deve brotar “honrado e límpido do próprio núcleo do relato”. Como o bom ginasta, um bom relato é aquele que perdeu a gordura dos detalhes supérfluos e se tornou “puro músculo”.





 Se o relato deve se apresentar “sem acréscimos nem condimentos”, o narrador deve ser “simples e até humilde”, de modo que os jovens deixem de perceber o narrador para mergulhar inteiramente nos fatos que ele narra.

 O narrador deve saber escolher o momento oportuno. Também deve aprender a transformar tempos aparentemente perdidos em oportunidades para um bom relato. Um dia de chuva, uma noite sem luz num acampamento ou um vazio na programação de alguma atividade podem se converter em uma vigília inesperada.

 A descrição deve reduzir a imagens tudo o que seja possível em uma história, deixando sem seu apoio “apenas aquilo que as imagens não possam traduzir”.

 A linguagem a ser usada deve ter uma relação vigente com o meio ambiente familiar aos jovens, de modo a evocar situações de seu cotidiano.

 O narrador deverá educar sua voz até que consiga “falar com alguma doçura”, porque quem escuta “agradece o presente de uma voz suave e que envolve o assunto como se fosse uma seda”.

 Narrar não é só modular palavras. A linguagem não verbal “fala” mais do que a verbal. Por isso, o narrador procurará fazer com que seu rosto, suas mãos, seus gestos e seus olhares - sem excessos, naturalmente - o ajudem a construir a beleza da narração, porque os jovens gostam de ver “comovido e muito vivo o semblante de quem conta”.

**Raciocinando como educadora, Gabriela Mistral termina seu artigo dizendo que “não daria o título de professor a quem não contasse histórias com agilidade, com felicidade, com amenidade e, até, com alguma fascinação”.**

**Com maior razão, se poderia dizer o mesmo de um escotista.**





# 3<sup>A</sup> Patrulha







# SUMÁRIO

---

## CONCEITOS BÁSICOS

- O Sistema de Patrulhas é o eixo central do Método no Ramo Escoteiro.
- A patrulha escoteira tem um caráter duplo: formal e informal.

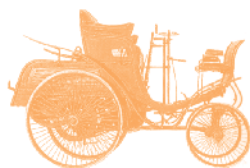
### A PATRULHA COMO GRUPO INFORMAL

- O Método Escoteiro privilegia o caráter informal da patrulha.
- O ingresso na patrulha é voluntário.
- A livre integração determina a forma de ingresso.
- A patrulha é um grupo coeso de caráter permanente.
- Não menos do que 5 nem mais do que 8 integrantes.
- Segundo a idade, as patrulhas podem ser verticais ou horizontais.
- Na patrulha, é necessária a homogeneidade de interesses.
- Atividades e tarefas devem ser apropriadas.
- A patrulha tem sua própria identidade.
- A estrutura interna é flexível.
- A patrulha só tem uma estrutura formal: o Conselho de Patrulha.
- A posição que os jovens se atribuem determina os papéis e as tarefas internas.
- As normas implícitas dos jovens criam a cultura interna da patrulha.
- A identidade entre as normas dos grupos informais é a Lei Escoteira.
- O Monitor é eleito e desempenha um papel relevante.
- O senso de pertencer e os símbolos da patrulha.
- A patrulha é um espaço para compartilhar com os amigos.

### A PATRULHA COMO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM

- Alteração na conduta de “todo” o jovem e aprendizagem “entre todos” os jovens.
- Na patrulha, se aprende pela ação.
- A aprendizagem na patrulha permite a resposta no momento preciso.
- Na patrulha se aprende “em equipe”, por meio da sequência de atividades.
- Os jovens aprendem a aprender.
- A aplicação do Método Escoteiro cria na patrulha um “campo de aprendizagem”.
- A patrulha proporciona a integração dos jovens à comunidade próxima.
- A patrulha também se interessa pela comunidade distante.
- A patrulha pode ser masculina, feminina ou mista.
- Critérios para a adoção da patrulha mista.
- A patrulha funciona com base no Método Escoteiro e a integração entre as patrulhas se realiza na Tropa Escoteira.





# CONCEITOS BÁSICOS



## O SISTEMA DE PATRULHAS É O EIXO CENTRAL DO MÉTODO NO RAMO ESCOTEIRO

Ao falar dos três  
dynamismos juvenis  
essenciais em que se

apoiava o Marco Simbólico dos escoteiros, mencionamos, além do gosto por explorar e do interesse pela conquista de novos territórios, o senso de pertencer a um grupo informal de amigos.



A utilização educativa deste dinamismo constitui o coração do Método no Ramo Escoteiro. No Guia do Chefe Escoteiro (1919), o fundador deixou claro que “o Sistema de Patrulhas é a característica essencial que diferencia a educação escoteira da que oferecem todas as demais organizações similares”. A originalidade de Baden-Powell consiste em ter descoberto as oportunidades que esses pequenos grupos oferecem para o desenvolvimento da autonomia dos jovens.

Por um processo empírico de tentativa e erro, o fundador do Escotismo colocou em prática essa ideia, durante sua carreira militar. Em 1899, sob o título “Aids to Scouting”, publicou uma coleção de sugestões para a exploração militar; o livro também começou a ser utilizado de diferentes maneiras por professores, auxiliando-os em seu trabalho com os jovens.

Técnica audaciosa para a época, que não tinha sido experimentada previamente por nenhuma organização juvenil, o Sistema de Patrulhas foi testado em 1907 com jovens não-militares pelo próprio Baden-Powell no primeiro “acampamento escoteiro”, realizado na ilha de Brownsea, Inglaterra. Pouco depois, ele o desenvolveu no livro “Scouting for Boys” e, a partir de então, as patrulhas escoteiras começaram a aparecer espontaneamente e se multiplicaram pelo mundo inteiro.

Na atualidade, assim como em 1907, os jovens conservam a tendência natural de formar “turminhas” ou grupos de amigos. Ao usar o Sistema de Patrulhas como base para a maior parte das atividades escoteiras, estamos apenas capitalizando essa tendência natural. As possibilidades de êxito em sua aplicação são enormes, desde que se faça um uso adequado. A vida em patrulha é uma poderosa ferramenta para ajudar aos jovens a adquirir iniciativa e responsabilidade, e não se pode confundir esta função, tratando-a como um meio de simplificar a tarefa do escotista ou de subdividir a Tropa, do ponto de vista administrativo.

O próprio Fundador advertiu contra estes possíveis desvios do Sistema de Patrulhas: "... o principal objetivo não é tanto diminuir o trabalho do Chefe mas, realmente, dar responsabilidade aos jovens, porque este é o melhor de todos meios para desenvolver-lhes o caráter". (Baden-Powell, Guia do Chefe Escoteiro, 1919).



## A PATRULHA ESCOTEIRA TEM UM CARÁTER DUPLO: FORMAL E INFORMAL



O Sistema de Patrulhas é uma forma de organização e aprendizagem, com base no Método Escoteiro, pelo qual jovens amigos integram de forma livre e com ânimo permanente, um pequeno grupo com identidade própria, a fim de desfrutar de sua amizade, apoiar-se mutuamente em seu desenvolvimento pessoal, comprometer-se em torno de um projeto comum e interagir com outros grupos similares.

Estudos sobre as organizações definem como "grupo" um conjunto de pessoas em que a conduta ou rendimento de uma delas é influenciado pela conduta ou pelo rendimento dos demais. Distingue-se entre grupos formais e grupos informais.

Os grupos formais são criados por decisão da autoridade da organização para levar a cabo objetivos predefinidos pela mesma organização.

Os grupos informais, ao contrário, são os que se formam a partir de esforços individuais e se desenvolvem em torno de interesses comuns, mais do que por um propósito intencionado.

Ou seja, enquanto grupos formais são criados como meio para conseguir um fim, os grupos informais são importantes por sua própria natureza e satisfazem à necessidade associativa do ser humano.

A patrulha escoteira é, antes de tudo, um grupo informal. Manter este seu caráter original é a principal tarefa dos escotistas. "Do ponto de vista dos jovens, o Escotismo

os reúne em grupos, que são sua organização natural para jogos, brincadeiras, aventuras e travessuras". (Baden-Powell, Guia do Chefe Escoteiro, 1919).



Ao empregá-la como instrumento para alcançar propósitos educativos, o Método Escoteiro a converteu em um “âmbito de aprendizagem”, o que lhe agregou uma faceta formal.

Sendo, ao mesmo tempo, um grupo informal e formal, a patrulha adquire certa complexidade. É informal porque resulta do desejo associativo dos próprios jovens; e é formal porque o Método espera que contribua para a formação dos seus integrantes por meio da autoeducação. Em outras palavras, podemos dizer que a patrulha é informal, do ponto de vista dos jovens, e formal, quando olhada segundo a ótica do educador adulto.

Este caráter duplo abre, diante da patrulha, uma ampla perspectiva, uma vez que, por um lado, a situa como um ponto de encontro e de integração entre as aspirações e necessidades pessoais dos jovens e, pelo outro, as finalidades educativas do Movimento Escoteiro.

Para extrair o máximo proveito dessa situação privilegiada, é preciso que se entenda que a patrulha cumprirá melhor seu papel de grupo formal na medida em que mais se respeite seu caráter de grupo informal.



#### A Patrulha como grupo informal

Organização espontânea, reunida com ânimo permanente e identidade própria, integrada livremente para desfrutar sua amizade.

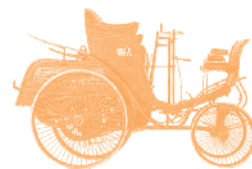
#### A Patrulha como grupo formal

Comunidade de aprendizagem com base no Método Escoteiro, pela qual um grupo de jovens amigos se compromete com um projeto comum, se apoia em seu desenvolvimento pessoal e interage com outros grupos similares.

Quanto mais se proteger seu objetivo **informal**, melhor se alcançará seu objetivo **formal**.

Quando se consegue tal resultado, a patrulha alcança os mais altos níveis de lealdade, compromisso e energia a serviço dos seus fins organizacionais, muito mais do que poderia alcançar se a enchêssemos de regulamentos, instruções e normas vindas de cima para baixo. Entender isto é entender a chave do Sistema de Patrulhas.

# A PATRULHA COMO GRUPO INFORMAL



## O MÉTODO ESCOTEIRO PRIVILEGIA O CARÁTER INFORMAL DA PATRULHA

Mesmo que não tenham tarefas específicas projetadas de forma estruturada, os grupos informais atendem a muitas de nossas necessidades psicológicas básicas, chegando ao ponto de se converterem em parte integrante dos diferentes contextos em que se desenvolve nossa vida adulta.



Os grupos são, antes de tudo, um meio para satisfazer nossas necessidades de afiliação, isto é, nossas necessidades de pertencer a grupos e de contar com amizade, apoio moral e afeto.

O protótipo original desses grupos, conhecido como “grupo primário”, é a família. Ela é que nos proporciona a afiliação básica. Entretanto, em qualquer idade, jovens ou adultos, descobrimos que necessitamos de um grupo de amigos, de companheiros de trabalho, de recreação e muitos outros.

Estes grupos são muito mais determinantes entre os 11 e os 15 anos porque, iniciando a adolescência, o jovem necessita ser parte de algo, se reconhecer e ser reconhecido. Quando o jovem faz parte de uma patrulha sua vida e a vida dos outros se misturam: ele se preocupa com seus amigos e, o mais importante, outros se preocupam com ele. Sua ausência será notada, sua contribuição é apreciada.



São um meio para desenvolver, incrementar e confirmar *nosso sentido de identidade e manter nossa autoestima*. Também é na família que se iniciam estes processos básicos, mas os grupos se transformam em um reforço importante para determinar ou confirmar as ideias que temos sobre quem somos, quanto somos valiosos e, em consequência, como nos sentimos dignos.

A patrulha escoteira, não só por meio de sua vida interna, mas também pelos seus símbolos, seus distintivos, suas tradições e outras manifestações externas, ajuda a sustentar a identidade e a dignidade dos jovens.



Servem para estabelecer e comprovar a realidade social. Podemos reduzir a incerteza provocada pelo meio social discutindo com os outros os problemas que nos surgem, buscando perspectivas comuns e procurando chegar a um consenso sobre a forma de resolvê-los.

Por meio do estilo próprio de sua patrulha, de suas atividades, de seus jogos e do diálogo permanente que mantêm em seu interior, os jovens desenvolvem uma forma pessoal de participar sem temores e de se integrar ao mundo.



As patrulhas também são úteis para reduzir a insegurança, a ansiedade e a sensação de impotência. Quanto mais pessoas estão ao nosso lado, mais fortes nos sentimos; o perigo, o medo e o desconhecido produzem menos ansiedade e insegurança.





É um meio pelo qual seus membros podem resolver seus problemas ou enfrentar certas tarefas que devem ser realizadas. O grupo serve para recolher informação, escutar, ajudar alguém, ter outras perspectivas, conhecer gente diferente e, no momento de decidir fazer alguma coisa, distribuir as responsabilidades e apoiar os resultados nos talentos individuais.

**Todos esses aspectos são contemplados se mantemos a natureza informal da patrulha, isto é, sua liberdade de integração, seu caráter permanente e sua identidade própria como grupo de jovens que desfrutam de sua amizade.**



## O INGRESSO NA PATRULHA É VOLUNTÁRIO

Este elemento é a própria essência de um grupo informal. O fato de pertencer ou não a uma patrulha é um ato que depende da escolha do jovem e de sua aceitação pelos demais integrantes. Os jovens preferem conviver com pessoas de quem gostam, com as quais se sentem à vontade, com amigos com quem tenham interesses comuns. O escoteiro deve estar na patrulha onde se sente aceito e mais capaz de atuar de maneira produtiva.

Esta liberdade de integração também significa que os jovens podem trocar de patrulha, se ambas estão de acordo com a troca. Isto implica permitir que as patrulhas nem sempre sejam unidades estabelecidas, formalizadas, e que é frequente, em uma tropa, a existência de patrulhas “desequilibradas”, tanto em número de integrantes quanto em seu grau de desenvolvimento.

O dinamismo e a heterogeneidade das patrulhas podem parecer incômodos a alguns escotistas, principalmente quando se trata de conduzir atividades projetadas para a Tropa, sob a ótica do conjunto das 4 ou 5 patrulhas que a integram e que seriam mais facilmente “administráveis” se, entre elas, existisse um certo equilíbrio. Mas essa forma de atuar não é própria do Sistema de Patrulhas. O importante é que patrulhas sejam autênticos grupos de amigos e não que a Tropa seja uniforme ou equilibrada. É necessário aprender a encarar a Tropa como uma federação de patrulhas diferentes entre si, mas cada uma delas coerente consigo mesma.





## A LIVRE INTEGRAÇÃO DETERMINA A FORMA DE INGRESSO

**Em virtude do princípio de livre integração, quando se deseja criar uma nova patrulha, ou quando se pretende iniciar uma Tropa nova a partir de uma patrulha, o apropriado é identificar uma “turma” ou grupo natural de amigos e convidá-la a aderir ao Escotismo, transformando-se em uma patrulha escoteira. Aliás, este é o melhor caminho para continuar crescendo.**

Quando, por diferentes circunstâncias, uma patrulha tenha reduzido o número de seus membros e seja necessário completá-la com novos integrantes, o normal é que os próprios jovens convidem a outros amigos para que se juntem a eles.

Se os novos integrantes provêm da Alcateia do mesmo Grupo Escoteiro, as patrulhas devem ser avisadas previamente, de maneira que tenham a oportunidade de conhecer os futuros escoteiros, criando vínculos pessoais, discutindo sua eventual entrada na patrulha e, conquistando, assim, o interesse do candidato. Este é um processo de reconhecimento e negociação que se produz “entre os jovens”.

No caso do jovem que vem de fora do Grupo Escoteiro e que deseja ingressar na Tropa sem ter vínculos de amizade com algum dos membros de uma das patrulhas, o recomendável é que os escotistas sugiram ou propiciem caminhos para que estes vínculos se produzam. Esta circunstância ocorre quando o jovem chega trazido por seus pais, por sugestão de um professor ou simplesmente por decisão própria - seja pelo prestígio adquirido pela Tropa junto à comunidade local ou porque viu o que os escoteiros fazem e quer ser um deles.

Felizmente, os jovens fazem amizade com uma certa rapidez, facilitando a integração. Em todo caso, devem se reunir conjuntamente três condições: desejo do interessado, existência de um vínculo de amizade e aceitação da patrulha.

**Seria errado, em qualquer desses casos, reestruturar ou remendar patrulhas por iniciativa dos escotistas, “distribuir proporcionalmente”, entre as patrulhas, lobinhos e lobinhas que chegam da Alcateia ou, ainda, recorrer a métodos de multiplicação celular que montam e desmontam patrulhas de tempos em tempos. Todos esses hábitos se demonstraram extremamente eficazes para destruir o Sistema de Patrulhas, retirando da “turma” seu caráter de grupo informal de amigos e, o que é ainda pior do ponto de vista dos objetivos do Movimento, impedindo que a patrulha funcione como uma comunidade de aprendizagem.**

A finalidade principal do Sistema de Patrulhas consiste em atribuir verdadeira responsabilidade ao maior número possível de jovens, visando deste modo a desenvolver-lhes o caráter. Se o escotista atribuir verdadeiro poder a seus Monitores, conceder-lhes forte dose de confiança e lhes der carta branca na execução de sua tarefa, terá feito muito mais pelo desenvolvimento do caráter de cada um do que qualquer escola jamais poderia ter feito.” (Baden-Powell, Guia do Chefe Escoteiro, 1919).





## A PATRULHA É UM GRUPO COESO DE CARÁTER PERMANENTE

Apesar de tudo o que se disse sobre a livre integração, a patrulha não é uma estrutura ocasional

projetada para a conquista de um objetivo imediato. É um grupo estável com membros permanentes que, por meio da vivência e da ação de seus integrantes, constrói uma história, cria tradições e assume compromissos comuns, transmitindo tudo isso, progressivamente, a cada um de seus novos integrantes.

A estabilidade do grupo de amigos depende quase exclusivamente da coesão que existe entre eles. A coesão é a força que faz com que os membros do grupo permaneçam unidos, apesar das forças que possam vir a tentar separá-los. É a coesão que leva os jovens a sentirem atraídos uns pelos outros e orgulhosos de pertencer à patrulha.

Contribuem para a coesão do grupo o fato de serem coincidentes os objetivos da patrulha e os de seus integrantes, a utilização - pelo Monitor - de uma liderança participativa, o sucesso na realização das tarefas assumidas pela patrulha, o desempenho de forma adequada dos papéis que foram distribuídos internamente entre seus componentes, a atenção com que são consideradas as opiniões de todos, o grau de atração das atividades desenvolvidas pela patrulha, a constatação, pelos jovens, de que a patrulha os auxilia na conquista de seus objetivos pessoais, manutenção da vigência do interesse que une seus integrantes e outros fatores similares.

Guardam estreita relação com esta coesão alguns aspectos relevantes das patrulhas: o número de integrantes, sua idade, sua homogeneidade de interesses e a escolha apropriada de atividades e tarefas.





## NÃO MENOS DO QUE 5 NEM MAIS DO QUE 8 INTEGRANTES

Não existe um “número ideal” de integrantes da patrulha, mas, a experiência recomenda que tal número não seja inferior a 5 nem superior a 8. Dentro dessas margens, o melhor número é aquele que tem o grupo de amigos ou aquele que os próprios membros do grupo entendem ser o melhor. O pior ou o melhor funcionamento de uma patrulha não depende do número de integrantes, mas de sua coesão interna. É ela que deve determinar o número ideal de integrantes e ninguém é mais capaz de decidir quanto a isso do que jovens que integram uma patrulha.

A patrulha vertical integra jovens das diferentes idades atendidas pelo Ramo

Escoteiro e seus componentes

estão vivendo momentos diferentes de seu desenvolvimento. A heterogeneidade de idades pode representar um obstáculo para que se produza, no interior da patrulha, uma comunhão de interesses e para a realização de atividades adaptadas à idade de cada um dos seus integrantes. Por outro lado, a diversidade de idades permite o acompanhamento dos mais novos pelos mais velhos, que podem contribuir com sua experiência para ajudar os menores a encarar desafios que talvez lhes parecessem de difícil superação. Esse acompanhamento gera uma interação entre mostrar e seguir o exemplo, facilitando a aprendizagem, ensinando a trabalhar em equipe, contribuindo para o crescimento dos mais novos e ampliando o senso de responsabilidade dos mais velhos.



## SEGUNDO A IDADE, AS PATRULHAS PODEM SER VERTICAIS OU HORIZONTAIS



A patrulha horizontal reúne jovens de uma mesma idade ou de idades muito próximas, que cumprem tarefas de desenvolvimento bastante parecidas. Isto facilita a integração entre os jovens e a realização de atividades atraentes para todos. Não produz, com igual intensidade, o acompanhamento proporcionado pela patrulha vertical e, com a saída quase que simultânea de todos os seus integrantes, dificulta a criação de tradições e a continuidade da patrulha com seus novos integrantes.

Muitas tropas analisam profundamente qual destas modalidades seria melhor adotar. Contudo, num Sistema de Patrulha, não existe para os escotistas a possibilidade de optar entre uma ou outra modalidade. Elas simplesmente acontecem ao sabor das circunstâncias ou de como evoluem as patrulhas e é com este fato que se deve trabalhar.

A verticalidade ou horizontalidade de uma patrulha tem relevância somente para que os escotistas saibam quais serão seus pontos fortes e os aspectos em que vai precisar de maior apoio. Não podemos imaginar um escotista negando a integração da patrulha de um grupo de amigos de idades diferentes, argumentando que nesta tropa temos somente patrulhas da mesma idade. Ou, ao contrário, recheando com lobinhos recém-saídos da Alcateia uma patrulha bastante integrada de jovens de 14 a 15 anos, com o argumento de que é necessário renovar a patrulha.





Para resolver dificuldades como as que expusemos nos casos anteriores, o único caminho é deixar que a própria patrulha resolva o problema sem que os escotistas interfiram em sua coesão interna. No exemplo da patrulha de jovens de 14 a 15 anos, um comentário dos escotistas sobre a continuidade histórica da patrulha bastará para que seus integrantes se sensibilizem e procurem, eles mesmos, a integração progressiva de amigos mais novos.



## NA PATRULHA, É NECESSÁRIA A HOMOGENEIDADE DE INTERESSES

Como todo grupo de amigos, é natural que a patrulha tenha um número variável de membros e que seja heterogênea quanto à idade de seus integrantes. Uma certa homogeneidade de interesses e pontos comuns na trajetória pessoal de seus integrantes, bem como o consenso em torno dos valores básicos e dos objetivos que orientam sua atuação em comum contribuirão, com certeza, para a coesão e a estabilidade da patrulha. As diferenças nesses aspectos tornarão mais lenta ou difícil sua efetividade e a comunicação entre seus integrantes.

Sendo amigos, é provável que esta homogeneidade já exista ou possa ser criada muito rapidamente, embora não possamos esquecer que é muito comum o estabelecimento de vínculos afetivos e de relações de amizade com pessoas que são muito diferentes de nós. Embora a trajetória pessoal de cada jovem seja um dado que não pode ser modificado, a identidade de interesses e o consenso em torno de valores e objetivos é algo que se pode adquirir dentro da patrulha, durante o processo de aprendizagem. De qualquer modo, este é um dado importante que os escotistas e o Monitor da patrulha devem considerar em seu trabalho com o pequeno grupo.



A escolha das atividades que a patrulha pretende



## ATIVIDADES E TAREFAS DEVEM SER APROPRIADAS

realizar deve considerar os recursos materiais e humanos disponíveis, e a distribuição de tarefas entre seus membros deve levar em conta as habilidades e competências de cada jovem. Se as atividades não são suficientemente desafiantes e se as tarefas são muito inferiores à capacidade, vai faltar motivação. E se as atividades excedem a capacidade da patrulha ou se as tarefas exigem mais do que os jovens podem oferecer, vai se instalar uma sensação de frustração. Qualquer uma dessas circunstâncias afetará a coesão do grupo e, em consequência, sua estabilidade.

O equilíbrio entre atividades, tarefas e recursos disponíveis é parte da aprendizagem da patrulha, que se interiorizará mediante o processo contínuo de tentativa e erro. Não havendo progresso neste aspecto, é tarefa do escotista dar apoio ao Monitor para que crie as condições que permitam à patrulha alcançar tal equilíbrio.



## A PATRULHA TEM SUA PRÓPRIA IDENTIDADE

A identidade de uma patrulha como grupo informal é sua consciência de “ser de uma determinada maneira”, ao longo do tempo e apesar das diferentes situações que se podem apresentar. A estrutura interna, a posição e os papéis que atribui a seus integrantes, suas normas, seu estilo de liderança e os símbolos que adota guardam uma relação bastante estreita com sua identidade.



## A ESTRUTURA INTERNA É FLEXÍVEL



Em todas as patrulhas existe um tipo de estrutura interna espontânea que evolui continuamente. Os jovens se diferenciam pela idade, pela experiência, pelo temperamento, e todos eles acabam por ocupar posições distintas no grupo, na medida em que se conhecem, em que crescem, em que saem os membros mais antigos ou em que se incorporam novos integrantes.

O modelo de relação que existe entre as distintas posições constitui a estrutura do pequeno grupo. Qualquer sugestão de estrutura proveniente do exterior, seja decorrente da vontade dos escotistas, das “tradições” da Tropa ou de normas institucionais, deve sempre respeitar esta realidade própria dos grupos informais e ser suficientemente flexível para que cada patrulha possa utilizá-la ou adaptá-la à feição de sua estrutura espontânea.

Quanto menos rígida é a estrutura formal proposta pela Tropa, mais protegido se encontra o caráter de grupo informal da patrulha. E já sabemos que quanto mais se protege a patrulha como grupo informal de amigos, mais ela se torna capaz de cumprir a missão que lhe está reservada pelo Método Escoteiro, como comunidade de aprendizagem. A eficácia do Sistema de Patrulhas depende muito de que os escotistas não se descuidem deste aparente paradoxo.



## A PATRULHA SÓ TEM UMA ESTRUTURA FORMAL: O CONSELHO DE PATRULHA

O Conselho de Patrulha funciona como uma instância formal de tomada de decisões relevantes, e dele participam todos os integrantes da patrulha, sob a presidência do Monitor. Suas reuniões podem acontecer sempre que a patrulha considere necessário, sem que se converta, pela excessiva frequência, na reunião habitual da patrulha - que tem uma função bem mais operacional. As decisões tomadas no Conselho de Patrulha devem ser registradas no livro da Patrulha.





## Os assuntos analisados no Conselho de Patrulha devem ser relevantes, tais como:










- Aprovação das atividades da patrulha para um Ciclo de Programa e das atividades que a patrulha proporá para que sejam realizadas pela Tropa;
- Avaliação das atividades de patrulha e daquelas de longa duração realizadas pela Tropa;
- Eleição do Monitor e do Submonitor da patrulha;
- Determinação e designação de cargos na patrulha e avaliação do desempenho dos responsáveis;
- Administração dos recursos da patrulha; entre outros assuntos.



## A POSIÇÃO QUE OS JOVENS SE ATRIBUEM DETERMINA OS PAPÉIS E AS TAREFAS INTERNAS

A posição é o lugar que os integrantes de um grupo reconhecem que cada um deve ocupar dentro do grupo. Nos grupos formais, a posição se baseia, como regra geral, na função desempenhada na organização formal; nos grupos informais, entretanto, a posição pode estar baseada em qualquer circunstância relevante para o grupo. Na patrulha a atribuição de posição decorre da idade, da antiguidade de participação no Movimento, da experiência, dos vínculos afetivos, das condições pessoais e das habilidades específicas.

A posição que os jovens se atribuem quase sempre determina a hierarquia formal dentro da patrulha. De acordo com ela as patrulhas costumam designar seus membros para exercer cargos relativamente permanentes:

-  Monitor, que exerce a liderança principal, coordena a patrulha e a representa na Corte de Honra;
-  Submonitor, que substitui o Monitor, faz equipe com ele e também pode representar a patrulha na Corte de Honra;
-  Secretário, encarregado de manter o Livro de Patrulha, anotar os acordos e lembrar a todos os membros seus compromissos e prazos;
-  Tesoureiro, que administra os recursos financeiros da patrulha;
-  Cozinheiro, que se preocupa com que a patrulha prepare cada vez melhores refeições bem variadas;
-  Enfermeiro, que mantém a caixa de primeiros socorros da patrulha e se preocupa com que todos conheçam as principais normas de segurança e primeiros socorros;
-  Animador, que conhece muitos jogos e sempre tem um jogo oportuno para propor; também se encarrega das canções e de que sejam preparadas boas representações artísticas;
-  Almojarife, que cuida do material da patrulha e distribui entre todos as tarefas exigidas pela manutenção do equipamento;
-  Pode ainda haver outros cargos, que surgem espontaneamente das necessidades de organização da patrulha.



Os jovens fazem periodicamente um rodízio entre esses cargos, avaliando-os e redistribuindo os de acordo com as atividades em desenvolvimento. Admite-se, contudo, que se o Conselho de Patrulha assim o desejar, qualquer um possa ser reeleito para um dado cargo, observado o cuidado para que não haja “acomodação”.

Em contraponto, não é muito conveniente estabelecer mandatos fixos. Melhor deixar que a avaliação interna dos próprios jovens regule esse aspecto, mas é importante observar e estimular o exercício da “experimentação”. Cargos e tarefas representam uma oportunidade para exercer responsabilidades, incorporar conhecimentos, assumir atitudes e adquirir habilidades. O desempenho desses papéis, sua avaliação contínua e os ajustes que são introduzidos constituem uma aprendizagem progressiva.

Contudo, as principais dificuldades internas da patrulha acontecem quando a percepção destes papéis se distorce ou é inexata. As diferenças surgem entre as condutas que os demais esperam de quem exerce um papel (papel esperado), as condutas que quem exerce um papel acredita que deve assumir (papel percebido) e o comportamento que realmente exerce (papel representado). A coesão da patrulha e, por consequência, sua estabilidade e permanência, dependem da coincidência entre estes três tipos de papéis. Os desajustes entre eles normalmente geram conflitos e é necessário que o Conselho de Patrulha, ao avaliar, introduza as mudanças e adaptações que restitua o bom funcionamento.

## AS NORMAS IMPLÍCITAS DOS JOVENS CRIAM A CULTURA INTERNA DA PATRULHA



As normas de um grupo informal são os modelos de comportamento que seus integrantes decidem compartilhar e que eles próprios consideram importantes. Habitualmente são levados em conta, no momento de sua criação, os aspectos mais significativos para os integrantes do grupo. Todos os grupos informais de jovens contam com uma grande variedade de normas que se transmitem de maneira verbal e que, em muitos casos, nem chegam a ser claramente definidas, mas são, de alguma forma, conhecidas por todos os membros do grupo.



Além das normas fundamentais contidas na Lei Escoteira, e que têm relação com aspectos transcendentais, a patrulha criará naturalmente outras normas que se referem a sua forma de funcionar. Essas normas constituem o que poderíamos denominar cultura interna da patrulha, que se altera na medida em que a patrulha evolui e que se expressa com muita clareza quando os jovens afirmam que “é assim que fazemos as coisas em nossa patrulha”.

A cultura interna se reflete, por exemplo, na maneira como a patrulha realiza suas reuniões, no tempo que cada membro dedica à patrulha, no estilo de seu Livro de Patrulha, na forma como a patrulha cuida do material que lhe pertence, no maior ou menor orgulho que os jovens sentem por ser “da patrulha”, no relacionamento entre o Monitor e seus companheiros, no muito ou no pouco que os jovens se imitam uns aos outros, na pontualidade e na noção de responsabilidade, no maior ou menor valor que atribuem às próprias decisões, na estrutura que constroem internamente, no que lhes parece normal ou inaceitável, em seus gostos pessoais, nas relações entre rapazes e moças.

É importante saber que em todos os grupos informais acontecem alguns fenômenos interessantes com relação à norma, entre os quais se destacam os que se conhecem como identificação, o contágio e a inspiração.

A identificação é um mecanismo por meio do qual, para serem aceitos como membros do grupo, seus integrantes adotam de forma inconsciente as normas e atitudes comuns. Isso faz com que se sintam semelhantes e diminui o temor de que sejam rejeitados como “estranhos”.

O contágio, por sua vez, faz com que as normas e atitudes de um membro sejam transmitidos aos outros por imitação. Uma vez que dois ou mais integrantes atuam de determinada forma, é normal que este comportamento seja adotado também pelos demais.

Por último, a inspiração se caracteriza pela aceitação natural das normas e atitudes demonstradas pelo líder ou por quem detenha uma posição considerada como “superior”.

Na patrulha, também acontecem estes fenômenos. Para se sentir pertencente à patrulha, o jovem faz coisas semelhantes às que o grupo costuma fazer, imita e segue os exemplos de seus amigos e acolhe naturalmente as regras estabelecidas pelo líder. Estes fenômenos não são bons ou maus, simplesmente acontecem. Mas, é tarefa dos escotistas fazer com que os Monitores reconheçam estes fenômenos, aprendam a lidar com eles e procurem evitar que sua ocorrência excessiva limite a geração de normas de forma livre, consciente e consensual, processo que faz parte da formação da consciência pessoal e da autonomia.





## A IDENTIDADE ENTRE AS NORMAS DOS GRUPOS INFORMAIS E A LEI ESCOTEIRA

**Pesquisas científicas confirmam que, entre as normas aceitas pelos grupos informais de jovens, mesmo nas quadrilhas de delinquentes, estão as que fomentam a confiança mútua baseada na verdade, a lealdade e o compromisso entre seus membros. É possível observar a impressionante semelhança existente entre essas normas e os valores contidos na Lei Escoteira.**

E por que isso acontece? Porque a Lei Escoteira foi concebida pelo fundador do Escotismo não só por inspiração dos princípios que regem o Movimento, mas também atendendo às aspirações dos jovens. É por isso que a primeira proposta do Método Escoteiro às patrulhas é que façam da Lei Escoteira a sua Lei e a considerem entre suas normas fundamentais. A partir do momento em que os jovens aceitam regular suas vidas pela Lei Escoteira, a patrulha começa a desempenhar seu duplo papel de grupo de amigos e comunidade de aprendizagem.

Pode-se argumentar que esta espécie de introdução dos valores da Lei Escoteira entre as normas de patrulha pressupõe uma intervenção na informalidade do pequeno grupo gerada na formalidade da organização. Isso não deveria chamar a atenção, já que se trata de um Movimento Educativo. Entretanto, a Lei Escoteira é de tal maneira coincidente com os sentimentos e aspirações dos jovens e com as normas que reconhecem espontaneamente em seus grupos informais - como várias pesquisas já demonstraram - que a intervenção é mínima, especialmente se comparada com os benefícios que traz ao colocar à disposição um código elementar escrito que orienta a vida dos jovens. Tão importante como ter um código é o fato de este código ser autoimposto, já que, em virtude disso, o jovem põe sua consciência como mestre e juiz de sua vida. É a aceitação deste código que constitui a imensa vantagem comparativa da patrulha com relação a qualquer outro grupo informal.

Em todo caso, a adoção da Lei Escoteira passa sempre pela experiência pessoal. Quando uma experiência é gratificante, isto é, quando produz bons resultados, a tendência é repeti-la. Se um jovem orienta continuamente suas atitudes pelos valores da Lei Escoteira e, fazendo isso, se sente gratificado por agir de acordo com o que pensa e obtém o reconhecimento dos demais, incorporará progressivamente esses valores a seu comportamento.

Por meio deste processo, a Lei Escoteira deixa de ser algo externo para se converter em código de vida pessoal.



## O MONITOR É ELEITO E DESEMPENHA UM PAPEL RELEVANTE



A liderança interna da patrulha é determinada pela posição que os próprios jovens atribuem uns aos outros. Por isso, o Monitor da patrulha é (e não pode ser de outra forma) eleito pelos jovens. Para o Submonitor, além da eleição, há a possibilidade de que seja escolhido diretamente pelo Monitor. A lógica é simples: dar ao líder da patrulha a premissa de escolher seu “braço direito” é tão justo quanto elegê-lo no Conselho de Patrulha. O Monitor e, se for o caso, o Submonitor representam a patrulha na Corte de Honra.

A existência de um líder é uma característica essencial do pequeno grupo. O jovem que se converte em líder é um integrante muito respeitado, que continua sendo um a mais dentro da patrulha, mas que cumpre certas “funções críticas”:

- Contribui para que a patrulha alcance seus objetivos.
- Zela para que sejam atendidas as necessidades dos seus companheiros de patrulha.
- Dá consistência aos valores da patrulha: o líder personifica os valores, motivos e aspirações dos demais jovens.
- Age como iniciador das ações da patrulha.
- Atua como mediador dos conflitos.
- Se esforça para manter a coesão, que ocorrem no pequeno grupo.



Baden-Powell destacou a relevância do Monitor e assinalou que “o Monitor é responsável pela eficiência e boa apresentação de sua patrulha. Os escoteiros da patrulha obedecem a suas ordens não por medo do castigo, como ocorre com frequência na disciplina militar, mas porque são uma equipe que joga em conjunto e que apoia seu Monitor para maior honra e sucesso da patrulha” (Baden-Powell, Escotismo para Rapazes, 1908). Em outro dos seus livros, ele definiu claramente que “... a autoridade e a responsabilidade repousam nas mãos dos Monitores”. (Baden-Powell, Guia do Chefe Escoteiro, 1919).

Em um artigo publicado anteriormente, dirigindo-se a escotistas, já havia afirmado a mesma ideia: “Para obter os melhores resultados com o Sistema de Patrulhas, vocês devem depositar verdadeira e completa responsabilidade nos Monitores de patrulhas. Se apenas lhes concede uma responsabilidade parcial, os resultados também serão parciais.” (Baden-Powell, Headquarters Gazette, maio de 1914).

O Monitor não é um jovem encantador - o preferido dos escotistas - e também não é um sabido. Na medida do que é possível esperar de alguém em sua idade, ele deve ter visão, objetivos claros, capacidade de comunicação e vontade para trabalhar e cooperar, tanto na Corte de Honra - e com os escotistas - como com seus companheiros de igual ou menor maturidade. Concentra sua atividade em iniciar diálogos que fomentem e mantenham compromissos orientados para a cooperação nas ações projetadas. Deve ser ao mesmo tempo aberto, animando o espírito comum, e forte de caráter, intervindo para conseguir os objetivos que a patrulha propôs para si.

É preciso levar em conta que a liderança não é exercida apenas pelo Monitor da patrulha. Outros integrantes, em função de suas atitudes, habilidades e da natureza das atividades também exercem uma certa liderança, que varia de intensidade segundo a situação.



## O SENSO DE PERTENCER E OS SÍMBOLOS DA PATRULHA

Os principais símbolos da identidade de uma patrulha são seu nome, seu “canto” e o Livro da Patrulha.



Por meio da escolha de um nome, a patrulha afirma sua individualidade, o senso de pertencer de seus membros e sua autonomia. Normalmente, se escolhe um animal, uma estrela ou uma constelação que representa certos atributos pelos quais os integrantes da patrulha gostariam de ser reconhecidos.



O canto de patrulha é um espaço que deve idealmente ser exclusivo, como manifestação básica da conquista de territórios que é própria nesta idade. O “canto” é arrumado e decorado segundo os gostos e interesses dos integrantes da patrulha e reflete a dedicação que eles entregam a este espaço pessoal e privado. Neste local se realizam as reuniões da patrulha e nele são guardados seu equipamento e demais pertences. Quando a patrulha acampa com toda a Tropa, esta necessidade de um espaço próprio deve se refletir na escolha dos campos de patrulha por parte dos jovens, que deverão ser suficientemente independentes uns dos outros, permitindo, assim, identidade e vida própria.



O Livro da Patrulha é um livro mantido com certa qualidade artística e nele são registrados todos os feitos e acontecimentos importantes da vida da patrulha e de seus membros. Guarda a história da patrulha, que se sente orgulhosa de seu passado, quer fazer registrar seu presente e deseja transmitir aos futuros integrantes as experiências vividas. É um livro privado, que se guarda em um lugar especial e, somente se a patrulha o desejar, é mostrado a outras pessoas. A responsabilidade de mantê-lo atualizado se atribui periodicamente a um membro da patrulha, mas todos podem escrever nele.

Esponaneamente as patrulhas geram outros elementos simbólicos, tais como grito, lema, bandeirola, hino, cores, código secreto, silvo de reconhecimento e muitos outros. Sem deixar de respeitar as iniciativas dos jovens, os escotistas devem incentivar uma certa sobriedade e elegância das patrulhas, buscando que seus símbolos não se sobrecarreguem de elementos artificiais que acabem por caracterizá-las como grupos muito fechados ou infantis.







## A PATRULHA É UM ESPAÇO PARA COMPARTILHAR COM OS AMIGOS

Ao contemplar a análise da patrulha como um grupo informal, devemos entender que a principal motivação dos jovens para pertencer a ela é o desejo de estar com um grupo de amigos. Esta é sua principal característica e perdê-la de vista pode arruinar o trabalho do escotista.

Pelos mais variados motivos, uma patrulha pode custar a alcançar os Objetivos Educativos que dela esperamos, da mesma forma como seu rendimento pode diminuir em alguns momentos. Mas, enquanto se conservar como uma comunidade de amigos que estão felizes porque estão juntos, poderá se recuperar e alcançar todos os seus propósitos. Não existe a alternativa oposta. Não é possível que uma patrulha funcione como um “ambiente de aprendizagem” se não é uma “forma de organização” que se baseie na amizade.

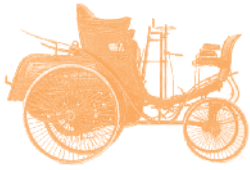
A patrulha é um lugar onde reina o afeto e, para ser real, o afeto deve ser experimentado. Isto será reforçado na medida em que os escotistas tratem os jovens com afeto, criando na Tropa uma atmosfera propícia para a interação das patrulhas.

Aprende-se o afeto como conduta orientada para os demais na mesma proporção em que se recebe um tratamento afetuoso. Se a Tropa tem uma estrutura hierarquizada e muito fechada, com escotistas que se conservam distanciados e que não fazem da interação com os jovens uma prioridade, isto se refletirá no estilo de liderança dos Monitores e, em consequência, na totalidade da patrulha, comprometendo seu caráter de grupo de amigos.

O afeto é o eixo central da Tropa Escoteira, onde as pessoas se escutam mutuamente; o humor é espontâneo e serve como apoio, não é ferino; os jovens ajudam uns aos outros e comemoram os bons resultados de todos; os visitantes são recebidos com sorrisos; existe um absoluto respeito pela opinião alheia, mesmo quando não se está de acordo com ela; e o carinho é autêntico, não artificial. Neste ambiente, os jovens podem consolidar e aprofundar suas amizades no seio das patrulhas, cumprindo-se o primeiro objetivo do sistema, a partir do qual se edifica o segundo: ser um espaço de aprendizagem.



# A PATRULHA COMO COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM



No momento em que um jovem assume seu compromisso com a Lei Escoteira a patrulha passa a ser para ele não apenas um grupo de amigos, com os quais se diverte, mas também uma comunidade de aprendizagem que o apoia em seu desenvolvimento pessoal e o convida a se comprometer com um projeto comum.

A aprendizagem que se alcança na patrulha está destinada a produzir uma alteração na conduta, em termos de conhecimentos (saber), de habilidades (saber fazer) e de atitudes (saber ser). Não é só um acréscimo de conhecimentos, como acontece na sala de aula ou em um grupo de estudo escolar, mas um crescimento interior da pessoa em todos os aspectos que formam sua personalidade: corpo, inteligência, vontade, afetos, sociabilidade e espiritualidade. É uma aprendizagem de “todo” o jovem.



ALTERAÇÃO NA CONDUTA  
DE TODO O JOVEM E  
APRENDIZAGEM ENTRE  
TODOS OS JOVENS



Como as pessoas aprendem das formas mais diversas, o crescimento interior se dá mediante um processo continuado que inclui escutar, observar, perguntar, fazer coisas, pesquisar, refletir, efetuar autoavaliações e ajudar os outros a aprender. Em consequência, a aprendizagem também se faz “entre todos”.





## NA PATRULHA, SE APRENDE PELA AÇÃO

É uma aprendizagem essencialmente ativa, em parte consciente e em parte inconsciente, que se realiza, fundamentalmente, em três planos:



Por meio da vida em comum, compartilhando significados, aprendendo a encarar e observar juntos as coisas que ocorrem, trocando seus sonhos, incorporando os valores à conduta e conseguindo conceber e assumir compromisso com um projeto que, em parte, é comum e, em parte, é individual. Este é o aspecto em que a patrulha cumpre um papel de comunidade de vida fundamentada no afeto comum e dentro do marco dos valores propostos pela Lei Escoteira.

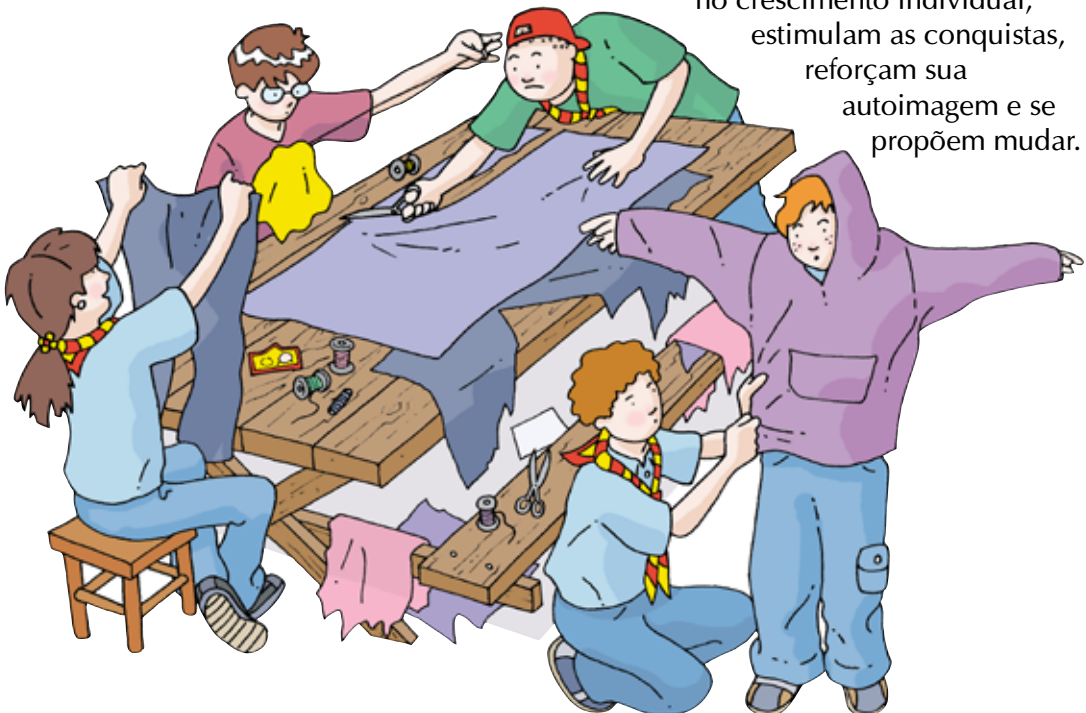


Por meio do planejamento, da execução e da avaliação das atividades, a patrulha opera como uma microempresa, imaginando a atividade, planejando-a, adquirindo a competência e as habilidades que lhe permitam realizá-la, gerando e obtendo os recursos necessários, acompanhando a realização das tarefas por todos os seus membros, avaliando os resultados e analisando forças, debilidades e erros. Na patrulha os erros são parte do processo de aprendizagem, pois não são considerados deméritos, mas oportunidades de perceber o que poderia ter sido feito de outro modo.



As atividades produzem experiências cuja seqüência e acumulação paulatina permitem que os jovens se aproximem das condutas previstas nos Objetivos Educativos que o Movimento lhes propôs e que eles fizeram seus, modificando-os e complementando-os de acordo com seus interesses pessoais. É a parte do processo de aprendizagem com base em objetivos, em cujo avanço os jovens da patrulha fazem as vezes de tutores mútuos, que se apoiam

no crescimento individual, estimulam as conquistas, reforçam sua autoimagem e se propõem mudar.







## A APRENDIZAGEM NA PATRULHA PERMITE A RESPOSTA NO MOMENTO PRECISO

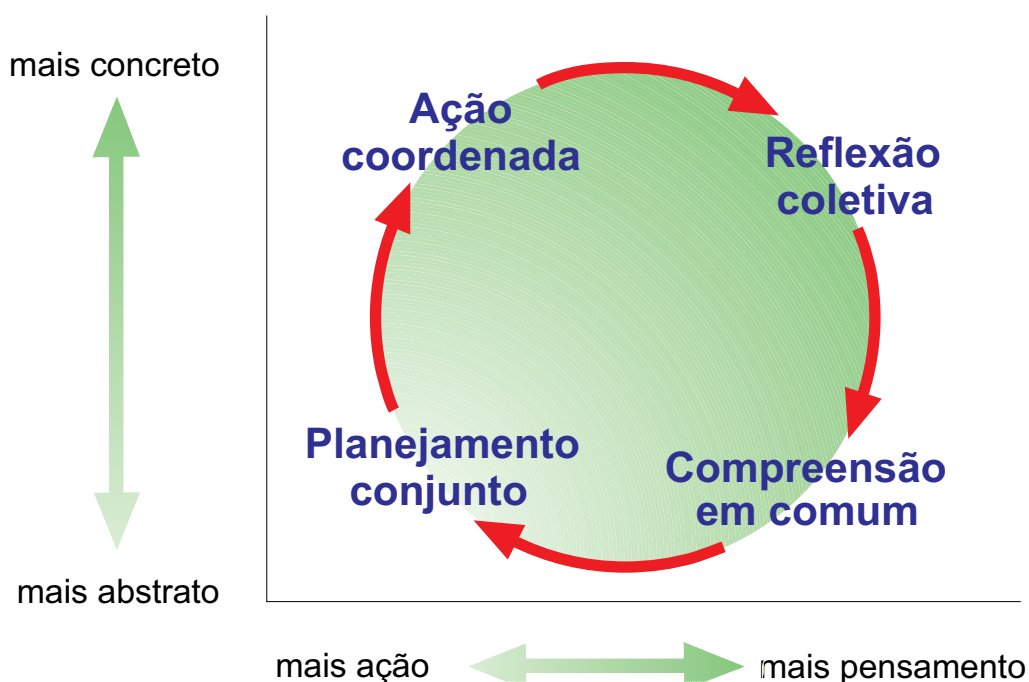
Em todos esses aspectos a aprendizagem no interior da patrulha promove que, ao invés de acumular existências de fatos e dados nas mentes dos jovens até que seu uso seja necessário em um momento posterior, todo o aprendizado seja posto em prática “imediatamente”.

Os fatos vividos e as informações aprendidas são esquecidos com facilidade se não encontram eco em situações atuais. Na patrulha, a aprendizagem aliada à prática favorece tanto a quem ensina como a quem aprende.



## NA PATRULHA, SE APRENDE EM EQUIPE POR MEIO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Dissemos que a aprendizagem na patrulha era em parte consciente e em parte inconsciente. Isto acontece porque a aprendizagem em equipe, especialmente a que se relaciona com as atividades, segue um ciclo que se repete constantemente e que vai passando sucessivamente do mais concreto para o mais abstrato e do mais prático para o mais teórico-reflexivo.





Por meio da reflexão coletiva, os membros da patrulha se convertem em observadores de seus próprios atos e pensamentos. Geralmente, esta fase se inicia com a avaliação de uma atividade: Como funcionou? O que pensávamos e o que sentíamos quando estávamos fazendo? Que circunstâncias nos afetaram? O que falhou? Agora, vemos as coisas de outra maneira? Saiu melhor do que esperávamos? Por quê? É uma fase muito rica em opiniões divergentes, em que se destacam os membros da patrulha que têm capacidade para ver as coisas segundo ângulos diferentes e aqueles que sempre enxergam “chifre em cabeça de cavalo”. É importante estimular esta maneira de pensar, embora possa parecer, por vezes, absurda, porque ela é um passo importante para a criatividade e a inovação.



De maneira muito natural, quase imperceptível, a reflexão desemboca em uma compreensão em comum do que se passou, buscando laços e conexões entre o que se fez e o que se poderia fazer. Quais são os caminhos que poderíamos usar para ir adiante? O que aprendemos? O que poderíamos fazer a partir de agora? É o momento de pensar ordenando as ideias, afinando a visão, encontrando possíveis alternativas e descobrindo semelhanças entre os fatos. Esta é a ocasião em que se destacam os “descobridores de conexão”, aqueles que têm capacidade para encontrar os motivos pelos quais as coisas aconteceram de uma determinada maneira.



Logo, vem o planejamento conjunto em que, a partir das possibilidades levantadas na etapa anterior, são tomadas as decisões e planejadas todas as coisas que a patrulha pretende fazer em seguida. Esta etapa inclui, geralmente, mudanças na forma de agir e nos papéis dos seus integrantes. A decisão implica aprender a tomar decisões: “é isto o que vamos fazer, por essas e essas razões”. Aqui aparecem os jovens com “pensamento convergente”, os que “acham o caminho das pedras”, bons para idealizar soluções, propensos a experimentar, que têm pressa em se deslocar para um ponto que lhes permita iniciar a ação.



Por último, se produz a ação coordenada, em que cada um trabalha em diferentes tarefas voltadas para um mesmo objetivo, contando com o respaldo das análises conduzidas nas etapas anteriores. Destacam-se, nesta fase, “os práticos”, especialistas em ajustar a teoria à realidade; e, se percebem que a teoria não funciona, demonstram uma capacidade natural para introduzir ajustes durante o processo, o que os torna essenciais.

Quando se dá por concluída a atividade ou a tarefa, volta-se imediatamente à etapa reflexiva: como funcionou? E o ciclo segue seu curso interminável.

Nem sempre se reúnem, em uma patrulha, os diferentes estilos ou tipos de inteligência que descrevemos em cada fase. Entretanto, o uso constante deste ciclo de aprendizagem fará com que surjam e se desenvolvam todos os estilos que estão potencialmente presentes na patrulha. Se não aparecem todos, o Monitor saberá onde estão os pontos fracos e os escotistas da Tropa o ajudarão a compensar esta carência. Se todos estes estilos se manifestam, a patrulha terá resultados bastante gratificantes, mas o clima interno será agitado e o Monitor terá que aprender a orientar os debates em um grupo precioso, mas difícil de governar.



A etapa em que se compartilha a compreensão de um problema e se planeja em conjunto desenvolve nos jovens a capacidade de abstração, um dos requisitos para a formação do conhecimento. Por sua vez, a ação coordenada e a reflexão coletiva desenvolvem a capacidade para ser concreto, um importante componente da realização pessoal.

Planejamento conjunto e ação coordenada se encontram no terreno do agir, enquanto reflexão coletiva e compreensão em comum se situam no terreno do pensar. Isto permite que os jovens aprendam que todos os atos de suas vidas se moverão sobre a concorrida linha que vai e volta constantemente do pensamento à ação, da teoria à prática.



## OS JOVENS APRENDEM A APRENDER

Uma das vantagens desta aprendizagem cíclica é que os jovens a praticam quase sem que se deem conta. Se, progressivamente, os escotistas da Tropa procuram fazer com que os Monitores das patrulhas entendam que seu principal papel é manter em movimento “a roda” da aprendizagem, esta forma de agir se tornará um modo de vida para os jovens, tal como o método científico é um modo de vida para os que trabalham com ciência.

Quando se tornam conscientes deste ciclo, os jovens não só aprendem, mas também aprendem a aprender, o que se conhece como “potencial de aprendizagem” ou “meta-aprendizagem” e que Baden-Powell denominava “autoeducação”. Em um sistema de formação centrado nos conteúdos, aprende-se, no melhor dos casos. Mas a aprendizagem ocorre com a ilusão de que se aprendeu para sempre e que as coisas serão sempre da forma como se aprendeu. Nada mudará. Em um sistema centrado nos processos, se aprende de forma dinâmica, porque se aprende a aprender.

Em um mundo em que muitas coisas não param de mudar, em que o que mais se altera é a velocidade das mudanças, de pouco serve centrar a aprendizagem nos conteúdos, pois o que se aprende hoje poderá ser obsoleto amanhã. Se, ao contrário, a aprendizagem enfatiza os processos, está se aprendendo a aprender, a desaprender e a reaprender, sabendo encontrar, ou produzir, os conteúdos no momento em que se tornam necessários.

É isso que se passa na patrulha, em termos de aprendizagem, ou o que “deveria se passar”, se aplicássemos adequadamente o sistema de patrulha. Não se aprendem processos ouvindo palestras nem fazendo provas, mas vivendo. Por isso, a patrulha, onde tudo é vida, é um espaço privilegiado para aprender processos.

Para que ocorra - e ocorra bem – esta aprendizagem, necessitamos, ainda, criar um “campo de aprendizagem”.





## A APLICAÇÃO DO MÉTODO ESCOTEIRO CRIA NA PATRULHA UM “CAMPO DE APRENDIZAGEM”



Um campo de aprendizagem é uma estrutura imaterial, mas real, que atravessa, em todos os sentidos, uma Tropa Escoteira, influenciando na conduta de todos os seus integrantes e facilitando a aprendizagem. Sabemos, hoje, que isso existe, não porque o possamos observar diretamente, mas porque sentimos seus efeitos.

Os escotistas podem comprovar, nos cursos que frequentam, a existência desses campos de aprendizagem. A ambientação das salas é preparada com detalhes, assim como a utilização dos espaços, os meios audiovisuais, a forma de sustentar os diálogos e a distribuição do material de apoio. Logo, os participantes se abrem para o diálogo e estabelecem relações que não são comuns nas salas de aula de outros tipos de cursos. E logo nos damos conta de que todos os fatores envolvidos na preparação criaram um “campo de aprendizagem” que, em muitos aspectos, torna desnecessária a presença do instrutor.

Da mesma maneira, os espaços de nossas patrulhas e de nossa Tropa Escoteira não estão vazios, mas estruturados com um tecido invisível de atitudes e diálogos encadeados, que criam um ambiente que dá forma ao comportamento. Alguns dos fatores que, interagindo, acabam por gerar um campo de aprendizagem, são os seguintes:



- Interesse manifestado pelo desenvolvimento pessoal de cada jovem;
- Propensão a escutar;
- Ambiente aberto às experiências;
- Ambiente isento de crítica destrutiva, castigos ou medidas repressivas;
- Estímulo às opiniões divergentes;
- Incentivos à participação, à criatividade e à inovação;
- Interação contínua;
- Disposição dos líderes para aprender;
- Informação circulando com fluidez;
- Sensação de desafio;
- Paciência com os ritmos individuais de aprendizagem;
- Oportuno reconhecimento das conquistas;
- Condução flexível;
- Consentimento à espontaneidade;
- Pouca “regulamentação”.

Para criar um campo de aprendizagem, não é necessário falar dele nem fazer palestras que o expliquem. Basta criar condições como as mencionadas anteriormente e o campo de aprendizagem se instalará sem maior esforço.

Todos os Monitores que preparam com dedicação um acampamento, que escolhem o lugar apropriado, que distribuem as tarefas, que estimulam os esforços individuais dos membros da patrulha, que organizam seu “canto” ao ar livre, que realizam atividades atrativas, que conseguem fazer com que todos participem e opinem, que seguem com rigor uma programação e que criam muitas outras condições além das aqui mencionadas, observam logo que “as coisas estão indo bem”, que os jovens parecem transformados e que as conquistas começam a se acumular umas após as outras. Sem que eles percebam ou sequer saibam que o ambiente que surgiu destes esforços tem este nome, conseguiram criar um campo de aprendizagem.



Uma das principais tarefas dos líderes - escotistas, Monitores e Submonitores das patrulhas - é a criação e manutenção de campos de aprendizagem. Sua existência estimula a patrulha como comunidade que aprende. Sua ausência deteriora o Sistema de Patrulhas ou as converte em meras divisões administrativas da Tropa Escoteira.

## A PATRULHA PROPORCIONA A INTEGRAÇÃO DOS JOVENS À COMUNIDADE PRÓXIMA



A pretexto de que os jovens estão “em período de formação”, muitas Tropas se fecham e fecham suas patrulhas sobre si mesmas, olhando seu próprio umbigo. Sem deixar de mencionar que tal período não existe - toda nossa vida é um enorme período de formação, em que nunca deixamos de aprender, afirmamos que a aprendizagem precisa se projetar para ser efetiva.

O primeiro âmbito de projeção de uma patrulha é sua comunidade próxima, isto é, seu Grupo Escoteiro, a instituição patrocinadora, a escola, os companheiros, a vizinhança, os pais e as famílias dos jovens. Sua abertura para esses ambientes implica aprendizagem, já que sua interação com eles funciona como um “espelho” que revela os avanços em seu desenvolvimento.



Além disso, o ambiente mais próximo é uma esplêndida oportunidade para servir. São muitas as organizações que operam na comunidade mais próxima de qualquer Grupo Escoteiro e nem chegam a saber para que servem os escoteiros ou os consideram ótimos para eles mesmos, mas muito pouco úteis para os demais.

## A PATRULHA TAMBÉM SE INTERESSA PELA COMUNIDADE DISTANTE



A comunidade distante começa onde termina a comunidade próxima. Assim, entendemos por comunidade distante a cidade, o estado, o país e o mundo. Em termos puramente escoteiros, é a Região Escoteira, a União dos Escoteiros do Brasil, a Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

Em um mundo interconectado e globalizado, onde grande parte do que ocorre no nível local tem suas origens no nível global, a patrulha não pode aprender se fechando em uma ilha. Ela precisa saber como funciona o mundo, suas redes, as influências que o dominam, seus problemas, seus atores. A leitura, o acesso à informação, o manejo útil da internet, a capacidade de identificar as suposições e as causas que são subjacentes às mais simples notícias, tudo isso é parte inevitável e necessária da aprendizagem.

As coisas funcionam em círculos. Como viver em um ponto do círculo sem se interessar por saber como esse ponto se conecta com os demais? Este espírito de curiosidade está latente nos jovens e se expressa por meio dos dinamismos de que se serve nosso Método. Não nos esqueçamos do “gosto por explorar” e do “desejo de conquistar novos territórios”. O interesse pela comunidade distante brotará com força logo que o estimulamos.



## A PATRULHA PODE SER MASCULINA, FEMININA OU MISTA



A patrulha mista é um assunto que gera controvérsias. Os que a

defendem ou atacam usam os mais variados argumentos, nem sempre bem fundamentados quando se considera a perspectiva em que se deveriam formular tais argumentos, já que o debate se apresenta quase sempre contaminado pelos costumes, tradições, temores, modismos e conceitos culturais e ideológicos.

Para clarear o horizonte, vamos raciocinar a partir de certas bases coerentes com a evolução psicológica dos jovens e com o Sistema de Patrulhas proposto pelo Método Escoteiro:

➤ A consideração se uma patrulha será mista ou não deve passar, em primeiro lugar, pela estrutura natural do grupo informal de amigos. Se temos insistido que a patrulha funcionará como comunidade de aprendizagem na medida em que se respeite seu caráter de grupo informal, surge clara a primeira regra que se deve adotar: se o grupo informal que se transforma em patrulha escoteira é misto, isto é, inclui jovens de ambos os sexos, a patrulha também deverá sê-lo; se o grupo é homogêneo, a patrulha também o será. Existindo coerência, não há espaço para maiores discussões sobre o tema;

➤ O mesmo critério deve ser observado quando se trata da incorporação de novos membros a uma patrulha já existente. Se a patrulha deseja continuar sendo homogênea ou mista ou se deseja modificar este caráter, o Conselho de Patrulha terá a primeira palavra nesse sentido;

➤ Os dois critérios anteriores não afetam a herança cultural particular nem as concepções educativas de um determinado meio, pois se a herança cultural ou as concepções educativas não favorecem a formação de grupos informais mistos, as patrulhas tampouco quererão sê-lo. A recomendação não consiste em agir “contra a cultura”, mas sim a favor de prolongar, na patrulha, a maneira de ser do grupo informal.

Apesar do que já se disse, é bom que se pergunte: qual é a tendência natural dos jovens nessa faixa etária? Entre os 11 e os 13 anos, etapa bem mais “biológica” da adolescência, em que os jovens se voltam sobre si mesmos assombrados pelas alterações físicas que ocorrem em seu corpo, se manifesta em todas as culturas uma tendência à formação de grupos homogêneos, do ponto de vista sexual. Isto não significa que os jovens não tenham amigos do outro sexo, mas que o jovem considera “seu grupo” como reservado para os pares do seu sexo.





A partir dos 13 ou 14 anos, dependendo da cultura ou da realidade de cada jovem em particular, com maior ou menor prontidão, os jovens voltam a integrar seu grupo de amigos jovens do sexo complementar, embora de um modo diferente do que faziam na infância. Vencido o período de assombro diante das alterações físicas, superada a vergonha, assumidas as mudanças, tem início o interesse pelo outro sexo, quase sempre com emoções mescladas e difusas, como é natural.

✦ Como o Ramo Escoteiro compreende as idades que vão dos 11 aos 15 anos e existem boas razões para manter esse ciclo de desenvolvimento como primeira etapa da adolescência, o dilema será maior ou menor conforme a patrulha seja horizontal ou vertical no que se refere à idade de seus integrantes.

Se a patrulha é horizontal e está majoritariamente integrada por jovens da primeira faixa etária (11-13 anos), é previsível que se manifestem dúvidas: a patrulha tenderá a ser homogênea. Se é horizontal e composta, em sua grande maioria, por jovens de segunda faixa etária (13-15 anos), é provável que os jovens a prefiram mista. Em nenhum desses dois casos chega a existir problema mais sério, salvo as circunstâncias particulares daqueles jovens que se encontram em minoria dentro da patrulha, o que deverá ser resolvido caso a caso, idealmente pela própria patrulha, que saberá encontrar a melhor solução.

O dilema mais severo ocorrerá nas patrulhas verticais, onde se misturam em proporções semelhantes jovens das duas faixas etárias, o que significa que, uma vez aberta a discussão do assunto, é presumível que se verifique um empate entre as tendências pró e contra as duas alternativas, ou talvez não, porque cada patrulha é uma realidade.

Nós sabemos que, na medida em que os jovens crescem e se incorporam novos elementos à patrulha, esta pode se transformar de horizontal em vertical ou vice-versa. Tais variações podem influenciar a composição sexual da patrulha, que pode passar de mista a homogênea e vice-versa. Não há nada contra essa flexibilidade, critério que responde, antes de mais nada, ao conceito escoteiro de privilegiar, acima de tudo, o caráter de grupo informal da patrulha.





## CRITÉRIOS PARA A ADOÇÃO DA PATRULHA MISTA

Depois de apresentar todos os argumentos sobre o assunto e de delimitar as áreas em que o dilema pode se apresentar, recomendamos que a Corte de Honra receba a orientação de manter uma política flexível, aberta a todas as alternativas, evitando impor, “a priori”, uma determinada doutrina. Isto significa que podem coexistir, numa mesma Tropa Escoteira, patrulhas homogêneas femininas, homogêneas masculinas e mistas, dependendo da composição natural do grupo informal de amigos.

Como já assinalamos, isso também significa que uma patrulha não é homogênea ou mista para sempre, porque tudo dependerá de sua evolução, das características de seus integrantes e das mudanças que se produzam em sua composição.

Certamente, a existência de patrulhas mistas exige dos escotistas habilidades diferentes daquelas que seriam necessárias se só existissem patrulhas homogêneas. Os estilos de animação variam, a equipe de escotistas deve ser mista e é recomendável, embora não seja imprescindível, que o acompanhamento da progressão pessoal seja feito por escotistas do mesmo sexo. Como esta política de abertura é parte das normas da Tropa, seria conveniente submetê-la à aprovação da Assembleia de Tropa. Como insistia Baden-Powell, “perguntem ao jovem”.

Mais ainda, a primeira vez que a possibilidade de patrulhas mistas é proposta em uma Tropa homogênea, em uma Tropa mista com patrulhas homogêneas ou em um ambiente não habituado ao estreito convívio entre jovens de sexos diferentes, é recomendável que o assunto seja analisado em conjunto com os diferentes atores que intervêm em um Grupo Escoteiro: os pais, os escotistas, a instituição patrocinadora e a Assembleia de Grupo.

Um debate prévio e apropriado sobre o tema informará adequadamente aos pais, permitirá uma compreensão mais ampla das razões educativas, evitará mal entendidos e, dependendo da realidade do ambiente e da flexibilidade dos atores, será obtida a decisão mais acertada, que todos apoiarão mais adiante. Em todo caso, e sempre que seja possível, a decisão deverá caber à Assembleia de Tropa.





Uma vez que se alcance um consenso em torno de uma política flexível, de acordo com os critérios anteriores, recomendamos que, nos casos específicos que se apresentem a partir desse ponto, seja observado o critério enunciado no princípio da análise do tema, isto é, respeitar a composição natural que tenha ou que deseje ter o grupo informal de amigos.



Recomendamos evitar que o evento de decisão de uma patrulha ser mista ou homogênea rompa o dinamismo natural do pequeno grupo ou afete sua coesão interna e, por conseguinte, o processo de sua transformação em comunidade de aprendizagem. Este deve ser um processo natural: se uma jovem que ingressa na Tropa se interessa por integrar uma patrulha “só de meninos” (ou vice-versa), a ação do escotista deve ser ajudar a patrulha a se questionar - “Por que não?”



Se a Tropa tem patrulhas mistas ou se é uma Tropa mista com patrulhas homogêneas, recomendamos considerar com toda atenção outros requisitos estabelecidos no capítulo 6 deste Manual.







Os elementos  
do Método  
Escoteiro:

4

A VIDA  
DE GRUPO





# SUMÁRIO

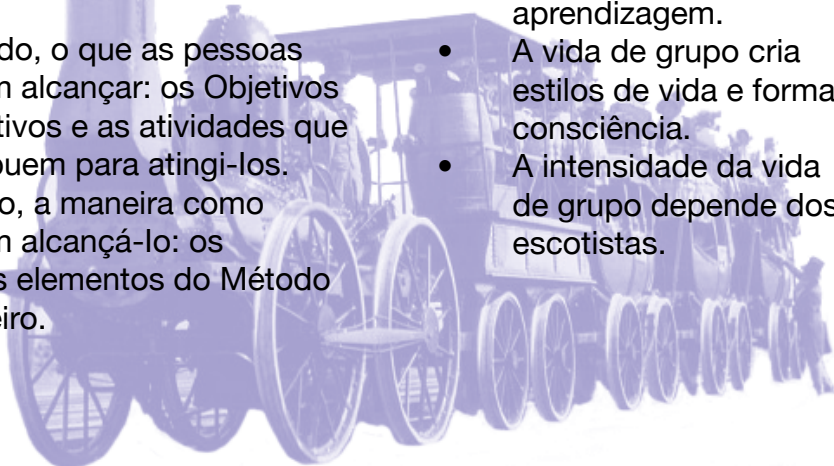
---

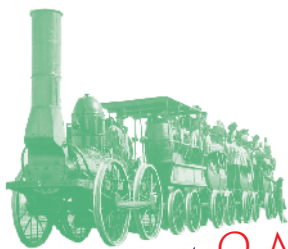
## OS ELEMENTOS DO MÉTODO ESCOTEIRO

- O Método Escoteiro é parte essencial do sistema educativo escoteiro.
- Ele opera como um todo.
- Primeiro, as pessoas: os jovens, os escotistas e a qualidade da relação entre eles.
- Segundo, o que as pessoas querem alcançar: os Objetivos Educativos e as atividades que contribuem para atingi-los.
- Terceiro, a maneira como querem alcançá-lo: os demais elementos do Método Escoteiro.

## A VIDA DE GRUPO

- A vida de grupo é o resultado da aplicação do Método Escoteiro.
- A vida de grupo determina a permanência dos jovens.
- A vida de grupo facilita a criação de um campo de aprendizagem.
- A vida de grupo cria estilos de vida e forma a consciência.
- A intensidade da vida de grupo depende dos escotistas.





# OS ELEMENTOS DO MÉTODO ESCOTEIRO



## O MÉTODO ESCOTEIRO É PARTE ESSENCIAL DO SISTEMA EDUCATIVO ESCOTEIRO

Os 5 pontos do Método Escoteiro são:

- a) **Aceitação da Promessa e da Lei Escoteira:** Todos os membros assumem, voluntariamente, um compromisso de vivência da Promessa e da Lei Escoteira.
- b) **Aprender fazendo:** Educando pela ação, o Escotismo valoriza: o aprendizado pela prática; o treinamento para a autonomia, baseado na autoconfiança e iniciativa; os hábitos de observação, indução e dedução.
- c) **Vida em equipe, denominada nas Tropas como “Sistema de Patrulhas”, incluindo:** a descoberta e a aceitação progressiva de responsabilidade; a disciplina assumida voluntariamente; a capacidade tanto para cooperar como para liderar.
- d) **Atividades progressivas, atraentes e variadas, compreendendo:** jogos; habilidade e técnicas úteis, estimuladas por um sistema de distintivos; vida ao ar livre e em contato com a natureza; interação com a Comunidade; mística e ambiente fraterno.
- e) **Desenvolvimento pessoal com orientação individual, considerando:** a realidade e o ponto de vista dos jovens; a confiança nas potencialidades de cada jovem; o exemplo pessoal do adulto; Seções com número limitado de jovens e faixa etária própria.

**O Método Escoteiro pode ser definido como um sistema de autoeducação progressiva, que complementa o trabalho da família e da escola, e que se baseia na interação de vários elementos, entre os quais se destacam:**

- um sistema progressivo de Objetivos, Competências e atividades;
- a presença estimulante do adulto;
- a aprendizagem pela ação;
- a adesão à Lei e à Promessa;
- o Marco Simbólico;
- o Sistema de Patrulhas;
- a aprendizagem por meio do serviço;
- a vida em contato com a natureza;
- a aprendizagem por meio do jogo.

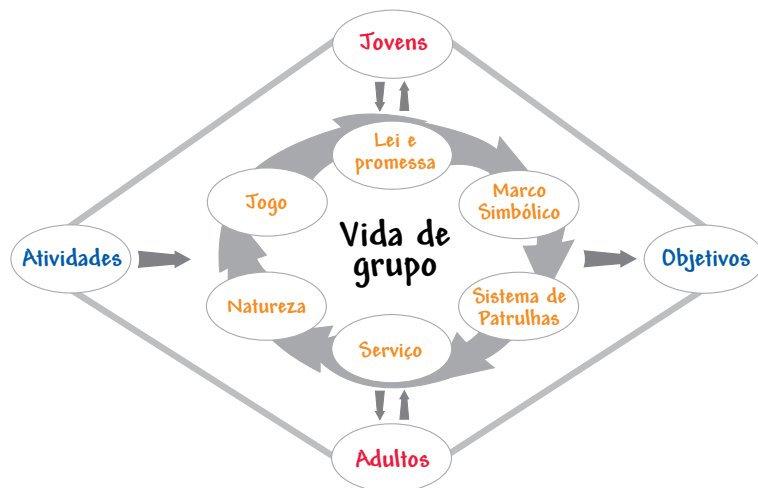


**Embora esses elementos existam isoladamente, é preciso compreendê-los em conjunto, apreciar sua interconexão e os processos segundo os quais eles operam, para que se possa entender o Método Escoteiro.**

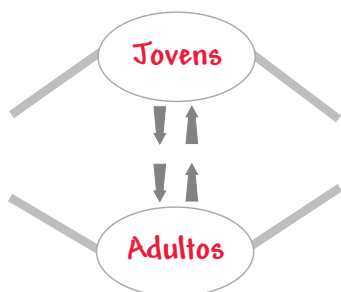
Normalmente, estes elementos são analisados de maneira isolada e fragmentada e a legislação escoteira nacional, quando os apresenta como parte dos “fundamentos”, os agrupa de maneira didática. Prosseguindo na leitura o leitor vai encontrar uma forma diferente de referir-se ao Método, e verificará que essa maneira de apresentá-los não agride a legislação, uma vez que estão presentes todos os elementos que ela menciona, detalhados de forma um pouco menos “rígida”.

Como qualquer outro sistema, o Método Escoteiro possui certa complexidade dinâmica, mas, quando entendem os vínculos entre as partes, os escotistas se familiarizam progressivamente com esse dinamismo e o incorporam a sua forma de agir.

No gráfico apresentado em seguida, os elementos do Método Escoteiro podem ser observados como um todo. Destacam-se três grupos de componentes, assim como o produto final que resulta da articulação entre eles:



### PRIMEIRO, AS PESSOAS: OS JOVENS, OS ESCOTISTAS E A QUALIDADE DA RELAÇÃO ENTRE ELAS



No vértice superior da figura, situam-se os jovens; no inferior, em uma linha de mútua relação com os jovens, situam-se os escotistas, adultos ou jovens adultos.





### Isto representa:



A atenção central que o Método Escoteiro concede aos interesses e necessidades educativas dos jovens.



A presença estimulante do adulto, representada pelos escotistas - adultos e jovens adultos - que, no gráfico, se situam na parte inferior, simbolizando dessa maneira sua atitude de apoio educativo, e não de superioridade hierárquica.



A contribuição dos jovens à vida de grupo, seja individualmente, seja por meio de suas patrulhas.

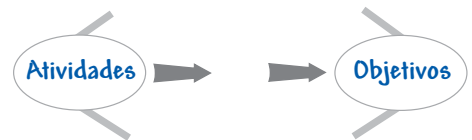


A relação interativa, de colaboração educativa e de aprendizagem mútua, existente entre jovens e escotistas.

### SEGUNDO, O QUE AS PESSOAS QUEREM ALCANÇAR: OS OBJETIVOS EDUCATIVOS E AS ATIVIDADES QUE CONTRIBUEM PARA ATINGI-LOS



Nos vértices laterais, se situam as atividades os objetivos de desenvolvimento pessoal dos jovens, em uma linha de relação que vai das atividades aos Objetivos e Competências.



### Isto significa:



Que tudo acontece, nas patrulhas e na Tropa Escoteira, mediante a realização de atividades que enfatizam a descoberta, de acordo com o conceito de aprendizagem pela ação.



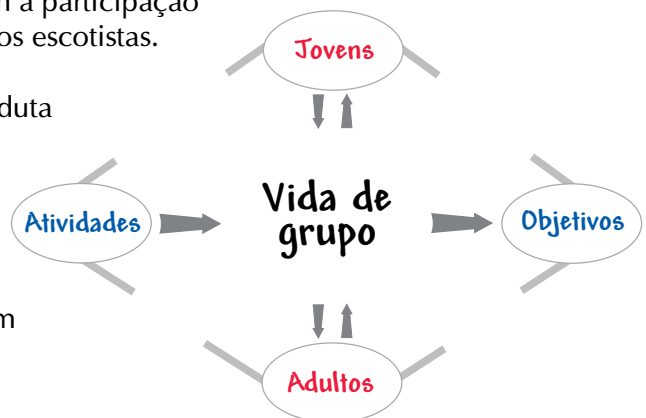
Que se propõe aos jovens que conquistem Objetivos Educativos e Competências adequados a sua idade.



Que as atividades permitem ao jovem vivenciar experiências pessoais cuja sequência progressiva e paulatina conduz à conquista desses Objetivos e Competências e objetivos, com a participação mediadora de seus amigos e dos escotistas.



A Lei Escoteira, código de conduta que expressa e propõe, em linguagem compreensível para os jovens, os princípios que nos guiam; e a Promessa, compromisso voluntário e pessoal de viver de acordo com a Lei Escoteira.





## TERCEIRO, A MANEIRA COMO QUEREM ALCANÇÁ-LO: OS DEMAIS ELEMENTOS DO MÉTODO ESCOTEIRO

No interior da figura, em um círculo em contínuo movimento, estão os outros elementos do Método Escoteiro.



O Marco Simbólico, representado na Tropa Escoteira pela aventura de “Explorar novos territórios em companhia de um grupo de amigos”.



O Sistema de Patrulhas, que organiza o dinamismo do grupo informal de amigos para convertê-lo em comunidade de aprendizagem.



A vida dedicada ao serviço, estimulada pelo hábito das boas ações individuais e integrada pelas atividades e projetos que aproximam os jovens daqueles que mais necessitam, gerando uma disposição permanente para servir.

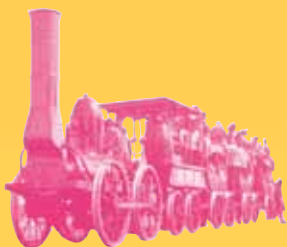


A vida em contato com a natureza, meio privilegiado em que se realiza grande parte das atividades das patrulhas e da Tropa Escoteira.



A educação por meio do jogo, que atrai os jovens, facilita sua integração com os demais, permite o conhecimento de suas aptidões e motiva o interesse por explorar, aventurar-se e descobrir.





# A VIDA DE GRUPO

---

A VIDA DE GRUPO É O RESULTADO   
DA APLICAÇÃO DO MÉTODO ESCOTEIRO

Um importante resultado da aplicação integral do Método Escoteiro é a criação, na Tropa Escoteira e nas patrulhas, de um ambiente especial, uma atmosfera que denominamos como vida de grupo.

A riqueza da convivência nas patrulhas, a atitude acolhedora dos escotistas, a atração das atividades que são realizadas, o desafio representado pelos objetivos pessoais, os valores da Lei e as normas espontâneas que regem a vida em comum, o compromisso decorrente da Promessa, o senso de propósito fornecido pelo Marco Simbólico, a atração da vida ao ar livre, a alegria que se extrai do serviço ao próximo, os mecanismos democráticos adotados para a tomada de decisões, o senso de pertencer alimentado pelos símbolos, o significado das comemorações, os jogos, o canto, tudo o que acontece, enfim, como resultado da aplicação articulada do Método Escoteiro, vai construindo progressivamente essa atmosfera especial.







## A VIDA DE GRUPO DETERMINA A PERMANÊNCIA DOS JOVENS

É a vida de grupo que determina o fascínio que o Movimento Escoteiro exerce sobre os jovens. É tão forte essa atmosfera que quem ingressa na Tropa Escoteira logo percebe que está adentrando um espaço diferente que vale a pena aproveitar. Esta percepção é essencial para a permanência dos jovens. A riqueza da vida de grupo faz com que eles coloquem sua participação no Movimento acima de qualquer outra possibilidade. Se a vida de grupo é rica, todas as possibilidades do Sistema de Patrulhas poderão ser exploradas, os jovens desenvolverão poderosas identificações com a proposta e nunca lhes passará pela cabeça a ideia de abandonar a Tropa Escoteira.

## A VIDA DE GRUPO FACILITA A CRIAÇÃO DE UM CAMPO DE APRENDIZAGEM



Nenhuma atividade leva à conquista de Competências e Objetivos Educativos por si mesma, mas só quando aplicada em conjunto com todos os elementos do Método Escoteiro. Foi por isso que, ao falarmos da aprendizagem na patrulha, dissemos que os espaços da Tropa Escoteira não estão vazios, mas preenchidos por um tecido invisível de comportamentos e diálogos que facilitam a aprendizagem. Este campo de aprendizagem é parte da vida de grupo, que reúne, entrelaça e harmoniza todos os elementos do Método Escoteiro.





O campo de aprendizagem permite aprender pela vivência, sem aulas ou palestras, sem provas nem memorizações, sem prêmios nem castigos, sem autoritarismos, com a amável participação de escotistas que “acompanham” o processo de desenvolvimento.



## A VIDA DE GRUPO CRIA ESTILOS DE VIDA E FORMA A CONSCIÊNCIA MORAL

A vida de grupo, além de ser um ambiente acolhedor e participativo que permite aos adolescentes expressar seus dinamismos, explorar novos mundos e exercitar seu gosto pelo descobrimento e pela aventura, os ajuda a construir sua própria personalidade, em comunhão com um grupo de amigos que experimentam seus mesmos sonhos e angústias, acompanhados por adultos que encarnam os valores da Lei.

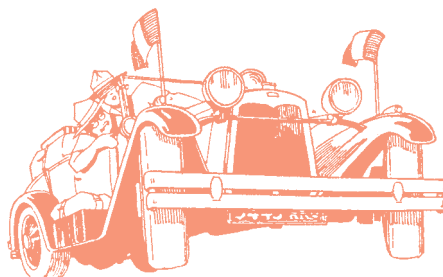
Nesta atmosfera, se desenvolve a consciência moral e se constrói uma escala de valores de natureza pessoal.

**A consciência moral é uma faculdade tipicamente humana, que permite ao jovem reconhecer o bem e o mal e que implica a percepção de normas e valores que guiam suas ações e que são dignas de orientar seu futuro projeto de vida. A atmosfera da Tropa Escoteira facilita aos jovens a identificação desses valores, evita que permaneçam indiferentes diante deles e permite que façam sua opção por aqueles que se destacam por sua relevância.**

**Ao mesmo tempo, os jovens aprendem a dar a cada “valor” a importância que merece, estabelecendo progressivamente, de maneira implícita, uma hierarquia de valores que definirá seu projeto de vida. A produtividade, por exemplo, como valor tecnicamente útil, não é o mesmo que o direito a um salário justo, que constitui um valor ético ou que o respeito pela vida, que é um valor transcendental. Não podemos esquecer que a qualidade da educação é determinada pela dignidade, pela profundidade e pela extensão dos valores que sejamos capazes de despertar e atualizar.**

**A originalidade educativa do Movimento Escoteiro consiste em levar o jovem a aderir a esses valores como parte de um processo que está efetivamente ocorrendo e no qual o jovem é o protagonista.**

**Mergulhados nessa atmosfera, os jovens vivem os valores com progressiva ampliação de sua consciência, sem que nem ao menos seja necessário propô-lo. É muito mais do que uma adesão intelectual ou afetiva. É um estilo de vida que se incorpora, isto é, que “se internaliza”, orientando sua personalidade de maneira duradoura.**





## A INTENSIDADE DA VIDA DE GRUPO DEPENDE DOS ESCOTISTAS

Já dissemos que a atmosfera que constitui a vida de grupo é alcançada aplicando integralmente, na Tropa, o Método Escoteiro. Aplicar o Método e zelar para que tal aplicação se oriente pela missão do Escotismo é uma tarefa que cabe aos escotistas. Em consequência, a qualidade e a riqueza da vida de grupo dependem deles. Esta é uma de suas principais responsabilidades.





# 5<sup>A</sup> Tropa Escoteira







# SUMÁRIO

---

## NATUREZA DA TROPA ESCOTEIRA

- A Tropa Escoteira é o respaldo do Sistema de Patrulhas.
  - A Tropa Escoteira é sentinela da missão.
  - A Tropa Escoteira é uma comunidade que caminha em direção a uma visão compartilhada.
  - A Tropa Escoteira é o espaço em que as patrulhas interagem.
- A Tropa Escoteira é composta, idealmente, de 4 patrulhas e 32 jovens.
  - Jovens de 11 a 14 anos, dependendo dos ritmos individuais de desenvolvimento.
  - As Tropas podem ser masculinas, femininas ou mistas.

## ESTRUTURA DA TROPA ESCOTEIRA

- Além das patrulhas, existem na Tropa três instâncias ou componentes.
- A Assembleia de Tropa estabelece normas de convivência e decide quanto aos objetivos e atividades da Tropa.
- A Corte de Honra coordena as atividades e promove a capacitação.
- A equipe de escotistas fornece orientação educativa, apoia e avalia.

## IDENTIDADE DA TROPA ESCOTEIRA



- A designação dos jovens
- A identificação da Tropa
- O traje ou uniforme escoteiro
- A flor de lis
- O lenço
- Os distintivos
- A saudação
- Uma cor
- O livro da Tropa



# NATUREZA DA TROPA ESCOTEIRA



## A TROPA ESCOTEIRA É O RESPALDO DO SISTEMA DE PATRULHAS

O Método Escoteiro é um método de educação que confia nos jovens e crê em sua autoeducação. No Ramo Escoteiro esta confiança se manifesta pela aplicação do Sistema de Patrulhas, isto é, a adoção de um sistema que favorece o dinamismo de grupos de amigos para que funcionem como comunidades de aprendizagem.

Então, por que criar uma Seção, a Tropa Escoteira, em lugar de deixar que as patrulhas atuem por sua própria conta?



Porque, para cumprir seu duplo papel - grupo de amigos e comunidade de aprendizagem, uma patrulha precisa de um mínimo de organização que lhe dê respaldo.



Porque as patrulhas necessitam de um espaço onde possam interagir com outras patrulhas que lhes sirvam como modelo e termo de comparação para avaliação de seu próprio rendimento.



Porque os líderes dos pequenos grupos precisam de um ambiente onde possam aprender liderança.



Porque o Método pressupõe um espaço onde se faça sentir a presença estimulante do adulto sem que este interfira "dentro" da patrulha.



Porque as patrulhas têm necessidade de um território seguro onde possam atuar, reduzindo ao mínimo os riscos eventuais do sistema.

**Resumindo: a primeira razão para a existência de uma Tropa Escoteira é zelar pelo livre e completo funcionamento do Sistema de Patrulhas. Este aparente paradoxo é solucionado ao se definir a função de cada elemento: a Patrulha é a comunidade de aprendizagem e a Tropa é a organização que lhe dá respaldo.**

No cumprimento de sua função, a Tropa deve estar atenta e se conservar dentro do papel que lhe cabe, sem invadir o campo de atuação das patrulhas ou criar condições que as inibam, limitem ou anulem, direta ou indiretamente.



## É PELA TROPA ESCOTEIRA QUE A MISSÃO DO ESCOTISMO É MATERIALIZADA



A missão, que é a razão de ser do Escotismo, inclui o seu propósito, é comum a todos os escoteiros do mundo e se expressa no Projeto Educativo.

A 35ª Conferência Escoteira Mundial, reunida em Durban, na África do Sul, em julho de 1999, estabeleceu que, mediante um sistema de valores baseado em princípios espirituais, sociais e pessoais, que se expressam na Lei e na Promessa, nossa missão é contribuir para a educação dos jovens para que participem da construção de um mundo melhor, onde as pessoas se desenvolvam plenamente e desempenhem um papel construtivo na sociedade. Esta missão se cumpre aplicando o Método Escoteiro, que converte o jovem em principal agente de seu desenvolvimento, de modo a chegar a ser uma pessoa autônoma, solidária, responsável e comprometida.

**A missão vincula e compromete a todos nós que participamos do Movimento Escoteiro, assim como suas estruturas locais, regionais, nacionais ou mundiais. Mas a forma específica como a missão alcança os jovens de 11 a 14 anos é por meio da Tropa Escoteira, espaço onde se aplicam todos os elementos do Método Escoteiro, de forma completa e equilibrada: isto é, onde os jovens experimentam essa atmosfera que denominamos vida de grupo.**



A missão também chega às patrulhas, mas não são os jovens os que devem zelar para que o barco se mantenha no rumo certo. Eles estão interessados, principalmente, na aventura de “explorar novos territórios com um grupo de amigos” e seria muito estranho se os jovens tivessem ingressado no Movimento Escoteiro “para que fossem educados”. Sua aprendizagem resulta da vida de grupo e a manutenção da vida de grupo é uma responsabilidade da Tropa Escoteira - patrulhas, Monitores e escotistas.





## A TROPA ESCOTEIRA É UMA COMUNIDADE QUE CAMINHA EM DIREÇÃO A UMA VISÃO COMPARTILHADA

A visão, que responde à pergunta “para onde vamos?”, é a imagem que a Tropa Escoteira tem de seu próprio futuro. Normalmente, a visão se concretiza em um ou vários objetivos anuais que, por proposta da Tropa, aparecem no planejamento anual do Grupo Escoteiro a que ele pertence.

Constitui uma proposta de visão algo como “este ano, vamos construir nossos cantos de patrulha”, “nossa taxa de evasão vai se reduzir para 10%, no máximo”, “vamos passar 20 noites em acampamento, sempre com programação mais bem preparada”, “vamos participar de todas as atividades regionais e nacionais incluídas no calendário”, “a instituição patrocinadora vai nos considerar seu melhor investimento na área de educação”, “durante o ano nosso efetivo vai crescer em 50%”, “todas as patrulhas contarão com equipamento de acampamento completo”, etc. Ou seja, as propostas dependerão do nível de desenvolvimento da Tropa, de suas expectativas para o futuro e da ideia que seus integrantes fazem de sua capacidade para transformá-las em realidade.

Para que seja eficaz, a visão deve ser compartilhada entre todos. Isto é, os membros da Tropa, escotistas e jovens, a constroem em conjunto e, por isso mesmo, se sentem comprometidos com ela.

Uma visão compartilhada é mais do que uma ideia. É uma força de impressionante poder na mente de todos os membros da Tropa. Pode surgir como uma ideia mas, se for convincente a ponto de empolgar a todos, deixa de ser uma abstração, se torna palpável e logo começa a ser percebida como uma força visível. Cria uma sensação de compromisso comum que impregna toda a Tropa e, por mais diferenciada que sejam as atividades das patrulhas, dá coerência a tudo o que se faz.



## A TROPA ESCOTEIRA É O ESPAÇO EM QUE AS PATRULHAS INTERAGEM



Quando falamos da patrulha, dissemos que ela interage com

outros grupos semelhantes. A Tropa Escoteira é o espaço em que se desenvolve esta interação. Ela se realiza de maneira natural e espontânea, por meio de todos os componentes da vida de grupo, mas se acentua em algumas situações específicas:

- Nas atividades variáveis comuns a toda a Tropa, seja porque todas as patrulhas decidiram realizar a mesma atividade ao mesmo tempo, seja porque assumiram tarefas específicas dentro de uma atividade que envolve a todas. As atividades da Tropa devem ter uma frequência tal que não interfiram nas atividades de patrulha, que são prioritárias;
- Nos projetos, nos quais as patrulhas assumem tarefas diferentes dentro de um conjunto de atividades que resultam numa iniciativa de maior amplitude;
- Nos acampamentos, jogos, fogos de conselho, competições e demais atividades fixas, em cuja preparação as patrulhas assumem responsabilidades diferenciadas;
- Na Corte de Honra, onde se conciliam os interesses distintos das patrulhas, representadas por seus Monitores e, se for o caso, Submonitores;
- Na Assembleia de Tropa, onde todos os integrantes das patrulhas exercem o direito de opinar e decidir.



## Esta interação permite que as patrulhas:



Aprendam umas com as outras;



Avaliem seu próprio rendimento e procurem se superar;



Experimentem as vantagens da cooperação, da solidariedade e do trabalho em equipe;



Assimilem a vida democrática, tomando decisões, assumindo responsabilidades que resultam dessas decisões e respeitando a opinião da maioria;



Exercitem habilidades sociais em uma espécie de espaço virtual, com fronteiras limitadas, onde é possível ensaiar e cometer erros sem grandes riscos nem consequências irreversíveis;



## A TROPA ESCOTEIRA É COMPOSTA, IDEALMENTE, DE 4 PATRULHAS E 32 JOVENS



**A experiência já demonstrou que uma Tropa composta por 4 patrulhas tem o tamanho ideal para favorecer as possibilidades de interação e tornar as atividades mais atraentes. Já em uma Tropa que exista só com 2 patrulhas a interação se reduz ao mínimo, e as atividades se tornam menos atraentes; com mais de 5 patrulhas, surgem dificuldades de organização e se dilui o apoio personalizado que os escotistas podem dar aos Monitores e Submonitores e aos jovens cujo desenvolvimento acompanham.**

Tomando por base o tamanho recomendado para as patrulhas, tem-se que o efetivo da Tropa oscila entre 20 e 32 jovens. Esses números, entretanto, têm um caráter secundário, já que o essencial é que as patrulhas sejam formadas por grupos de amigos, independentemente de seu número. Não se pode esquecer que uma Tropa é uma federação de patrulhas diferentes entre si, mas coerentes a respeito de si mesmas.

Não é conveniente incorporar a uma Tropa um número de patrulhas superior àquele que pode ser atendido pelo número de escotistas disponível. As Tropas Escoteiras “gigantes”, que dão a sensação de poder e de uma enorme capacidade de mobilização, não são nada recomendáveis, pois se perde toda e qualquer possibilidade de realizar um trabalho personalizado. Uma vez que se conte com mais do que 4 patrulhas e, dependendo das características do Grupo Escoteiro, o mais adequado, provavelmente, é constituir duas Tropas Escoteiras, cada uma com 3 patrulhas. Obviamente, isto desencadeia a necessidade de captar e capacitar escotistas em número suficiente para assegurar a todos os jovens um atendimento personalizado.



## JOVENS DE 11 A 14 ANOS, DEPENDENDO DOS RITMOS INDIVIDUAIS DE DESENVOLVIMENTO



A Tropa Escoteira agrupa patrulhas compostas por jovens de 11 a 14 anos, ciclo de desenvolvimento que corresponde à primeira etapa da adolescência, com características juvenis comuns que permitem diferenciá-la do período anterior e do seguinte. Em seu interior, distinguimos duas faixas etárias diferentes: de 11 a 12 e de 13 a 14 anos. Como já destacamos, essas faixas etárias determinam duas colunas diferentes de objetivos e competências em todas as áreas de desenvolvimento e que devem ser propostos aos jovens, como veremos mais adiante.



As faixas etárias têm um caráter genérico e não de rígidos limites de idade, pois cada jovem tem seu próprio ritmo de desenvolvimento, regulado pelos mais diversos fatores. Por isso, o ingresso e a permanência do jovem em uma patrulha, assim como sua passagem de uma etapa de progressão para a seguinte, dependerão muito mais de seu grau de desenvolvimento do que de sua idade. E isto será avaliado, em cada caso, pelo próprio jovem, com a ajuda da patrulha e do escotista que acompanha seu desenvolvimento.

Isto significa que não é pelo fato de ter completado 11 anos que o jovem está em condições de ingressar numa patrulha. Pode ser que o ingresso se dê alguns meses antes, principalmente no caso das meninas, que costumam entrar na puberdade com uma antecipação de um ou dois anos, quando em comparação com os meninos. De qualquer modo, não se deve incorporar crianças com menos de 10 anos a uma patrulha, pois o tipo de atividades e o método utilizado não são adequados para crianças tão novas. O ingresso também pode ser recomendado só depois dos 11 anos, em casos especiais de crianças que mostram um ritmo mais lento de desenvolvimento.

Em qualquer caso, o grau de maturidade opera como um requisito, mas o ingresso e a permanência dependerão, sempre, da amizade e da aceitação pela patrulha.

Da mesma maneira, os jovens não saem de sua patrulha no dia em que completam 15 anos, mas no momento em que começam a manifestar inquietações e interesses que encontram uma resposta mais adequada no Ramo seguinte. Naturalmente, os jovens emitirão sinais de seu desejo de mudar de Ramo e os escotistas devem aprender a identificá-los oportunamente.

Mas, um alerta: adiantar ou atrasar o ingresso ou a permanência de um jovem na Seção não pode ser uma decisão baseada em futilidades. Por exemplo: se o jovem não conquistou o distintivo máximo do Ramo no período, retardar sua saída para o Ramo seguinte, com o intuito de dar-lhe mais tempo, é um erro. Todo jovem deve ser estimulado a se desenvolver e para isso estimulamos o “olhar para frente” e não o “lutar pelo que já passou”. Se o “Lis de Ouro” não foi uma meta estimulante entre os 11 e 14 anos, aos 15 o “Escoteiro da Pátria” tem de ser a visada, já que o restante do caminho vai ser trilhado no Ramo Sênior.

## AS TROPAS PODEM SER MASCULINAS, FEMININAS OU MISTAS



Ao falar do Sistema de Patrulhas, dissemos que, em alguns casos, as patrulhas poderiam ser mistas, dependendo das características do grupo informal de amigos, das idades dos jovens que a integram, da maior ou menor rapidez com que os jovens façam amizades com pessoas de sexo diferente do seu e das características culturais do ambiente. Também dissemos que o fato de uma patrulha ser mista não deve romper o dinamismo natural do pequeno grupo nem afetar sua coesão interna e, por conseguinte, seu processo de transformação em comunidade de aprendizagem.



Assim como a patrulha, a Tropa Escoteira também pode ser mista, integrada por patrulhas mistas ou por patrulhas paralelas (só de meninos e só de meninas), decisão que deverá depender da Assembleia de Tropa e do respectivo Grupo Escoteiro, atendendo a seus antecedentes históricos, a suas opções educativas e às características culturais da comunidade a que serve.

### Alguns requisitos devem ser atendidos para que uma Tropa Escoteira possa ser mista:

- As patrulhas masculinas, femininas ou mistas devem ser consideradas em igualdade de condições, no que se refere a direitos e deveres, sem discriminações de nenhum tipo;
- Deve haver preocupação de evitar que as atividades reforcem os estereótipos culturais existentes na sociedade, diferenciando entre atividades próprias para mulheres e outras reservadas aos homens. O processo de seleção de atividades proposto no Ciclo de Programa é o melhor antídoto contra essa tendência, pois oferece a cada patrulha a oportunidade de escolher com autonomia aquilo que deseja fazer;
- A Tropa deve educar na diferença, resgatando e ressaltando as diferentes possibilidades de ser homem e de ser mulher, de modo distinto;
- A vida de grupo deve zelar pelo reconhecimento mútuo entre os sexos, respeitando a natureza íntima de cada um;
- A interação entre as patrulhas deve promover a complementaridade entre os sexos;
- A equipe de escotista deve ser mista e é recomendável, embora não seja imprescindível, que o acompanhamento da progressão pessoal seja feito por um escotista do mesmo sexo que o do jovem. Isto permite aos jovens observarem e aprender sobre a cooperação que pode existir em equipes de trabalho mistas e, ao mesmo tempo, identificar-se com modelos de conduta relacionados ao seu próprio sexo.

# ESTRUTURA DA TROPA ESCOTEIRA



ALÉM DAS PATRULHAS, EXISTEM NA TROPA TRÊS INSTÂNCIAS OU COMPONENTES

Estas instâncias são parte da Tropa Escoteira, como organização que dá respaldo ao Sistema de Patrulhas, e não representam uma estrutura de poder nem guardam entre si uma ordem hierárquica:



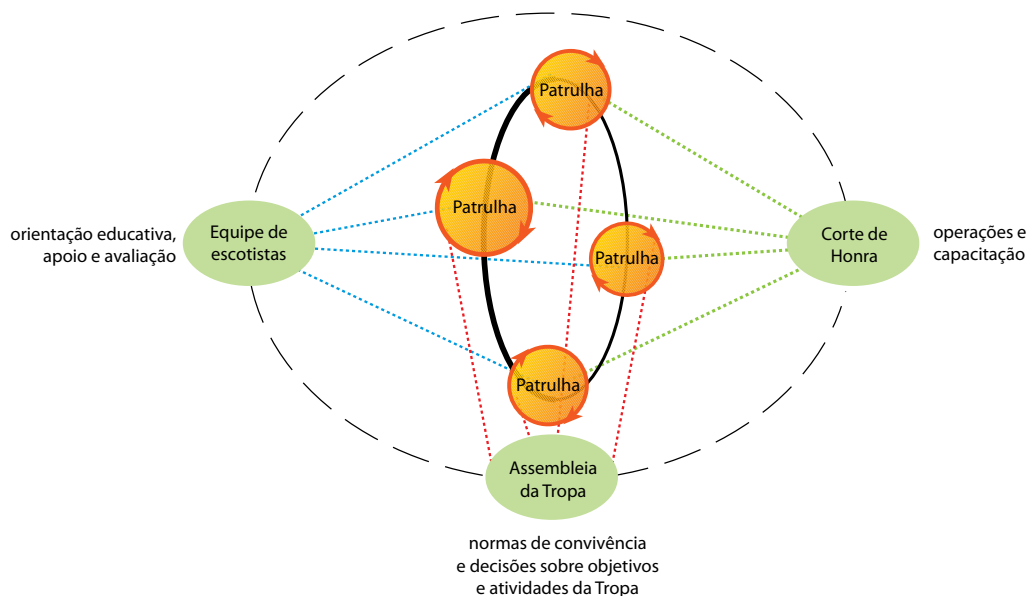
A Assembleia de Tropa



A Corte de Honra



A equipe de escotistas



Como mostra o gráfico, estas instâncias “orbitam” ao redor do Sistema de Patrulhas, como um reforço não interferente, cada uma delas cumprindo uma função distinta.



## A ASSEMBLEIA DE TROPA ESTABELECE NORMAS DE CONVIVÊNCIA E DECIDE QUANTO AOS OBJETIVOS E ATIVIDADES DA TROPA



A Assembleia é integrada por todos os jovens da Tropa, que nela atuam individualmente e não como representantes de suas patrulhas. Ela se reúne normalmente duas vezes em cada Ciclo de Programa ou quando as circunstâncias o exigem. É presidida por um jovem eleito com esta finalidade no momento de sua instalação. Os escotistas participam da Assembleia de Tropa, orientando-a.

Sempre que se faz necessário, na Tropa, o estabelecimento de normas de funcionamento ou de convivência, elas devem se originar da Assembleia de Tropa. Como as normas afetam a todos, todos participam de sua determinação. Este é o principal aporte da Assembleia ao funcionamento do sistema.

Além disso, a Assembleia de Tropa também trata de assuntos que afetam a todos, como:



Determina os objetivos anuais da Tropa (Visão), tal como aparecerão no planejamento anual do Grupo;



Decide quanto às atividades de Tropa que serão realizadas em cada Ciclo de Programa e aprova o calendário de atividades, uma vez que tenham sido organizadas pela Corte de Honra.



# A CORTE DE HONRA COORDENA AS ATIVIDADES E PROMOVE A CAPACITAÇÃO



A Corte de Honra, presidida por um dos seus membros juvenis, é formada pelos Monitores das patrulhas, com ou sem a participação dos Submonitores, e se reúne com a equipe de escotistas da Tropa. As reuniões devem ocorrer pelo menos uma vez por mês.

A Corte de Honra cumpre uma dupla função: é um órgão de governo e uma instância de aprendizagem para Monitores e Submonitores. Por meio de seus representantes, todas as patrulhas participam do processo de tomada de decisões relativas à ação comum. Para que esta representação funcione de maneira efetiva, as patrulhas devem conhecer com antecedência os temas que serão discutidos em cada reunião da Corte de Honra, para que possam formar sua opinião sobre cada um deles. Qualquer que tenha sido sua opinião, todos os membros da Tropa são solidários com as decisões adotadas pela Corte de Honra.

**Como instância que coordena as atividades, a Corte de Honra se ocupa, de um modo geral, com todos os aspectos que têm relação com a interação entre as patrulhas, que compreendem certas funções críticas, como:**



- Preparar o diagnóstico para cada Ciclo de Programa e pré-selecionar as atividades de Tropa;
- Organizar em um calendário as atividades de Tropa selecionadas pela Assembleia e colaborar em seu projeto e preparação;
- Avaliar as atividades realizadas em cada Ciclo de Programa e fixar critérios de avaliação da progressão pessoal dos jovens;
- Opinar sobre a entrega dos distintivos de progressão pessoal junto ao escotista encarregado do acompanhar o desenvolvimento de cada jovem;
- Obter e administrar os recursos necessários para a realização e custeio das atividades programadas;
- Apoiar as patrulhas em seu funcionamento, na integração de novos membros e supervisionar os processos de eleição de Monitores ou, se for o caso, de Submonitores das patrulhas;
- Desenvolver ações para a captação de novas patrulhas<sup>1</sup>, quando necessário;
- Decidir, se for o caso, mediante entendimentos com a Diretoria do Grupo, sobre a adoção de patrulhas mistas ou de Tropa mista com patrulhas paralelas.



### Como instância de aprendizagem, suas principais funções críticas são as seguintes:

- Refletir sobre a vivência da Lei e da Promessa pelos membros da Tropa;
- Capacitar Monitores e Submonitores para o desempenho de suas funções. É preciso lembrar que os escotistas atuam como mediadores educativos, quase sempre por intermédio dos Monitores e Submonitores<sup>2</sup>;
- Prover, por meio dos seus integrantes ou recorrendo a terceiros, a capacitação específica e a informação técnica requerida por certas atividades;
- Captar e orientar instrutores e examinadores de Especialidades que atendam às opções feitas pelos jovens;
- Receber os novos integrantes da Tropa e organizar seu período introdutório;
- Determinar ações de reconhecimento ou de correção, sempre que se fizerem necessárias e apropriadas.

<sup>2</sup> “O escotista exerce sua função por meio dos Monitores” (Baden-Powell, Guia do Chefe Escoteiro, 1919).



## A EQUIPE DE ESCOTISTAS FORNECE ORIENTAÇÃO EDUCATIVA, APOIA E AVALIA



A equipe é constituída por um escotista para cada patrulha que integra a Tropa Escoteira. No caso de uma Tropa com 4 patrulhas, que é o caso mais comum, são necessários 4 escotistas, um dos quais desempenhará o papel de Chefe da Seção, sendo os demais seus Assistentes. A equipe se reúne uma vez por semana, sob a coordenação do Chefe da Seção.

Como equipe ou individualmente, os escotistas atuam, de um modo geral, como mediadores educativos:

- Projetam as condições em que a Tropa deve atuar;
- Zelam, pelo cumprimento da missão e promovem a visão;
- Preocupam-se com a aplicação de todos os elementos do Método Escoteiro, para que exista vida de grupo, e criam as condições para que as patrulhas funcionem como campos de aprendizagem;
- Preparam os antecedentes para as reuniões da Corte de Honra e da Assembleia de Tropa, sem nunca tomar as decisões que deveriam ser tomadas por esses organismos;
- Assumem individualmente a responsabilidade por acompanhar e contribuir na avaliação da progressão pessoal dos integrantes de uma patrulha, na forma como analisaremos mais adiante;
- Preparam as reuniões de pais e/ou responsáveis, destinadas principalmente à discussão do papel educativo destes em relação ao trabalho desenvolvido na Tropa Escoteira.



Segundo suas características pessoais, os escotistas distribuem entre si as tarefas que decorrem dessas funções ou daquelas que lhes cabem como orientadores da Corte de Honra. É conveniente que esta distribuição seja dinâmica e variável, sem estar sujeita a regulamentações rígidas.

**As funções dos escotistas, como líderes educativos, foram analisadas de maneira mais detalhada no capítulo 1.**

**Um dos grandes problemas de todas as Tropas Escoteiras é contar com um número suficiente de escotistas qualificados. Não os encontramos, quase sempre, porque os procuramos em um círculo muito reduzido. Sugerimos ampliar a busca a outros segmentos:**

- Amigos, companheiros e parentes dos membros da equipe de escotistas, motivados pelo exemplo daquele que serve como traço de união entre eles e o Escotismo;
- Antigos escotistas do Grupo que desejam retornar ao Movimento e que estejam dispostos a passar por um período de atualização, para evitar a tendência a fazer as coisas “como se fazia no meu tempo”, o que nem sempre é melhor;
- Pais e parentes de membros juvenis, na maioria das vezes entusiasmados pelos resultados que observam em seus filhos ou parentes mais novos;
- Pessoas vinculadas à instituição patrocinadora, interessadas no sucesso do Grupo como parte do sucesso da instituição como um todo;
- Professores, psicopedagogos e outros profissionais do ensino que atuam nas escolas onde estudam os jovens da Tropa;
- Estudantes universitários ou de cursos técnicos profissionalizantes, especialmente os que se dedicam à área da educação, que se encontram numa etapa da vida em que são bastante suscetíveis, quando devidamente motivados, ao engajamento em serviços de natureza voluntária;
- Pessoas que se dedicam de maneira não-profissional à tarefa em organizações de desenvolvimento social ou comunitário, em organizações não-governamentais ou em instituições de serviço e beneficência, quase sempre sensíveis a um trabalho voltado para a educação de jovens.



**Para ser escotista, uma pessoa não precisa ter sido membro juvenil no Movimento. O processo de formação proporcionado pela UEB, a prática no exercício da função e o apoio dos companheiros da equipe de escotistas ajudam a obter os conhecimentos, a experiência e o desenvolvimento pessoal necessários ao cumprimento dessa tarefa.**



# IDENTIDADE DA TROPA ESCOTEIRA



## A DESIGNAÇÃO DOS JOVENS

Os jovens deste Ramo são “escoteiros” porque, em 1907, quando se iniciou o Movimento, ele se destinava a jovens que eram chamados “escoteiros”<sup>3</sup>, antes mesmo que o Movimento tomasse este nome.

Baden-Powell utilizou a palavra “scout” porque ela designava, de maneira genérica, exploradores, montanhistas, guias mateiros, navegantes, missionários, descobridores, pesquisadores e todos aqueles que “vão na frente” para descobrir caminhos por onde outros possam seguir.

Habitualmente, as Tropas Escoteiras são designadas por um número que identifica a ordem em que elas foram criadas, dentro do Grupo Escoteiro. Nos Grupos que só contam com uma Tropa Escoteira, ela pode ser identificada pelo nome do próprio Grupo. Não existe nenhum mal - ao contrário, pode fazer um enorme bem ao processo de afirmação de sua identidade - que as Tropas Escoteiras tomem um nome vinculado ao Marco Simbólico do Ramo ou qualquer outro que homenageie a uma pessoa de qualidades excepcionais, a um lugar ou a um fato significativo. Uma escolha apropriada e de bom gosto pode ajudar a construir uma história de sucesso, contribuindo para que os jovens se identifiquem ainda mais com a Tropa a que pertencem.

## IDENTIFICAÇÃO DA TROPA



## O TRAJE OU UNIFORME ESCOTEIRO

A maneira como os escoteiros se apresentam diante da comunidade deve acompanhar a evolução dos costumes sociais, sem se descuidar da necessidade de manter, aos olhos do público, uma característica visual que permita a identificação de sua presença.

As normas referentes à composição e ao uso do vestuário escoteiro são estabelecidas em legislação própria da União dos Escoteiros do Brasil, que regula, também, o uso de símbolos e distintivos escoteiros.

## A FLOR DE LIS



Este é um símbolo universal dos escoteiros e tem origem nos mapas antigos, que usavam a flor de lis na rosa dos ventos, para indicar o norte. Nas palavras do próprio fundador, ela representa “o bom caminho que todo escoteiro há de seguir”.

<sup>3</sup> Inicialmente, o Movimento Escoteiro era dedicados apenas a jovens do sexo masculino.







## O LENÇO

É um pedaço triangular de tecido, enrolado sobre si mesmo e usado ao redor do pescoço, preso por um anel. Suas cores e desenhos são objeto de regulamentação própria. O lenço, que nas atividades ao ar livre pode servir a um sem número de utilidades, identifica os escoteiros em todas as partes do mundo.



## OS DISTINTIVOS



A legislação escoteira regula o uso de todos esses símbolos e distintivos, além de outros.

- O brasão do Grupo ou seu numeral, o listel da Região Escoteira e o distintivo “ESCOTEIROS DO BRASIL” demonstram que os membros da Tropa Escoteira fazem parte de uma organização mais ampla;
- O Distintivo de Promessa é usado, em todo o mundo, por todos os que assumiram o compromisso de viver segundo a Lei Escoteira;



- O distintivo da etapa de progressão indica em que ponto de sua caminhada se encontra o jovem, na busca da conquista de seus objetivos pessoais; os distintivos de especialidades dão testemunho das habilidades específicas que o jovem adquiriu em sua vida escoteira;
- O distintivo de atividade, de uso temporário, assinala o evento em que o escoteiro está ou esteve envolvido nos tempos mais recentes.

A ostentação de distintivos não previstos na legislação escoteira, além de contrariar as regras, provoca resultados estéticos bastante duvidosos.



## A SAUDAÇÃO

A saudação se faz com a mão direita, pondo-se o dedo polegar sobre o mínimo e erguendo os demais dedos. Ao mesmo tempo, a mão direita é levantada até a testa, com a palma virada para a frente. No gesto, deve-se evitar qualquer “marcialidade” que possa resultar na atribuição de uma conotação militar a algo que não passa de uma forma simpática de saudar a outros membros de uma fraternidade mundial.

Para a saudação, os escoteiros também se servem do aperto de mão, dado com a mão esquerda. No “Escotismo para Rapazes”, o próprio B-P explica esta tradição, baseada na cultura ashanti. Os guerreiros desta etnia costumavam cumprimentar-se com a mão direita, para não soltar o escudo protetor que levavam na mão esquerda, salvo quando se encontravam com um amigo em quem podiam confiar, permitindo-se largar o escudo e saudá-lo com a mão esquerda, em sinal de que, diante dessa pessoa, não tinham receio de se mostrar desprotegidos.



## UMA COR



Os primeiros distintivos que Baden-Powell mandou confeccionar eram bordados em amarelo sobre fundo verde, e essas cores passaram a ser identificadas como as cores próprias do Movimento Escoteiro. Tendo em vista que o Ramo Escoteiro foi o primeiro a ser criado, reservou para si a cor verde, enquanto o Ramo Lobinho assumiu como sua a cor amarela. Essa tradição se conservou em muitas Tropas ao redor do mundo e muitas delas são identificadas, ainda hoje, por uma bandeira de fundo verde.

## O LIVRO DE TROPA

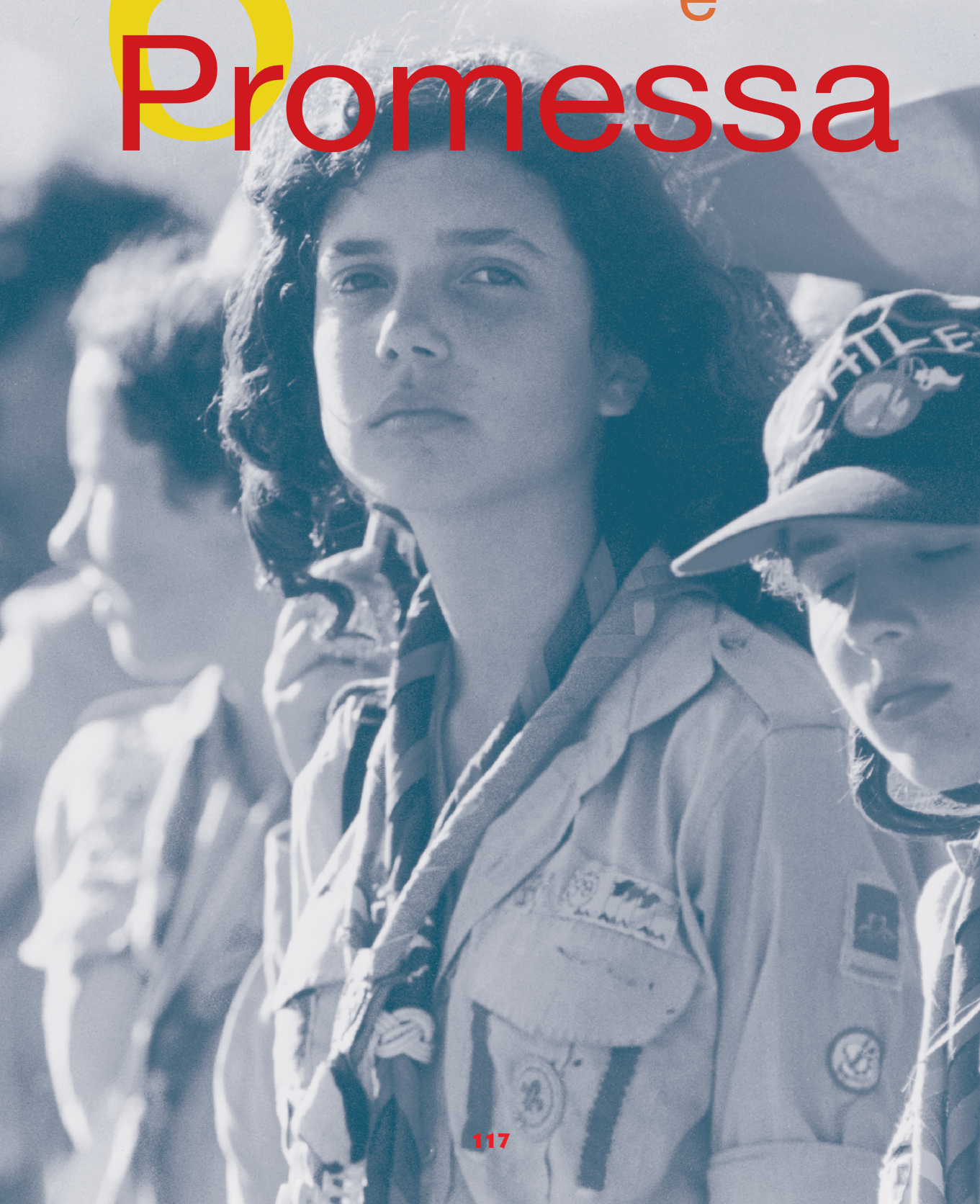


Embora não se trate de um elemento propriamente simbólico, é recomendável que a Tropa mantenha um livro simples em que sejam registradas as decisões tomadas pela Assembleia e pela Corte de Honra. Além de servir como testemunho de tudo aquilo que foi decidido nessas duas instâncias, o livro será uma espécie de histórico da Tropa, contribuindo para a preservação de sua identidade.





# 6 Lei e Promessa







# SUMÁRIO

## O PROJETO EDUCATIVO DO MOVIMENTO ESCOTEIRO

- O Movimento Escoteiro contribui para a educação dos jovens por meio de um sistema de valores. Os valores propostos são um projeto para toda a vida de todos que são escoteiros.

### A LEI ESCOTEIRA

- A lei é um tema central no início da adolescência.
- Só a partir dos 10 ou 11 anos a criança percebe que a norma repousa sobre consentimento mútuo.
- Até os 10 ou 11 anos, a moral é convencional.
- O acesso à autonomia moral se inicia entre os 10 e 11 anos.
- Os jovens aprendem o valor da norma pelo exemplo dos seus modelos e pela experiência da relação com seus pares.
- A Lei Escoteira se torna pessoal como a norma: pelo exemplo dos escotistas, que dão testemunho da Lei, e pela experiência da vida de grupo existente nas patrulhas e na Tropa.
- A Lei Escoteira propõe que se viva de acordo com valores.

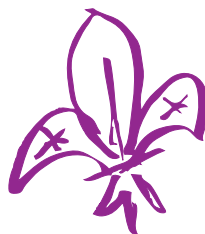
### A PROMESSA

- A Promessa é um compromisso voluntário.
- Pela Promessa, nos comprometemos a fazer o melhor de nós mesmos.
- Nosso primeiro compromisso é com Deus.
- Nos comprometemos com nosso país e com a paz.
- Prometemos que a Lei Escoteira será parte integrante de nossa vida.

### REFLEXÕES SOBRE A LEI ESCOTEIRA

- O escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais do que a própria vida.
- O escoteiro é leal.
- O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.
- O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.
- O escoteiro é cortês.
- O escoteiro é bom para os animais e as plantas.
- O escoteiro é obediente e disciplinado.
- O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.
- O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.
- O escoteiro é limpo de corpo e alma.
- Fazer a Promessa é um momento muito importante na vida do escoteiro.
- Os próprios jovens decidem se estão preparados para se comprometer.
- O lema recorda a Promessa.
- A boa ação é um testemunho do compromisso assumido.
- Pela oração, o escoteiro pede forças para cumprir seu compromisso.

# O PROJETO EDUCATIVO DO MOVIMENTO ESCOTEIRO



## O MOVIMENTO ESCOTEIRO CONTRIBUI PARA A EDUCAÇÃO DOS JOVENS POR MEIO DE UM SISTEMA DE VALORES



A missão do Escotismo é contribuir para a educação dos jovens, para que participem da construção de um mundo melhor, onde as pessoas se desenvolvam plenamente e desempenhem um papel construtivo na sociedade.

Esta missão se cumpre pela aplicação do Método Escoteiro, que transforma o jovem em agente principal do seu desenvolvimento, de modo a chegar a ser uma pessoa autônoma, solidária, responsável e comprometida.

O convite aos jovens para aderir a determinados princípios espirituais, sociais e pessoais é parte essencial do Método. Esses princípios constituem o sistema de valores do Movimento, comum aos escoteiros de todo o mundo, mas que se expressa de maneira diferente nos projetos educativos de cada associação escoteira nacional.

## OS VALORES PROPOSTOS SÃO UM PROJETO PARA TODA A VIDA DE TODOS QUE SÃO ESCOTEIROS



Os princípios constituem uma proposta para ser assumida

individualmente e por todos, representando um desafio para todos os escoteiros. Por meio deles, crianças, jovens e adultos são convidados a ser homens e mulheres em permanente busca de sua plenitude.

Apesar das diferentes formulações nacionais do projeto educativo, as diversas versões expressam, todas, o mesmo sistema de valores. O texto que aparece a seguir proclama os princípios do Movimento Escoteiro usando palavras que lhe dão alguma hierarquia, assim indicando a importância que atribuímos ao ideal que pretendemos alcançar.



DESEJAMOS QUE OS JOVENS QUE TENHAM SIDO ESCOTEIROS FAÇAM O SEU  
MELHOR POSSÍVEL PARA SER:

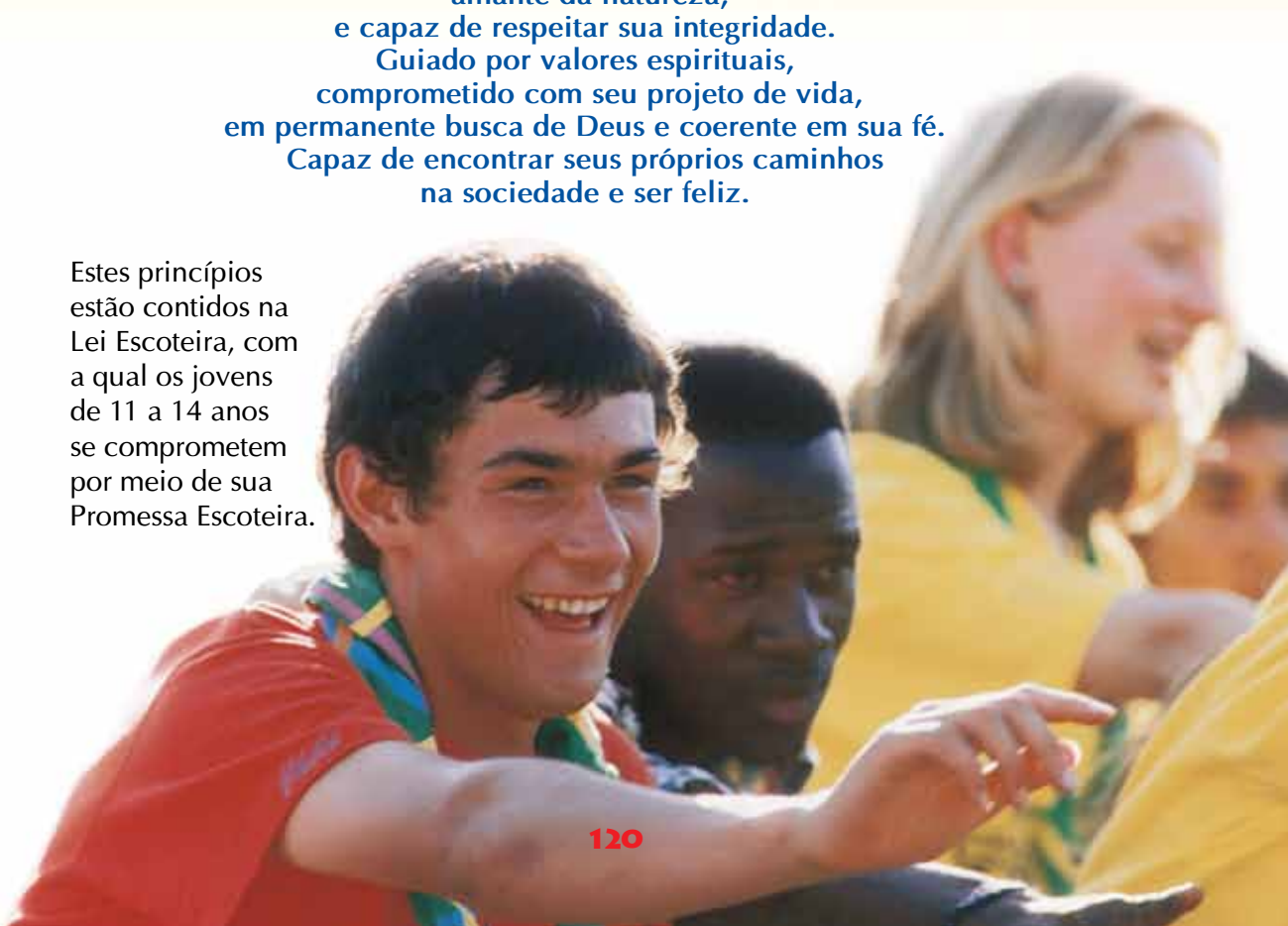
Um homem ou uma mulher  
reto de caráter,  
limpo de pensamento,  
autêntico em sua forma de agir,  
leal, digno de confiança.

Um homem ou uma mulher  
capaz de tomar suas próprias decisões,  
respeitar o ser humano,  
a vida e o trabalho honrado;  
alegre, e capaz de partilhar sua alegria,  
leal ao seu país, mas construtor da paz,  
em harmonia com todos os povos.

Um homem ou uma mulher  
líder a serviço do próximo.  
Integrado ao desenvolvimento da sociedade,  
capaz de dirigir, de acatar leis, de participar,  
consciente de seus direitos, sem se descuidar de seus deveres.  
Forte de caráter, criativo, esperançoso,  
solidário, empreendedor.

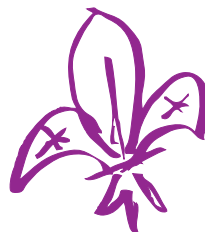
Um homem ou uma mulher  
amante da natureza,  
e capaz de respeitar sua integridade.  
Guiado por valores espirituais,  
comprometido com seu projeto de vida,  
em permanente busca de Deus e coerente em sua fé.  
Capaz de encontrar seus próprios caminhos  
na sociedade e ser feliz.

Estes princípios  
estão contidos na  
Lei Escoteira, com  
a qual os jovens  
de 11 a 14 anos  
se comprometem  
por meio de sua  
Promessa Escoteira.





# A LEI ESCOTEIRA



## A LEI É UM TEMA CENTRAL NO INÍCIO DA ADOLESCÊNCIA

Um dos grandes temas da primeira etapa da adolescência é o da Lei, isto é, a formulação de uma atitude positiva e responsável diante das normas e da construção de valores pessoais.

Em um primeiro momento - sobretudo devido à atitude inicial dos adultos, que se sentem desconcertados diante da nova realidade dos jovens e “reagem” quase sempre com grande rigidez - o adolescente entra em uma fase de indisciplina e questionamento da autoridade dos pais e dos adultos. As normas facilmente aceitas durante a infância são, agora, desafiadas. É uma etapa necessária e decisiva para chegar à autonomia. Mais do que confrontar esses desafios, nós, os educadores, devemos favorecê-los e aprová-los. No Ramo Escoteiro, o Método dedica uma grande atenção a este assunto porque, se o adolescente fracassa na construção de sua autonomia moral, as consequências podem ser dramáticas para seu equilíbrio futuro.

## SÓ A PARTIR DOS 10 OU 11 ANOS A CRIANÇA PERCEBE QUE A NORMA REPOUSA SOBRE O CONSENTIMENTO MÚTUO



**É possível entender a evolução do conceito de lei observando a forma progressiva como as regras do jogo são consideradas e aceitas pelas crianças.**

No jogo, a norma é o resultado do compromisso entre desejos contraditórios: de um lado, o desejo de ganhar, ser o mais forte e se afirmar diante dos demais; do outro, o desejo de continuar jogando “com” os outros. Se eu quero ganhar sempre, acabarei frustrando os demais, que evitarão jogar comigo. Para que o jogo continue, sou obrigado a admitir que os outros também devem ter a oportunidade de ganhar. Devo ser capaz de “me colocar no lugar do outro”, aceitando uma regra que defina de maneira objetiva os direitos e deveres de cada um e que determine como se pode ganhar.

Até os 2 ou 3 anos, a criança não tem nenhum sentido da norma. Utiliza seus brinquedos segundo os caprichos de sua fantasia: joga-os em qualquer direção, os enterra ou abandona, para retomá-los em seguida. Na fase pré-escolar, a criança brinca “em companhia” de outros, mas não brinca “com” os outros, pois ainda não aparece o conceito de regra. Isto se percebe muito bem nos jardins de infância, onde se pode observar crianças “brincando em conjunto”, mas não “brincando umas com as outras”.

A partir dos 5 ou 6 anos (e, até os 9 ou 10) as regras aparecem, mas são consideradas “sagradas”, pois as crianças acreditam que elas foram elaboradas pelos adultos e que elas não podem alterá-las ou substituí-las por outras. Nesta idade, com intensidade que varia na medida em que se cresce, as crianças ainda estão demasiadamente preocupadas com seu desejo de afirmação e são incapazes de se colocar no lugar dos outros, o que os impede de verdadeiramente aceitar uma norma. Elas imitam as regras das crianças maiores, mas não chegam verdadeiramente a respeitá-las. Haverá sempre um jogador que trapaceia, porque é muito forte o desejo de ganhar. Quando isso ocorre, a brincadeira se interrompe, o jogo para, as crianças chegam a um novo acordo e o jogo recomeça, para ser interrompido um pouco adiante, em razão de novas disputas.

A partir dos 7 ou 8 anos, as crianças começam a ser mais capazes de cooperar em um grupo, repartindo responsabilidades para chegar a um objetivo comum, pois começam a reconhecer uma lei. Com relação a ela, a aprendizagem consiste em obedecê-la e pô-la em prática. É por isso que a Lei do Lobinho menciona o “ouvir sempre os Velhos Lobos”. Mas, como ainda não há uma aceitação racional da regra, não pode haver plena cooperação. É por isso que, na Alcateia, a Matilha se destina, basicamente, a facilitar a organização e o controle do grupo, não chegando a assumir o caráter de “comunidade de vida” que atribuímos às patrulhas e, com maior intensidade, às equipes dos Ramos que atendem aos jovens de mais idade.



**A partir dos 10 ou 11 anos, as coisas mudam: aparece a percepção de que a regra repousa sobre um consentimento mútuo. A partir de então, a opinião dos jovens é de que as normas não vêm dos adultos, mas foram inventadas por eles mesmos, que podem modificá-las à vontade, se todos concordam em fazê-lo.**

## ATÉ OS 10 OU 11 ANOS, A MORAL É CONVENCIONAL



Da regra do jogo se pode passar, facilmente, às normas morais. Até os

7 ou 8 anos, as crianças não julgam os atos por seu valor intrínseco. Contentam em rotulá-los a partir de normas culturais: “bom ou mau”, “com razão ou sem razão”. Só por meio do proveito pessoal imediato se consegue que as crianças evitem o castigo e se submetam à autoridade. Eles acreditam, por exemplo, que quanto mais inverossímil, mais grave é uma mentira. Uma traquinagem é tanto maior quanto mais grave é o dano material que ela provoca. A intenção não conta. O castigo é considerado como expiatório: é preciso aplicar ao culpado uma pena que o faça sentir a gravidade de sua falta.

Dos 7 ou 8 anos, até os 10 ou 11, é a etapa da moral convencional. A criança ajusta seu comportamento ao papel que corresponde às expectativas de seus pais ou do grupo social, de acordo com o que percebe que é “ser um bom menino” ou “ser uma boa menina”. A lei e a ordem, o respeito à autoridade, são considerados como absolutos. Por falta de uma experiência social suficientemente rica, ou porque foram submetidos a uma educação muito rígida ou autoritária, alguns adultos permanecem bloqueados neste nível. Usando o gráfico a seguir, poderíamos dizer que eles ficaram parados em comportamentos submissos próprios da infância que, quando adotados por adultos, são considerados comportamentos neuróticos.

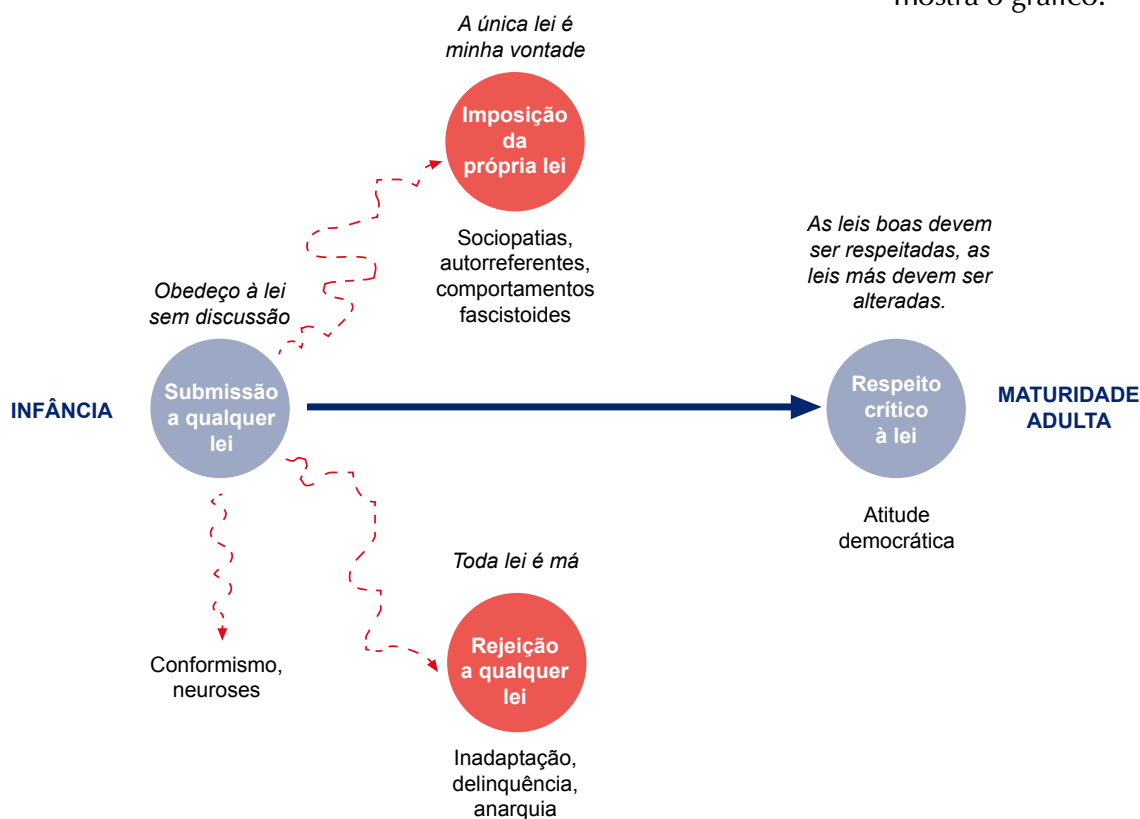
# O ACESSO À AUTONOMIA MORAL SE INICIA ENTRE OS 10 E 11 ANOS



A partir dos 10 ou 11 anos, ao mesmo tempo em que vai se tornando capaz de raciocinar de maneira lógica, a criança chega

pouco a pouco à etapa da autonomia moral. Capaz de avaliar as pessoas pelos seus atos e de conhecer os traços íntimos de seu caráter, passa a perceber seus defeitos e fragilidades e não tem mais uma cega confiança na autoridade. E logo começa a julgar por si mesmo seus próprios atos e os dos outros.

Os princípios morais são aceitos pessoalmente como uma forma de compartilhar deveres e direitos no grupo a que se pertence. Até os 12 anos, a criança aceita as regras como uma espécie de contrato entre os indivíduos. As leis já não são intocáveis e podem ser alteradas por consentimento mútuo. Pouco a pouco, sobretudo lá pelos 15 anos, quando se inicia uma nova fase da adolescência, o jovem chega ao conceito de valores universais: justiça, reciprocidade, igualdade, dignidade. Os princípios morais se ligam a um “ideal social”, mais do que à realidade da sociedade. O “direito” é definido a partir de uma adesão pessoal e consciente aos princípios morais. É, na verdade, o acesso ao conceito “adulto” da lei, que pressupõe um respeito crítico e uma atitude democrática, como mostra o gráfico.





# OS JOVENS APRENDEM O VALOR DA NORMA PELO EXEMPLO DOS SEUS MODELOS E PELA EXPERIÊNCIA DA RELAÇÃO COM SEUS PARES



A evolução não é como um fruto que cai da árvore em razão do próprio peso. Como mostra o gráfico, são muitas as possibilidades de bloqueio ou desvio que podem impedir que o indivíduo chegue realmente à autonomia moral e a uma concepção adulta da Lei. Certas pessoas, postas na situação de educadores, acabam por agravar as dificuldades porque têm, elas próprias, um nível de maturidade insuficiente em relação à lei. Como já dissemos, o autoritarismo e o controle excessivo podem tornar uma pessoa abusivamente submetida a uma atitude de submissão infantil: “obedeço, sem discussão, a qualquer lei e a qualquer autoridade”. Uma atitude de superproteção que reduza a interação social com os pares, pode levar ao mesmo resultado.

É muito comum que o autoritarismo ou a superproteção conduzam os jovens a uma rebelião brutal e à rejeição de todas as leis. Como reação, o adolescente rebelde desafia a tudo, assumindo comportamentos provocadores e experiências de alto risco. Com a convicção de que “toda lei é má”, a pessoa é levada à inadaptação e, até, à delinquência.

Ao contrário, uma atitude demasiadamente permissiva não deixará que o jovem se estruture. Ela o conservará preso a um estado em que os impulsos básicos e o prazer pessoal serão a única “lei”. Pais e professores que, em sua juventude, sofreram uma educação demasiadamente autoritária, tendem a educar seus filhos e alunos em um ambiente em que a atitude central é o “deixar fazer”, o que pode levar a variadas sociopatias autorreferentes e comportamentos de natureza ditatorial.

Para chegar a um nível adulto de “respeito crítico” diante da lei, o célebre psicólogo Jean Piaget distingue dois “motores” que permitirão ao jovem progredir em direção à autonomia moral: por um lado, o respeito unilateral, o respeito dos jovens pelos mais velhos e a influência do adulto sobre o jovem; por outro lado, o respeito mútuo, isto é, a influência recíproca que duas pessoas de igual posição exercem uma sobre a outra. O desenvolvimento harmonioso de um jovem, principalmente durante a adolescência, exige essas duas influências: “modelos” com os quais ele possa se identificar e que prestem testemunho de valores de vida, e a possibilidade de experimentar, no âmbito de um grupo de pares, uma progressão que permita a discussão e a elaboração de normas.



## A LEI ESCOTEIRA SE TORNA PESSOAL COMO A NORMA: PELO EXEMPLO DOS ESCOTISTAS, QUE DÃO TESTEMUNHO DA LEI, E PELA EXPERIÊNCIA DA VIDA DE GRUPO EXISTENTE NAS PATRULHAS E NA TROPA



No Ramo Escoteiro, esses dois motores são essenciais e estão representados pela Lei Escoteira como código de valores, sustentado pelo testemunho e pelo exemplo dos adultos e, além disso, pelo sistema de “autogoverno” proposto pelo Método Escoteiro, com suas pequenas equipes autônomas (as patrulhas), a Corte de Honra (o “poder executivo”) e a Assembleia de Tropa (o “poder legislativo”), onde a vida de grupo será avaliada, para definir e revisar as regras de vida em comum, à luz da Lei Escoteira.

Como disse Piaget, esses dois elementos permitem ao jovem “aprender pela experiência o que é a obediência à regra, o apego ao grupo social e a responsabilidade social”.

Basta acrescentar que a Promessa reforça o processo de experimentação e interiorização dos valores, por meio da vida de grupo. A Promessa Escoteira é uma decisão pessoal por meio da qual o jovem expressa sua adesão a valores descobertos e seu compromisso de “fazer o melhor possível” para vivê-los e aprofundá-los.

## A LEI ESCOTEIRA PROPÕE QUE SE VIVA DE ACORDO COM VALORES



A Lei Escoteira expressa, de forma ordenada, aquela parte dos valores propostos no Projeto Educativo do Movimento Escoteiro que os jovens podem compreender e vivenciar em sua idade.

No entanto, é muito mais do que um ordenamento harmônico. É um código de conduta que se oferece aos jovens para que eles escolham e orientem seu caminho na vida. E, mais ainda, é um convite a que incorporem esses valores a sua própria personalidade. Para que sejam coerentes, as pessoas devem pensar e agir de acordo com seus valores. Só dessa forma se convertem em instrumentos por meio dos quais é possível observar, interpretar e experimentar o mundo.



A Lei Escoteira é uma proposta e não uma imposição. Uma proposta inteiramente positiva, não arbitrária, escrita em uma linguagem próxima à dos jovens e respaldada em razões que nos convidam a adotá-la.

Por meio de sua Promessa Escoteira, cada jovem, no momento em que sente preparado para fazer tal opção, assume compromisso com os valores propostos na Lei e promete incorporá-los a sua vida.

**O escoteiro tem uma só palavra; sua honra vale mais do que a própria vida.**

**O escoteiro é leal.**

**O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.**

**O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.**

**O escoteiro é cortês.**

**O escoteiro é bom para os animais e as plantas.**

**O escoteiro é obediente e disciplinado.**

**O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.**

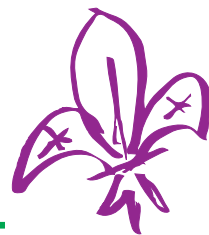
**O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.**

**O escoteiro é limpo de corpo e alma.**





# RELEXÕES SOBRE A LEI ESCOTEIRA



Analisaremos, a seguir, as propostas contidas na Lei Escoteira, muito mais importantes do que o simples enunciado dos seus artigos, o que pode ser de grande utilidade para:

- ampliar sua compreensão sobre a Lei;
- refletir sobre o impacto da Lei na vida pessoal do jovem; e
- motivá-lo a encontrar palavras e imagens mais adequadas para apresentá-la aos jovens de sua Tropa.

O escoteiro é uma pessoa digna de confiança. Uma pessoa é digna de confiança quando seus atos e suas palavras são coerentes com sua vida. O homem ou a mulher em quem se pode confiar diz o que crê e crê naquilo que diz de maneira tal nos permite ver a pessoa tal como ela é.

O ESCOTEIRO TEM UMA  
SÓ PALAVRA; SUA HONRA  
VALE MAIS DO QUE A  
VIDA PRÓPRIA



É a sinceridade, a franqueza, a autenticidade, a coerência, a boa fé. É o oposto da hipocrisia, da mentira, dos comportamentos dúbios, da inconsequência, da má fé.

Para ser digno de confiança, é preciso amar a verdade e ser fiel ao verdadeiro. Trata-se de viver e pensar - na medida do possível - com verdade, ainda que ao preço de angústia e infortúnio. É não mentir aos outros nem a si mesmo. É saber que mais vale uma tristeza autêntica do que uma falsa alegria.

Um verdadeiro escoteiro, homem ou mulher, põe sua honra em merecer confiança. Seu sim é sim e seu não é não. Sua honra não se troca por dinheiro, pela fama, pelo sucesso, pelo poder e por outras condições semelhantes de que se orgulham algumas pessoas.

Toda a honra reside na confiança que os outros nele depositam, porque seus atos são fiéis a suas palavras.





## O ESCOTEIRO É LEAL

Ser leal. A lealdade – ou fidelidade, que é mesma coisa – é a persistência em nossa fé naquilo que é importante. É viver dentro do reconhecimento do permanente, do durável. É a perpetuação sem fim do combate contra o esquecimento ou a transigência. Pela lealdade, nossa consciência reconhece uma história como própria e nossa personalidade se faz estável, firme e constante.

Não se trata de ser fiel a qualquer coisa: isso não seria lealdade, mas rotina, inflexibilidade, evasão ou comodismo. A lealdade depende dos valores a que se é fiel. A fidelidade à futilidade é uma futilidade a mais. Não se troca de amigo como se muda de camisa e seria tão absurdo ser fiel a uma peça de roupa como indesculpável não ser fiel aos amigos.

A lealdade não perdoa tudo: ser leal ao pior é pior que negá-lo. Os criminosos se juram fidelidade mútua na cumplicidade de seu crime, mas sua fidelidade no crime é criminosa, porque fidelidade ao mal é má fidelidade. Ninguém diria, tampouco, que o ressentimento é uma virtude, ainda que a pessoa ressentida seja fiel ao seu ódio.

A lealdade é a crença ativa na constância de nossos valores. É uma consagração consciente, prática e completa a uma causa e, também, aos vínculos estabelecidos com as pessoas, como depositários de valores comuns. É a persistência em nossos atos transcendentes.

Para os escoteiros, as coisas dignas de fidelidade se expressam na síntese de nossa Promessa: o amor a Deus, o serviço ao país, sua terra e sua gente; e o esforço contínuo para viver os valores contidos na Lei Escoteira, tais como a verdade, a solidariedade, a proteção à vida e à natureza, a alegria, a pureza de coração.

Nessa fidelidade se fundamenta nossa identidade pessoal. Nós, os seres humanos, mudamos constantemente e não somos sempre os mesmos, apesar da lealdade que prometemos a nós mesmos, aos outros, ao mundo e a Deus.

Só na lealdade é possível estabelecer um plano de vida, projetando nosso compromisso presente como uma forma de vida que sempre será nossa.



## O ESCOTEIRO ESTÁ SEMPRE ALERTA PARA AJUDAR O PRÓXIMO E PRÁTICA DIARIAMENTE UMA BOA AÇÃO



Servir ao próximo. Homens e mulheres somos, por nossa própria essência, indivíduos em permanente interação com os outros. Nossa vida, de maneira diferente e com diferentes níveis de profundidade, é constantemente transformada pela presença de outros homens e mulheres, da mesma forma como nossos atos impactam a vida de todos aqueles com quem convivemos.

Viver em sociedade é muito mais do que coexistir, é um convite a conviver de maneira construtiva, desenvolvendo o melhor do nosso esforço para construir nossa felicidade e para ajudar os outros na construção de sua própria felicidade.

Nós, os escoteiros, acreditamos que o convite a compartilhar com os outros se manifesta de forma plena no serviço ao próximo. Cremos que servir é olhar com atenção e respeito para o ser humano, é descobrir e aceitar o outro tal como ele é, pondo-nos livremente a serviço dos demais para que cada um seja, dentro de sua própria dignidade, tudo aquilo que está chamado a ser.

Não acreditamos no servilismo que humilha a quem dá e a quem recebe, nem no menosprezo que se disfarça de falsa compaixão. Cremos no amor que nasce do respeito e que se transforma em uma atitude permanente e profunda de solidariedade, de estar com os outros e de ser como eles. Estamos convencidos de que tudo o que fazemos em benefício dos demais nos permite crescer espiritualmente e ser mais completos, nos ajuda a encarar a vida com esperança e nos aproxima do mistério do ser, verdadeiramente, humano.

Servimos porque entendemos que, pelo serviço, nos encontramos com o homem e, quando nos encontramos com o homem, nos aproximamos de Deus.







## O ESCOTEIRO É AMIGO DE TODOS E IRMÃO DOS DEMAIS ESCOTEIROS

Compartilhar com todos. Servir ao próximo e compartilhar com todos são, de certa forma, as duas faces de uma mesma moeda. Como podemos servir aos demais, profunda e livremente, sem que sejamos amigos de todos? Como podemos ser amigos de todos e irmãos dos demais escoteiros sem que esse encontro nos leve ao serviço e à entrega generosa?

Compartilhar é praticar o desprendimento. De um lado, o desprendimento material, pondo a serviço dos outros os bens que possuímos. De uma forma mais profunda, entretanto, compartilhar é ter uma atitude aberta em relação às demais pessoas e às formas variadas com que elas encaram o mundo e vivem suas vidas.

Compartilhar não é apenas dedicar tempo aos demais, é abrir nossas vidas para que os outros tenham nela um espaço. Os homens e as mulheres que compartilham são pessoas corajosas, que foram capazes de vencer seus medos, que confiaram nos demais, que aprenderam a olhar por cima dos preconceitos para descobrir o outro e que acabaram descobrindo a si próprios.

Quem compartilha descobre que nós todos temos algo a dizer, que nós todos necessitamos de espaços por meio dos quais possamos nos manifestar, que todos merecemos ser respeitados e apreciados. Quem é capaz de ser amigo de todos e irmão dos demais escoteiros vive a tolerância, pratica a amizade e cultiva o amor.



## O ESCOTEIRO É CORTÊS



Ser amável. Em seu nível mais modesto, a cortesia ou a amabilidade designa a gentileza do comportamento, o respeito e a benevolência para com os demais. Para os antigos gregos, isso era sinônimo de humanidade, em oposição à barbárie.

Mas a cortesia também pode ser vista, em um contexto muito mais nobre, como capacidade de acolher e aceitar o outro porque só se lhe deseja o bem. A cortesia com os humildes se aproxima da generosidade; com os desafortunados, é bondade; com os culpados, pode ser perdão e compreensão.

Segundo esse ponto de vista, a cortesia se converte em doçura e se apresenta como força a serviço da paz, coragem sem violência, valentia sensível. O contrário da guerra, da brutalidade e da agressividade.

A amabilidade se une à solidariedade e ao amor. Como se poderia servir ao próximo e compartilhar com todos sem ser amável?

Ser cortês é ser amável de verdade, desde o interior, sem artifícios nem poses.

Nada mais falso do que uma cortesia “de mercado”, em que se é amável por interesse próprio, pelo desejo de seduzir e encantar, pela sede do êxito. Amabilidade em que não há cortesia, cortesia em que não há doçura, não é cortesia; é narcisismo e vaidade. A amabilidade é um dom e não pode ser fingida como se fosse a arte da conquista ou da adulação. A cortesia não tem nenhum valor quando simulada para obter algum poder sobre os demais.

Virtude de abertura, de paciência, de adaptabilidade. Virtude que está nas raízes do Movimento Escoteiro como espaço de encontro de pessoas procedentes das mais variadas origens, herdada da própria alma do fundador e que, com certeza, pode ser praticada sem prejuízo a qualquer outro dever que a anteceda. Mas, a cortesia só é boa quando não sacrifica as exigências da justiça e do amor. Como ser amável com o déspota e esquecer os direitos dos perseguidos? Como ser cortês com o carrasco e encarar com descaso a proteção que sua vítima suplica?

Também não se pode confundir a amabilidade e a cortesia com os gestos formais de apreço que se esgotam na aparência. Um mafioso aparentemente cortês em nada modifica os horrores da máfia. Um sujeito ardiloso não é menos indigno por parecer cortês e, talvez por isso mesmo, seja ainda menos digno. Um ardiloso que parece cortês pode, até, ser um canalha, sem deixar de parecer cortês.

Enquanto a verdadeira cortesia, a que o escoteiro pratica, a que é amabilidade real, persiste e transforma as pessoas, porque é uma disposição profunda da alma, a falsa cortesia pode ser pura forma, aparência - e só aparência - de virtude.



## O ESCOTEIRO É BOM PARA OS ANIMAIS E AS PLANTAS



Por ser bom para os animais e as plantas, o escoteiro protege a vida e a natureza. A vida é um fenômeno extraordinário, surpreendente e único. É o espaço e o tempo de nossos sonhos, nossas esperanças, nossas paixões e nossos esforços. A vida é o começo de nossa história e nossa história é o encontro com a vida.

A vida está na frescura da manhã, mas também se manifesta na dor da enfermidade e no horror da guerra. A vida se faz presente no encontro com os amigos e na saudade de seu afeto quando estão ausentes. A vida é som e silêncio; o dos homens e o da natureza. A vida está em nossas conquistas e em nossos fracassos, no homem e na mulher, que desafiam os mistérios da ciência e da tecnologia. A vida faz o ser humano, e o ser humano é chamado a respeitá-la.

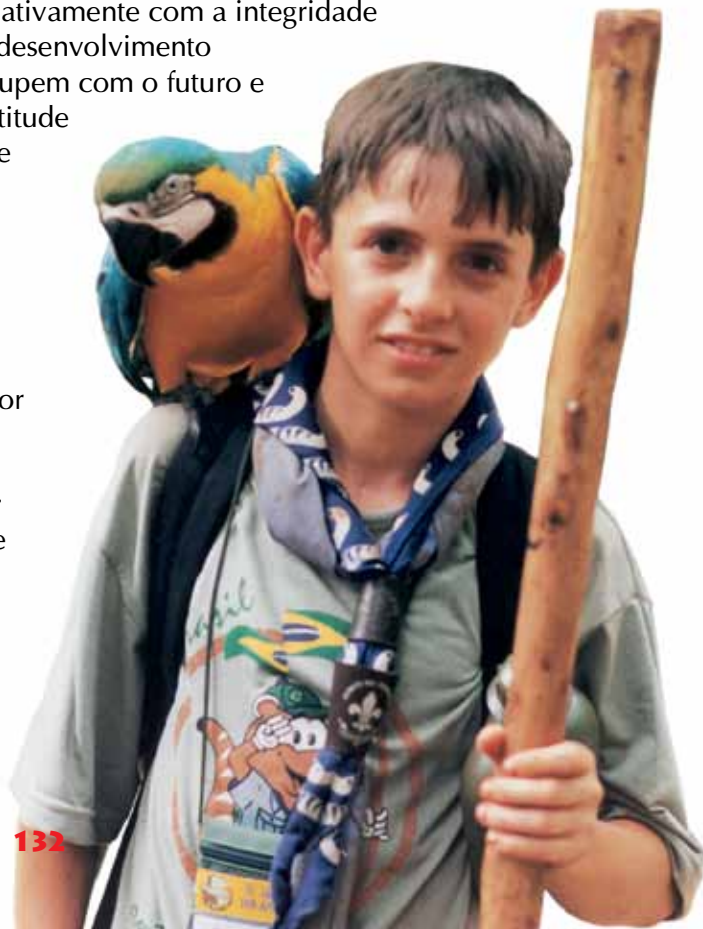


Ser bom para os animais e as plantas é respeitar e proteger a vida; e respeitar e proteger a vida é proteger e potencializar o ser humano, homem e mulher, criança, jovem, adulto ou idoso, sem importar sua origem, raça, credo, pensamento político ou condição social, reconhecendo a todos como possuidores de uma dignidade intrínseca e de direitos iguais e inalienáveis que permitem a todos os membros da família humana viver em liberdade, justiça e paz.

Ser bom para os animais e as plantas também é tomar consciência da relação que existe entre o homem e as demais espécies animais e vegetais. É respeitar a natureza e se comprometer ativamente com a integridade do meio ambiente, entendendo que o desenvolvimento sustentável exige pessoas que se preocupem com o futuro e que estejam dispostas a assumir uma atitude solidária com o destino da humanidade e de outras espécies que convivem no ecossistema mundial.

Para os escoteiros, a proteção da vida é parte da Lei e é um reflexo dos princípios que nos guiam. Nos comprometemos a amar a Deus, Criador da vida - a vida humana e toda a vida natural - e a servir ao ser humano, fazendo deste mundo um lugar melhor para todos, os que agora o habitamos e os que o habitarão no futuro.

**Ser bom com os animais e as plantas é o mesmo que viver de acordo com uma ética de respeito à vida pelo que ela é.**





Para o escoteiro, ser obediente e disciplinado significa se organizar e não fazer nada pela metade. Normalmente, consideramos a capacidade de organização como um valor menor, ligado à ordem, e presente, apenas, em pessoas muito especiais.



## O ESCOTEIRO É OBEDEIENTE E DISCIPLINADO

Segundo essa perspectiva, as promessas que jamais se realizam, os projetos que nunca são concluídos e as palavras destituídas de responsabilidade são toleradas com excessiva condescendência. Mas a afirmação de que o Movimento Escoteiro “vai muito mais além” é um convite e um desafio a nossa capacidade de assumir compromisso. Quando um escoteiro se compromete, ele age de acordo com o compromisso assumido: cumpre o prometido, porque é digno de confiança, completa o que começou a fazer porque valoriza o trabalho. Ele sabe que os compromissos foram assumidos com pessoas que confiaram em sua palavra.

Quem se compromete, organiza seu tempo para alcançar o objetivo proposto, respeita a necessidade dos outros, se dispõe a levar adiante sua tarefa, não se furta a encarar o trabalho em que está empenhado. E o faz porque disse que o faria, com resolução e energia, com generosidade, sem se vangloriar por haver dado conta de uma tarefa com a qual estava comprometido. Isto é ser disciplinado.

O escoteiro organiza sua vida porque valoriza o trabalho em equipe e entende que, no cumprimento dos compromissos assumidos entre todos, reside o êxito de qualquer tarefa. A execução de um projeto assumido por várias pessoas implica aceitar que, em determinadas ocasiões, alguém deve coordenar e dirigir a ação de todos. E para cooperar de modo que nada fique pela metade, é preciso saber trabalhar em equipe: escutar, rever os próprios modelos mentais, delegar responsabilidades, dirigir o trabalho... Mas também aceitar, executar as tarefas que lhe forem confiadas e seguir as recomendações para levá-las a bom termo. Isso é obedecer. Uma pessoa que sabe obedecer terá ferramentas muito mais adequadas quando lhe couber dirigir e, com certeza, será muito mais eficaz ao cooperar.

O valor da pessoa que é capaz da obediência e da disciplina reside, para o Movimento Escoteiro, em que isso é um reflexo de sua capacidade de organização e, por isso mesmo, de assumir compromissos com a tarefa e com as pessoas que estão envolvidas em sua execução.

Os escoteiros respeitam a palavra empenhada e sempre procuram fazer bem feito tudo aquilo que se comprometem a fazer.



## O ESCOTEIRO É ALEGRE E SORRI NAS DIFICULDADES



A vida precisa ser enfrentada com alegria e boa disposição de espírito. Uma criança normal, sadia, grita de felicidade quando terminam as aulas e se inicia um novo período de sua jornada de cada dia. Ama a novidade, o imprevisto, a aventura. Como quem morde uma maçã, encara a vida com apetite. É assim que vale a pena viver a vida.

A alegria de viver não impede que encaremos com seriedade nossas obrigações e relações, seriedade não é a mesma coisa que gravidade. A vida cheia de alegria tem um gostinho de triunfo e deixa a sensação de que se está tirando todo o proveito da existência. Talvez porque a alegria seja a expressão da felicidade e é à busca da felicidade que consagramos nossos melhores esforços.

Não faltam motivos para tristezas e aborrecimentos, sobram as razões para o desencanto e, até, para o desespero. A tristeza, a raiva e a desesperança criam suas raízes no medo. Medo do futuro, de não poder controlar tudo o que conosco pode acontecer, medo que nossa reação não esteja à altura das circunstâncias. E talvez este medo tenha sua origem em uma grande vaidade, a de nos acreditarmos demasiadamente importantes ou poderosos.

O otimismo nos proporciona um escudo contra o medo, reforça nossa curiosidade diante do incerto e nos leva a arriscar e aventurar. O bom humor é um impulso que nos beneficia e contagia os que nos cercam, com entusiasmo e boa vontade. A alegria nos torna mais lúcidos e mais amáveis, aumenta nossa capacidade de dar amizade e de nos entregarmos ao serviço ao próximo.

A alegria tampouco significa rir da desgraça; isto seria humor inconsequente, gargalhada vazia e irresponsável. Quem enfrenta a vida com alegria começa por saber rir de suas próprias pretensões, de seus próprios absurdos. Entende que a força para enfrentar dificuldades não nasce só da vontade e que esta tem mais força quando se faz acompanhar de um sorriso. A alegria chega mais longe do que a comicidade passageira e se transforma em uma permanente disposição para ver o lado luminoso das coisas - como recomendava Baden-Powell - e não seu lado sombrio.

Alegria não é rir dos outros, que é zombaria, sarcasmo ou ironia, que fere e não constrói, pois se ri “contra” os demais. É alegre quem ri “com” os demais e a todos convida a rir, compartilhando sua alegria.

É sinal de saúde saber rir, saber olhar com um sorriso mesmo a situação mais desesperada. Saúde do corpo e do espírito. É sinal que acompanha, inclusive, a sabedoria, porque não pode ser sábio quem não tem uma boa dose de humor!



## O ESCOTEIRO É ECONÔMICO E RESPEITA O BEM ALHEIO



A história do trabalho humano, as profundas alterações - sociais, econômicas, científicas e tecnológicas - nos levaram à ilusão de que o progresso e o desenvolvimento residem no avanço da ciência ou no manejo da tecnologia, inclusive a informática. É claro que, aplicadas na direção correta, a ciência e a tecnologia, como outros ramos do conhecimento humano, permitirão ao homem melhorar sua qualidade de vida, mas a ciência e a tecnologia não são nada sem o trabalho do ser humano.

As transformações, o progresso e o desenvolvimento passam pelo pensamento, pelo coração e pelas mãos do ser humano e poucas coisas seriam possíveis sem este trabalho e esforço. É o trabalho que nos permite superar as enfermidades, edificar cidades, estabelecer formas de comunicação rápidas e eficientes, dar um caráter técnico aos processos de produção. Em outras palavras, tornar realidades nossos sonhos de progresso e melhorar nossa qualidade de vida.

Ao valorizarmos o ser humano e respeitarmos os sonhos e as utopias dos milhões de homens e mulheres que se esforçam a cada dia, nós valorizamos o trabalho como um bem. E porque, tal como os outros bens, estes são o resultado do esforço humano, nos empenhamos por respeitá-los.

Não nos interessa a simples acumulação de bens, porque sabemos que não bastam para assegurar a felicidade humana, mas, ainda assim, somos econômicos, porque não nos deixamos levar pela sociedade de consumo, pois sabemos que a verdade não reside em ter, mas em ser. Esforçamos-nos para ser cada dia melhores, ajudando na construção de um mundo que dê abrigo às esperanças da humanidade e que descubra as potencialidades de cada um de seus filhos.

Os seres humanos são chamados a continuar a obra criadora de Deus. Para isso, necessitamos descobrir nossas potencialidades e, por meio delas, intervir na construção do mundo. Contribuir com o máximo que formos capazes de fazer, de um modo criativo, e consciente da diversidade das capacidades e expressões humanas.





## O ESCOTEIRO É LIMPO DE CORPO E ALMA



Esta última proposição da Lei Escoteira, que se refere à integridade e à pureza e que Baden-Powell acrescentou posteriormente a seu primeiro texto original, não chega a acrescentar, por si mesma, nada de novo às proposições anteriores. Tem por único objetivo examinar a retidão de espírito com que foram aceitas e são vivenciadas todas as outras propostas.

Geralmente vinculamos a pureza à vida sexual e é compreensível que seja assim, porque a pureza se relaciona muito estreitamente com o amor; mas o amor, a falta dele, a pureza ou a impureza não concernem apenas ao sexo.

Algo é puro quando se encontra livre de toda a mistura com outra coisa que pudesse alterar ou adulterar sua natureza. Assim, a pureza, entendida como retidão de coração ou de consciência, é o oposto das atitudes interesseiras, do egoísmo, da cobiça, de tudo o que é sórdido e que poderia contaminar nossos pensamentos e nossos atos.

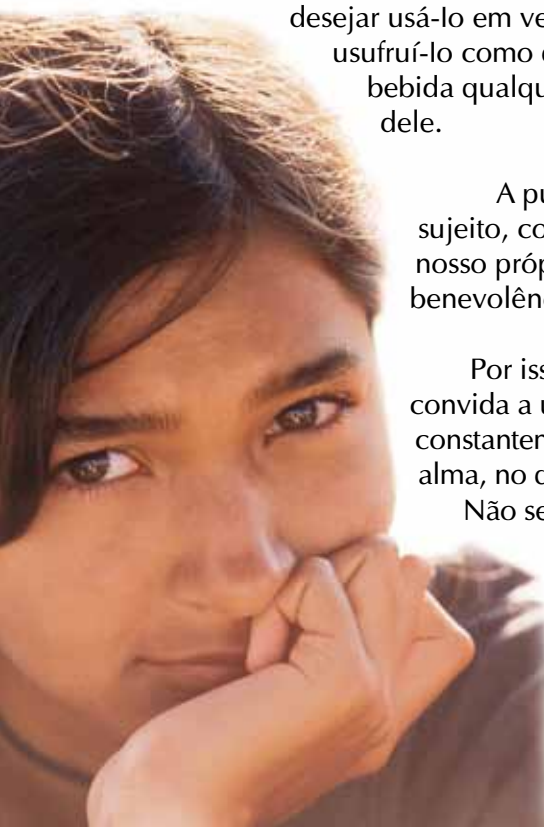
É impuro o que fazemos de má vontade ou com intenções menos nobres. É impuro o que avilta, o que profana, o que rebaixa, o que corrompe, o que perverte o sentido daquilo que fazemos ou pensamos. É impuro dizer a verdade apenas quando isso nos interessa, simular a lealdade, usar os outros enquanto fingimos servi-los, só compartilhar com aqueles de quem podemos tirar algum proveito, disfarçar a zombaria com o humor, fazer as coisas só por fazer.

Na vida sexual, a pureza não se encontra na ausência do desejo - isso até pode ser considerado uma enfermidade - nem na ignorância ou na ingenuidade. O mal não é amar, mas amar só a si mesmo, amar o outro como se fora um objeto, desejar usá-lo em vez de amá-lo, em vez de se regozijar com o outro, usufruí-lo como quem usufrui de um pedaço de carne ou de uma bebida qualquer. A impureza não é o excesso de amor, mas a falta dele.

A pureza está em amar verdadeiramente a alguém, como sujeito, como pessoa, respeitá-lo e defendê-lo, até contra nosso próprio desejo. Amor que dá e que protege, amor de benevolência, amor de troca, amor puro.

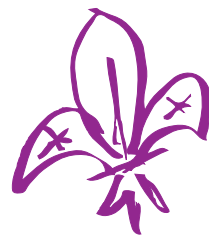
Por isso, esta última proposta da Lei Escoteira nos convida a um exame de consciência, a que nos questionemos constantemente sobre o quanto de integridade existe em nossa alma, no que pensamos, no que dizemos e no que fazemos.

Não se trata de uma prescrição para uso externo, de um comportamento aparente nem, e muito menos, de uma proibição ao uso de palavras de baixo calão. É uma pergunta que fere e incomoda e que nos confronta com o sentido mais profundo de nosso compromisso: “os valores que vivem em mim, são o quê?”.



# A PROMESSA

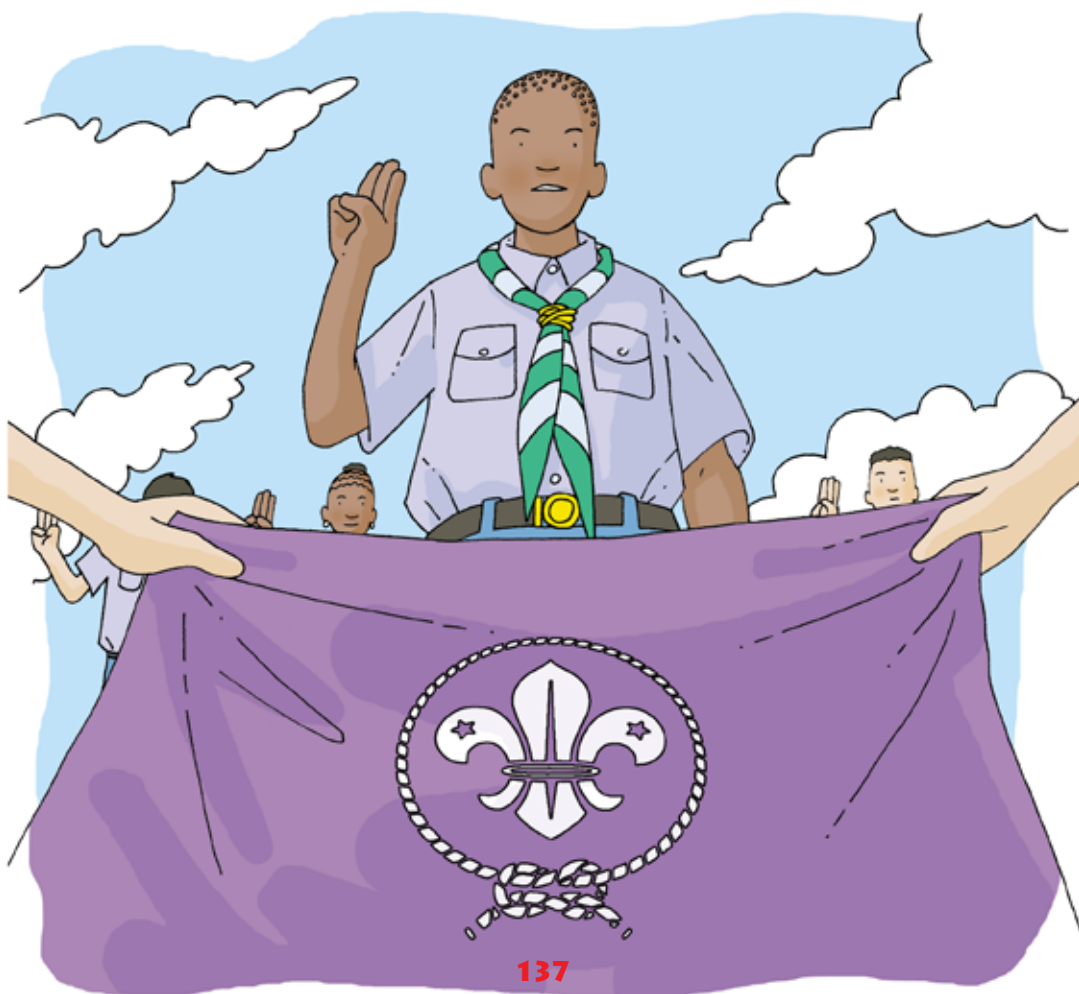
---



## A PROMESSA É UM COMPROMISSO VOLUNTÁRIO

A Promessa é um compromisso voluntário de cumprir a Lei Escoteira, feito diante de si mesmo, dos demais e de Deus. As palavras em que ela se expressa e seus conceitos são bem simples e externam o compromisso de uma forma muito próxima daquela que naturalmente seria escolhida por um jovem:

PROMETO PELA MINHA HONRA FAZER O  
MELHOR POSSÍVEL PARA: CUMPRIR MEUS  
DEVERES PARA COM DEUS E MINHA PÁTRIA;  
AJUDAR O PRÓXIMO EM TODA E QUALQUER  
OCASIÃO; OBEDECER À LEI ESCOTEIRA.



# PELA PROMESSA, NOS COMPROMETEMOS A FAZER O MELHOR DE NÓS MESMOS



**A Promessa é um oferecimento voluntário e não um juramento. Pela Promessa, o jovem assume livremente um compromisso, não renuncia a nada e nem faz um voto de caráter militar ou religioso.**

O jovem também não promete que nunca faltará ao compromisso assumido. Isso é impossível e exigí-lo ou esperá-lo seria desconhecer a natureza humana. O jovem se compromete, simplesmente, a fazer o melhor de si mesmo para cumprir o prometido. Mas o promete sinceramente, com a firme vontade de fazer tudo o que dependa dele.

Pelo mesmo motivo, os escotistas devem demonstrar todo o seu bom critério quando se referirem ao compromisso dos jovens. A evocação da Promessa deve ser tão geral e tão clara quanto possível, sem ironias nem alusões dissimuladas, muito menos empregando palavras ou gestos que façam pensar que se duvida da honestidade do compromisso assumido. Não se deve fazer censuras individuais ou coletivas de nenhuma espécie e se recomenda que o diálogo com um jovem sobre aspectos que ele necessita superar seja sempre individual e de caráter privado.

Só se deve recorrer à evocação da Promessa efetuada como um apoio educativo, em momentos em que existam no grupo a maior intimidade e um clima de abertura, trazendo à discussão pela comunidade a lembrança dos valores que justificam sua razão de ser e com os quais todos tenham assumido compromisso. Não é recomendável usar este recurso a qualquer pretexto, pois a banalização pode reduzir sua força. Além disso, se os escotistas se sentem obrigados a fazê-lo com frequência, pode-se estar diante de um sinal de que algo mais profundo está se passando no sistema, tanto que a cada instante se torna necessário lembrar a todos o compromisso assumido.

## NOSSO PRIMEIRO COMPROMISSO É COM DEUS



Deus é uma presença constante na existência cotidiana de uma Tropa Escoteira e espera-se que Ele também se encontre no cerne das novas inquietações e dos projetos dos jovens.

É por isso que, assim como em qualquer outra atividade, Deus aparece na Promessa de maneira natural e espontânea. Como assumir um compromisso tão sério sem convidar a Deus como testemunha?



No entanto, Deus não está na Promessa apenas como testemunha, nem para significar, exclusivamente, que a Promessa se faz diante daquilo que de mais importante pode haver para um jovem. A presença de Deus é parte da relação pessoal que com Ele estabelece cada jovem. É um gesto de reconhecimento do vínculo que os une. Deus, como autor de todas as coisas, é o primeiro destinatário do compromisso, que se faz com Ele, por Ele e diante dele.



Mais ainda, a promessa contém o compromisso de intensificar a relação de amizade com Deus. E por isso se promete, antes de tudo, cumprir os deveres para com Deus. O amor é um presente que nos vem de Deus, é a maior das virtudes e nós, escoteiros, acreditamos que está presente em tudo o que fazemos. Como não retribuir a Deus este presente, respondendo da mesma maneira a Seu amor?

Quando um jovem diz que promete cumprir seus deveres para com Deus, não diz que Deus é o único destinatário de seu amor, mas que promete orientar sua vida pelo amor: amor ao próximo, a sua família, a seus amigos, à

Criação, a seu país. O amor é tudo. O amor basta. Por isso, aquele que ama cresce como pessoa e mais se aproxima Dele.

Naturalmente, a visão do amor a Deus variará entre os jovens, segundo sua opção religiosa. Mesmo assim, na maioria das religiões, o amor a Deus é visto de maneira muito próxima a que usamos para apresentá-lo nos parágrafos anteriores.



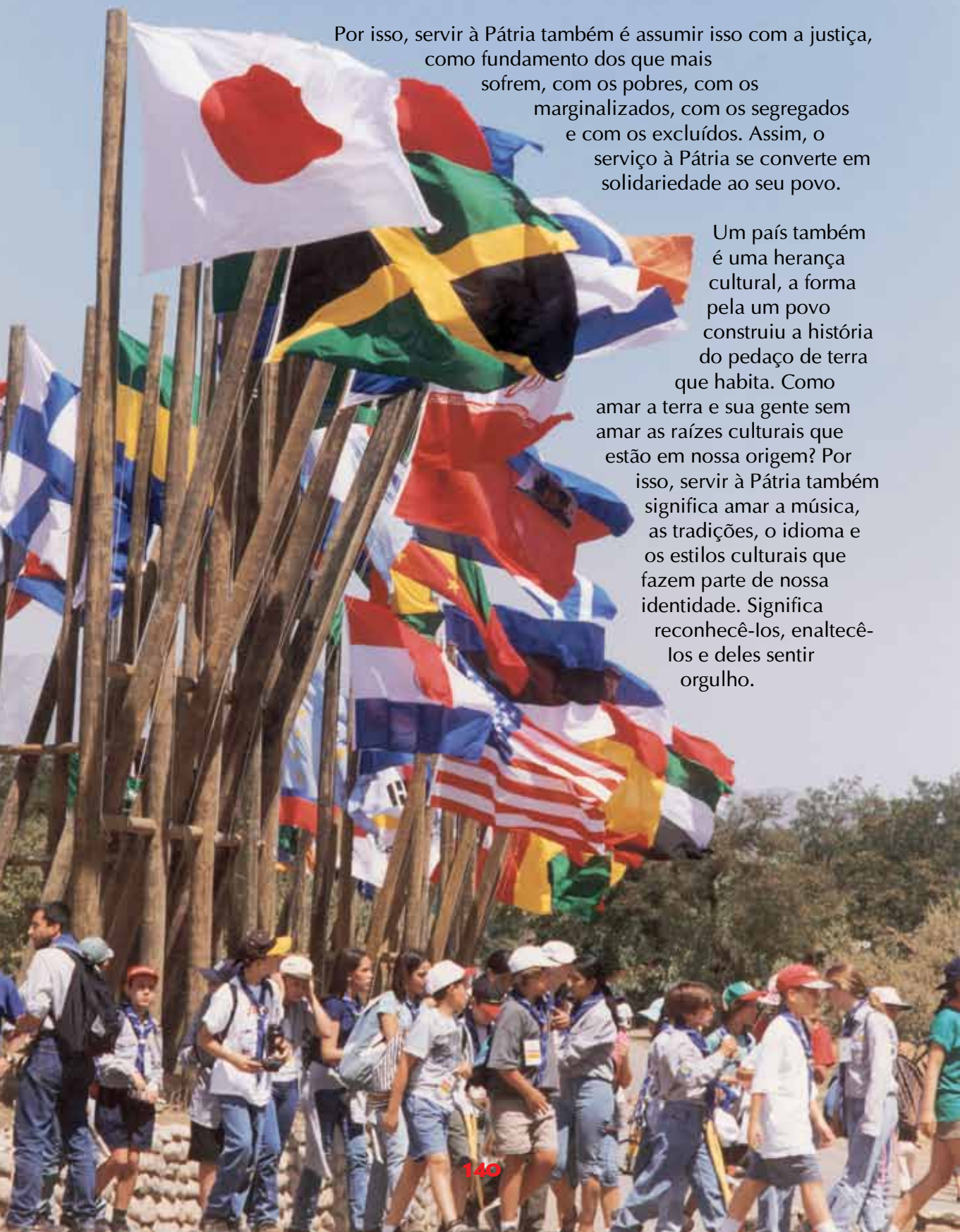
 **NOS  
COMPROMETEMOS  
COM NOSSO PAÍS E COM A PAZ**

Um país é, antes de tudo, um território, um pedaço de terra que nos viu nascer ou que nos acolheu em um momento de nossa vida, ou pelo qual tivemos razões para optar. Por isso, cumprir nossos deveres para com a Pátria é, em primeiro lugar, servir à terra em que vivemos, ao espaço natural que ocupamos neste vasto mundo. Servir à Pátria é, então, proteger a natureza, garantir a fertilidade do solo, manter puro o ar e limpa a água, eliminar o lixo, não contaminar ou, em poucas palavras, proteger o ambiente em que vivemos.

Um país também possui um determinado povo que, assim como nós, habita o mesmo pedaço de terra. Como servir à terra sem ter um compromisso com sua gente?

Por isso, servir à Pátria também é assumir isso com a justiça, como fundamento dos que mais sofrem, com os pobres, com os marginalizados, com os segregados e com os excluídos. Assim, o serviço à Pátria se converte em solidariedade ao seu povo.

Um país também é uma herança cultural, a forma pela qual um povo construiu a história do pedaço de terra que habita. Como amar a terra e sua gente sem amar as raízes culturais que estão em nossa origem? Por isso, servir à Pátria também significa amar a música, as tradições, o idioma e os estilos culturais que fazem parte de nossa identidade. Significa reconhecê-los, enaltecê-los e deles sentir orgulho.





Sempre existe o risco de que o orgulho pela Pátria seja entendido como excludente, como um amor que encontra sua justificação na ficção infantil de que “meu país é melhor” ou “minha raça é superior a todas as outras”. É possível ser fiel às próprias raízes sem discriminar nem menosprezar a cultura de outros povos. Por isso, a promessa subentende um compromisso de trabalhar pela paz. Trabalhar pela paz significa abrir-se às realidades internacionais, valorizar a diversidade, compreender as outras culturas e superar os preconceitos raciais ou nacionalistas.

No momento em que fazem sua Promessa, os jovens devem ser convidados a compreender as dimensões dessas expressões e a se comprometer com seu real significado. Uma pessoa que sirva a sua Pátria e que trabalhe pela paz não aparece do nada. Ela se forma em uma cultura que, desde a infância, lhe permitiu experimentar essas dimensões.

## PROMETEMOS QUE A LEI ESCOTEIRA SERÁ PARTE INTEGRANTE DE NOSSA VIDA

A Promessa é a maneira como os jovens se comprometem com a Lei Escoteira. O compromisso não consiste em saber a Lei de memória, nem em recitá-la sem erros ou repetições, nem em conhecer a ordem ou o número de cada um dos seus artigos, nem sequer em respeitá-la ou apenas “cumprí-la”, como se fosse uma norma externa semelhante às leis civis.

O compromisso com a Lei Escoteira é algo mais. Trata-se de vivê-la, isto é, fazer com que ela se integre a nossas convicções e a nossa forma de ser como se fosse parte de nós mesmos. Se os valores se incorporam dessa maneira, então a Lei se refletirá naturalmente em nossa personalidade, em nossas atitudes e em nosso comportamento, sem necessidade de fingir ou aparentar. Isso é passar da moral convencional para a autonomia moral, e esse é o nosso objetivo.

Também é preciso dizer que viver a Lei Escoteira não é só uma promessa que se faz para nossa juventude ou para enquanto estivermos ligados ao Movimento Escoteiro. O compromisso se faz para toda a vida, no Movimento e fora dele, para quando se é jovem e para que se integre à nossa vida adulta. É o que muitos antigos escoteiros recordam quando dizem “uma vez escoteiro, sempre escoteiro”.





## FAZER A PROMESSA É UM MOMENTO MUITO IMPORTANTE NA VIDA DO ESCOTEIRO



A Promessa não se faz em um momento qualquer. É preciso cercá-la da importância que ela merece, criando um momento especial, um lugar apropriado e investindo um certo tempo em sua preparação. A Tropa, os amigos e a família devem ser informados com a devida antecedência e se organiza uma pequena cerimônia.

A cerimônia não é complexa nem tensa. Dispensa todo e qualquer componente que a faça parecer um rito para iniciados. Deve ser simples, sincera e solene. É uma verdadeira comemoração em que a Tropa e o ambiente em que ela atua festejam o fato de um jovem estar disposto a assumir e cumprir um compromisso por sua livre decisão.



## OS PRÓPRIOS JOVENS DECIDEM SE ESTÃO PREPARADOS PARA SE COMPROMETER



A Promessa não precisa ser feita em um momento preestabelecido nem está vinculada à conquista de qualquer etapa de progressão dos jovens. Ela simplesmente é feita quando o jovem, uma vez terminado seu período de integração, se considera preparado. Os escotistas não devem pôr em dúvida nem discutir a solicitação do jovem; nem devem adiar, mesmo que seja por razões muito boas, a realização de uma Promessa.



## O LEMA RECORDA A PROMESSA

O lema dos escoteiros está estreitamente  
ligado à Promessa:

**SEMPRE ALERTA!**

É quase um grito, uma voz de alerta, uma evocação da Promessa, pelo qual os jovens lembram a si mesmos que assumiram um compromisso com a Lei Escoteira.

Não é conveniente manipular o lema convidando os jovens a repeti-lo a todo instante. É para momentos importantes: uma despedida, o final de uma reunião, a partida para um acampamento, o início de um dia. Gritar o lema corresponde a evocar a Promessa e é preciso dar a essa evocação simbólica o valor que ela merece.

## A BOA AÇÃO É UM TESTEMUNHO DO COMPROMISSO ASSUMIDO



A boa ação que os jovens se propõem a fazer todos os dias está muito unida à Promessa e ao lema. A boa ação é um convite a agir, a converter o compromisso em fatos concretos.

Não basta gritar o lema e repetir que se tem um compromisso. É preciso fazer coisas que demonstrem que se está agindo de acordo com o compromisso e com o lema.

Os gestos de serviço que os jovens oferecem aos demais e as modestas ajudas que prestam a cada dia constituem um convite a que manifestem seu espírito de serviço, uma demonstração de que estão sempre alertas.

Pode ser que essas boas ações diárias não sejam muito significativas do ponto de vista do adulto. A verdade é que isso tem pouca importância. Este recurso educativo não foi concebido para que os escoteiros resolvam complexos problemas sociais, mas para manter neles uma permanente disposição para servir ao próximo. Trata-se de combater a indiferença e de dar destaque à importância das outras pessoas.

De início, pode parecer artificial ter que fazer todos os dias uma boa ação em benefício do próximo. Isso também não tem grande importância, desde que esta atividade, pouco a pouco, vá gerando uma atitude e, quando isto acontecer, o espírito de serviço terá se convertido em uma manifestação espontânea do caráter do jovem, inteiramente integrada à sua personalidade.



PELA ORAÇÃO,  
O ESCOTEIRO PEDE  
FORÇAS PARA CUMPRIR  
SEU COMPROMISSO



Qualquer que seja sua confissão religiosa, os escoteiros de vários países adotaram como própria esta oração formosa e singela:

**Senhor,  
ensina-nos a ser generosos,  
a servir-Te como o mereces,  
a dar sem medida,  
a combater sem medo que nos firam,  
a trabalhar sem descanso  
e não buscar outra recompensa  
que a de saber que fazemos Tua vontade.**

Suas palavras denotam uma entrega total ao conceito do amor, que atravessa todas as propostas da Lei e da Promessa e que pede a Deus a força necessária para cumprir o prometido.





# 7 O papel dos escotistas







# SUMÁRIO

---

## OS ESCOTISTAS

- Superam as perspectivas tradicionais sobre os líderes.
- Projetam a Tropa Escoteira.
- São guardiães da missão.
- Administram a visão.
- Os escotistas motivam.
- Geram compromissos.
- São educadores.

## OS ESCOTISTAS COMO EDUCADORES

São necessários alguns requisitos básicos:

- Conhecer os jovens.
- Ter capacidade para estabelecer relações empáticas.
- Ter vontade de aprender e de crescer como pessoa.
- Saber conduzir e avaliar atividades.
- Saber apoiar outra pessoa em seu desenvolvimento.
- Participar da comunidade.
- Trabalhar em equipe.
- Ter tempo.
- Saber perceber e controlar o risco.

# OS ESCOTISTAS



## SUPERAM AS PERSPECTIVAS TRADICIONAIS SOBRE OS LÍDERES

Para que o Marco Simbólico, o Sistema de Patrulhas, a Vida em Equipe, as Competências e os Objetivos, as Atividades, o Ciclo de Programa e os demais assuntos apresentados neste Manual produzam os efeitos previstos, é necessário contar com escotistas capazes de aplicá-los com criatividade e de dar vida a uma Tropa Escoteira.

Para encontrar tais escotistas, devemos superar nossas perspectivas tradicionais sobre a liderança.

Habitualmente imaginamos o escotista como uma pessoa especial que define o rumo, toma as decisões cruciais, discursa para a Tropa, está em todas as partes resolvendo problemas e leva atrás de si uma massa de seguidores. No entanto, estes líderes especiais com que sonhamos se baseiam em pressupostos sobre a impotência das pessoas, sua falta de visão pessoal, sua incapacidade para aprender a resolver seus problemas por si próprias, sua inaptidão para lidar com processos de mudanças; deficiências que, se existissem e segundo acreditamos, apenas alguns líderes poderiam remediar.

Como, na maioria dos nossos recursos humanos, não reconhecemos esses grandes líderes com que sonhamos, acabamos impondo à ação dos escotistas um extenso código de limitações e “regulamentações”, correndo o risco de gerar apenas “aplicadores de programa”, presos à rotina e destituídos de criatividade. Com isto, se reduz o nível dos líderes que captamos, aumenta-se sua dependência quanto às “instruções”, reduz-se a relevância e emoção do programa de atividades e acaba-se cansando os mais valiosos e entusiastas.





## COMO SÃO OS LÍDERES DE QUE NECESSITAMOS?

Simplemente, homens e mulheres de boa vontade, adultos e jovens adultos, que possuem maturidade e equilíbrio pessoal, que gozam de liberdade para inovar porque conhecem o Método Escoteiro, são capazes de compartilhar um projeto para o futuro, sabem motivar e gerar compromissos e estão conscientes de que são responsáveis pela execução de uma tarefa educativa em benefício dos jovens, em cujo desempenho eles se desenvolvem como pessoas.



## OS ESCOTISTAS PROJETAM A TROPA ESCOTEIRA



### O que entendemos por “projetar” a Tropa Escoteira?

O Método Escoteiro não é uma malha cheia de quadrículas e linhas, como o manual de uma máquina com programas pré-instalados, no qual se pode aprender a apertar botões segundo o tipo de tarefa de que necessitamos. Ao contrário, é um conjunto de princípios inspiradores e de técnicas úteis, que precisa ser compreendido em sua totalidade e, em seguida, adaptado e integrado à vida cotidiana de uma Tropa Escoteira, atendendo às circunstâncias particulares do ambiente que a cerca e das pessoas que a integram.

A essência do projeto consiste em ver como as partes se articulam para funcionar como um todo em uma realidade determinada. É, por sua natureza, uma atividade integradora, porque tem por objeto algo que funcione bem, na prática. Exige conhecimento, imaginação e liberdade.

Um automóvel não teria sido bem projetado se, apesar de ter um bom motor, a melhor transmissão e os assentos mais confortáveis, fosse impossível de dirigir e de controlar em estradas molhadas. O projeto de uma Tropa tem por objetivo assegurar que o Método Escoteiro funcione bem em pistas escorregadias; ou, cheias de curvas; ou, com leito de terra; ou, com muito tráfego...

Essa informação sobre “o terreno”, só quem a têm são os escotistas da Tropa. Por isso, conhecendo bem o Método e a maneira como ele funciona, eles devem ser chamados a imaginar com liberdade e a aplicá-lo de acordo com a realidade com que se defrontam. Não existem duas realidades idênticas nem duas Tropas iguais. Não é possível esperar, portanto, receitas ou fórmulas mágicas fornecidas por quem desconhece essa realidade. A melhor de todas as fórmulas para uma Tropa é a projetada e construída por seus próprios escotistas.

### Projetar uma Tropa compreende quais tarefas?

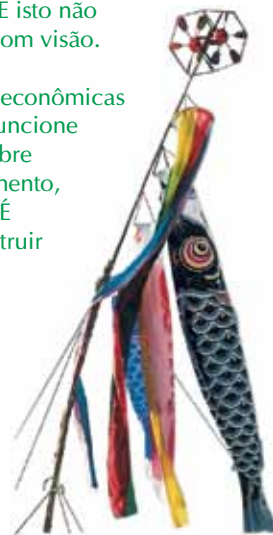
É impossível fazer uma lista exaustiva de tarefas, pois a realidade apresenta desafios que mudam a cada momento. Mas, é possível apontar alguns exemplos que ajudem a compreender este primeiro papel dos escotistas.

➤ Projetar inclui, por exemplo, os processos de desencadear e introduzir transformações e inovações. Em uma Tropa pequena e recém criada, talvez não seja necessário investir muito tempo em fazer com que funcionem todos os seus componentes, que irão se consolidando na medida em que a Tropa cresce; mas será importante fazer com que, desde o começo, funcione bem o Sistema de Patrulhas, criando uma “cultura” que respeite a autonomia dos pequenos grupos. Em uma Tropa antiga e numerosa, onde só tardiamente os escotistas se deram conta de que sempre funcionaram como uma gigantesca patrulha, o Sistema de Patrulhas deverá ser instalado progressivamente, pois agir de forma diferente pode provocar um choque que ameace sua estabilidade. E isto não pode estar previsto em um regulamento, mas só na cabeça de escotistas com visão.

➤ Projetar pressupõe adaptar as expectativas às condições sociais, econômicas e culturais do meio em que se atua. Não é possível para uma Tropa que funcione em uma escola pública de uma população da periferia de uma cidade pobre pretender dispor de “cantos” de patrulha logo que se inicia seu funcionamento, embora o “canto” seja um elemento essencial da identidade da patrulha. É preciso “projetar” a forma em que se dará a conquista desse espaço, construir laços de confiança na comunidade e, enquanto isso, encontrar soluções alternativas.

➤ Projetar uma Tropa implica a capacidade de perceber situações sutis que ligam umas coisas com outras. Os escotistas de uma Tropa que funcionava em uma paróquia reclamavam, por exemplo, da falta de apoio por parte do padre, mas nunca se deram conta de que muitas de suas excursões eram programadas justamente para os dias em que a comunidade comemorava festividades religiosas importantes.

➤ Projetar compreende avaliar atores e necessidades em cada situação e pôr em andamento estratégias adequadas ao tempo e ao lugar. Seria difícil implementar o Sistema de Patrulhas numa Tropa que funcionasse em um colégio de classe média alta se os Monitores das patrulhas, demasiadamente influenciados por um ambiente social altamente competitivo, estivessem por demais ansiosos com seus resultados escolares e não encontrassem o tempo necessário para que suas patrulhas pudessem se converter em comunidades de aprendizagem.



➤ Projetar pressupõe elaborar e ajustar processos de aprendizagem para os Monitores das patrulhas, adaptados à sua realidade, mediante os quais eles aprendam a abordar situações críticas de forma produtiva. Se não for assim, os escotistas acabarão criando uma relação de dependência em que eles próprios executarão tarefas que os jovens deveriam executar, como parte de seu processo de aprendizagem. Cursos e manuais não podem elaborar este projeto, embora possam apoiá-lo com a apresentação dos conteúdos necessários a sua formulação, pois os cursos e os manuais não conhecem as necessidades particulares dos Monitores das patrulhas de uma determinada Tropa.

➤ Projetar envolve pensar e aplicar os ajustes que acompanham, normalmente, a decisão de uma patrulha de se tornar mista e antecipar-se aos efeitos que uma decisão como essa pode produzir na Tropa; ou regular os desequilíbrios habitualmente gerados pelas alterações na composição das patrulhas, seja em razão de novos ingressos, seja pela partida para o Ramo seguinte de alguns antigos integrantes.

Projetar uma Tropa é uma função de que os escotistas habitualmente se descuidam. A função de projetar normalmente se desenvolve nos bastidores e é pouco visível. Assim como a forma como hoje funciona uma Tropa resulta de decisões e tarefas tomadas ou executadas no passado, o projeto elaborado hoje só apresentará resultados a médio prazo.

Os que estão interessados em resultados imediatos acharão pouco atraente o trabalho de projetar, mas o projeto é insubstituível e recompensará os que persistirem. E a persistência é importante, porque não se projeta “para todo o sempre”. Projetar é uma tarefa contínua, que obriga a repensar e projetar de novo sempre que as circunstâncias assim recomendarem.



Para que tenham êxito as adaptações constantes que fazem parte do novo projeto, reiteramos que deve ser completa a compreensão do Método Escoteiro. Caso contrário, as adaptações facilmente se converterão em “desvios”. Por temerem esses desvios, as “autoridades” escoteiras tendem, às vezes, a converter o Método Escoteiro em um forte regulamento que detalha seus componentes e é rico em indicações sobre o que se pode ou não se pode fazer, o que afugenta escotistas, aborrece jovens e reduz a liberdade de projetar, convertendo a Tropa em uma estrutura que logo se tornará obsoleta.

Em consequência, a primeira função da equipe de escotistas é projetar e esta é uma tarefa importante. Para projetar bem, é preciso conhecer os que estão na Tropa, para poder integrar de forma correta todos os elementos do Método.



## OS ESCOTISTAS SÃO GUARDIÕES DA MISSÃO



Ao falar da Tropa Escoteira, dissemos que os jovens também se envolviam na missão do Escotismo, mas não o faziam de maneira consciente, porque os jovens não procuram o Movimento para que este os ajude a construir sua personalidade. Eles chegam ao Movimento atraídos pela aventura de explorar novos territórios em companhia de um grupo de amigos. Como essa aventura se vive na atmosfera de uma Tropa Escoteira, a aprendizagem, que é propriamente a missão do Escotismo, surge como consequência natural dessa atmosfera, isto é, da vida de grupo.

Já sabemos que a vida de grupo se realiza mediante a aplicação integral dos elementos do Método Escoteiro. Também dissemos que a vida de grupo é uma responsabilidade da Tropa Escoteira, que resgata continuamente o sentido do que se está fazendo e do processo por meio do qual se faz.

**Dizer que a Tropa é responsável pela vida de grupo corresponde a dizer que os escotistas são os responsáveis, pois, na estrutura da Tropa, são eles os encarregados do apoio educativo. Nenhum outro organismo da**



**Tropa poderia assumir essa tarefa. Por isso, dizemos que os escotistas são guardiões da missão.**

Ser guardião da missão não consiste em pregá-la, nem promovê-la mediante cartazes afixados nas paredes, nem pretender que os jovens a recitem. Zelar pela missão significa zelar para que se aplique plenamente o Método Escoteiro, criando as condições que proporcionam a vida de grupo.

Zelar pela missão também significa servir de exemplo de seu cumprimento. Não é possível imaginar-se um escotista que acredite que a Lei Escoteira só é aplicável aos jovens; ou que imponha as atividades que ele crê convenientes; ou que reduza a vida ao ar livre a uns poucos piqueniques, porque não gosta de acampar ou porque não tem tempo para fazê-lo.



## OS ESCOTISTAS ADMINISTRAM A VISÃO

A visão, que se expressa nos objetivos anuais da Tropa, é a imagem que a Tropa Escoteira tem de seu próprio futuro. Quando é compartilhada, se converte em uma força de poder impressionante no coração de todos os membros da Tropa, criando um vínculo que a preenche e dá coerência a tudo o que ela faz.

A visão se espalha como uma espiral reforçadora de comunicação e excitação. Quanto mais dela se fala e quanto maior é o número de pessoas que a ela aderem, a visão se torna mais nítida e aumenta o entusiasmo que ela desperta. Os primeiros êxitos fazem crescer esse entusiasmo, mas o processo visionário não pode operar sem freios e também apresenta fatores limitativos:

- ▶ Na medida em que mais gente se junta ao processo, ou mudam os escotistas, mais “futuros ideais” se agregam à visão e ela se torna menos nítida, o que pode gerar conflitos. Os escotistas e as patrulhas se perguntam se a visão comum não pode ser modificada, se as visões particulares e das patrulhas carecem de importância ou se os que não estão de acordo devem mudar sua perspectiva.
- ▶ Fechar-se a todas essas possibilidades freia o processo de compartilhamento da visão, inaugura uma época de conflitos e as pessoas deixam de se sentir comprometidas com a visão para simplesmente acatá-la. O apropriado é indagar sobre as visões particulares, conceder-lhes espaço e permitir que se amplie ou se aprofunde a visão comum, “harmonizando” a diversidade.
- ▶ A brecha que se começa a perceber entre a visão e a realidade é outro fator limitativo. A Corte de Honra começa a sentir um certo desalento diante da dificuldade de concretizar a visão, o que obriga os escotistas a reforçar as capacidades individuais para sustentar sua adesão à visão.
- ▶ A visão também pode “morrer” quando os escotistas se sentem assoberbados pela realidade do “dia-a-dia” e a perdem de vista, o que os obriga a dedicar menos tempo aos assuntos rotineiros para conversar um pouco mais sobre os projetos futuros.



Em qualquer destes casos, os escotistas funcionam como “administradores” da visão, isto é, zelando para que ela se intensifique e enfrentando os fatores que poderiam levá-la a vacilar. Se os escotistas se descuidam da visão, corre-se o risco de que as patrulhas percam suas conexões recíprocas, de que se desencadeie o proselitismo a favor de visões particulares ou que a ação adquira um caráter rotineiro ou burocrático.

Para cumprir este papel de administradores da visão, os escotistas não podem abandonar nunca a história do propósito, isto é, a explicação geral de por que se faz o que se faz, de como a Tropa necessita evoluir e como essa evolução é parte de algo maior, de uma “história mais ampla”.

A história do propósito não se escreve, apenas, pelos valores universais do Movimento. A trajetória do Grupo Escoteiro a que pertence a Tropa, os valores propostos pela instituição patrocinadora, o estilo da comunidade em que se atua, as lutas e conquistas do passado, as “lendas” que se transmitem de uns a outros sobre os grandes momentos vividos pelo Grupo ou pela Tropa e muitos outros feitos também são partes essenciais dessa história. A história do propósito situa a razão do que se faz dentro de um contexto e assegura a estabilidade da Tropa.

## OS ESCOTISTAS MOTIVAM



Por meio de seu exemplo e dos muitos diálogos que mantêm com os jovens, os escotistas provocam suas condutas e os contagiam com o entusiasmo pela conquista da visão compartilhada da Tropa Escoteira, pela exploração de novos territórios, pelo fortalecimento das patrulhas, pelo cumprimento da programação de atividades, pelo compromisso com seu desenvolvimento pessoal e por tudo o que se faz na Tropa.

Pela comunicação, entendida como um processo de compartilhar significados, se produz um encantamento progressivo que desperta acordos (de *acordis*, um só coração) e que motiva (de *moto*, mover) os jovens a agir em um determinado sentido. Em outras palavras: são todos movidos por um só coração.





Um dos campos em que melhor se aplica a função motivadora dos escotistas é na promoção de atividades. As atividades, sejam de patrulha ou de Tropa, são idealizadas e propostas pelos jovens, mas é esperado que os escotistas devam despertar sua imaginação, “soprar” ideias, sugerir iniciativas, ajudar a manter o entusiasmo para que a atividade tenha a dose certa de atração, aventura e emoção. Mas esta “provocação” deve ser feita de forma discreta, sem que o escotista ocupe “a linha de frente”, deixando livres os espaços que devem ser ocupados pelos jovens e reaparecendo quando sua presença torna a ser necessária. Pouca utilidade terá para um escotista conhecer muito bem a psicologia da idade e o Método Escoteiro, se não fortaleceu sua habilidade para motivar atividades.



Para atuar como motivador, é preciso privilegiar as relações, ajudando sinceramente os demais a compreender e descobrir por sua própria conta, deixando plena liberdade de opção. O escotista mostra, revela, convida e facilita que os jovens descubram por si mesmos.

Para que esta relação seja genuína, deve estar livre de toda e qualquer intenção de impor. Motivar sem controlar e sem fazer demagogia. Motivar sem manipular, sem introduzir na proposta uma armadilha que impossibilite ao outro dizer não. Motivar sem adular, sem comemorar êxitos inexistentes só com a intenção de obter adesões.

A imagem que se contrapõe de forma mais dramática ao que deve ser a motivação é a do “Flautista de Hamelin”, que seduziu os ratos com sua música só para atraí-los para fora da cidade e fazer com que se atrasassem do barranco.

A ideia que, no nosso entendimento, melhor demonstra o que um escotista pode ser - como motivador - foi descrita pelo poeta libanês Khalil Gibran, que, falando de pais e filhos, captura o significado muito especial de responsabilidade sem possessividade:

“Vossos filhos não são vossos filhos.  
São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.  
Vêm através de vós, mas não de vós.  
E embora vivam convosco, não vos pertencem.  
Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,  
Porque eles têm seus próprios pensamentos.  
Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;  
Pois suas almas moram na mansão do amanhã,  
que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.  
Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós,  
Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias do passado.  
Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.  
O Arqueiro mira o alvo na senda do infinito  
e vos estica com toda a Sua força para que Suas flechas se projetem, rápidas e para longe.  
Que vosso encurvamento na mão do Arqueiro seja vossa alegria:  
Pois assim como Ele ama a flecha que voa, ama também o arco que permanece estável.”

(Tradução para o português de Mansour Challita).



## O ESCOTISTA GERA COMPROMISSOS

A motivação está no primeiro plano da ação dos escotistas para com os jovens, mas tal ação seria insuficiente caso se limitasse apenas à motivação. O objetivo da motivação é fazer com que o jovem aprenda a optar livremente.

➡ Algumas opções são de caráter objetivo e coletivo, como a opção em torno da visão compartilhada que a Tropa tem de seu futuro, pela qual o jovem incorpora sua visão pessoal à visão comum adotada pela Assembleia de Tropa.

➡ Outras opções são subjetivas e pessoais, como o momento em que fará sua Promessa, que implicará um compromisso com a Lei Escoteira. Esta é uma opção central dentro de sua participação no Movimento Escoteiro.



Na mesma linha, a existência de Competências e Objetivos Educativos se converte em chamamento para que o jovem se desenvolva como pessoa. Neste aspecto, o Método Escoteiro propõe aos jovens uma série de atividades baseadas nos valores escoteiros e cobrindo todas as áreas de sua personalidade. Frente a essa proposta, o jovem pode modificá-las ou ampliá-las, até que elas se ajustem ao que ele quer fazer de si mesmo. Essa é uma opção que o jovem faz mediante uma negociação com sua patrulha e com o escotista encarregado de seu acompanhamento. Ali também se depara com opções operacionais, como as que se referem à forma como realizará atividades que deseja, o que ocorre no âmbito de sua patrulha e na Assembleia de Tropa. Analisaremos esta proposta em detalhe num capítulo exclusivo.

Todo o Método Escoteiro é um estímulo constante a que o jovem exerça sua capacidade de escolher e de tomar muitas outras decisões, como a patrulha em que ingressará, as eleições internas, as tarefas que assumirá no desenvolvimento de uma atividade e os assuntos em que se especializará.

Feita uma opção, o escotista faz com que os jovens passem da motivação ao compromisso, ajudando-os a incorporar às suas vidas as opções que adotaram.

Para chegar a este compromisso, os escotistas contribuem para que o jovem renove constantemente o sentido da opção que adotou. Um trabalho sem sentido não gera compromisso; quando muito, acatamento. Como na lenda de Sísifo, que a mitologia grega apresenta como condenado a empurrar eternamente, subindo uma ladeira, uma pedra que rolava morro abaixo logo que chegava ao ponto mais alto.

É preciso lembrar, ainda, que compromisso é uma palavra recíproca, que alude à instauração de uma mutualidade na relação. A etimologia da palavra, “juntos a favor de uma missão”, refere-se justamente a este aspecto. O escotista não é um “comprometedor” profissional que permanece à parte do compromisso gerado. Ao contrário, quem convida alguém a assumir um compromisso está, ao mesmo tempo, manifestando sua intenção de assumi-lo também. Aquele que compromete a alguém assume o compromisso de “apadrinhar” aquele que dá sentido ao compromisso.

Se alguém pede a outra pessoa que manifeste sua adesão a uma visão, assume, neste exato momento, o compromisso com essa visão. Quando se convida os jovens a se comprometerem na realização de atividades que contribuam na conquista das Competências, se está assumindo o compromisso de apoiá-los em seu desenvolvimento. Quando se pede responsabilidade com a tarefa, se assume o compromisso de trabalhar em conjunto para sua realização. Compromisso dos jovens e exemplo dos escotistas são uma coisa só.

## O ESCOTISTA É UM EDUCADOR



**Este é o aspecto mais conhecido, central e evidente do papel que desempenha um escotista, mas não é o único nem pode ser dissociado dos papéis anteriores. O escotista age como educador, como culminância do seu papel de projetista, guardião da missão, administrador de uma visão, motivador e gerador de compromissos.**





Não se pode aprender em uma Tropa mal projetada, onde a caminhada se interrompe a cada passo porque as coisas não foram bem pensadas ou bem feitas. Não há aprendizagem onde não há sentido de missão nem o espaço educativo que resulta da vida de grupo, isto é, a interação entre todos os elementos do Método Escoteiro. Também não funciona o processo educativo escoteiro se não existir uma visão compartilhada sobre o futuro que, todos juntos, pretendem construir. Do mesmo modo, não há aprendizagem se os jovens não estão motivados e não assumem um compromisso voluntário com seu processo de desenvolvimento pessoal. Por isso, a função do escotista como educador é a ligação entre todas as funções anteriores.

O papel de educador escoteiro também não se exerce da forma clássica como estamos habituados em outros ambientes educativos. Quando analisamos a patrulha como comunidade de aprendizagem, dissemos que toda aprendizagem é um processo de transformação. Por isso, ao agir como educador, o escotista é um agente de transformação.

## De que modo a educação escoteira se relaciona com as transformações?

A participação e a antecipação são traços característicos da aprendizagem por meio do Método Escoteiro.



A participação deve ser entendida como um processo crescente e voluntário de cooperação e diálogo entre os jovens em torno de assuntos comuns, sejam de interesse da patrulha ou da Tropa, o que permite aprender descobrindo “entre todos”.



A antecipação, por outro lado, pressupõe uma perspectiva de futuro, um olhar adiantado aos acontecimentos que se aproximam, o que se concretiza coletivamente em uma visão e, individualmente, em um conjunto de atividades orientado para a conquista de Competências e objetivos pessoais.

Este tipo de aprendizagem, por sua vez, produz integração e autonomia, que são dois polos de um mesmo eixo. Pela integração, o jovem aprende a viver em sociedade e, pela autonomia, é capaz de se diferenciar dos demais, por meio de um projeto pessoal que lhe permite a autorrealização.

Diferentemente da aprendizagem tradicional, que tem por objetivo central adaptar a pessoa a seu meio e prepará-la para resolver situações já conhecidas, a aprendizagem escoteira aporta mudança, renovação, reestruturação e reformulação de problemas, preparando o jovem para atuar diante das novas situações que se sucedem em um mundo em permanente transformação. Daí a estreita relação entre transformações e aprendizagem escoteira.

Para que se produza esta aprendizagem inovadora, o escotista, além de suscitar compromisso, gera uma certa tensão entre realidade atual e futuro. É esta tensão que leva o jovem a atuar em busca de um futuro melhor, de um melhor modo de ser.

Esta tensão criativa está presente em tudo o que pretende mover o ser humano em uma determinada direção. Não há transformação sem clareza na missão e na visão. Se não existe missão, para que nos transformamos? Se não existe visão, em que sentido nos transformamos?

Em 28 de agosto de 1963, na grande concentração pelos direitos civis realizada diante do monumento dedicado a Lincoln, em Washington, o pastor Martin Luther King inicia seu histórico discurso com as palavras “Eu tenho um sonho”, e se estende falando sobre sua visão da sociedade norte-americana igualitária com a qual sonhava. A tensão que Luther King conseguiu criar entre a realidade da época e seu sonho compartilhado fez com que, em 1964, o governo dos Estados Unidos sancionasse a lei dos direitos civis, favorável às minorias raciais.

Por meio da tensão criativa que provoca nos jovens, o escotista mostra um futuro e o torna possível. Nas próprias palavras de Martin Luther King, trata-se de “dramatizar o assunto de forma que não mais possamos ignorá-lo”. Educar é dar transcendência ao tema do desenvolvimento pessoal. Educar é mostrar futuros possíveis, é acompanhar os jovens em sua caminhada em direção ao que podem e desejam ser. É transmitir os valores necessários para chegar ao futuro, para modificar a realidade atual.

Ao criar nos jovens esta tensão criativa, o escotista está semeando neles a capacidade de alcançar por sua própria conta o futuro que desejam. Não precisa empurrá-los, apressá-los nem pressioná-los em direção a esse futuro, basta acompanhá-los. Neste sentido, o papel do escotista é transcender, fazendo com que os jovens avancem como resultado das condições criadas, mas graças aos seus próprios esforços.



Para educar pela antecipação e gerar uma tensão criativa entre realidade atual e futuro, a equipe de escotistas não pode estar integrada unicamente por escotistas jovens, com idades muito próximas à dos escoteiros. É necessário que, na equipe, existam alguns adultos - ou jovens adultos - com experiência de vida suficiente para lhes permitir dar uma “espiada” ao que têm pela frente.

Por outro lado, uma equipe de escotistas integrada apenas por pessoas bem mais velhas pode ser a causa de atividades com pouco dinamismo, além de dificultar a construção de um relacionamento suficientemente horizontal com os jovens. É recomendável, portanto, que a equipe de escotistas seja um ponto de encontro entre pessoas de diferentes gerações, harmonizando as diferentes Competências que a tornam tão eficiente quanto possível.





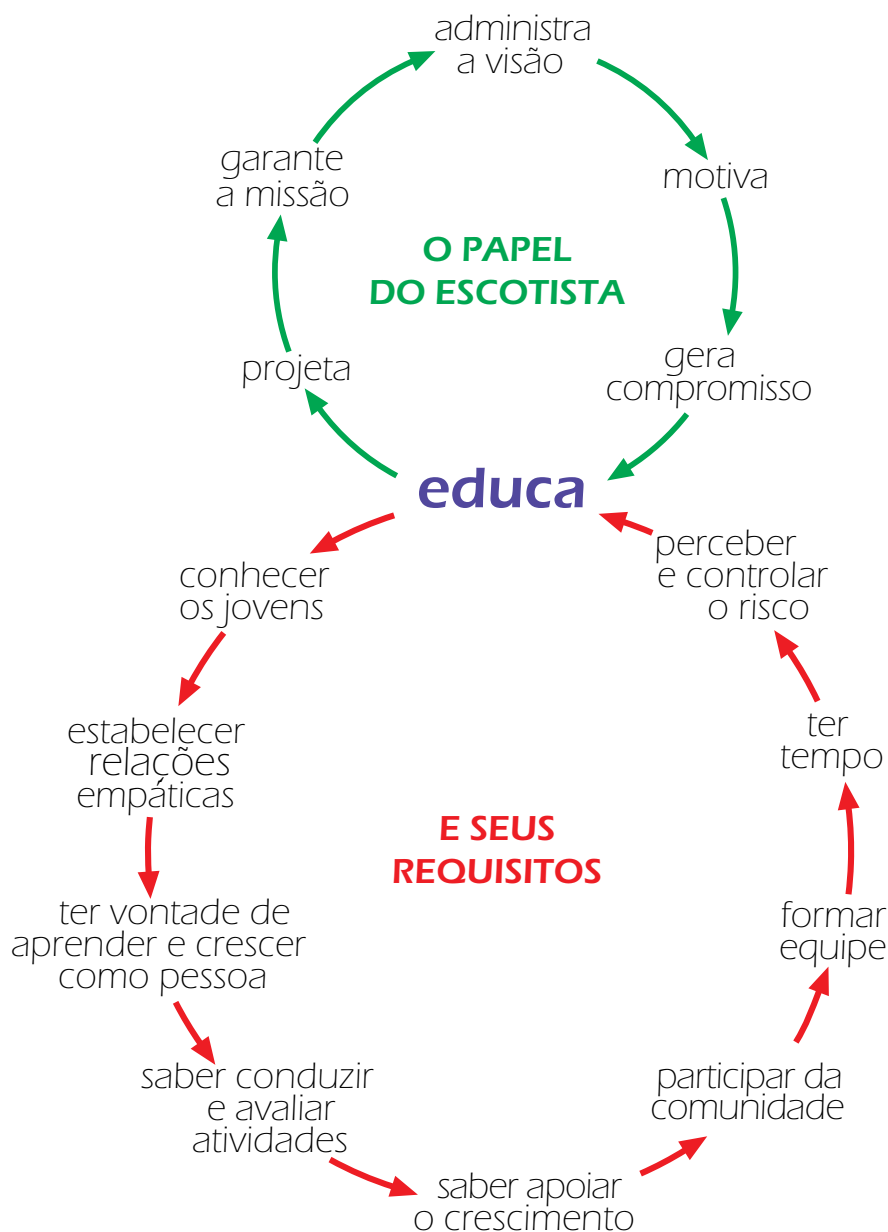


# OS ESCOTISTAS COMO EDUCADORES

## SÃO NECESSÁRIOS ALGUNS REQUISITOS BÁSICOS



Para exercer suas funções, os escotistas devem possuir ou adquirir certos requisitos ou condições básicas de caráter educativo que lhes permitam desempenhar com proficiência seus múltiplos papéis:



## CONHECER OS JOVENS



O conhecimento dos jovens deve compreender dois aspectos: de um lado, as características gerais dos jovens na faixa etária entre os 11 e os 15 anos, em todos os aspectos de sua personalidade; de outro lado, a forma de ser de cada jovem, única e pessoal, que depende de muitos fatores que resultam de sua natureza, de sua família, do ambiente em que vive e de sua história pessoal.



## TER CAPACIDADE PARA ESTABELECE RELAÇÕES EMPÁTICAS

Entende-se por empatia a capacidade de “colocar-se no lugar do outro”. Ou seja, ser capaz de reproduzir em si mesmo os sentimentos de outra pessoa e, assim, compreendê-los e compreendê-la.

O tipo de relacionamento baseado na empatia pressupõe, antes de tudo, silêncio interior, tempo e disposição para ouvir, além de maturidade e equilíbrio pessoal para entender e valorizar o que se está ouvindo. Exige capacidade para observar e, sobretudo, controle da ansiedade, deixando que o outro tome a iniciativa.





A empatia com os jovens também exige a capacidade de se deslumbrar como eles, de se entusiasmar com seus projetos e de “embarcar na aventura”, identificando-se e desfrutando do ambiente de exploração e descobrimento com que contagiamos a atmosfera da Tropa. É preciso ter esta capacidade para brincar e se manter adulto, sem se confundir com os jovens: o escotista, mergulhado na aventura, revela aos jovens o que eles não poderiam descobrir por sua própria conta.

A empatia também exige a sabedoria de deixar que os jovens usem todo o tempo de que necessitam para avançar. É preciso resistir à tendência à frustração, ao fracasso e à agressividade, estando sempre disposto a recomeçar e a tentar mais uma vez. Como já dissemos, é preciso saber desaparecer quando não se é necessário e estar pronto para reaparecer no momento oportuno.

## TER VONTADE DE APRENDER E CRESCER COMO PESSOA



Em um sistema centrado na aprendizagem, como é o caso do Método Escoteiro, aqueles que o aplicam devem ser os primeiros a demonstrar sua disposição para aprender continuamente. Felizmente, nunca terminamos de aprender e tudo na vida é uma oportunidade para fazê-lo. Nossa capacidade de aprendizagem depende muito de nossa vontade de aprender, desaprender e reaprender sempre, refletindo com autocrítica sobre nosso trabalho.

A atitude de aprendizagem forma progressivamente a capacidade educativa, que se reflete não apenas na informação que administramos, mas também em nossa capacidade de compartilhar significados, saber ouvir, conduzir processos e fazer as coisas bem feitas. E, não apenas crescer na função, mas crescer como pessoa, para nosso próprio bem e para o bem dos jovens.

Este contínuo aperfeiçoamento se alcança sendo um aprendiz dos próprios jovens, de outros escotistas, dos pais e mães, do sistema de formação da UEB, da comunidade, dos fatos sociais, do que se lê e de todas as experiências vividas.

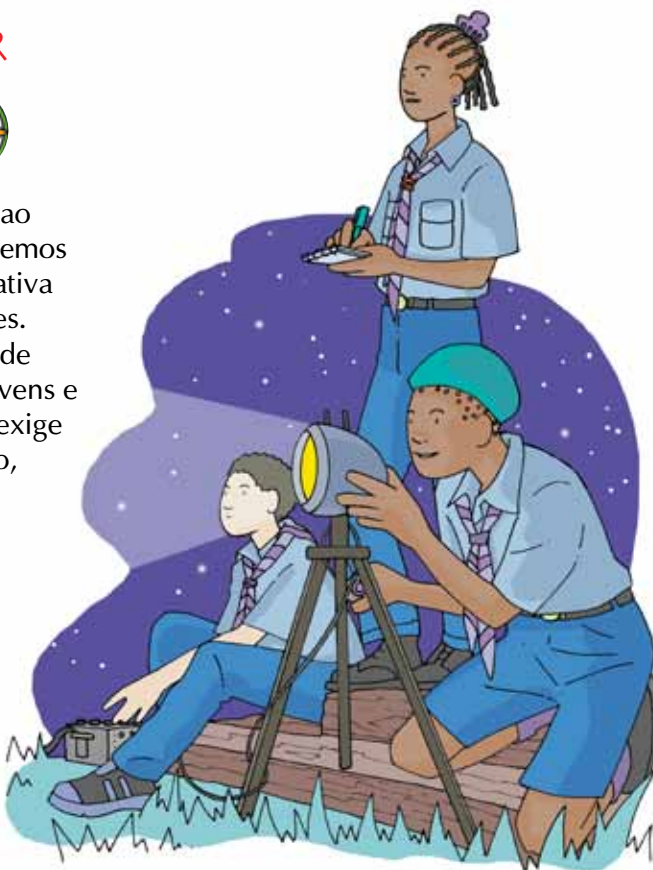


## SABER CONDUZIR E AVALIAR ATIVIDADES



Quando nos referimos ao escotista como motivador, dissemos que ele deve promover a iniciativa dos jovens para gerar atividades. Também deve possuir habilidade para conduzir atividades de jovens e avaliá-las junto com eles. Isto exige ainda capacidade de animação, organização e análise.

O detalhe, neste caso, é que não se necessita apenas dessas habilidades, mas da habilidade adicional de saber como ajudar os jovens a se organizar, aprender a executar e avaliar por sua conta. Isto implica apoiar o esforço dos jovens, gerando capacidades individuais e de equipe que os tornem progressivamente mais autônomos.



## SABER APOIAR OUTRA PESSOA EM SEU DESENVOLVIMENTO

As atividades que os jovens desenvolvem desencadeiam experiências pessoais. De um modo gradual, sequencial e cumulativo, tais experiências os conduzem à conquista de suas Competências e dos Objetivos Educativos propostos. Mas este processo não se passa de maneira automática nem inconsciente. O jovem necessita do diálogo, de companhia e do apoio de seu grupo de pares, de sua família e dos escotistas.

Isto exige do escotista uma certa capacidade para ajudar os jovens em várias tarefas, como desenvolver esforços constantes para desenvolver suas Competências, saber admitir e reconhecer carências e avanços, ser tolerante diante do fracasso e ter vontade de recomeçar, além de outras. Em uma palavra, o escotista deve dispor de certas atitudes e capacidades que o qualifiquem para ser reconhecido e aceito pelo jovem como um interlocutor válido de seu desenvolvimento pessoal. Como se pode perceber, mais uma vez se manifesta a necessidade do desenvolvimento pessoal do escotista.



## PARTICIPAR DA COMUNIDADE



Quando falamos das patrulhas, destacamos que elas não podem aprender no isolamento, razão pela qual o Método Escoteiro lhes propõe que atuem integradas à comunidade mais próxima e interessadas na comunidade mais distante, este mundo globalizado em que hoje vivemos.

Os escotistas que servem de modelo a essas patrulhas precisam ser um exemplo dessa proposta. Como despertar nos jovens o interesse pelo mundo e convidá-los a ocupar um espaço construtivo na sociedade, se os escotistas não estão, eles mesmos, inseridos de maneira ativa na comunidade?

Assim como nada acrescentam ao Movimento pessoas que, sem haver alcançado a maturidade, utilizam a liderança que exercem no Escotismo como forma de compensar suas frustrações pessoais não resolvidas, também não nos servem aqueles que não têm qualquer compromisso com a vida em sociedade. Muito menos aqueles que carecem de uma inserção social clara, por mais modesta que seja, e que nos dão a sensação de que querem escapar de suas responsabilidades sociais buscando refúgio no ambiente protegido do escotismo.



## TRABALHAR EM EQUIPE

Uma equipe é um grupo em que a conduta e o rendimento de uma pessoa são influenciados pela conduta e pelo rendimento dos demais.

Quando duas ou mais pessoas unem seus esforços, se produz sinergia, isto é, se potencializa o rendimento, obtendo-se um resultado superior à soma dos rendimentos individuais.

O Método Escoteiro é permanentemente atravessado pela dinâmica das equipes.

Por isso, um escotista deve ser capaz de trabalhar em companhia de outros, aportando seus talentos pessoais e aceitando e valorizando os aportes feitos pelos demais.

Trabalhar em equipe não é trabalhar junto com outros, mas “integrado” aos outros, o que exige condições pessoais para tolerar e administrar a divergência para, finalmente, fazer convergir os pontos de vista individuais.



## TER TEMPO



As tarefas de um escotista, principalmente as que cabem a alguém que é responsável por uma Tropa Escoteira ou que integra sua equipe de escotistas, exigem tempo. Um tempo generoso, em quantidade e qualidade, que permita alcançar o máximo de rendimento, sem ter a cabeça cheia de outras preocupações, fazer as coisas pela metade, estar sempre atrasado ou fazer tudo às pressas, de improviso ou precipitadamente.

Um escotista deve assumir compromisso com o cargo por um período previamente definido, idealmente por 3 anos. Isto dará continuidade ao trabalho comum, permitirá a obtenção de resultados concretos e possibilitará que se acompanhe, da melhor forma, o desenvolvimento pessoal dos jovens a quem se segue e avalia. No plano pessoal, este prazo permitirá “crescer na função” e desfrutá-la, cumprindo as tarefas de uma forma sempre melhor.

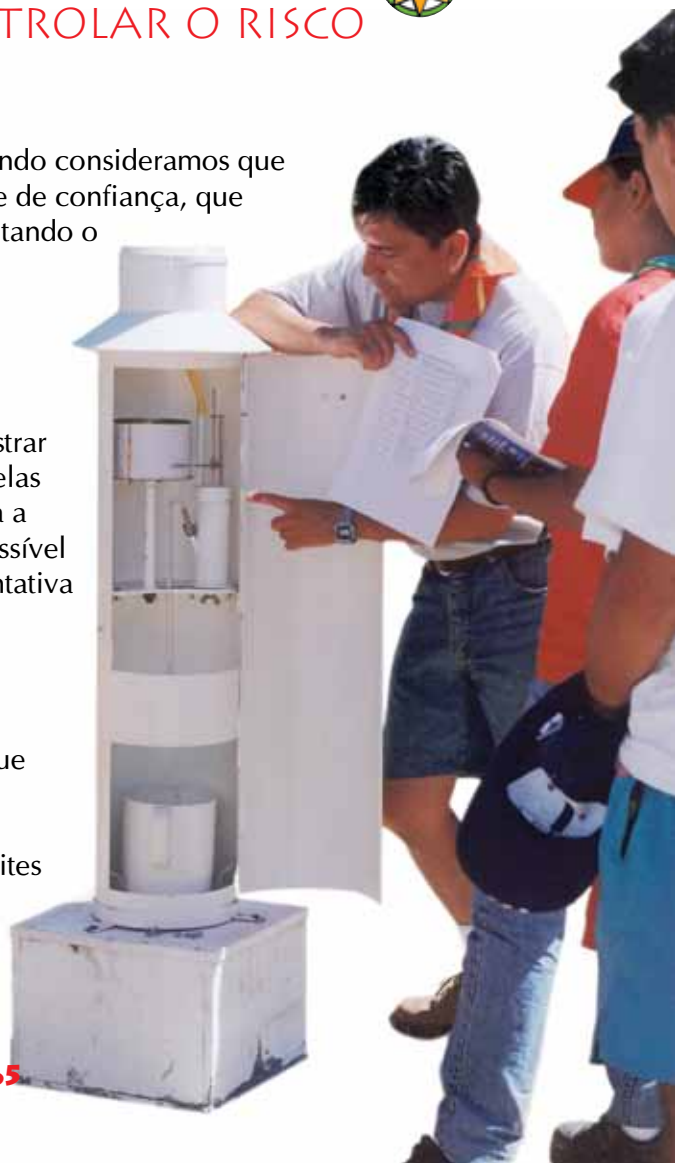
## SABER PERCEBER E CONTROLAR O RISCO



Como todo empreendimento humano, as atividades da Tropa estão sujeitas a riscos, principalmente quando consideramos que se trata de um sistema que funciona à base de confiança, que promove a aprendizagem dos jovens facilitando o exercício de sua liberdade.

Agindo longe dos seus controles habituais, os jovens ampliam sua independência, o que não significa que tenham autonomia suficiente para administrar essa independência. Por outro lado, naquelas situações em que poderia existir risco para a integridade física ou para a vida, não é possível experimentar com a aprendizagem por tentativa e erro.

Os escotistas devem empregar uma boa dose de tempo em imaginar e detectar as potenciais situações de risco que estão implícitas nas ações desenvolvidas pelos jovens, identificando condutas que minimizem esse risco e estabelecendo limites suficientemente claros para que não haja perigo na realização das atividades.







Uma Tropa Escoteira deve ser um ambiente onde as fronteiras sejam claramente fixadas, reduzindo ao mínimo os riscos envolvidos. Para isso, cabe aos escotistas preparar os jovens para que adquiram a capacidade de perceber e controlar o risco, respeitando os limites de maneira absoluta.

Baden-Powell dizia que o papel do escotista é “procurar substituir o irmão mais velho, isto é, ver as coisas pelo mesmo prisma que os jovens e conduzi-los e guiá-los entusiasticamente pelo caminho adequado” (Baden-Powell, Guia do Chefe Escoteiro, 1919).

É difícil encontrar uma imagem melhor do que a do “irmão mais velho” para sintetizar o papel educativo de um escotista: motivador da aventura, testemunha dos valores, companheiro no crescimento.

Um irmão mais velho vive aventuras com seus irmãos ou irmãs mais novos sem deixar de ter a idade que tem, sem se infantilizar, com a admirável capacidade de reduzir suas próprias forças para que o irmão mais novo possa desenvolver as suas. Um irmão mais velho quer sempre o melhor para os mais novos e, por isso, além de brincar, também orienta, protege e corrige sem castigar. E, a um irmão mais velho que os mais novos admiram, com ele desejam explorar novas terras, respeitam sua palavra e nele confiam para abrir seus corações.

Não podemos nos esquecer de que uma Tropa Escoteira não é um lugar onde os jovens aprendam conteúdos, nem ali se qualifica sua aprendizagem; para isso, eles vão à escola. Também não é um espaço em que recebam amor paternal ou sejam matematicamente acariciados; esse é o papel de seu lar. Não se dá instrução religiosa específica, pois para isso os jovens vão a sua igreja. Não é o lugar para o desenvolvimento de habilidades físicas competitivas, pois não pretende substituir os clubes ou as academias desportivas. Não é, tampouco, uma organização em que se pratique uma disciplina rígida ou onde se aprenda a cumprir ordens; com esse objetivo, os jovens procurariam uma organização militar.

Por isso, Baden-Powell insistia em que o papel de um escotista não é o de um professor, nem o de pai ou mãe, nem o do sacerdote, o de um treinador desportivo nem, e muito menos, o de um instrutor militar. É, simplesmente, o de “um irmão mais velho”.

É preciso que se alerte que a responsabilidade das pessoas que trabalham com jovens não se limita a sua atitude educativa, mas também se estende à observância dos direitos e deveres estabelecidos em lei.

Do ponto de vista legal, os jovens escoteiros são menores de idade; têm direitos estabelecidos e regulamentados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente e que devem ser rigorosamente respeitados. Os que, por quaisquer circunstâncias, violarem esses direitos ou agirem com imperícia, imprudência ou negligência, assumirão a responsabilidade por seus atos. Por isso, se exige que os membros de uma equipe de escotistas sejam, todos, maiores de idade.

Esta importante consideração explica porque, antes de incorporar uma pessoa a uma equipe de escotistas, os dirigentes procuram comprovar a saúde mental, a estabilidade emocional, a idoneidade moral, a capacidade de controlar a agressividade, a ausência de tendências autoritárias e o trato respeitoso e delicado para com as demais pessoas - especialmente para com os jovens - de um candidato a escotista.



# As áreas de DESENVOLVIMENTO







# SUMÁRIO

---

## AS DIMENSÕES DA PERSONALIDADE

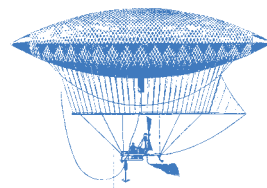
- O Método Escoteiro propõe o desenvolvimento da personalidade em todos os seus aspectos.
- As pessoas agem como um “todo indivisível”.
- O Marco Simbólico reforça o desenvolvimento de toda a personalidade.

## REFLEXÕES SOBRE AS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO

- O desenvolvimento físico.
- O desenvolvimento intelectual.
- O desenvolvimento do caráter.
- O desenvolvimento afetivo.
- O desenvolvimento social.
- O desenvolvimento espiritual.
- Os escotistas precisam conhecer vários exemplos e saber quando recorrer a eles.
- As Competências e Objetivos Educativos são agrupados por Áreas de Desenvolvimento.



# AS DIMENSÕES DA PERSONALIDADE



## O MÉTODO ESCOTEIRO PROPÕE O DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE EM TODOS OS SEUS ASPECTOS

Quando surge a puberdade, os jovens iniciam um longo caminho em busca de seu projeto de vida, que só consolidarão depois de terminada a adolescência. Para chegar até ele, terão que passar, pouco a pouco, da dependência infantil à autonomia adulta, formar sua imagem de si mesmos e construir sua própria identidade.

Essas tarefas não dependem, apenas, de sua história pessoal e familiar, de suas condições individuais e das circunstâncias de sua vida, mas também dos valores pelos quais fazem sua opção. Por isso, o Movimento Escoteiro Ihes apresenta um conjunto de saberes coesos e relevantes, que o jovem submete a sua livre escolha.

**Uma delas, provavelmente a mais relevante de todas, é a proposta contida na Lei Escoteira, que reúne os valores essenciais do Projeto Educativo do Escotismo. A Lei é um convite ao jovem para que desenvolva de forma equilibrada todas as dimensões de sua personalidade, tornando-se um homem ou uma mulher no sentido pleno em todas as suas potencialidades**

Para alcançar esse propósito, destacamos as áreas de desenvolvimento que expressam a variedade de expressões da pessoa e a ordenam com base na estrutura da personalidade:



| DIMENSÃO DA PERSONALIDADE | ÁREA DE DESENVOLVIMENTO | INTERESSES EDUCATIVOS NESTA IDADE   |
|---------------------------|-------------------------|---|
| O corpo                   | Físico                  | Esquema corporal - afirmação do papel sexual.   |
| A inteligência            | Intelectual             | Desenvolvimento de novas formas de pensar, juízo crítico e maior compreensão de mundo.  |
| A vontade                 | Caráter                 | Autoestima, opção por valores, formação da consciência moral e busca da identidade.   |
| Os afetos                 | Afetivo                 | Administração e orientação da afetividade e vivência da amizade.  |
| A integração social       | Social                  | Aprendizagem do respeito pela opinião alheia, construção de normas por meio do consenso e integração à sociedade mais imediata. |
| O sentido da existência   | Espiritual              | Uma fé pessoal construída a partir de dentro.   |

A Tropa Escoteira é um espaço em que, em companhia dos seus amigos de patrulha, os jovens brincam, organizam suas aventuras e aprendem. Em meio a essas atividades, eles encontram o apoio necessário para desenvolver todas as dimensões de sua personalidade, sem excluir nenhuma e sem desenvolver umas em detrimento de outras.

A vida de grupo na Tropa Escoteira é mais atraente que qualquer outra oferta que o jovem possa receber nesta idade. É mais ampla que a proposta de uma escolinha de futebol, que se interessará quase que exclusivamente pelo seu rendimento desportivo; mais completa do que a de um grupo musical, que se concentrará em sua expressão artística; mais profunda do que a de um partido político, que tenderá a levá-lo a ver o mundo sob a ótica de sua ideologia.

O que torna a proposta escoteira tão especial é que nem a escolinha de futebol, nem o grupo artístico nem o partido político se veem excluídos das opções de desenvolvimento oferecidas ao jovem. O Escotismo apenas as coloca dentro de uma perspectiva mais ampla e cativante: seu desenvolvimento integral como pessoa.

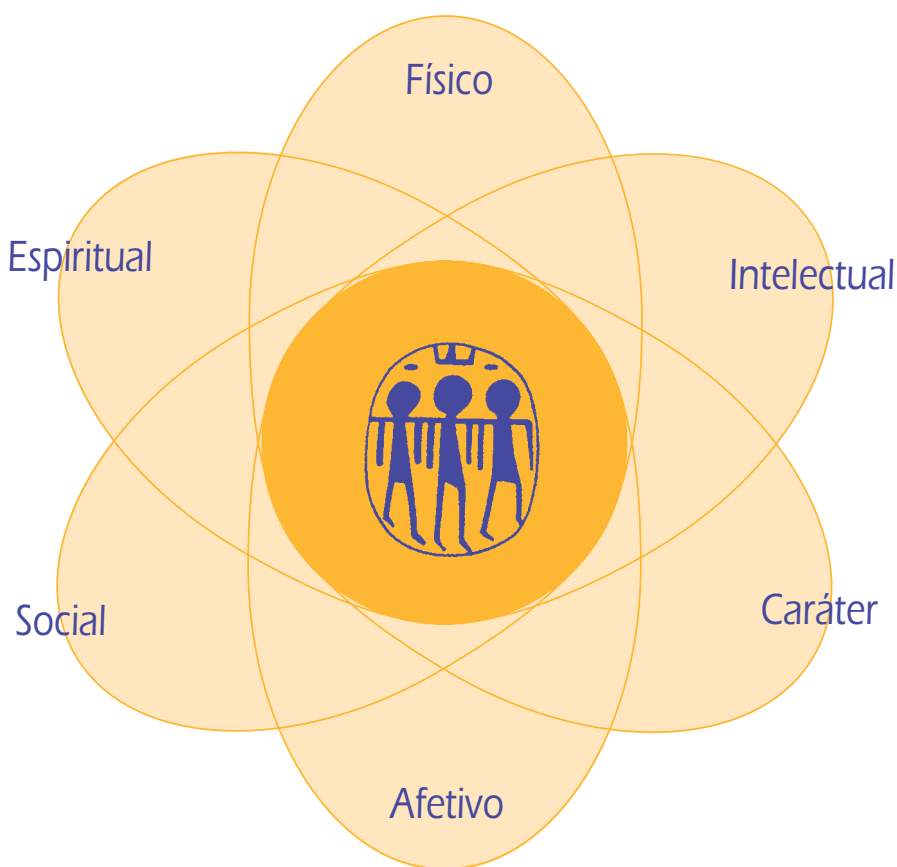
## AS PESSOAS AGEM COMO UM “TODO INDIVISÍVEL”



A consideração dessas diferentes áreas de desenvolvimento é uma perspectiva educativa muito útil, pois permite:

- Evitar que as atividades desenvolvidas nas patrulhas e na Tropa se concentrem apenas em alguns aspectos da personalidade dos jovens, descuidando dos outros;
- Contribuir para que, em todo esse período de elaboração de sua identidade, os jovens percebam, pouco a pouco, as diferentes realidades que convivem dentro de si, ajudando-os, por meio dos objetivos, a se desenvolverem em todas essas dimensões; e
- Avaliar seu desenvolvimento em todas as diferentes dimensões.

**É importante lembrar que nossa personalidade resulta da união dessas diferentes dimensões e cada uma delas influencia todas as outras, o que torna difícil identificar as fronteiras entre elas.**





## O MARCO SIMBÓLICO REFORÇA O DESENVOLVIMENTO DE TODA A PERSONALIDADE



Para motivar os jovens na realização de atividades e, por conseguinte, na conquista de suas Competências e Objetivos Educativos, as áreas de desenvolvimento se conectam com o Marco Simbólico. O símbolo, coincidente com a etapa de busca e com o espírito aventureiro dos jovens de 11 a 14 anos, consiste em explorar novos territórios com um grupo de amigos, razão pela qual adquirem grande relevância os exemplos de vida de homens e mulheres que abriram novas dimensões para a humanidade.

Recordemos que aos lobinhos, na faixa etária que ainda usa o pensamento mágico, as áreas de desenvolvimento - com exceção de espiritualidade - são apresentadas utilizando personagens extraídos precisamente de uma fantasia. Nessa fase, se usam fábulas, em que animais a quem atribuímos atitudes humanas se apresentam às crianças como modelos de comportamento socialmente aceitos e valorizados, convergentes com os Objetivos Educativos das respectivas áreas de crescimento. Esses mesmos personagens, presentes nos relatos dos Guias que as crianças utilizam, propõem Objetivos Educativos em cada uma das áreas de desenvolvimento.

Na fase que engloba o Ramo Escoteiro, quando os jovens começam a formar o pensamento abstrato, modifica-se o conceito do símbolo, utilizando-se personagens reais e fatos concretos em que foram protagonistas.

Nessa idade, já não existem símbolos exclusivos para cada área de desenvolvimento e os exemplos, numerosos e variados, são homens e mulheres que efetivamente existiram, que partiram um dia para o descobrimento de outras dimensões, em busca de novas terras, pesquisando fenômenos, explorando o espaço e abrindo novas dimensões sociais, culturais ou espirituais. Homens e mulheres que demonstraram o que comumente chamamos de “espírito escoteiro”.

O símbolo pretende que estes homens e mulheres incorporem os ideais dos jovens dessa idade pois, assim como os exploradores e descobridores, eles se encontram em uma etapa em que deverão se desprender do morno ambiente familiar e partir em busca de seus objetivos, da exploração da sociedade e ao encontro de novas dimensões para sua identidade e seu projeto de vida.

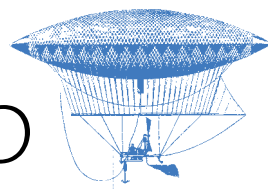
**Os Guias orientarão sua viagem ao longo das etapas de progressão e darão exemplos e relatos que representam “modelos” para os jovens.**

No que se refere ao desenvolvimento do caráter, por exemplo, quando um jovem se defronta com a Competência “Sei o que significa lealdade e procuro agir desta forma com os outros e comigo mesmo”, surgirá o jovem escoteiro Caio Vianna Martins. Ele e todo o grupo que o acompanhava na viagem de trem em que ocorreu um grave acidente, tornando a participação dos escoteiros fundamental no salvamento de muitas vidas. A frase “Um escoteiro caminha com as próprias pernas”, dita por Caio ao negar o socorro em favor de vítimas mais graves, ficou marcada na história do Movimento Escoteiro.

Por meio de exemplos assim, os jovens travam contato com pessoas reais que demonstram ser possível viver de acordo com os mesmos valores contidos na Lei Escoteira e nas Competências e Objetivos que lhes são propostos nas diferentes áreas de desenvolvimento.



# REFLEXÕES SOBRE AS ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO



## O DESENVOLVIMENTO FÍSICO

Como o corpo cresce e funciona com base em leis próprias, é comum que se pense que uma pessoa não pode influenciar os processos por que passa seu organismo. Essa ideia só é verdade em parte, pois a cada dia a ciência reúne mais e mais provas do muito que podemos fazer para proteger a vida, desenvolver nosso corpo e zelar pela nossa saúde.

Por isso, quando se trata de seu próprio desenvolvimento físico, a primeira tarefa com que uma pessoa se defronta é assumir a parte que lhe cabe no bem estar do seu corpo, que influencia de maneira muito importante as características de sua personalidade.

Entre os 11 e os 15 anos, os jovens devem assumir progressivamente as tarefas que se relacionam com seu desenvolvimento físico, comuns a todas as pessoas:

- Conhecer os processos biológicos que regulam o funcionamento de seu organismo;
- Proteger sua saúde;
- Cuidar de sua higiene pessoal e do ambiente à sua volta;
- Administrar seu tempo de maneira equilibrada;
- Manter uma alimentação equilibrada;
- Utilizar formas adequadas de descanso;
- Desfrutar do ar livre e praticar esportes.



Entretanto, o que mais chamará sua atenção nesta idade são os aspectos relacionados com as transformações de seu corpo a partir da puberdade. E, por isso, deverão experimentar, entre outras aprendizagens:

- Conhecimento quanto ao que está ocorrendo em seu organismo;
- A formação de sua própria imagem corporal;
- A administração dos transtornos associados ao crescimento (muito rápido ou mais lento);
- A aceitação das dificuldades motrizes de seu desenvolvimento;
- A orientação dos impulsos nascentes e de suas novas forças;
- O respeito pelo seu corpo e pelo corpo alheio;
- A valorização de seu aspecto pessoal;
- O controle de sua agressividade;
- A percepção adequada do risco físico; e
- A manutenção de uma vida ativa.

Importante salientar que, a este respeito, Baden-Powell sempre recomendou aos jovens (em seus livros) o que ele praticava diariamente: alimentação adequada, descanso e exercício físico constante. Nos Guias, esta relação especial de uma pessoa com seu corpo é ilustrada por uma série de exemplos.

Jacques Costeau, o grande explorador francês do mundo submarino, conhecia os limites de sua capacidade física e, contudo, desejava mover-se nas profundezas do mar tão livre como qualquer peixe. Possivelmente por isso, em 1943, inventou o "Aqualung", que lhe possibilitou respirar tão comodamente embaixo da água como no escritório de sua casa. Antes de Costeau, a exploração submarina se fazia com sapatos de chumbo, escafandros de cobre, trajes extremamente pesados, e os mergulhadores deviam arrastar cabos de salvamento e mangueiras de ar.

Conhecedor do funcionamento do organismo humano, Ernest Shackleton, preso com sua expedição nos gelos da Antártica durante 20 meses, conseguiu proteger-se e aos seus homens do escorbuto, preparando guisado de pinguim e comendo vísceras frescas de animais recém abatidos, que lhes proporcionava a vitamina C de que seus organismos necessitavam.

Annie S. Peck praticou montanhismo até os 82 anos e, quando tinha 59 conseguiu, na sexta tentativa, alcançar o cume norte do Huascarán, no Peru. Seis tentativas com essa idade requerem uma intensa preparação e controle do próprio corpo. Wilhelm Conrad Röntgen, cientista alemão que, em 1895, descobriu o raio X, praticava constantemente o montanhismo. Cândido Mariano Rondon, o grande explorador brasileiro, gostava da vida ao ar livre, de natação e de exercícios diários.







## O DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL

O ser humano é algo mais que um corpo. É um corpo inteligente.

A inteligência nos permite descobrir a verdade que está explícita ou implícita em tudo, relacionar umas coisas com outras, tirar conclusões, armazenar informações e realizar muitas outras funções que, progressivamente, vão formando nossa bagagem de conhecimentos.

Esse conhecimento, que os jovens adquirem em grande parte na escola, é diferente da capacidade para usá-la de maneira original e relevante, apertando novas ideias e criando soluções originais. A esta capacidade damos o nome de criatividade, que nem sempre se adquire na escola, pois é a própria vida que nos torna criativos. É mais especificamente sobre criatividade que nos referimos quando falamos em desenvolvimento intelectual.

Todos temos a possibilidade de desenvolver nossa criatividade. Só necessitamos fazê-la brotar, abrir espaço para que saia de dentro de nós. Para isso, é preciso criar um ambiente estimulante, que gratifique as ideias novas e que nos faça sentir seguros e apreciados. Também é preciso eliminar os obstáculos com que se defronta a criatividade:


- a falta de conhecimentos;
- o apego a fórmulas antigas;
- o medo de errar e de fracassar;
- a incapacidade para a aventura;
- o ambiente severo;
- o conformismo; e
- a censura sistemática.



Além disso, as pessoas não desenvolvem sua criatividade da noite para o dia. Chegar a ser uma pessoa criativa exige uma longa caminhada. O período compreendido entre os 11 e os 15 anos, de exploração do mundo, de desenvolvimento do pensamento abstrato e da descoberta das relações de causalidade, é uma oportunidade muito propícia para que os jovens:



- tomem interesse pela aprendizagem;
- administrem a informação;
- adquiram hábitos de leitura;
- ensaiem possibilidades vocacionais;
- se familiarizem com processos técnicos;
- se permitam imaginar e sonhar; e
- reconheçam o erro como uma oportunidade de aprendizagem.



Por isso, a vida de grupo na Tropa Escoteira, o estabelecimento de um campo de aprendizagem e as atividades e projetos que os jovens empreendem com sua patrulha estimulam o interesse por aprender, desenvolvem a capacidade de se aventurar, pensar e inovar, e oferecem a oportunidade de ensaiar soluções para os problemas que enfrentam quando se põem a fazer coisas.

No Congresso de Física realizado na Alemanha em 1893, um eminente cientista cujo nome é melhor não saber se levantou para dizer que a física estava acabada e que já tinham sido feitos todos os descobrimentos naquela ciência. Resumiu a história da física como se fizesse o elogio fúnebre de um ilustre desaparecido. Com um gesto de misericórdia, encerrou sua exposição declarando que os físicos do futuro nada mais teriam a fazer senão repetir as experiências do passado.

A resposta não se fez esperar. Dois anos depois desta declaração oficial de morte da ciência, em um modesto laboratório do Instituto de Física da Universidade de Würzburg, Wilhelm Conrad Röntgen descobre os raios X. Um ano depois, quando os raios X ainda usavam fraldas, Henri Becquerel anunciou ao mundo haver descoberto radiações misteriosas nos sais de urânio. Dois anos depois, em 1898, o casal Pierre e Marie Curie descobria o rádio e, enquanto isso, na Universidade de Zurich, Albert Einstein preparava os famosos artigos publicados em 1905, que fixaram as bases da teoria da relatividade.

Depois de ter declarado o fim da física, o cientista de nossa história pôde presenciar, em menos de 10 anos, quatro das descobertas mais importantes de nossa época e a transformação total do conceito científico da física. Sem criatividade, Röntgen, Becquerel, os Curie e Einstein não teriam efetuado suas descobertas.

**Os Guias mencionam estes e outros feitos e procuram estimular atitudes e aptidões que exigem criatividade.**

É assim que citam Santiago Ramón y Cajal, o anatomista espanhol que propôs a teoria de que a ligação entre as células nervosas se estabelece por contato e que demonstra que, partindo do cérebro, existem vias precisas de condução, específica para cada estímulo nervoso. Quando criança, Ramón y Cajal conseguia os contos que lhe interessavam da biblioteca de um vizinho, para o que devia realizar perigosas expedições sobre os telhados e descer por uma estreita claraboia, enquanto seu pai, homem enérgico e de ambição insatisfeita, acreditava que ele estava fechado em seu quarto, dedicado às traduções de latim e equações matemáticas.

Lewis e Clark, na expedição de 29 meses pelo rio Missouri, enfrentaram situações que os obrigaram a ampliar a criatividade. Em uma ocasião, encontraram membros da tribo salish, que nunca antes haviam visto homens brancos. Os índios usavam um idioma tão diferente e difícil que pareciam ter algum defeito na língua. Para que pudessem se entender, estabeleceram uma extraordinária cadeia idiomática: os salish falavam em salish a um menino shoshone que vivia entre eles. O menino traduzia ao shoshone para Sacagawea, uma indígena que pouco antes havia se juntado à expedição. Esta traduzia ao hidata para seu esposo francês que, por sua vez, traduzia ao francês para outro francês, o qual traduzia do francês para o inglês, para Lewis, Clark e os demais membros da expedição. A resposta seguia a mesma seqüência, no sentido inverso.

Quando, no século X, Erik, o Vermelho, partiu com sua família do litoral da Noruega, rumo ao noroeste, levou consigo 3 corvos, porque “eles nos conduzirão ao nosso destino”, segundo disse. O primeiro corvo foi solto ao amanhecer do primeiro dia de navegação, e voou imediatamente em direção à terra de onde acabavam de sair. Erik deduziu que “ainda não navegamos o bastante”. No outro dia, o segundo corvo foi liberado. Após algumas voltas ao redor do veleiro, também dirigiu seu voo para as costas que haviam deixado há dois dias. Erik, muito seguro, deduziu que “já estamos na metade do caminho”.

Ao amanhecer do dia seguinte libertou-se o terceiro corvo, que tomou a mesma direção do veleiro e se perdeu no horizonte. Erik, com grande satisfação, anunciou a sua família: “estamos a ponto de chegar a novas terras”, o que efetivamente ocorreu pouco depois, com a descoberta da Groelândia.



Alfred Hitchcock, o grande criador de filmes de suspense, para enfatizar o valor da criatividade, dizia que “existe algo mais importante que a lógica: a imaginação”. Para desenvolver a criatividade, o Método Escoteiro utiliza constantemente os recursos oferecidos pela imaginação, convidando os jovens a ultrapassar o convencional, o habitualmente aceito, o simplesmente útil. Como disse Heitor Villa Lobos, o genial músico brasileiro contemporâneo, “a música é tão útil como o pão e a água”. E o químico e biólogo francês Louis Pasteur costumava dizer que é nosso dever ir a fundo, porque “deve-se esgotar todas as combinações”.

A aprendizagem da criatividade por parte dos jovens os converte em protagonistas. Marshall McLuhan, o extraordinário canadense cujas reflexões sobre a comunicação contemporânea provocaram um forte impacto sobre a educação, dizia que “na nave espacial chamada Terra, não há passageiros; somos todos tripulantes”.



## O DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER



Além de inteligência, o ser humano possui vontade. Uma e outra se complementam a tal ponto que de pouco serviria a primeira, se não se exercitasse a segunda. Enquanto a inteligência lhe permite descobrir como o “mundo gira”, sua vontade o conduz na direção do que considera bom.

Uma pessoa de caráter é aquela que sabe exercer sua vontade. Por isso, o caráter é uma disposição permanente para organizar suas forças e impulsos de acordo com princípios e valores que ela considera corretos.

Ser uma pessoa de caráter é algo difícil de alcançar. O período entre 11 e 15 anos, quando o jovem começa a questionar a posição derivada da família e, gradualmente, dá forma a suas próprias normas de comportamento, é a fase mais apropriada para aprender a exercitar sua capacidade de decidir por si mesmo. A comunidade que se forma na patrulha de amigos e a vida da Tropa contribuem para esse exercício, oferecendo a jovens de ambos os sexos experiências que lhes permitem educar sua vontade.

É o período em que se deve:

- conhecer suas possibilidades e limitações;
- aceitar-se com capacidade de autocrítica e manter, ao mesmo tempo, uma boa imagem de si mesmo;
- estabilizar seus estados de ânimo;
- formar seu senso de humor; e
- desenvolver sua sensibilidade para detectar a inconsequência e apreciar o valor da coerência pessoal.

A vivência da Lei Escoteira cumpre um papel fundamental na formação da consciência moral e do caráter.



Os jovens formam sua própria escala de valores, que consolidarão durante a adolescência e logo depois de seu término. Nesse processo, são fundamentais:



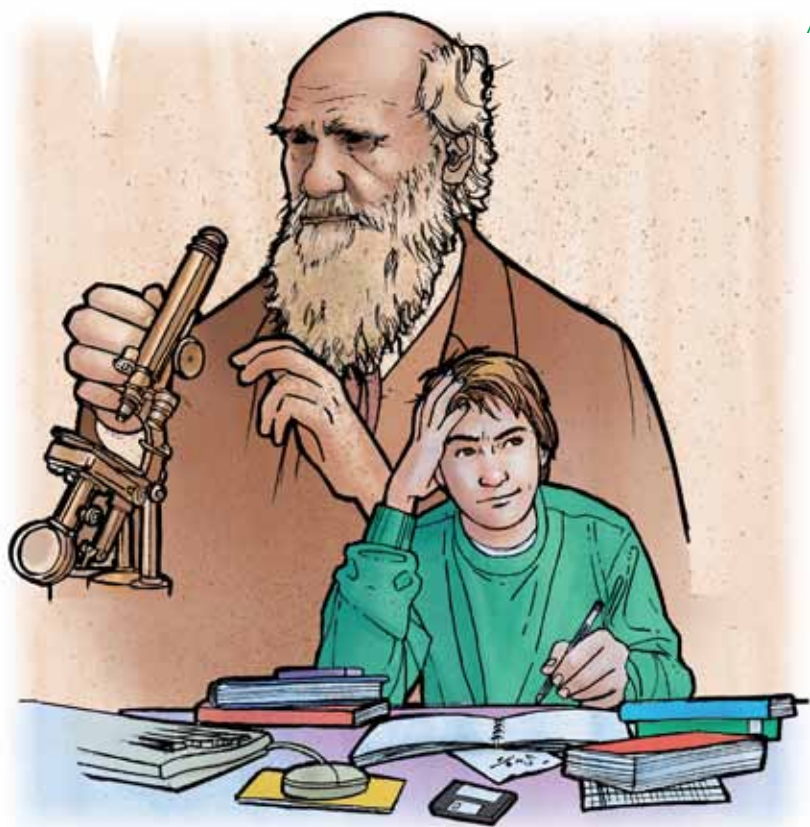
- a disposição para ouvir os outros;
- o compromisso com a verdade;
- seu ânimo sempre alegre;
- o afeto pelos amigos;
- a valorização da família;
- o serviço ao próximo; e
- o respeito pela natureza.

Para a formação da consciência moral e do juízo crítico, a palavra e o exemplo dos escotistas, que servem como modelos, como vimos anteriormente, são fundamentais. Os jovens, contrariando a crença generalizada, estão sempre dispostos a receber a orientação de adultos bem intencionados e preparados, mesmo que às vezes pareça que não os escutam. Para isso, é preciso estar próximo a eles, ter com eles algo em comum, merecer sua confiança e, naturalmente, fazer com que as palavras se façam acompanhar do exemplo, pois, do contrário, valem muito pouco.

### Os Guias apoiam este trabalho do escotista, apresentando o exemplo de homens e mulheres que aprenderam a forjar seu caráter.

Albert Einstein, físico e matemático alemão que, em sua condição de judeu, conheceu a dureza do exílio e que foi declarado pela revista Times, segundo pesquisas de opinião, como o personagem mais importante do século XX, tinha na escola problemas de aprendizagem, especialmente em... matemática! Quando precisou trabalhar, teve dificuldades em encontrar ocupação, já que os eruditos da Universidade o achavam pouco inteligente. Por isso, seu primeiro trabalho consistia simplesmente em ordenar papéis, porém isto não diminuiu sua vontade e lhe deu tempo para pensar e ir desenvolvendo suas teorias.

José Celestino Mutis, jovem médico sevilhano apaixonado pelas ciências naturais, que nos deixou uma herança de mais de 24.000 lâminas de plantas americanas, foi enviado à América para que autoridades não tivessem que escutar suas críticas sobre a forma como definhava a Academia Espanhola. Teve que esperar 20 anos para que autorizassem sua Missão Botânica.



A adolescência de Charles Darwin transcorreu sob a vigilância de um pai apreensivo, de uma irmã dominadora e de um ciumento irmão mais velho. “Nunca serás nada” - lhe dizia seu pai - “pois não te ocupas de nada que não sejam os animais”. Na escola, sentia aversão pelas aulas, pelas perguntas de rotina e pelas respostas padronizadas.

Depois de dois anos, abandonou os estudos de medicina, que seu pai o obrigava a fazer, e foi enviado a Cambridge, onde deveria estudar teologia. A instrução altamente regulamentada de Cambridge quase chegou a quebrar seu espírito. Contudo, nesse período demonstrou interesse pelas ciências e desenvolveu o hábito da pesquisa.

Quando, em 1831, embarcou no Beagle, em uma exploração científica em direção à América do Sul, seu pai se opôs porque essa viagem não era a melhor preparação para o púlpito. O comandante do barco também se opunha, porque... não gostava da forma do nariz de Darwin.

No último instante, Darwin subiu a bordo do barco. Tinha 22 anos. A vida em um navio não oferecia nenhuma comodidade, o alojamento era pobre, a comida ruim; passou quase todo o tempo enjoado, a expedição arruinou sua saúde e, como consequência da viagem, Darwin ficou inválido para o resto de sua vida. Todavia, o homem que revolucionou o mundo com sua teoria sobre a origem das espécies e do homem, escreveu posteriormente que sua permanência a bordo constituiu-se “indiscutivelmente, no acontecimento mais importante de minha vida...; sempre acreditei que àquela viagem devo a primeira instrução ou educação genuína de minha mente”.



A realização pessoal nunca está placidamente à nossa espera no outro lado da esquina. É preciso construí-la passo a passo. “Querer é uma grande coisa - escreveu Louis Pasteur a seus irmãos, quando tinha 19 anos - mas a ação e o trabalho devem seguir a vontade. A vontade abre as portas, o trabalho as atravessa e o êxito nos espera, para coroar os esforços”.

## O DESENVOLVIMENTO AFETIVO



**As experiências afetivas, assim como o corpo, a inteligência e a vontade, fazem parte da vida e contribuem para definir nossa personalidade.**

**As emoções, os sentimentos, as motivações e as paixões em que se traduzem os afetos conferem à nossa atividade uma ressonância particular que, embora nem sempre possa ser definida com suficiente clareza, é de tal importância que deixa uma marca decisiva em nossa história pessoal.**

**As experiências afetivas surgem da vida diária, são percebidas interiormente, provocam reações físicas, se manifestam na conduta e se expressam nas ideias e pensamentos, influenciando, finalmente, nosso modo de ser. Todo processo de aprendizagem deve levar a que a vida afetiva se integre de maneira adequada ao comportamento, favorecendo o desenvolvimento.**

O desenvolvimento afetivo é uma tarefa central nesse período da vida, e dele dependerá, em grande parte, a elaboração de uma identidade sadia por parte do jovem. Para alcançá-lo, é necessário enfrentar uma série de desafios e de riscos:



- diante da incerteza de como responder às crescentes demandas da adolescência, é frequente o aparecimento da ansiedade e será necessário saber coexistir com a tendência à solidão e ao hermetismo, fruto do espanto diante das transformações sexuais que irrompem;
- também será necessário superar as constantes frustrações que resultam de danos à autoestima e da demora em encontrar papéis autônomos e satisfatórios.

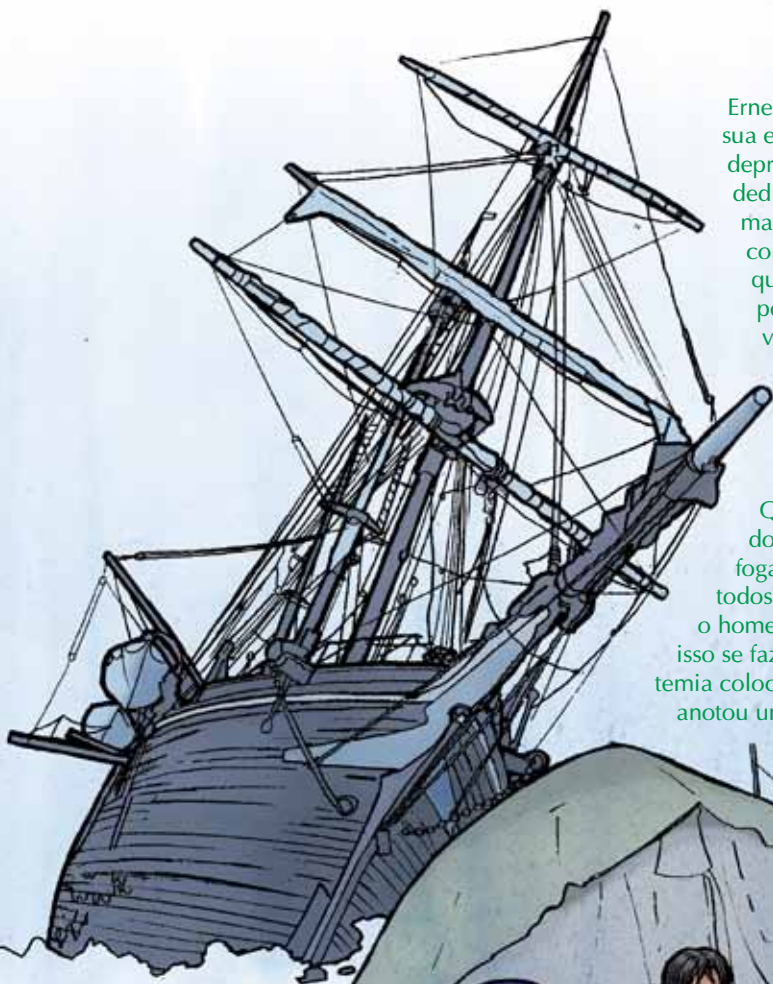
Diante desses desafios, por meio da comunidade que se forma na patrulha e da vida de grupo que existe na Tropa Escoteira, os jovens:

- encontram as oportunidades de identificar, expressar e orientar sua afetividade, como um primeiro passo na direção de uma identidade positiva;
- compartilham com o grupo de pares e recebem a palavra e a orientação de adultos maduros e equilibrados;
- perdem temores, afastam obsessões e adquirem certezas;
- aprendem a controlar o excesso de sensibilidade e a superar a timidez, a insegurança e a rebeldia;
- aprendem a conhecer e respeitar a própria sexualidade e a do sexo complementar, vinculando-as ao amor;
- superam mitos, discriminações e estereótipos sobre o homem e a mulher, estabelecendo, com jovens do outro sexo, relações naturais, equitativas e igualitárias; e
- conseguem um trânsito mais fácil para a autonomia pessoal, valorizando a contribuição da família e evitando rupturas entre dependência e emancipação.



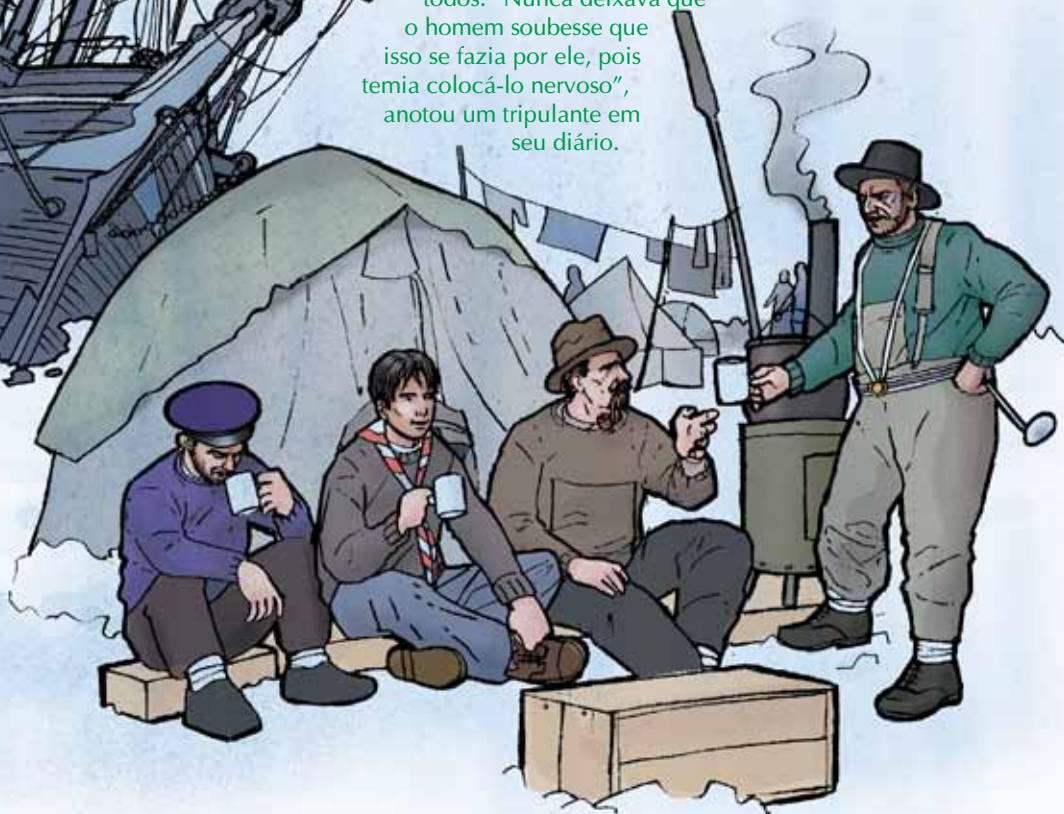
Os afetos estão sempre presentes em toda nossa vida, e se expressam, inclusive, nas condições mais inacreditáveis. Em 1528, Alvar Núñez Cabeza de Vaca foi um dos 4 sobreviventes de uma fracassada expedição à Flórida, e esteve errante durante 8 anos pelas vastas regiões do Mississipi, ganhando a confiança dos índios, fazendo-se de curandeiro, adaptando-se a seus costumes. Achava que os povos aborígenes eram mais cordiais que seus compatriotas.

Em seus relatos, conta que, ao naufragar na Flórida, estando ele e seus homens famintos, lastimando-se e rogando a Deus por misericórdia, chegaram uns índios que, ao vê-los vítimas do desastre, “se sentaram entre nós e com grande dor e compaixão começaram a chorar vigorosamente. Isto durou mais de meia hora. Roguei aos índios que nos levassem a suas casas. No trajeto, providenciaram fogueiras muito grandes a cada certo tempo, e em cada uma deles nos aqueciam”.



Ernest Shackleton, preso na Antártida com sua expedição, sabia que o perigo maior era a depressão de seus 27 homens e, por isso, se dedicou a cada um deles pessoalmente. Ao mais vaidoso, fazia com que se sentisse bem consultando-o de forma reservada sobre qualquer assunto importante. Àquele que percebia que estava perdendo o interesse pela vida, encomendava várias tarefas de rotina que devia fazer todos os dias, e assim o distraía, mantendo-o ocupado. A dois companheiros que eram particularmente solitários e vulneráveis, cedeu sua própria barraca, para mantê-los juntos e protegidos. Quando percebia que alguém sofria “mais do que o normal”, pedia que preparasse no fogareiro de querosene uma bebida quente para todos. “Nunca deixava que

o homem soubesse que isso se fazia por ele, pois temia colocá-lo nervoso”, anotou um tripulante em seu diário.



No centro de todos os afetos, está o amor. Em todas suas manifestações, tem uma tal força que, inclusive, nos leva a dar a vida por aqueles a quem amamos. Em 1645, quando Quito e outras cidades do Equador foram castigadas por numerosas pestes e tremores, Mariana de Jesus Paredes y Flores, uma rica jovem devotada à caridade aos pobres, ofereceu sua vida, durante uma celebração religiosa, em troca do término das desgraças que afetavam seu povo.

Conta a história que, desde que Mariana fez seu oferecimento, cessaram os tremores e desapareceu a peste. Em pouco tempo, não havia na cidade nem um só rastro de enfermidade e morte. Mariana, em troca, ao sair do templo começou a sentir os sintomas da doença, sofreu terríveis dores e morreu, ao término de dois meses. Não importa se este relato nos coloca na presença de um fato milagroso; o que verdadeiramente importa é a disposição de uma pessoa de entregar seu destino e seu tempo aos demais, inclusive oferecendo sua vida para salvar aqueles a quem ama.

Num plano puramente humano, é o amor pelos demais o sentimento que orienta toda a obra criativa de Alexander Graham Bell, o escocês que, em 1876, inventou o telefone. Como sua esposa, Mabel Hubbard, vítima de escarlatina, havia ficado surda desde jovem, Graham Bell se propôs a fazê-la ouvir, para o que trabalhou em uma “membrana falante” que não deu o resultado previsto. Contudo, ao fazer passar vibrações desta membrana através de um fio elétrico, era possível fazer vibrar outra membrana distante, reproduzindo a voz. Havia nascido o telefone! Porém, Graham Bell não havia alcançado seu objetivo, razão pela qual inventou um sistema de comunicação por sinais, e sua mulher foi uma das primeiras que falou desse modo nos Estados Unidos.

Todos os inventos de Graham Bell - que inventou muitas outras coisas - responderam a uma necessidade humana e não a uma compulsão por criar aparelhos. Motivado por uma tempestade que impedia que os fios de telefone chegassem à costa, inventou o telégrafo sem fio. Desesperado diante de uma menina que havia engolido um alfinete, em Nova Jersey, aprimorou um aparelho para identificar metais no corpo humano. Pelo calor sufocante que passou quando a bordo de um submarino, criou os princípios básicos do que hoje é o ar condicionado. Impressionado por dois naufragos que haviam morrido de sede em uma embarcação, inventou um aparelho para destilar a água do mar e torná-la apropriada para o consumo humano. A medicina e a odontologia estão repletas de equipamentos elétricos pelos quais jamais cobrou um centavo, e os fez, segundo ele mesmo declarou, para “aliviar” a humanidade.

## O DESENVOLVIMENTO SOCIAL



**A finalidade de todo processo educativo é a liberdade da pessoa e a aspiração de toda pessoa é usar**

**essa liberdade para conquistar a felicidade. Concordando com esta afirmação, Baden-Powell repetia continuamente que “o verdadeiro sucesso é a felicidade”. E acrescentava que a melhor forma de ser feliz é fazer os outros felizes.**

A liberdade do ser humano conduz a uma felicidade profunda e duradoura, se a usamos para a realização pessoal por meio do encontro com o próximo. Dessa maneira, a liberdade se converte em resposta, em aceitação dos demais, em compromisso com a comunidade, em auxílio ao que sofre, em encontro e diálogo entre as culturas e as nações.

Daí que não podemos falar em desenvolvimento integral da personalidade se não educamos a dimensão social da pessoa. Nesta área, se dá a maior coincidência entre o Método Escoteiro e as necessidades psicológicas e educativas dos jovens entre 11 e 15 anos.



Diante da busca do jovem adolescente por ser ele mesmo e por se integrar à sociedade, a patrulha lhe oferece um espaço seguro onde pode aprender e reaprender a vida com os demais;



Por meio de atividades e projetos, o jovem experimenta as atitudes de integração, serviço e o valor da solidariedade. Aprende a exercer a democracia e a reconhecer e respeitar a autoridade;



Por meio dos múltiplos processos de tomada de decisão que se passam na patrulha e na Tropa, os jovens entendem o respeito pelos acordos assumidos entre todos e assumem uma atitude de cooperação com aqueles que elege como seus representantes;



- A patrulha e a Tropa oferecem a oportunidade de ampliar o senso crítico próprio da idade, mas também desenvolvem a capacidade e a responsabilidade de construir regras comuns. A norma descoberta substitui a norma imposta, o que leva à construção de uma disciplina interior que substitui a disciplina exterior.
- A integração social, promovida pelo Método Escoteiro, aproxima os jovens dos valores de sua gente e de seu país, contribuindo para que identifiquem e apreciem as manifestações de sua cultura e tomem consciência da contribuição que cada um pode dar para preservar e cuidar do meio ambiente;
- Do mesmo modo, aprende-se a valorizar a paz como resultado da justiça entre as pessoas e da compreensão entre as nações.

O Movimento Escoteiro não pode ser compreendido sem o serviço ao próximo e sem a integração social. Isto deve se refletir fortemente nas atividades que os jovens empreendem e no impulso em direção aos demais que demonstram seus escotistas.

### Os guias oferecem aos jovens vários exemplos dessa atitude de serviço.

Mahatma Gandhi dedicou sua vida à libertação de seus compatriotas. Inicialmente na África do Sul, onde trabalhava como advogado, lutou durante décadas pela igualdade de direitos dos hindus, que ali formavam uma colônia e eram tratados como inferiores. Ainda que, ao iniciar esta luta, só tivesse 25 anos, exercia uma notável influência sobre as pessoas, graças a sua visão clara das coisas e sua pureza de propósitos. Sua força ante a injustiça animava os outros a fazer o que jamais teriam feito por si sós.



Aos 46 anos, Gandhi voltou à Índia, com o propósito de libertá-la da dominação inglesa. Suas únicas armas foram a Satyagraha, ou “força da verdade”, e a desobediência civil pacífica, um dos mais audaciosos e eficazes experimentos registrados pela história política.

Foi constantemente criticado, insultado, espancado e encarcerado, porém sua repugnância a tudo o que fosse violento, seus constantes jejuns e greves de fome, o risco considerável a que estava sempre exposto e seu exemplo de vida, que substituiu a desconfiança e o ressentimento pelo amor e pela cooperação, foram conquistando a simpatia de sua gente e enfraquecendo o império inglês, até obter para a Índia a condição de democracia independente.

Gandhi pregou o respeito para todas as classes e castas, já que não só queria ver a Índia livre do domínio estrangeiro, como também das correntes que seus próprios compatriotas se haviam imposto. Segundo Gopal Gokhale, um sábio hindu, “tinha um maravilhoso poder espiritual para converter os homens medíocres que o rodeavam em heróis e mártires”.

Na mesma linha histórica de Gandhi, podemos considerar Nelson Mandela, o grande líder sul-africano do século XX que, depois de longos anos encarcerado, conseguiu pôr fim à política de segregação contra os negros em seu país. Mandela sonhava “com o dia em que todos se levantem e compreendam que foram feitos para viver como irmãos”. Duzentos anos antes, Benjamin Franklin, que incursionou por diferentes campos do conhecimento e foi um dos artífices da independência dos Estados Unidos, afirmou que “nunca houve guerra boa nem paz ruim”.

Pouco antes de morrer, o inventor Alexander Graham Bell, de quem já falamos, confidenciou a um jornalista: “eu creio ser o homem mais rico da Terra. Tenho duas filhas, nove netos e dezenove bisnetos. São poucos os homens que têm uma sorte como a minha!” O jornalista questionou se o dinheiro não o fazia feliz. “Nem a mim, nem a ninguém” - respondeu - “sem paz não pode haver felicidade, por mais dinheiro que se tenha! Gosto de sentar meus bisnetos sobre os joelhos e lhes dizer: se não podem fazer o bem, pelo menos não façam mal a ninguém, nem prejudiquem ninguém, pois é somente aí que se encontra o segredo da felicidade futura...”

## O DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL



**Desde que toma consciência de si mesmo, o ser humano busca respostas sobre a origem, a natureza e o destino de sua vida. De onde venho? Quem sou? Para onde vou?**

Cada cultura ou cada época se perguntam de forma diferente; a pessoa que procura viver de acordo com sua consciência se interroga de forma diferente daquela que não ouve a própria voz; o que sofre sua dor e o que está saudável se perguntam de formas diferentes; o crente não se questiona da mesma forma que o incrédulo, nem o estudante como o operário ou a criança como o adulto; mas se trata sempre do mesmo enigma que clama por uma solução. Tudo o que fazemos é uma exigência urgente, doce e poderosa à existência, para que nos revele seu sentido.

Assim como não podemos separar a pessoa em seus componentes físicos, éticos, emocionais ou sociais, também não podemos arrancar da vida humana sua vocação para o transcendental, a admiração diante do mistério, a busca de Deus. E o desenvolvimento integral do ser humano compreende o desenvolvimento de sua dimensão espiritual.

Entre os 11 e os 15 anos, especialmente ao final desta etapa, os jovens colocarão em dúvida suas convicções religiosas ou, pelo menos, demonstrarão uma certa apatia diante do tema.

Este fenômeno é parte do processo de questionamento da posição derivada da família e se torna mais agudo com o aparecimento do pensamento causal e com a confrontação entre o despertar da sexualidade e as respostas de sua fé. É uma transição própria da passagem de uma fé recebida, infantil, para uma fé pessoal e assumida, adulta.

Como em todos os outros âmbitos, a vida de grupo da Tropa:

- É um convite permanente a explorar, descobrir e desenvolver a sensibilidade religiosa dos jovens, encontrando Deus nos outros, nos que sofrem, na criação, no homem, na história;
- Representa um desafio para que os jovens passem da religião cultural, quase social, para a fé das obras, a fé viva, a fé de todos os dias; trata-se de ultrapassar a religião como dependência tranquilizante para chegar a uma fé de autonomia transformante;
- Anima-os a se entregar ao projeto de sua própria comunidade religiosa e propõe que, com alegria, saibam dar razão e testemunho da própria religião; e
- Ao mesmo tempo, pede que não se encerrem na defesa de sua fé e que se abram à tolerância, aos interesses à compreensão e ao diálogo interconfessional.

Os escotistas da Tropa, presentes e participantes neste processo, com sua palavra e seu exemplo entusiasmado, revelam, reforçam e apoiam a busca e o descobrimento dessas opções.

Corria o ano de 1509 quando um soldado espanhol de 24 anos, que havia cursado a Universidade de Sevilha, escutava em uma igreja de Santo Domingo a pregação do Padre Montesinos. O sacerdote católico denunciava os conquistadores espanhóis, que queriam se apoderar das terras descobertas com a esperança de encontrar ouro e fazer fortuna. Falava de homens de violentas paixões, a quem não importava a própria vida e muito menos a vida alheia, especialmente a daqueles a quem consideravam vencidos: os povos originários da América, com quem não tinham piedade alguma. E eles também eram filhos de Deus.



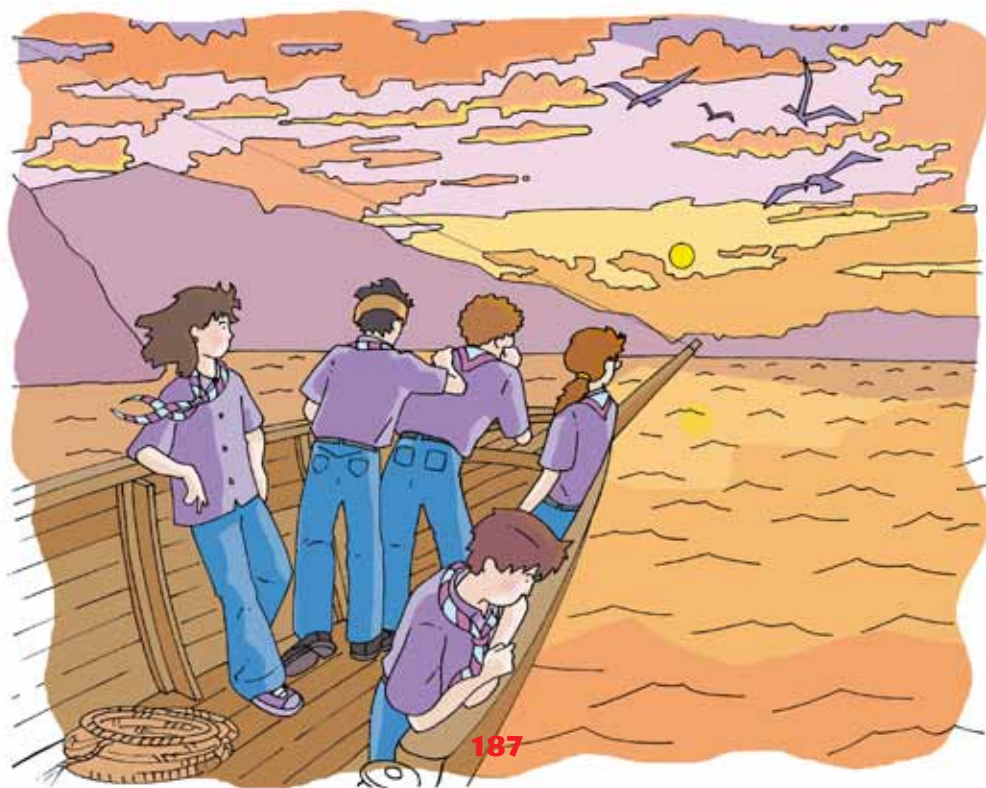


O soldado era Bartolomeu de las Casas, e não era muito diferente daqueles a quem o sacerdote denunciava. Seu coração se perturbou e se comoveu de tal maneira que, posteriormente, decidiu tornar-se religioso. Libertou seus escravos e dois anos depois, já sacerdote, se lançou à luta que duraria toda sua vida: a defesa dos índios. Acompanhou sem descanso as expedições com o único objetivo de evitar os abusos. Quase não há país da América Latina que não recorde sua passagem.

Sua fama se propagou e foi apelidado o “Padre dos Índios”. Escreveu cartas e livros que comoveram os reis da Espanha, a quem visitou pessoalmente mais de 5 vezes, conseguindo a promulgação de várias leis de proteção. Como as leis não se cumpriam rigorosamente, instruiu os sacerdotes a que negassem a absolvição a quem não restituísse bens roubados e liberasse os escravos. Como todo inovador social, foi acusado de traidor, louco, desvairado e charlatão, porém seu entusiasmo sempre conseguiu o apoio do Rei da Espanha. Como aos 80 anos estava quase paralisado e não podia voltar à América, seguiu escrevendo e denunciando excessos desde seu convento nos arredores de Madri, onde morreu aos 92 anos.

Assim como o Padre Bartolomeu de las Casas lutou pelos índios no século XVI, a madre Javouhey o fez pelas pessoas de etnia negra nas colônias francesas, na primeira metade do século XIX. Foi uma mulher pioneira e construtora que abriu escolas e seminários, fundou hospitais, constituiu povoações modelos, deu origem a uma congregação e viajou por todo o mundo. Com sua morte, deixou 900 religiosas que continuaram sua obra. Seu objetivo era conseguir um tratamento igual para todos, sem distinção de etnia. Coisa parecida fez Raimundo Lúlio que, no século XIII, sendo católico, se esforçou para dominar a língua árabe para poder se comunicar com os muçulmanos da Espanha e lhes proporcionar vida mais digna nos territórios que estavam sendo reconquistados pelos cristãos.

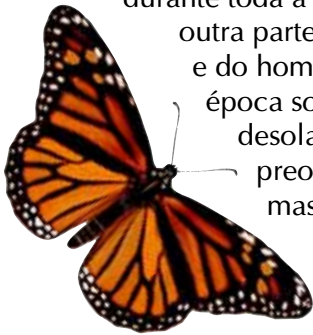
Esses fatos se referem a pessoas profundamente generosas, que deram testemunho de sua fé no Criador e procuraram nos mostrar que Deus também fala por meio do próximo, especialmente por meio dos que mais sofrem, mesmo que não sejam de nossa etnia ou que não professem nossa fé. É a confiança nos demais, sobre a qual pregava Gandhi. Outras vezes, Deus nos fala por intermédio da natureza que criou ou do nosso próprio coração. É preciso um pouco de silêncio interior, para que possamos perceber Sua presença.



Deus também se manifesta por meio dos diversos caminhos que nos levam até Ele. Marco Polo, o grande explorador veneziano do Século XIII, durante sua longa permanência na China, se admirou diante da tolerância religiosa que encontrou. Cristãos, nestorianos, confucionistas, judeus, budistas e taoístas viviam em paz e adoravam a Deus a sua maneira, o que contrastava com as contínuas guerras que ocorriam na Europa.



Por razões que ignoramos, Deus não se mostra tão facilmente para alguns homens e mulheres que O buscam durante toda a vida. Charles Darwin, como dissemos em outra parte, foi o criador da teoria da evolução das espécies e do homem, que pôs em dúvida todas as explicações religiosas da época sobre a origem da vida. Quando Darwin morreu, sua filha estava desolada porque seu pai havia falecido sem conhecer Deus. “Não te preocupes, filha - respondeu-lhe a mãe - teu pai não O conhecia, mas Deus o conhece muito bem.”



## OS ESCOTISTAS PRECISAM CONHECER VÁRIOS EXEMPLOS E SABER QUANDO RECORRER A ELES

**Em cada área de desenvolvimento, mencionamos exemplos que nos serviram para tornar as ideias tangíveis. Esses mesmo relatos poderão ser úteis para que você motive os jovens. Não são os únicos, e você poderá encontrar muitos outros exemplos, histórias e casos. Você poderá descobrir mais exemplos dando uma olhada nos Guias destinados aos jovens, conversando com escotistas que já tenham percorrido uma trajetória mais longa e explorando no âmbito da União dos Escoteiros do Brasil, em boas bibliotecas, na internet ou em publicações da Organização Mundial do Movimento Escoteiro.**

Cabe a você escolher as palavras, a forma e os momentos em que esses exemplos enriquecerão suas conversas com cada jovem ou seus encontros com as patrulhas. Você conhece os jovens de sua Tropa, sabe quem precisa ser motivado e fortalecido, como deve fazê-lo e quais são o lugar e a ocasião mais adequados. Numa Tropa Escoteira em que sempre “se contam contos”, a atmosfera se torna mais rica e o símbolo adquire mais força: a magia do signifiante torna palpável o significado.



Como recordamos ao falar do Marco Simbólico, “contar é encantar, é um meio de entrar na magia”. A frase pertence a Gabriela Mistral, que também dizia que “não daria o título de professor a quem não contasse (histórias) com agilidade, com felicidade, com amenidade e, até, com alguma fascinação”.

## AS COMPETÊNCIAS E OS OBJETIVOS EDUCATIVOS SÃO AGRUPADOS POR ÁREAS DE DESENVOLVIMENTO



Em todas as áreas de Desenvolvimentos, existem Objetivos Educativos e as Competências; e para cada Competência, existe um conjunto de atividades que vão contribuir com sua conquista.





A person is climbing a wooden wall, viewed from behind. They are wearing a harness and a rope is attached to their waist. The wall is made of vertical wooden planks. The text is overlaid on the image.

# Os Objetivos EDUCATIVOS E AS COMPETÊNCIAS



# SUMÁRIO

## NATUREZA DOS OBJETIVOS EDUCATIVOS E AS COMPETÊNCIAS

- O Movimento Escoteiro possui Objetivos Educativos.
  - Os objetivos constituem uma proposta e não pretendem formar modelos ideais de pessoas.
  - O conjunto de objetivos educacionais se refere a tudo que os jovens fazem em todas as dimensões de sua personalidade.
  - Para avaliação dos jovens, os objetivos foram transformados em Competências.
- 
- Foram estabelecidas 36 Competências para as Etapas de Pista e Trilha; outras 36 Competências para Etapas de Rumo e Travessia.
  - O conhecimento dessas Competências é extremamente relevante para os escotistas, mas não tem muita importância para os jovens.
  - O conjunto de atividades não é “controlado” como provas ou exames.
  - Os objetivos, as Competências e as atividades educativas têm unidade e observam uma sequência.

## A PROPOSTA DE OBJETIVOS

- Desenvolvimento físico
- Desenvolvimento intelectual
- Desenvolvimento do caráter
- Desenvolvimento afetivo
- Desenvolvimento social
- Desenvolvimento espiritual

## AS ETAPAS DE PROGRESSÃO



# NATUREZA DOS OBJETIVOS EDUCATIVOS E AS COMPETÊNCIAS

---



## O MOVIMENTO ESCOTEIRO POSSUI OBJETIVOS EDUCATIVOS



Toda atividade humana, mesmo que inconscientemente, está orientada para a conquista de objetivos. A atividade educativa não é imaginável sem que se definam claramente os objetivos que pretende atingir.

Para efeitos de avaliação do processo educativo do Escotismo, todo o sistema foi baseado na malha de Objetivos Educativos do Movimento Escoteiro.

A malha de Objetivos foi formulada a partir de uma descrição do que chamamos de perfil de saída, ou seja, da descrição de como gostaríamos que fossem as condutas de alguém que, depois de viver um bom período como “escoteiro”, deixasse o Movimento ao completar os 21 anos de idade. A estas condutas, que estão dentro das seis áreas de desenvolvimento, chamamos de OBJETIVOS FINAIS.

Então, os “objetivos finais” são o limite que o Movimento pode oferecer, mas não são os últimos para os indivíduos: a pessoa, em um processo que se estende durante toda a vida, nunca se completa. A existência de objetivos finais permite que todos os Ramos do Movimento Escoteiro tenham objetivos intermediários coerentes entre si e com os respectivos objetivos finais, dando unidade e articulação a todo o processo de formação escoteira.

**Para que alguém alcance esses Objetivos Finais, ele deve, em cada período e fase de desenvolvimento, adquirir as condutas que levem em direção a estes. A estas condutas damos o nome de OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS.**

**São as condutas o que esperamos que cada pessoa demonstre, em cada determinado estágio de desenvolvimento, pois caracterizam as condutas apropriadas para aquele período ou fase, e são características da maioria das pessoas.**



## OS OBJETIVOS CONSTITUEM UMA PROPOSTA E NÃO PRETENDEM FORMAR MODELOS IDEAIS DE PESSOAS



Os valores escoteiros, apresentados na Lei Escoteira e no projeto educativo do Movimento, percebem-se claramente no conjunto de objetivos (e atividades) que se propõe aos jovens. No entanto, este conjunto não pretende apresentar um modelo “ideal” de pessoa ou de forma de ser. Não se trata de produzir seres idênticos a partir de uma mesma “célula de valores”, já que cada jovem é uma pessoa única, com diferentes necessidades, aspirações e capacidades.

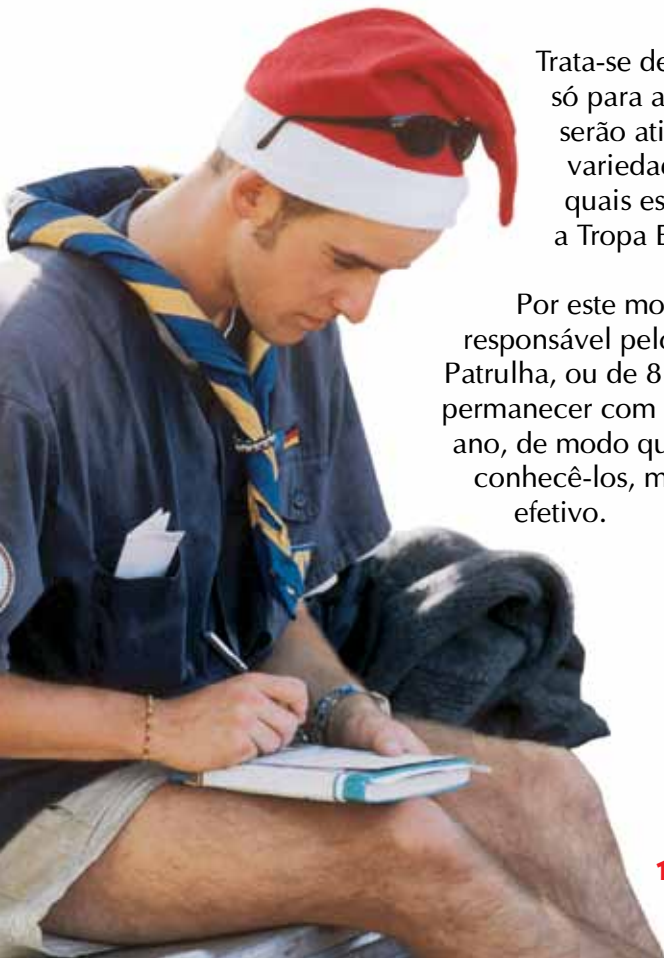
**É importante lembrar que não evoluímos no mesmo ritmo e, dependendo das características pessoais de cada jovem e das circunstâncias em que crescem, demonstram maior ou menor autonomia para contribuir conscientemente com seu próprio desenvolvimento.**



## O CONJUNTO DE OBJETIVOS EDUCACIONAIS SE REFERE A TUDO QUE OS JOVENS FAZEM EM TODAS AS DIMENSÕES DE SUA PERSONALIDADE

Trata-se de um programa de objetivos para a vida e não só para a atividade escoteira. Por isto, estes objetivos serão atingidos pelos jovens através de uma grande variedade de atividades e experiências, algumas das quais estão mais conectadas com sua Patrulha e com a Tropa Escoteira, e outras menos.

Por este motivo, idealmente um escotista deve ser responsável pelo acompanhamento e avaliação de uma Patrulha, ou de 8 jovens, no máximo. Este Escotista deve permanecer com esta responsabilidade por pelo menos um ano, de modo que tenha um tempo razoável que lhe permita conhecê-los, motivá-los e fazer um acompanhamento efetivo.



## PARA AVALIAÇÃO DOS JOVENS, OS OBJETIVOS FORAM TRANSFORMADOS EM COMPETÊNCIAS

Por **COMPETÊNCIA** define-se a união de **CONHECIMENTO**, **HABILIDADE** e **ATITUDE** em relação a algum tema específico. O aspecto educativo da Competência é que ela reúne não só o **SABER** algo (Conhecimento), mas também o **SABER FAZER** (Habilidade) para aplicação do conhecimento e, mais ainda, **SABER SER** (Atitude) em relação ao que sabe e faz, ou seja, uma conduta que revela à incorporação de valores.

## FORAM ESTABELECIDAS 36 COMPETÊNCIAS PARA ETAPAS DE PISTAS E TRILHA; OUTRAS 36 COMPETÊNCIAS PARA ETAPAS DE RUMO E TRAVESSIA

Para que os jovens caminhem facilmente em direção a essas Competências, e para que os chefes tenham parâmetros na avaliação do que os jovens conquistam, para cada uma dessas Competências foi criado um conjunto de atividades. Esses conjuntos de atividades são os indicadores de aquisição das Competências.

Assim, no Guia das Etapas Pistas e Trilha, constam 36 Conjuntos de Atividades, cada um com uma quantidade de itens que devem ser oferecidos aos jovens que estão neste período. No Guia das Etapas Rumo e Travessia, constam outros 36 Conjuntos de Atividades, um pouco mais complexas, já que são destinadas aos jovens em uma fase de desenvolvimento mais adiantada.

## O CONHECIMENTO DESSAS COMPETÊNCIAS É EXTREMAMENTE RELEVANTE PARA OS ESCOTISTAS, MAS NÃO TEM MUITA IMPORTÂNCIA PARA OS JOVENS

Os conjuntos de atividades são apresentados aos jovens nos Guias. O intuito é de que eles realizem o máximo de atividades possíveis, marcando-as. Além de acompanhar este processo, os adultos também devem olhar outros dois aspectos importantes:

- **Competências:** Originadas nos Objetivos Educativos, são os aspectos que orientam as definições de atividades e que devem ser observados quando da avaliação da Progressão de cada jovem. Avaliar o desenvolvimento não significa apenas verificar se o jovem executou as atividades propostas. Significa avaliar se as atividades sugeridas e realizadas cumpriram seu papel, que é o de facilitar a incorporação dos conhecimentos, habilidades e condutas expressas nas Competências. Se isto não aconteceu, uma atividade pode ser substituída ou novas atividades devem ser propostas, até que a Competência tenha sido alcançada;
- **Outras ideias:** As atividades podem ser modificadas ou substituídas. Deve-se ter em mente, quando outras atividades são incorporadas ou algumas são substituídas, que isto acontece no intuito de oferecermos ao jovem a possibilidade de, efetivamente, atingir uma Competência. Um jovem cadeirante tem objetivos físicos a cumprir, que, obviamente, são diferentes do objetivo de um jovem que caminha normalmente. Também é preciso considerar que os jovens têm atividades diversas as que realizam num Grupo Escoteiro. Elas, necessariamente, têm de estar sob o escopo da avaliação da Progressão.



## O CONJUNTO DE ATIVIDADES NÃO É “CONTROLADO” COMO PROVAS OU EXAMES

O conjunto de atividades é avaliado pelos próprios jovens, por seus pares e pelos escotistas, que observam seu progresso durante um período prolongado. Na prática, a patrulha e o escotista encarregado do acompanhamento observam de maneira permanente. Ao final de um Ciclo de Programa, todos compartilham entre si as opiniões que formaram.

A opinião do jovem é o resultado de sua autoavaliação, enriquecida no Conselho de Patrulha pela opinião de seus companheiros (avaliação pelos pares). A opinião do escotista encarregado se alimenta de sua própria observação e das percepções que colheu entre outros escotistas, dos pais, dos professores e de outros agentes educativos vinculados ao desenvolvimento do jovem. A todo esse processo, denominamos “avaliação em 360 graus”, já que recolhe a opinião de todas as pessoas envolvidas, conforme demonstra o gráfico que aparece no capítulo que trata da avaliação da progressão pessoal.

Obtido o acordo ou acolhida a autoavaliação do jovem, seu esforço deverá ser estimulado fazendo constar o reconhecimento em seu Guia e já se pode começar a fase seguinte, que é o planejamento do que será feito no próximo Ciclo.

Como se pode observar, a avaliação da conquista das etapas não é um ato hierárquico de controle em que o escotista, com base apenas em seu próprio critério, qualifica mecanicamente a conquista, como se fosse uma prova ou exame. Ao contrário, é um processo contínuo e natural, sequenciado e paulatino, sem tensões e amável, no qual prevalece a opinião dos próprios jovens e que se desenvolve enquanto se vive e se compartilha.







## OS OBJETIVOS, AS COMPETÊNCIAS E AS ATIVIDADES EDUCATIVAS TÊM UNIDADE E OBSERVAM UMA SEQUÊNCIA

Conhecer estas duas características fundamentais do conjunto facilitará a compreensão, a aplicação prática do nosso Programa Educativo e o diálogo que os escotistas precisarão manter com os jovens cujo desenvolvimento acompanham e avaliam.



Para dar continuidade ao processo de desenvolvimento, para cada conjunto de objetivos e Competências, são estabelecidas atividades que se relacionam de maneira progressiva, umas em relação às outras.

**Não será possível, por exemplo, que um jovem “opine nas discussões sobre as normas que regem a vida nos diferentes ambiente” se, antes, não as “conhecer”. Tampouco será possível que seja capaz de “conseguir se manifestar de forma respeitosa quando conversa com outros, mesmo que sua opinião seja diferente”, se ainda não é capaz de “escutar a opinião dos demais e manifestar sua discordância de forma adequada”.**

Da mesma forma, o conjunto de atividades é uma unidade e por isso existem dinâmicas sucessivas ou complementares entre si e que se situam em diferentes áreas de desenvolvimento.





NO GUIA DO JOVEM, SERÃO ENCONTRADOS APENAS OS CONJUNTOS DE ATIVIDADES. CADA CONJUNTO RECEBE UM NÚMERO QUE O RELACIONA COM AS COMPETÊNCIAS E OBJETIVOS

### PISTA E TRILHA

| DESENVOLVIMENTO FÍSICO  |  |
|---|--|
| Competências  | Atividades Sugeridas   |
| 1) Percebo que meu corpo está mudando, e faço atividades que o ajudam a ser forte e sadio, evitando aquilo que pode me fazer mal.   | <ul style="list-style-type: none"><li>• Participar de pelo menos 5 atividades ao ar livre da Patrulha (jornadas, excursões, acampamentos de patrulha ou tropa) utilizando normas de baixo impacto ambiental.</li><li>• Conhecer e aplicar normas de limpeza no tratamento e na conservação de alimentos nas atividades de Patrulha.</li><li>• Aferir seu passo duplo, conhecer as medidas de seu corpo e aplicá-las em avaliações e medições.</li><li>• _____</li><li>_____</li></ul>  |
| 2) Participo das atividades organizadas por minha patrulha cuidando para não colocar em risco minha saúde e a de meus companheiros. | <ul style="list-style-type: none"><li>• Conhecer os elementos que compõem a Caixa de Primeiros Socorros da patrulha.</li><li>• Aplicar medidas de segurança nas atividades de patrulha e Tropa.</li><li>• Conhecer as ações iniciais que devem ser tomadas num acidente e saber como cuidar de ferimentos leves, bandagens e transporte de feridos, pequenos cortes e insetos.</li><li>• Saber como prevenir os males da exposição ao sol: insolação, desidratação, queimaduras, câncer de pele.</li><li>• _____</li><li>_____</li><li>_____</li></ul> |

|  |  |
|--|--|
| <p>3) Mantenho limpo e arrumado o ambiente em que faço minhas coisas, e cuido da minha higiene e apresentação pessoal.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter hábitos de higiene individual, demonstrar cuidado com o traje ou uniforme escoteiro e utilizar corretamente os distintivos e insígnias.</li> <li>• Classificar o lixo em diferentes categorias e saber como tratar os diferentes tipos de resíduos de acampamentos ou excursões utilizando “engenhocas” para melhorar a higiene e o conforto nos acampamentos.</li> <li>• Participar da manutenção do canto de patrulha, conhecer os materiais de sua patrulha e contribuir para a sua conservação, organização e limpeza.</li> <li>• Montar corretamente uma mochila para um acampamento de 3 dias e manter seu equipamento pessoal em bom estado.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>4) Como alimentos saudáveis, nas horas certas, e cuido da limpeza ao preparar refeições.</p>                            | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Montar o cardápio de uma jornada e, durante as atividades de sua patrulha, fazer as refeições de maneira equilibrada.</li> <li>• Colaborar na elaboração de alimentos (como cozinheiro ou copeiro) em pelo menos três atividades ao ar livre da patrulha (jornadas , excursões ou acampamento de patrulha).</li> <li>• Montar uma solução para purificação de água em acampamentos.</li> <li>• Utilizar diversos tipos de fogos de acampamento, de maneira adequada e segura.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |



|  |   |
|--|---|
| <p>5) Dedico ao estudo tempo suficiente, e uso meu tempo livre para participar de atividades recreativas e variadas.</p>             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Organizar seu tempo utilizando uma agenda ou instrumento similar.</li> <li>• Realizar dentro do prazo as suas tarefas escolares.</li> <li>• Frequentar regularmente as atividades e reuniões da sua patrulha e da Tropa.</li> <li>• Conhecer e praticar diversos tipos de jogos e atividades recreativas.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>6) Pratico atividades físicas regularmente e participo de muitos jogos, respeitando as suas regras e os demais participantes.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar regularmente uma atividade física ou o esporte que escolheu.</li> <li>• Participar de diversos jogos com sua patrulha e Tropa respeitando as regras e aos demais participantes.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |

| DESENVOLVIMENTO INTELETUAL  |  |
|---|--|
| Competências  | Atividades sugeridas   |
| <p>7) Interesse-me pelo que se passa à minha volta e estou sempre disposto a aprender coisas novas.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Traçar e seguir sinais de pista em um percurso de, pelo menos, 500 metros, em uma área natural, e pelo menos 1000 metros em área urbanas.</li> <li>• Utilizar um mapa e uma bússola para orientar-se.</li> <li>• Aplicar as técnicas de “toçaia” em um jogo com sua Patrulha ou Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|  |  |
|--|--|
| <p>8) Sei buscar informações que me ajudam a analisar problemas e encontrar soluções, procurando minhas próprias leituras e relacionando com as coisas que me acontecem.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explorar com sua patrulha ou Tropa a comunidade onde vive, identificando problemas e buscando soluções.</li> <li>• Estimar altura e distâncias utilizando distintos métodos.</li> <li>• Ler um livro, e após a leitura, apresentar um resumo à patrulha.</li> <li>• Saber utilizar alguma técnica de previsão do tempo por indícios naturais.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>9) Participo das atividades decididas por meu grupo de amigos, contribuindo nas discussões, manifestando minhas ideias e experiências.</p>                                | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de, pelo menos, dois Jogos Democráticos de sua Tropa.</li> <li>• Participar ativamente de seu Conselho de Patrulha contribuindo com ideias e pontos de vista.</li> <li>• Participar da organização e planejamento de uma excursão de patrulha; e contribuir com ideias para as atividades de Patrulha ou Tropa.</li> <li>• Avaliar as atividades juntamente com sua patrulha ou Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>10) Conheço as Especialidades e as utilizo sempre que necessário.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstrar que utiliza as especialidades que conquista para colaborar em sua patrulha, casa ou escola.</li> <li>• Ajudar um escoteiro da patrulha a conquistar uma especialidade.</li> <li>• Conquistar pelo menos uma especialidade.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |

|   |  |
|---|--|
| <p>11) Participo com entusiasmo das atividades artísticas de minha Tropa.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de um fogo de conselho e de uma apresentação com sua patrulha.</li> <li>• Construir, com sucata, um instrumento musical.</li> <li>• Conhecer e cantar algumas canções e danças tradicionais do Movimento Escoteiro e de sua Tropa, em especial o Hino Alerta.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>12) Conheço várias técnicas de comunicação e sei utilizar algumas delas.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler e escrever mensagens usando um código secreto de sua patrulha.</li> <li>• Utilizar corretamente um rádio comunicador numa atividade de sua patrulha.</li> <li>• Montar um blog, lista de e-mails ou projeto similar que contribua para melhorar a comunicação em sua patrulha ou Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>13) Procuo desenvolver minhas habilidades manuais.</p>                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar ativamente da construção de pioneirias num acampamento de tropa, em que se aplique pelo menos os seguintes nós e amarras: direito, volta do fiel ou volta da ribeira, nó de escota, amarra quadrada e diagonal.</li> <li>• Saber utilizar e conservar as ferramentas típicas de uma patrulha (machadinha, facão, etc.) e demonstrar os cuidados básicos com os utensílios de campo (como lampiões e fogareiros).</li> <li>• Participar da construção de um fogão suspenso ou forno de acampamento.</li> <li>• Definir e confeccionar uma peça de artesanato.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |



## DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER

| Competências  | Atividades sugeridas  |
|---|---|
| <p>14) Procuo me conhecer cada vez mais, analisando as críticas que recebo e definindo ações para melhorar dia a dia.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Propor objetivos e ações para melhorar em alguns aspectos da sua vida.</li> <li>• Participar da avaliação de sua progressão pessoal e das de seus companheiros em Conselho de Patrulha.</li> <li>• Avaliar o seu desempenho e o de seus companheiros nos cargos de patrulha.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>15) Compreendo a Lei e a Promessa Escoteira, e estou sempre disposto a aplicá-las em minha vida.</p>                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar o significado da Lei e da Promessa Escoteiras aos novos integrantes da sua patrulha.</li> <li>• Realizar boas ações pessoais e de patrulha.</li> <li>• Participar corretamente das cerimônias com os Símbolos Nacionais e saber cantar o Hino Nacional.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>             |
| <p>16) Sei o que significa lealdade e procuro agir desta forma com os outros e comigo mesmo.</p>                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar, a partir do seu ponto de vista, o que significa ser leal.</li> <li>• Aplicar o conceito de lealdade em jogos e atividades de sua Patrulha e Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |

|   |   |
|---|---|
| <p>17) Procuo ser alegre, mesmo nos momentos difíceis, compartilho minha alegria com os outros respeitando a todos.</p>                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar como animador em um acampamento de sua patrulha.</li> <li>• Conhecer histórias de pessoas que se sobrepueram em momentos difíceis e relatar aos seus companheiros de patrulha.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>18) Escuto os conselhos que recebo do meu grupo de amigos e respeito as decisões que tomamos, mesmo quando penso de maneira diferente.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Respeitar e apoiar as decisões tomadas no Conselho de Patrulha, ainda que não esteja de acordo.</li> <li>• Ajudar a melhorar a organização de seu Conselho de Patrulha.</li> <li>• Participar da eleição do Monitor da sua patrulha.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

| DESENVOLVIMENTO AFETIVO   |   |
|---|---|
| Competências  | Atividades sugeridas  |
| <p>19) Compreendo meus sentimentos e sei a quem procurar quando estou triste e confuso.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisar os malefícios de drogas e entorpecentes.</li> <li>• Contribuir na manutenção do Livro de Patrulha.</li> <li>• Participar de um turno de ronda em um acampamento de Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|  |   |
|--|---|
| <p>20) Escuto a opinião dos outros e, se não concordo, digo isso com respeito, mantendo ou não minha posição conforme minhas convicções.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de um debate sobre um filme ou um documentário com temática ambiental ou social.</li> <li>• Participar ativamente nas Assembleias expressando sua opinião de forma respeitosa.</li> <li>• Propor temas para debater em seu Conselho de Patrulha.</li> <li>• Participar da avaliação de um acampamento de Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>21) Trato a todos com generosidade e gentileza.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Auxiliar um novo integrante da patrulha a se ambientar.</li> <li>• Convidar sua patrulha para uma reunião em sua residência.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>22) Entendo que homens e mulheres são iguais em direitos e deveres.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de atividades nas quais se promove a igualdade de direitos e deveres entre as pessoas.</li> <li>• Compartilhar por igual com seus irmãos as tarefas domésticas.</li> <li>• Investigar sobre mulheres que se destacaram na história de nosso país.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |



|  |   |
|--|---|
| <p>23) Procuo participar com minha família de atividades dentro e fora do Grupo Escoteiro.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de uma cerimônia que envolva pais, responsáveis ou irmãos.</li> <li>• Participar de uma atividade de sua patrulha junto aos seus pais, responsáveis, irmãos...</li> <li>• Pedir ajuda de seus pais ou familiares para capacitar sua patrulha em algum tema de interesse (por exemplo: cozinha, mecânica, pintura...).</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
|--|---|

| DESENVOLVIMENTO SOCIAL   |  |
|--|--|
| Competências   | Atividades sugeridas   |
| <p>24) Entendo o que são os Direitos Humanos e procuro respeitá-los.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Investigar sobre a vida de pessoas que lutaram pelos Direitos Humanos no Brasil e no mundo, e apresentar para a Tropa.</li> <li>• Participar de atividades nas quais se divulga a Declaração Universal dos Direitos Humanos.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>25) Participo da definição das metas e decisões nas diferentes equipes em que participo, assumindo as responsabilidades que me cabem.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Assumir distintas responsabilidades nas atividades de sua patrulha e da Tropa</li> <li>• Colaborar para definição de metas de sua patrulha.</li> <li>• Assumir e desempenhar satisfatoriamente um cargo na patrulha.</li> <li>• Participar das decisões tomadas por seu Conselho de Patrulha, contribuindo com ideias, votando e assumindo responsabilidades em distintas tarefas, atividades e projetos.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|  |   |
|--|---|
| <p>26) Colaboro na elaboração das normas dos diferentes grupos que participo, cumprindo aquilo com em que me comprometo.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar ativamente de uma Assembleia de Tropa, analisando as normas de convivência, propondo mudanças e melhorias.</li> <li>• Estudar sobre a organização do Escotismo Brasileiro e apresentar o resultado para sua patrulha ou Tropa.</li> <li>• Conhecer a Estrutura de um Grupo Escoteiro.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>27) Procuo fazer todos os dias uma boa ação e estou sempre disposto a participar de atividades de serviço ao próximo.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de boas ações coletivas com sua patrulha ou Tropa.</li> <li>• Participar de um MUTCOM.</li> <li>• Fazer uma boa ação ajudando outra patrulha.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>28) Conheço o bairro onde moro e sei onde encontrar os principais serviços públicos.</p>                                  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer um croqui da área onde reside, identificando os serviços públicos de seu bairro.</li> <li>• Conhecer a localização e número de telefone dos distintos serviços públicos de seu bairro.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |

|   |   |
|---|---|
| <p>29) Procuro conhecer a cultura do meu país.</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar, junto com sua patrulha, de uma comemoração típica de sua região.</li> <li>• Participar de um Jantar Festivo na Tropa, representando um Estado diferente do seu.</li> <li>• Pesquisar e colocar em prática alguns jogos e atividades típicas dos habitantes da região onde vive.</li> <li>• Participar de um evento cívico, com sua patrulha ou Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>30) Conheço os principais símbolos da fraternidade escoteira mundial e procuro participar de atividades que reúnam escoteiros de diferentes lugares.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar aos novos integrantes de sua patrulha os significados da Flor de Lis e a saudação escoteira.</li> <li>• Conhecer a história de seu Grupo Escoteiro e seus símbolos.</li> <li>• Participar de uma atividade distrital, Regional e/ou Jamboree Nacional.</li> <li>• Participar de um JOTI ou JOTA.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>31) Participo de atividades voltadas para a paz e a compreensão entre os seres humanos.</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de uma atividade de sua patrulha e/ou Tropa em que se promova a paz e compreensão entre as pessoas.</li> <li>• Pesquisar sobre a vida de pessoas que trabalharam pela paz no Brasil e apresentar o resultado para sua patrulha ou Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |



|   |   |
|---|---|
| <p>32) Conheço os diferentes ecossistemas de meu país e me preocupo em participar de projetos ambientais.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de um projeto ambiental com sua patrulha ou Tropa e aplicar as normas de acampamento de baixo impacto em acampamentos e excursões.</li> <li>• Realizar levantamento de pegadas de animais de sua região.</li> <li>• Participar de uma excursão urbana com motivo ecológico.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
|---|---|

| DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL   |  |
|--|--|
| Competências   | Atividades sugeridas   |
| <p>33) Participo de atividades de reflexão e celebrações religiosas.</p>             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer orações rotineiras na tropa ou patrulha, inclusive a Oração do Escoteiro.</li> <li>• Participar das celebrações de sua confissão religiosa.</li> <li>• Realizar reflexões junto a sua patrulha nas excursões e acampamentos.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>34) Conheço e procuro aplicar os ensinamentos de minha fé em tudo o que faço.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de uma atividade de serviço comunitário com os integrantes de sua comunidade religiosa.</li> <li>• Aplicar os ensinamentos de sua confissão religiosa nas coisas que faz em sua vida.</li> <li>• Apresentar à Tropa um pequeno relato de ensinamentos de sua confissão religiosa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|  |  |
|--|--|
| <p>35) Entendo a oração como forma de me relacionar com Deus e procuro fazê-la todos os dias.</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar da construção de um espaço de reflexão em um acampamento de Tropa.</li> <li>• Orar utilizando uma oração própria da Tropa ou de sua patrulha.</li> <li>• Praticar a oração como forma de relacionar-se com Deus.</li> <li>• Organizar ou contribuir com um livreto de orações para a sua patrulha.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>36) Entendo que existem diferentes religiões em meu país, e que devo conviver fraternalmente com todas as pessoas, independentemente da sua religião.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer as diferentes confissões religiosas às quais pertencem seus amigos de Patrulha, Tropa, Escola e Comunidade.</li> <li>• Pesquisar os principais pontos de uma confissão religiosa diferente da sua e apresentar para a Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |

## RUMO E TRAVESSIA

| DESENVOLVIMENTO FÍSICO  |  |
|---|--|
| Competências  | Atividades Sugeridas   |
| <p>1) Respeito meu corpo e o dos outros, entendo as mudanças que estão acontecendo, como me afetam e procuro superar as dificuldades físicas próprias de meu crescimento.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de pelo menos 5 atividades ao Ar Livre da patrulha (acampamentos ou excursões) utilizando normas de baixo impacto ambiental.</li> <li>• Saber explicar as mudanças que estão acontecendo no seu corpo; conhecer os males da Anorexia, Bulimia, os perigos do Álcool e Cigarro e manter hábitos de higiene pessoal.</li> <li>• Participar de uma Jornada de Travessia.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>2) Sei o que fazer em caso de uma enfermidade ou acidente.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer os tipos mais comuns de animais venenosos e peçonhentos de sua região.</li> <li>• Manter em dia os elementos que compõem a Caixa de Primeiros Socorros da patrulha.</li> <li>• Aplicar medidas Gerais de segurança em caso de acidentes, e saber determinar a ordem de prioridades quando assistir a um acidente e utilizar distintas técnicas para o transporte de feridos.</li> <li>• Saber agir em casos de hemorragia.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|   |   |
|---|---|
| <p>3) Mantenho minhas coisas limpas e organizadas, cuido dos lugares que visito e da minha apresentação pessoal.</p>              | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de uma atividade de renovação do Canto de Patrulha (em sede).</li> <li>• Propor e executar uma atividade de melhoria em algum local visitado pela patrulha em acampamentos e manter em ordem seu quarto e objetos pessoais.</li> <li>• Demonstrar cuidado com seu traje ou uniforme escoteiro e costurar os seus distintivos e insígnias.</li> <li>• Montar corretamente uma mochila para um acampamento de 5 dias e manter o equipamentos de sua patrulha em bom estado.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>4) Sei preparar uma refeição com ordem e limpeza, considerando os valores dos alimentos e suas contribuições para a saúde.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preparar 5 refeições para sua patrulha, incluindo a preparação de um prato quente e de uma sobremesa sendo 3 refeições em fogueira ou fogão de campo.</li> <li>• Montar o cardápio de um acampamento de patrulha de fim de semana e fazer as refeições de maneira equilibrada, durante as atividades de patrulha.</li> <li>• Cozinhar ao ar livre sem utensílios (comida mateira), respeitando as normas de limpeza.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |



|   |   |
|---|---|
| <p>5) Sei distribuir meu tempo para atividades de estudo, convivência familiar, com amigos e sei escolher o que fazer no meu tempo livre.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Organizar suas atividades em um calendário semanal.</li> <li>• Classificar suas atividades segundo um critério de prioridades.</li> <li>• Participar regularmente das atividades e reuniões de sua patrulha, contribuindo com idéias e sugestões para as atividades.</li> <li>• Desenvolver um passatempo ou hobbie.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>6) Me esforço para melhorar meu desempenho nas atividades físicas que pratico.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar regularmente uma atividade física ou esporte, demonstrando progresso em seu desempenho.</li> <li>• Participar de diversos jogos com outros Grupos Escoteiros, respeitando as regras e os demais participantes.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |

| DESENVOLVIMENTO INTELETUAL  |  |
|---|--|
| Competências  | Atividades sugeridas   |
| <p>7) Procuo ampliar meus conhecimentos e sei refletir criticamente sobre os fatos que ocorrem em minha volta, e me interesso pela leitura de diversos temas.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar previsão do tempo por indícios naturais e por instrumentos.</li> <li>• Traçar e seguir sinais de pista em um percurso de, pelo menos, 1 km no campo ou 2 km em área urbana.</li> <li>• Orientar-se utilizando recursos naturais (estrelas, método do relógio), assim como usando uma bússola e um mapa.</li> <li>• Ler pelo menos um capítulo do livro Escotismo para Rapazes.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|  |   |
|--|---|
| <p>8) Posso analisar uma situação a partir de diferentes pontos de vista estimulando meus amigos para que façam o mesmo.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de, pelo menos, três Jogos Democráticos da Tropa.</li> <li>• Participar da avaliação de uma atividade Regional.</li> <li>• Explorar algum tema de seu interesse e compartilho com sua Patrulha ou Tropa.</li> <li>• Aplicar técnicas de medição de distância ou altura em uma atividade de patrulha ou tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>           |
| <p>9) Organizo atividades criativas para serem realizadas com meu grupo de amigos.</p>                                       | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Preparar materiais para as representações artísticas de sua patrulha ou Tropa.</li> <li>• Organizar um dia de jogos na casa de um companheiro de patrulha.</li> <li>• Propor e colaborar na organização de atividades de sua patrulha e Tropa.</li> <li>• Organizar no seu colégio uma atividade de divulgação do Grupo Escoteiro.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>10) Amplio meus conhecimentos nas especialidades que escolhi, usando-as em ações a serviço da comunidade.</p>             | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicar as especialidades em ações de serviço da comunidade.</li> <li>• Ajudar a outros jovens na conquista das especialidades.</li> <li>• Propor a sua Patrulha e Tropa idéias de ações a serviço da comunidade.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |

|  |  |
|--|--|
| <p>11) Manifesto meus interesses e aptidões artísticas, contribuindo com o bom ambiente nas atividades.</p>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser responsável por apresentar as canções, durante o Fogo de Conselho de um acampamento de Tropa.</li> <li>• Organizar e participar um esquete de um Fogo de Conselho da Tropa.</li> <li>• Ensinar a outros escoteiros algumas canções tradicionais do Movimento.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>12) Proponho e participo de projetos que apresentam soluções criativas para problemas técnicos habituais.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Construir um Fogão Solar e utilizar para uma refeição em um acampamento de patrulha ou tropa.</li> <li>• Construir um chuveiro de acampamento.</li> <li>• Saber como funcionam os serviços que uso (telefone, internet, rádio, TV...) e procuro usar estes conhecimentos para solucionar problemas técnicos habituais.</li> <li>• Conhecer e ser capaz de enviar e receber mensagens simples com uma das seguintes formas de comunicação: Morse, semáfora, LIBRAS.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|  |   |
|--|---|
| <p>13) Melhoro minhas habilidades manuais.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenhar um croqui de um lugar de acampamento utilizando sinais topográficos, e participar do projeto e instalação das pioneirias de acampamento, aplicando pelo menos os seguintes nós e amarras: direito, volta do fiel ou volta da ribeira, nó de escota, nó em oito, volta redonda com dois cotes, amarra quadrada e diagonal.</li> <li>• Aplicar os conceitos básicos de estruturas (cavaletes, encaixes, ancoragens) nos projetos e montagem de construções como pontes, balsas, etc.</li> <li>• Confeccionar “Falçaças”, Nó “catau”, Laís de guia, Cadeira de Bombeiro e demonstrar os cuidados básicos com as cordas.</li> <li>• Construir e pernoitar em um abrigo natural.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
|--|---|

| DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER   |   |
|--|---|
| Competências   | Atividades sugeridas  |
| <p>14) Sei fazer uma auto-avaliação e procuro ser cada vez melhor, ajudando meus amigos a fazerem o mesmo.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Propor objetivos e ações para melhorar em alguns aspectos de sua vida na Tropa.</li> <li>• Participar ativamente na avaliação de sua progressão pessoal e de seus companheiros no Conselho de Patrulha.</li> <li>• Participar de uma reunião onde são tratados os aspectos positivos e negativos de sua patrulha.</li> <li>• Ajudar a um companheiro em sua progressão pessoal.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |



|   |   |
|---|---|
| <p>15) Busco fazer as coisas bem feitas, superando minhas limitações para cumprir minhas responsabilidades.</p>                           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desempenhar um cargo de patrulha por pelo menos um Ciclo de Programa.</li> <li>• Capacitar-se para desempenhar seu cargo na patrulha.</li> <li>• Avaliar seu desempenho e de seus amigos nos cargos de patrulha.</li> <li>• Participar de um festival de talentos na tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>16) Compreendo o valor da Lei e da Promessa em minha vida e me esforço para vivê-las plenamente.</p>                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Auxiliar um companheiro de patrulha a realizar sua Promessa Escoteira.</li> <li>• Avaliar com seus companheiros a vivência da Promessa e Lei Escoteiras na Patrulha.</li> <li>• Cantar com sua patrulha a Canção da Promessa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>17) Entendo que é importante ser verdadeiro, agindo de acordo com o que se pensa e se comprometendo com aquilo em que se acredita.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a história de Caio Viana Martins.</li> <li>• Realizar boas ações pessoais e junto com sua patrulha.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>18) Estou sempre alegre e divido minha alegria com os outros.</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Organizar uma “Oficina de Brinquedos” com sua patrulha, doando os itens consertados para uma instituição de crianças carentes.</li> <li>• Conhecer e cantar canções apropriadas para distintos momentos.</li> <li>• Criar um vídeo e disponibilizar na internet com uma campanha publicitária divertida promovendo o Grupo Escoteiro.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> </ul> |

## DESENVOLVIMENTO AFETIVO

| Competências   | Atividades sugeridas   |
|--|--|
| <p>19) Procuo dominar meus medos, raivas ou inseguranças, e compartilho meus sentimentos e emoções com meus amigos.</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Demonstrar as técnicas de resgate de pessoas em afogamento.</li> <li>• Ultrapassar algum obstáculo utilizando cordas (“falsa baiana”, “comando crown”, etc.).</li> <li>• Fazer um relato no Livro de Patrulha de uma atividade que lhe marcou.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>20) Consigo me manifestar de forma respeitosa quando converso com outros, mesmo que minha opinião seja diferente.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer os princípios para obter uma boa comunicação e os aplicar em minhas conversas com os outros.</li> <li>• Participar de debates e discussões no Conselho de Patrulha e Assembleia de Tropa, se manifestado de forma respeitosa.</li> <li>• Visitar outro Grupo Escoteiro.</li> <li>• Contribuir para a manutenção do Espírito Escoteiro e de Patrulha na Tropa.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>21) Aprecio as pessoas pelo que elas são e estou sempre disposto a ajudar a todos.</p>                                | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar ativamente de uma mobilização para minimizar algum problema social.</li> <li>• Saber a quem recorrer em caso de maus tratos a outras pessoas.</li> <li>• Ajudar algum companheiro de sua patrulha a conquistar algum objetivo ou melhorar em algum aspecto.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |

|   |   |
|---|---|
| <p>22) Entendo que homem e mulher se complementam e devem conviver respeitosamente.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Auxiliar sua patrulha, Tropa ou Grupo a ter um número equilibrado de meninas e meninos.</li> <li>• Ir com minha patrulha ao teatro ou cinema com outros jovens de ambos os sexos.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>23) Mantenho diálogo e uma relação carinhosa e solidária com minha família.</p>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar uma Boa Ação com membros de sua família.</li> <li>• Realizar um projeto ou atividade de patrulha com a ajuda de seus pais ou familiares.</li> <li>• Assumir a responsabilidade de uma tarefa doméstica na sua casa, por pelo menos três meses.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

| DESENVOLVIMENTO SOCIAL   |   |
|--|---|
| Competências   | Atividades sugeridas  |
| <p>24) Respeito todas as pessoas e participo ativamente de atividades relacionadas aos Direitos Humanos.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Propor a sua patrulha e Tropa atividades e projetos relacionados com os Direitos Humanos.</li> <li>• Pesquisar sobre os principais problemas de Violência Escolar que afetam a sua comunidade e fazer apresentação para a patrulha ou Tropa.</li> <li>• Participar de uma atividade em que se promovem os Direitos das Crianças e Adolescentes.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|   |   |
|---|---|
| <p>25) Sei como funcionam os processos de tomada de decisão no meu país, e manifesto com respeito minha opinião sobre as pessoas que exercem autoridades.</p>         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber o que é a Constituição Brasileira, conhecer os Símbolos Nacionais e saber cantar o Hino Nacional.</li> <li>• Visitar a Câmara de Vereadores de seu município.</li> <li>• Saber as diferenças entre o poder Legislativo, Executivo e Judiciário.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>26) Opino nas discussões sobre as normas que regem a vida nos diferentes ambientes, considerando o ponto de vista dos outros e respeitando o que for decidido.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Assistir a uma Assembleia de seu Grupo Escoteiro.</li> <li>• Participar ativamente de uma Assembleia de Tropa, analisando as normas de convivência e propondo melhorias.</li> <li>• Pesquisar sobre a organização do Escotismo Brasileiro e Mundial, e apresentar o resultado para a Tropa.</li> <li>• Apresentar a estrutura de um Grupo Escoteiro para um novo membro da patrulha.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>27) Participo de atividades que ajudam a superar diferenças sociais.</p>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Convidar seus vizinhos e conhecidos para colaborar em algum mutirão de ajuda à vítimas de desastres naturais.</li> <li>• Executar o projeto solicitado para conquistar o Distintivo de Escoteiro Lis de Ouro.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |



|   |   |
|---|---|
| <p>28) Conheço minha cidade e sei onde encontrar os principais serviços públicos.</p>                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber onde encontrar os principais serviços públicos na sua cidade.</li> <li>• Participar, com sua patrulha, de um “Safári Fotográfico” em sua cidade.</li> <li>• Identificar problemas da sua cidade e propor soluções.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>29) Tomo iniciativa para realizar atividades que valorizam a nossa diversidade cultural.</p>         | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisar sobre uma lenda brasileira e usar este conhecimento para montar uma apresentação para um Fogo de Conselho.</li> <li>• Aprender canções e danças do Brasil e as ensinar em diferentes Fogos de Conselho.</li> <li>• Confeccionar algum artesanato típico de alguma região de Brasil.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |
| <p>30) Conheço o Escotismo no Brasil e mantenho e busco contato com escoteiros de diversos lugares.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar de uma atividade escoteira distrital, regional, nacional ou internacional.</li> <li>• Pesquisar sobre a história do Escotismo no Brasil e organizar uma apresentação para sua patrulha ou Tropa.</li> <li>• Realizar uma atividade com uma patrulha de um Grupo Escoteiro distinto do seu.</li> <li>• Participar de um JOTI ou JOTA.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|   |  |
|---|--|
| <p>31) Procuo conhecer como vivem as pessoas em outros países.</p>  | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Manter contato com um escoteiro de outro país, por pelo menos um mês.</li> <li>• Ajudar a organizar e participar de um Jantar Festivo na sua Tropa, representando tipicamente outro país.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>  |
| <p>32) Sei quais os principais problemas ambientais do Brasil e procuro realizar as atividades para minimizá-los.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Visitar uma organização que trabalha e favor do meio ambiente e fazer uma pesquisa sobre os principais problemas ambientais do Brasil e os apresentar para sua Tropa ou sua Escola.</li> <li>• Participar de um projeto de conservação ambiental.</li> <li>• Saber identificar as pegadas de pelo menos 5 animais da fauna brasileira, e confeccionar pelo menos um molde em bom estado.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

| DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL   |  |
|--|--|
| Competências   | Atividades sugeridas   |
| <p>33) Pratico minha religião lendo e refletindo sobre ela, participando das suas comemorações e atividades.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar regularmente dos cultos da sua religião.</li> <li>• Auxiliar na realização de uma celebração de sua comunidade religiosa.</li> <li>• Ler pelo menos um livro sagrado da sua Fé.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |

|   |  |
|---|--|
| <p>34) Encontro Deus na natureza, nas pessoas e nos acontecimentos, me relacionando com Ele por meio da oração.</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar atividades de reflexão em acampamento ou excursão com sua Patrulha ou Tropa.</li> <li>• Ajudar a projetar e construir, junto com sua patrulha ou Tropa, um lugar para oração e reflexão no acampamento.</li> <li>• Organizar com sua patrulha e sua família momentos de oração.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul> |
| <p>35) Procuo viver de acordo com minha fé e busco apoio de meus amigos para as ações em favor do próximo.</p>      | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aplicar os ensinamentos de sua religião nas coisas que faz em sua vida.</li> <li>• Avaliar suas ações de acordo com os ensinamentos de sua religião.</li> <li>• Convidar sua patrulha para cooperar em ações, organizadas por sua comunidade religiosa, em favor de desassistidos.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>       |
| <p>36) Respeito e procuro conhecer as outras religiões, e estímulo meus amigos a fazerem o mesmo.</p>               | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Discutir com sua patrulha um episódio histórico que expresse o efeito prejudicial do fanatismo religioso.</li> <li>• Confeccionar um calendário de celebrações e festividades religiosas das religiões dos escoteiros da sua patrulha.</li> <li>• _____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> <li>_____</li> </ul>   |

# AS ETAPAS DE PROGRESSÃO



São quatro as etapas de progressão, cujos nomes têm um sentido simbólico que envolve o Marco Simbólico. A primeira fase de toda exploração é seguir as pegadas, os rastros, indícios e sinais deixados pelas pessoas, pelos animais e pelos fatos e que, mais ou menos ocultos entre as coisas de todos os dias, nos desafiam a segui-las, partindo para a aventura de descobrir novos territórios. Tudo depende de aprender a ver e observar.

**As PISTAS nos levam a descobrir novos caminhos que, provavelmente, já foram percorridos por outros, mas que são desconhecidos para nós. São caminhos estreitos, íngremes, sinuosos, que sobem e descem, mas que despertam a esperança de que, em uma de suas curvas, se abrirão sobre campos extensos e abertos que nos mostrarão com mais clareza onde estamos e para onde vamos.**



Pistas



Rumo



Trilha



Travessia



Quando a TRILHA se abre sobre o vale e vemos mais clara nossa rota, podemos recorrer à bússola, observar a rosa dos ventos e definir, no plano do horizonte, a direção que seguiremos. Nosso caminho se alarga e sabemos exatamente por onde vamos prosseguir para chegar ao propósito que fixamos. Definimos um RUMO.

Daí, o homem ou a mulher sentem o chamado para seguir, continuamente, na exploração de novas terras. A busca nunca termina e sua missão nunca se conclui, mesmo que deva enfrentar as montanhas mais altas, atravessar o deserto mais inóspito ou cruzar os mares, atrás de novas experiências e aprendizagens, tentando sempre superar a si mesmo e fazendo a tão sonhada TRAVESSIA.

É bom lembrar que o conjunto de objetivos é um programa para a vida, e não para a atividade escoteira. Portanto, é natural que um jovem avance em sua vida na conquista de Competências mesmo sem realizar atividades diretamente associadas ao Movimento Escoteiro.

Também é importante salientar que a motivação pelo reconhecimento, pretendida pelos distintivos de progressão, procura levar o jovem tão longe quanto possível em seu desenvolvimento pessoal, mas os distintivos e sua obtenção não constituem um fim em si mesmos.



As  
atividades  
EDUCATIVAS 10



# SUMÁRIO

## OBJETIVOS, COMPETÊNCIAS, ATIVIDADES E EXPERIÊNCIAS

- Para conquistar objetivos e Competências, realizamos atividades.
- Os jovens aprendem por meio das experiências que vivem nas atividades.
- As experiências são pessoais.
- As atividades contribuem para a conquista das Competências de maneira paulatina, sequencial e cumulativa.

## TIPOS DE ATIVIDADES

- As atividades podem ser internas ou externas.
- A principal distinção é entre atividades fixas e variáveis.
- A programação equilibra atividades fixas e variáveis.
- As atividades variáveis podem ser de patrulha, de Tropa e projetos.

### AS ATIVIDADES FIXAS

- As atividades fixas criam o ambiente proposto pelo Método Escoteiro.
- As reuniões de patrulha.
- A reunião de Tropa.
- Acampamentos e excursões.
- Os jogos.
- Histórias, casos, contos e relatos.
- O canto e a dança.
- O Fogo de Conselho.

### AS ATIVIDADES VARIÁVEIS

- As atividades variáveis devem ser desafiantes, úteis, recompensantes e atraentes.
- As fichas de atividade ajudam a encontrar e a criar atividades.
- As atividades variáveis têm duração variada.
- As atividades variáveis podem ser sucessivas e simultâneas.
- As atividades são coletivas ou, excepcionalmente, individuais.

## AS ESPECIALIDADES

- As especialidades desenvolvem aptidões inatas.
- A conquista de especialidade é voluntária, individual e apoiada por um instrutor.
- Os objetivos, ações e requisitos de uma especialidade são flexíveis.
- As especialidades permitem explorar, conhecer, fazer e servir.
- As especialidades complementam a progressão pessoal.
- As especialidades fazem aumentar a necessidade de atenção pessoal aos jovens.
- As especialidades se agrupam em ramos de conhecimento:
  - Ciência e Tecnologia
  - Desportos
  - Cultura
  - Serviços
  - Habilidades Escoteiras



# OBJETIVOS, COMPETÊNCIAS, ATIVIDADES E EXPERIÊNCIAS



No Movimento Escoteiro, os jovens aprendem fazendo, pois tudo se realiza sob a forma de atividades.



PARA CONQUISTAR  
OBJETIVOS,  
REALIZAMOS  
ATIVIDADES

Nas patrulhas e na Tropa, os jovens são os protagonistas das atividades. Eles as propõem e as escolhem por si mesmos; também são eles que as preparam, desenvolvem e avaliam, com o apoio dos escotistas.

Elas permitem que os jovens vivenciem experiências pessoais que contribuirão para incorporar a seu comportamento as condutas desejáveis propostas pelos objetivos educacionais.

Construir uma pioneiria em acampamento é uma boa forma de entender certas leis físicas; plantar uma árvore e ajudá-la a crescer é uma excelente maneira de aprender a valorizar a natureza; repartir o que se tem ensina a vivenciar a solidariedade; cozinhar a própria alimentação e lavar as panelas ajuda a incorporar habilidades elementares de uso cotidiano.

A aprendizagem pela ação permite uma aprendizagem por descobertas, que faz com que conhecimentos, atitudes e habilidades adquiridos se encarnem de maneira profunda e permanente. Além disso, já demonstrou ser um sistema mais efetivo do que outros para fazer com que o jovem se interesse por sua autoeducação.

## OS JOVENS APRENDEM POR MEIO DAS EXPERIÊNCIAS QUE VIVEM NAS ATIVIDADES



Se as atividades proporcionam aos jovens experiências pessoais, devemos diferenciar a atividade, que se realiza entre todos, da experiência que cada jovem adquire durante a atividade.

### ATIVIDADE

- É o que ocorre externamente, a ação que se desenvolve entre todos.
- É um instrumento que gera diferentes situações.

### EXPERIÊNCIA

- É o interno, o que se passa com cada pessoa, o que cada um obtém da ação desenvolvida.
- É o resultado que se produz no jovem ao enfrentar essa diversidade de situações.



**O que é verdadeiramente educativo é a experiência, pois é uma relação pessoal do jovem com a realidade, o que lhe permite observar e analisar seu comportamento e adquirir e praticar a conduta prevista nos objetivos educacionais.**

## AS EXPERIÊNCIAS SÃO PESSOAIS



Dependendo de uma ampla variedade de circunstâncias que, de um modo geral, guardam relação com o jeito de ser de cada um, uma mesma atividade pode gerar diferentes experiências nos jovens que dela participam.

Uma atividade pode se desenvolver de modo impecável e ser coletivamente um sucesso, sem que alcance, em alguns jovens, os resultados previstos.

Ao contrário, pode ser que uma atividade não seja avaliada como um sucesso e, mesmo assim, tenha produzido em alguns ou em vários de seus participantes experiências que contribuam para a aquisição de condutas desejáveis.

**Como a experiência é uma relação pessoal do jovem com os fatos que vivencia, os escotistas não podem intervir nela, manipulá-la nem prever com certeza seus resultados, mas podem atuar sobre as atividades, para que estas suscitem ou favoreçam experiências que conduzam à obtenção das condutas previstas nos objetivos.**

- A programação das patrulhas e da Tropa Escoteira deve compreender uma grande variedade de atividades.
- As atividades não podem ser improvisadas. Elas devem ser selecionadas, preparadas, desenvolvidas e avaliadas de forma adequada.
- Não basta realizar atividades nem que estas sejam um sucesso. É necessário estar atento, além disso, às experiências pessoais que cada jovem obtém, o que se faz por meio do acompanhamento de sua progressão pessoal.



Entre as atividades e as Competências, não existe relação direta

e imediata, isto é, a realização de uma atividade não produz, automaticamente, a conquista de uma determinada Competência e/ou objetivo.

**AS ATIVIDADES CONTRIBUEM PARA A CONQUISTA DAS COMPETÊNCIAS DE MANEIRA PAULATINA, SEQUENCIAL E CUMULATIVA**

Isto significa que, ao término de uma atividade, só ela em si mesma é que pode ser avaliada.

As atividades que as patrulhas e a Tropa realizam contribuem progressivamente para que eles conquistem seus objetivos pessoais por meio das sucessivas experiências que desencadeiam nos jovens.

A avaliação da progressão pessoal dos jovens só será possível a cada certo tempo. Ao avaliar objetivos de desenvolvimento, mede-se a maturidade. E a maturidade só é atingida através de um processo de desenvolvimento paulatino, sequencial e cumulativo.





# TIPOS DE ATIVIDADES



## AS ATIVIDADES PODEM SER INTERNAS OU EXTERNAS

Quando destacamos os objetivos e Competências, tratamos que estes consideram a totalidade da vida dos jovens, que compreendem um “sem número” de atividades, muitas das quais não estão conectadas com a patrulha ou com a Tropa. Isto permite distinguir entre atividades internas e externas.

Entende-se por internas aquelas que se realizam nas patrulhas ou na Tropa Escoteira, por iniciativa de sua programação de atividades. Externas são todas aquelas que os jovens participam fora de suas patrulhas e da Tropa Escoteira e sem qualquer vinculação direta com elas.

Além de participar do Movimento Escoteiro, os jovens são alunos de uma escola, filhos de uma família, membros de uma religião, praticam um esporte, tocam algum instrumento, têm amigos que não são escoteiros e vinculam-se a outros diferentes grupos sociais.

A ação dos escotistas se refere, principalmente, às atividades internas. Mas, seria um erro pensar que podem ignorar as externas.

Como se trata de motivar o avanço, orientar o desenvolvimento e avaliar todos os Objetivos Educativos assumidos pelos jovens, sua patrulha e os escotistas devem levar em conta toda a gama de atividades de que os escoteiros participam nos diferentes ambientes em que estão inseridos, pois todas elas influenciam em sua personalidade.

Naturalmente, não se trata de avaliar cada uma das atividades em que os jovens se envolvem fora do Movimento nem, muito menos, de querer intervir ou interferir nelas. Contudo, seus efeitos sobre os jovens devem ser considerados, de um modo geral, na avaliação de sua progressão.

## A PRINCIPAL DISTINÇÃO É ENTRE ATIVIDADES FIXAS E VARIÁVEIS



Segundo sua forma, sua frequência e a maneira como contribuem para a aplicação do método e para a conquista de Competências e objetivos, as atividades podem ser classificadas como fixas ou variáveis.

## AS ATIVIDADES FIXAS

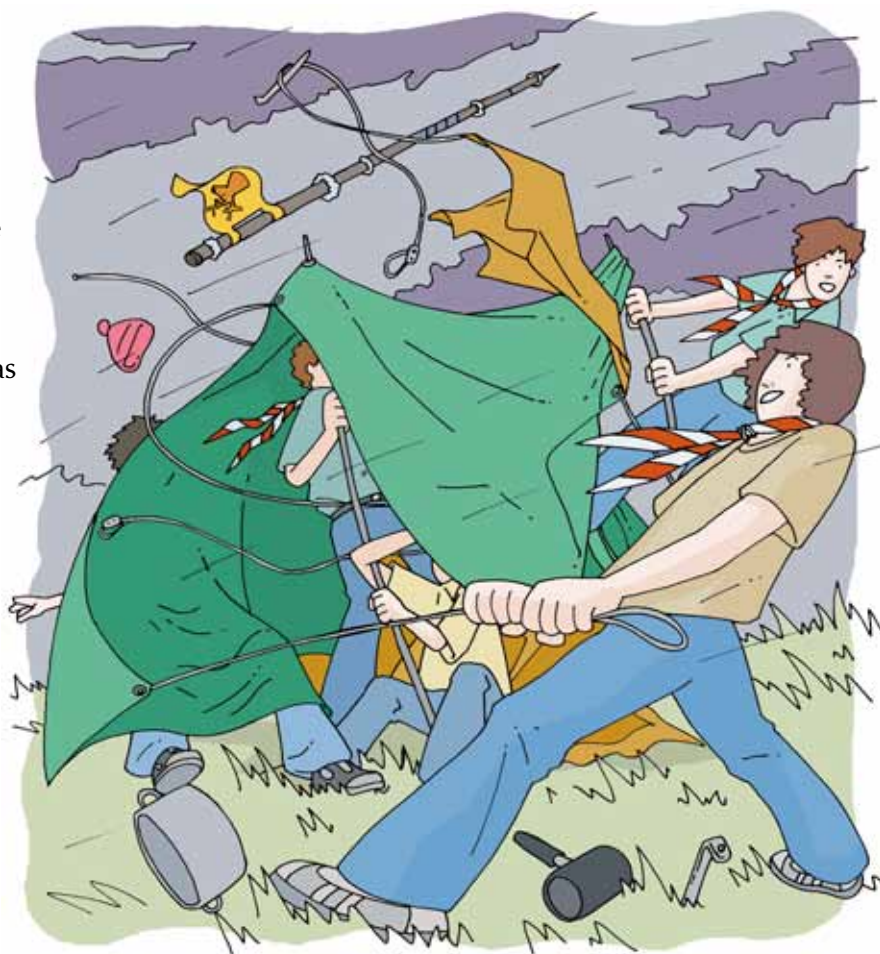
- Utilizam uma mesma forma de se relacionarem com um mesmo conteúdo.
- Devem ser realizadas com frequência, para criar o ambiente desejado pelo Método Escoteiro.
- Contribuem de forma genérica para a conquista das Competências e de Objetivos Educativos.

## AS ATIVIDADES VARIÁVEIS

- Utilizam formas variadas e se referem a conteúdos mais diversos, segundo as inquietações expressas pelos jovens.
- Não se repetem continuamente, a não ser que os jovens desejem fazê-lo e depois de transcorrido certo tempo.
- Contribuem para a conquista de determinadas Competências e Objetivos Educativos claramente individualizados.

Atividades fixas são, por exemplo, as diferentes cerimônias que se realizam na Tropa. Dependendo do motivo que comemoram, seu conteúdo é sempre semelhante; sua realização frequente contribui para criar a atmosfera própria da vida de grupo na Tropa e não estão orientadas para a conquista específica de um objetivo ou de um grupo de Objetivos Educativos pelos jovens. Contudo, guardam relação com vários aspectos de sua personalidade e contribuem, de um modo geral, para a conquista de objetivos em diferentes áreas de desenvolvimento.

O que se disse sobre as cerimônias também é válido para todas as outras atividades fixas realizadas nas patrulhas e na Tropa, como as reuniões, as excursões e acampamentos, a manutenção e o melhoramento do “canto” de patrulha e da sala da Tropa, os jogos, as canções, a animação do Sistema de Patrulhas e tantas outras.





Atividades variáveis, por exemplo, poderiam ser a aprendizagem da técnica de reciclagem de papel, a manutenção de um cultivo hidropônico, a montagem de um teatro de marionetes para um centro infantil, a elaboração de um audiovisual, uma reportagem fotográfica ou um acampamento volante em diferentes setores rurais culturalmente interessantes.



Para que atividade variável possa se incorporar à programação de uma patrulha ou de uma Tropa, basta que ela seja:

- desafiante;
- útil;
- recompensante;
- atraente.



Toda possibilidade de ação que constitua um desafio, que seja útil para o desenvolvimento pessoal dos jovens, que tenha para eles o sentido da obtenção de uma conquista e que os atraia, é uma atividade educativa e, portanto, entra no campo de interesse das patrulhas e da Tropa.

## A PROGRAMAÇÃO EQUILIBRA ATIVIDADES FIXAS E VARIÁVEIS



**Uma das chaves para enriquecer a vida de grupo na Tropa é construir, com a participação ativa dos jovens, uma programação que mantenha um equilíbrio adequado entre os dois tipos de atividades educativas.**



## AS ATIVIDADES FIXAS

- Fortalecem o Método, assegurando a participação juvenil, a tomada de decisões coletivas e a vigência dos valores.
- Contribuem para criar a atmosfera da Tropa e produzem vivências tipicamente escoteiras.

## AS ATIVIDADES VARIÁVEIS

- Asseguram que a programação responda às inquietações e interesses dos jovens e os projete sobre a diversidade do meio.
- Relacionam-se diretamente com as necessidades da comunidade.

**O equilíbrio entre essas atividades se planeja, em primeiro lugar, na pré-seleção das atividades e, em segundo lugar, em sua organização. O tema será melhor detalhado no capítulo referente ao Ciclo de Programa.**

É importante salientar que as atividades fixas e as variáveis não são antagônicas nem separadas. Elas se conectam entre si, podendo uma mesma atividade reunir ambos os tipos. É o caso de um acampamento que, sendo uma atividade fixa, compreende habitualmente a realização de várias atividades variáveis.

Caso os escotistas não consigam equilibrar a realização das atividades, após certo tempo, possíveis “problemas” poderão ser detectados. Seguem abaixo comportamentos possíveis quando isto ocorre:

### SE A PROGRAMAÇÃO É CONCENTRADA EM ATIVIDADES FIXAS, EM DETRIMENTO DAS ATIVIDADES VARIÁVEIS

Pode levar a uma Tropa “fechada”, voltada para si mesma, isolada dos acontecimentos à sua volta, que não prepara os jovens para a vida, mas para o próprio Movimento Escoteiro.

Pode afetar o desenvolvimento integral e harmônico dos jovens nas diversas áreas de desenvolvimento de sua personalidade, o que se obtém por meio das experiências proporcionadas pelas atividades variáveis.

Pode converter a programação em algo muito entediante, com forte tendência a se tornar repetitiva ou desconectada dos anseios da comunidade.

### SE UMA PROGRAMAÇÃO É CONCENTRADA EM ATIVIDADES VARIÁVEIS, EM DETRIMENTO DAS ATIVIDADES FIXAS

Corre o risco de modificar o perfil da Tropa, convertendo-a, provavelmente, em um “grupo juvenil atraente”, mas com escasso “estilo escoteiro”, igual a qualquer outro que exista na nossa comunidade.

Diminuirá o efeito educativo global produzido pela aplicação dos elementos do método em conjunto, pois lhe faltará a atmosfera agregadora criada pela continuidade das atividades fixas.

Pode-se converter a programação em uma série de atividades sem relação entre si, impedindo que os jovens reflitam e que o grupo alcance estabilidade.

## AS ATIVIDADES VARIÁVEIS PODEM SER DE PATRULHA, DE TROPA OU PROJETOS



As atividades de patrulha são aquelas que uma patrulha realiza sem ter, necessariamente, relação com as outras patrulhas.

As atividades de Tropa são aquelas comuns a toda as patrulhas, seja porque todas elas decidiram realizar a mesma atividade em paralelo ou porque assumem tarefas específicas dentro de uma atividade que envolve a todas. As atividades de Tropa ou comuns devem ter uma frequência que não interfira nas atividades de patrulha, que são prioritárias.

Os projetos são um conjunto de atividades que se integram em uma iniciativa de maior envergadura, geralmente de longa duração, com as patrulhas assumindo diferentes atividades, que se complementam entre si, para a conquista de um objetivo comum. Por exemplo, preparar uma festa de Natal em um asilo para idosos exige a preparação de presentes, o ensaio das apresentações artísticas, a decoração do local, a coordenação das ações com a direção do asilo, a obtenção dos recursos e muitas outras providências. Num caso como este, a(s) patrulha(s) se encarrega (m) de realizar as diferentes atividades necessárias para o êxito de um empreendimento comum.



**Esta distinção é importante para o equilíbrio entre vida interna da patrulha e interação com as outras.**

**Também é importante para fins de seleção e avaliação das atividades. As atividades de patrulha são selecionadas e avaliadas pela patrulha. As atividades de Tropa, assim como os projetos, são pré-selecionadas pela Corte de Honra, depois são selecionadas pela Assembleia de Tropa e, finalmente, são avaliadas entre todos.**



# AS ATIVIDADES FIXAS



## AS ATIVIDADES FIXAS CRIAM O AMBIENTE PROPOSTO PELO MÉTODO ESCOTEIRO

Na prática, as atividades fixas são realizadas de uma maneira bastante similar. Contudo, elas admitem variações em sua aplicação e é conveniente revisar continuamente a forma como as fazemos, perguntando se não poderíamos melhorá-las, introduzindo variações e, assim, evitar que se convertam em rotina, percam sua atração para os jovens ou tenham reduzido seu valor educativo.

## AS REUNIÕES DE PATRULHA



**As patrulhas se reúnem uma ou duas vezes por semana, e não apenas nos fins de semana, já que os escoteiros se encontram de acordo com seus interesses pessoais e as necessidades de cada atividade. Uma dessas oportunidades coincide, geralmente, com a reunião da Tropa.**

As reuniões podem ser realizadas no “canto” de patrulha, na sala da Tropa, em algum outro local da sede do Grupo, na casa de um dos integrantes, na escola, na paróquia, na área onde se realiza uma atividade, no acampamento ou em qualquer outro lugar escolhido pelos jovens que seja conveniente, de acordo com as circunstâncias.

Não se realizam, apenas, quando toda a patrulha está presente; também podem ser encontros de 2 ou 3 jovens, para o cumprimento de tarefas específicas. É o que normalmente acontece com um grupo de amigos.

As reuniões de patrulha costumam ter um conteúdo bastante variado. Podem ter por objetivo pré-selecionar, selecionar, preparar ou avaliar atividades, executar uma atividade ou parte dela, trabalhar numa etapa de um projeto, realizar um Conselho de Patrulha, avaliar a progressão, arrumar o “canto”, atualizar o Livro de Patrulha, resolver dificuldades internas ou, simplesmente, estar juntos pelo prazer de conviver, falando de tudo um pouco, sem a formalidade de uma agenda, como ocorre com qualquer grupo informal.





## AS REUNIÕES DE TROPA



A reunião da Tropa se realiza, geralmente, durante o final de semana, durante um tempo não inferior a 2 ou 3 horas.

Ocorre na sede do Grupo ou, se o Grupo não tem sede, no lugar proporcionado por alguma instituição da comunidade.

Seu início é pontual, normalmente com uma “saudação” ou alguns gestos simbólicos breves: hastear bandeiras, fazer uma oração, cantar uma canção, dar os “gritos” das patrulhas. Em seguida, são divulgadas as principais novidades e se recorda as atividades incluídas na programação a ser cumprida durante a reunião.

**Na maior parte do tempo disponível, são preparadas, realizadas ou avaliadas algumas das atividades fixas ou variáveis previstas no calendário do respectivo Ciclo de Programa.**



Terminadas as atividades - e antes do encerramento da reunião -, destina-se um certo tempo ao cumprimento de tarefas rotineiras administrativas, como limpar a sala da Tropa, atualizar o jornal mural ou pôr em dia os registros e o pagamento de quotas.

O encerramento da reunião pode adotar uma fórmula semelhante à da abertura.

**Durante a reunião, as atividades de patrulha se alternam com as atividades da Tropa, concedendo-se habitualmente mais tempo para as atividades ou reuniões de patrulha, conforme estabeleça o calendário. No tempo destinado às reuniões ou atividades de patrulha, os escotistas devem estar disponíveis para o apoio e acompanhamento pessoal e coletivo dos jovens. Em alguns casos, participam com eles das atividades.**

Como as patrulhas são diferentes em experiências, grau de desenvolvimento, número de integrantes, idades e gênero, suas atividades podem ser muito diferentes, no que se refere ao conteúdo, ao ritmo e à duração. Por isso, é possível que, numa dada oportunidade, uma patrulha não participe da reunião da Tropa, porque está envolvida, naquele final de semana, numa outra atividade, como uma excursão, por exemplo. Também é possível que, depois de iniciada a reunião, uma patrulha se retire para completar uma atividade que está realizando em outro lugar da comunidade.

Os escotistas devem resistir à tentação de padronizar ou estruturar excessivamente esses encontros, sempre lembrando que a Tropa é, essencialmente, uma organização que dá respaldo ao Sistema de Patrulhas. O estilo de animação apropriado para uma Tropa Escoteira está longe de ser o de um encontro de pequenos grupos que operam em uníssono, sob o olhar atento de um escotista e muito menos seguindo o ritmo imposto por um apito.

Isto não significa que, durante as reuniões da Tropa, cada um faça o que quer, nem que os escotistas se eximam de supervisionar, dar seu apoio estimulante ou zelar pela segurança. Na verdade, sua estrutura de encontros tem de ser flexível o suficiente para se adaptar ao calendário de atividades aprovado por sua Assembleia para o Ciclo de Programa que está se desenvolvendo; mas, rígida o suficiente para que seja uma atividade fixa.

### Para que as reuniões de Tropa mantenham seu sentido, recomendamos observar as seguintes orientações:



- A reunião de Tropa nem sempre dura 2 ou 3 horas. De tempos em tempos - idealmente uma vez a cada mês - a reunião pode durar um dia inteiro, coincidindo com uma atividade variável que exija mais tempo.
- Em algumas ocasiões - quando se realiza uma atividade variável de longa duração ou quando um projeto está em andamento, por exemplo - quase todo o tempo disponível precisa ser dedicado a avançar em tal atividade ou projeto.
- Também por exigência das atividades em andamento, pode ser que a reunião não se realize na sede, mas em contato com a natureza, em uma área próxima à sede ou em outra parte da vizinhança ou da cidade, com as patrulhas atuando de forma autônoma ou com a Tropa atuando em conjunto, sempre observando o calendário aprovado para o Ciclo de Programa.
- Durante as reuniões habituais da Tropa, é conveniente combinar atividades e tarefas administrativas, evitando separá-las em blocos, o que dividiria a reunião em duas partes, uma interessante e a outra bastante entediante.
- Em qualquer caso, as reuniões de Tropa devem ser ativas, evitando longos intervalos ou reuniões passivas, que levem os participantes a perder o interesse.
- A Tropa não se reúne apenas no final de semana; também podem programar uma atividade para um feriado. As Tropas patrocinadas por escolas devem evitar se reunir sempre no colégio, ao final das aulas ou mesmo durante estas, dando a falsa impressão de que o Movimento é um dever escolar ou mais uma matéria incluída no currículo.

**As reuniões de Tropa, como todas as atividades escoteiras, não podem prescindir da emoção. Elas precisam produzir, no ânimo dos jovens, um sabor de “quero mais” que se prolongue até a próxima reunião ou encontro.**

## ACAMPAMENTOS E EXCURSÕES



O acampamento é a atividade fixa mais importante da programação de atividades, pois o Método Escoteiro não é possível sem a Vida ao Ar Livre.

A cada ano, há várias oportunidades para realizá-los: em fins de semana corriqueiros, feriados prolongados ou mesmo nas férias escolares dos jovens. Por isso, recomenda-se que os escoteiros devem acampar de 3 a 6 vezes por ano, procurando alcançar um total de não menos que 15 dias de acampamento.

### A título de exemplo, a distribuição dos acampamentos durante um ano poderia ser a seguinte:



Um acampamento ou excursão, com 2 dias de duração, em cada Ciclo de Programa.



Um acampamento de 3 a 5 dias de duração, que pode ocorrer nas férias escolares de meio de ano. Este acampamento pode coincidir com o intervalo entre dois Ciclos de Programa sucessivos.



Um acampamento de cerca de 10 dias de duração, durante as férias de verão e que marcaria o final de um “ano escoteiro”.

O acampamento é uma atividade que compreende outras atividades, fixas ou variáveis, que tenham sido incluídas no calendário do respectivo Ciclo de Programa, tais como grandes jogos, vigílias, Fogo de Conselho, comemorações, ações de serviço, atividades de exploração e muitas outras.



Um acampamento não é a ampliação de uma reunião urbana da Tropa. Também não deve ser sobrecarregado com uma programação muito apertada. Deve oferecer oportunidade para o silêncio interior e para o contato com a natureza, com tempo suficiente para observar, descansar e, até, ficar sem fazer nada. É uma oportunidade para realmente viver.

A vida ao ar livre tem tal impacto educativo nos jovens que os acampamentos não podem ser substituídos por nenhum outro recurso. Por meio deles, os escoteiros:

- se reencontram com os ritmos naturais;
- põem em jogo seus sentidos e desenvolvem a imaginação;
- perdem o medo do desconhecido;
- descobrem a importância da solidariedade e do trabalho em equipe em um meio com poucos recursos;
- experimentam a vida em condições simples e rudimentares;
- têm experiências que estão muito longe de quem vive nas cidades, especialmente nos grandes centros urbanos;
- se encontram com eles mesmos; e
- se encantam ante a Criação e renovam suas perguntas e certezas a respeito de Deus.



Nada substitui a experiência de uma noite à luz das estrelas, do turno de ronda junto ao fogo, do canto dos pássaros na madrugada, da observação da vida silvestre, do repouso abrigado na barraca da patrulha ou do som do vento soprando no bosque.

### O acampamento de Tropa se organiza de modo que favoreça a autonomia das patrulhas.



As patrulhas acampam em um mesmo lugar, mas em condições de distância e espaço que lhes permitam desenvolver suas atividades com independência. As patrulhas organizam, ambientam e mantêm seus “campos de patrulha”, preparam sua alimentação e realizam suas atividades particulares, nos tempos a isso destinados na programação do acampamento.

Sobre a localização das patrulhas em um acampamento de Tropa, Baden-Powell recomendou enfaticamente que as patrulhas devem estar “cada uma em barracas separadas e em locais distintos, de modo que os escoteiros não se sintam parte de um grande rebanho, mas como membros de pequenos grupos responsáveis e independentes. As patrulhas devem permanecer integradas, sob quaisquer circunstâncias”. (Baden-Powell, Jornal do Escritório Nacional, junho de 1910).



Por esta razão, a escolha do lugar de acampamento é uma das condições para seu êxito. Deve ser um lugar que ofereça espaços independentes e seguros, que convide a descobrir, que torne possível viver a aventura, em meio a uma natureza rica e variada, que estimule a exploração.



A equipe de escotistas acampa em um canto próprio, idealmente equidistante dos campos de patrulha. Para sua alimentação, os integrantes se alternam, aceitando convite das patrulhas. Nos acampamentos de longa duração, a equipe de escotistas também se encarrega dos aspectos relacionados com o fornecimento dos gêneros para a preparação das refeições pelas patrulhas.



Durante o desenrolar de um acampamento de longa duração, cada patrulha deve realizar, pelo menos uma vez, uma excursão para fora do local em que a Tropa está acampada. Esta saída pode durar até 48 horas. Não se trata de um passeio e, por isso, deve ter um forte conteúdo de exploração da natureza e observação do meio ambiente, conhecimento da região e de seus habitantes e, evidentemente, uma dose equilibrada de esforço físico.

Este desafio envolve preparação por parte de cada membro da patrulha, aplicação de conhecimentos e de técnicas. O planejamento e a realização da excursão devem ser cuidadosamente supervisionados pelos escotistas, que minimizam o risco e acompanham seu desenvolvimento, especialmente quando se trata de patrulhas com pouca experiência ou formada por jovens ainda muito novos.

## EXCURSÕES



As excursões, por sua vez, são saídas de curta duração - 1 ou 2 dias - que, no linguajar escoteiro, não chegam a ser consideradas como um “acampamento” propriamente dito. Geralmente, são realizadas por patrulhas e em qualquer momento do ano, conforme acordado no calendário do respectivo Ciclo de Programa.

\* Realizam-se em um ambiente natural que renova a vivência do Marco Simbólico (“Explorar novos territórios com um grupo de amigos”). Os jovens vivem aventuras que os põem em contato com dimensões que eles antes desconheciam;

\* Contribuem para que os jovens desenvolvam sua autonomia pessoal, exercendo responsabilidades e superando dificuldades em um ambiente diferente do existente no seio da família ou em seu meio habitual;

\* Fortalecem a coesão interna das patrulhas; e

\* Criam um ambiente especial que facilita a conquista dos objetivos pessoais de cada jovem, em todas as áreas de desenvolvimento.

Os acampamentos permitem praticar a vida ao ar livre, um elemento essencial do Método Escoteiro.

OBS: Nos acampamentos e nas excursões, não se realiza nenhuma atividade ou jogo que, sob o pretexto de incentivar destrezas ou autocontrole, possa pôr em risco a saúde ou a segurança dos jovens, ou gerar inibições ou temores entre eles.



## JOGOS

O jogo pode ser visto segundo duas perspectivas:

A primeira considera o jogo como uma atitude. Sob este ângulo, o jogo é uma disposição da vontade, um jeito de ser e de fazer, um ponto de vista a partir do qual se pode observar e julgar os fatos sem excessiva gravidade, com humor e otimismo, se deixando surpreender pela vida.

Compreendendo que esta atitude é natural nos jovens, o Método Escoteiro está concebido como um grande jogo, e esta é a maior atração para eles, que assumem o jogo como seu. Esta “atitude de jogo” leva o jovem a se mostrar sem temores, permitindo aos escotistas conhecê-lo melhor e identificar a forma de apoiá-lo.

Em segundo lugar, o jogo pode ser visto como uma atividade, um meio espontâneo de exploração de si mesmo, dos demais e do mundo. Jogar implica experimentar, provar até onde se pode chegar, aventurar, se esforçar, comemorar. Jogar com os outros inclui compartilhar, ajudar uns aos outros, se organizar, saber ganhar e saber perder. Visto assim, o jogo é um fator de introdução à vida social, pois, como no cotidiano, existem regras que todos devem respeitar.

Os jogos organizados são os que mais atraem os jovens e os que melhor facilitam a aprendizagem. Neles, cada participante desempenha uma função, aportando inteligência e destreza. Cada participante deve se concentrar no que faz, pois uma distração pode prejudicar sua equipe.





Pelo jogo, os jovens aprendem que não se pode ganhar sempre, que é necessário se pôr no lugar do outro, governar seus impulsos físicos, conter-se e dominar a tendência a interpretar as regras em proveito próprio. Os mais hábeis compartilham com os que têm menos habilidade e estes aprendem com aqueles. O jogo permite que até os menos hábeis se destaquem em algum aspecto particular.

Na adolescência, o jogo demanda esforço físico e exige certa elaboração que permita aos jovens refletir e decidir por sua própria conta. Por isso, é comum o jogo que desenvolva um tema, já que considera, além da atividade física, destreza técnica e aspectos táticos que permitem conceber e aplicar um plano.

Para ampliar seu resultado educativo, o jogo deve prover alternadamente a sensação de êxito e da frustração, razão pela qual a variedade de estilos e de exigências dos jogos assegurará a todos a oportunidade de experimentar a emoção de triunfar.

### Por isto, os escotistas devem:



- Conhecer jogos variados ou dispor de material de consulta;
- Preparar com todo o material necessário;
- Estabelecer regras simples, que não deem margem a outras interpretações, e explicá-las com clareza no momento oportuno;
- Saber como se joga e, se for o caso, por que se ganha ou se perde;
- Animar o jogo constantemente, sem que os escotistas se convertam em jogadores;
- Não deixar ninguém fora do jogo, salvo nos casos em que alguém deva sair em razão das regras do próprio jogo e, se a dinâmica o permite, devem considerar o pronto reingresso dos que saírem;
- Assegurar a continuidade do jogo, que não deve ser interrompido sem um motivo válido;
- Terminar o jogo antes que o interesse comece a decair, sempre que sua finalização seja regulável, pois existem jogos em que a solução do enredo exige ir até o final e que não podem ser abreviados sem que se frustre o objetivo. Um jogo que terminou em um bom momento será bem lembrado e deixará desejos de se voltar a jogá-lo;
- Fazer respeitar o perdedor e reconhecer o mérito do vencedor;
- Não repetir um jogo com demasiada frequência;
- Avaliar o jogo, o desempenho dos participantes e o cumprimento das tarefas atribuídas aos que o conduziram.

Existem muitos livros e outras publicações que contêm diferentes tipos de jogos para jovens e que podem ser praticados pelos escoteiros: de interior e ao ar livre, curtos e longos, de engenhosidade e de esforço físico, grandes jogos, jogos “de cidade” ou jogos noturnos ao ar livre. Toda atividade pode ser adaptada ao Movimento Escoteiro, desde que possa vivenciar o Método Escoteiro ao participar dela.

No entanto, nada poderá substituir o caderno pessoal de jogos, onde estão descritos os melhores jogos que cada um recolheu de sua experiência como escotista ou como Monitor da patrulha.



## HISTÓRIAS, CASOS, CONTOS E RELATOS



Quando se lida com adolescentes, não há um momento particular para se dedicar a “narrar”. Mas o desejo de aventurar, a curiosidade, o prazer de mergulhar no desconhecido e misterioso estão presentes com intensidade nos jovens de 11 a 14 anos. Sempre apreciarão um relato histórico, um “caso”, uma lenda importante, principalmente se reforçarem elementos que rondam sua mente graças ao Marco Simbólico.

Os relatos são como o tempero na comida, percebido tanto por sua falta como pelo excesso. Por isso, o melhor é estar atento às oportunidades oferecidas pela cotidiana vida de grupo: ao começar ou encerrar uma reunião, antes de sair para uma excursão, antes de ir dormir, numa noite de acampamento, no descanso no meio de uma longa caminhada, durante uma viagem prolongada de ônibus ou de trem, entre outros.



Existem muitas oportunidades em que um amplo repertório de histórias, casos, contos e episódios reais permitirão a um escotista hábil estimular a imaginação dos jovens e lhes apresentar valores por meio de exemplos, modelos sociais e situações que devem ser imitadas ou evitadas.

Fazem parte desse repertório as histórias que os próprios jovens podem inventar, assim fomentando a prática criativa de imaginar situações e mergulhar na magia. Os exemplos de exploradores, inventores e cientistas são quase sempre tomados da realidade, mas nada impede recorrer à ficção, contida no amplo tesouro da boa literatura universal, especialmente daquela destinada aos jovens.

Por último, como forma de assimilação, sugerimos repassar os capítulos relativos ao Marco Simbólico e às Áreas de Desenvolvimento.

## O CANTO E A DANÇA



O canto e a dança contribuem de maneira importante para o desenvolvimento das aptidões artísticas dos jovens, o controle de seu corpo e a aprendizagem de compartilhar com o grupo. Cantar e dançar são atividades que unem, que ajudam a superar inibições e que despertam a alegria. Além disso, é comum encontrar, entre os jovens, quem toque algum instrumento musical e acompanhe o canto de todos.

Com as Tropas Escoteiras próximas à sua, em atividades regionais ou em conjunto com outros Grupos Escoteiros, e por meio de escotistas mais experientes, você poderá conhecer muitas danças e canções próprias dos escoteiros. Além disso, existem vários cancionários que poderão ajudá-lo a enriquecer seu repertório particular. Um escotista que, no momento mais inesperado, inicia uma canção, estimula sua Tropa a cantar a todo o momento. Da mesma forma, uma Tropa que não canta é porque seus escotistas não costumam fazê-lo.



Os cantos e as danças não precisam ser necessariamente “escoteiros”. O folclore nacional e regional é rico em material ao qual sempre se pode recorrer. Os próprios jovens, de maneira espontânea, costumam cantar canções populares que expressam o que lhes interessa e o que sentem. No convívio com eles, os escotistas podem aportar orientações e sugestões que lhes permitam valorizar a música e o conteúdo desses temas.

A adolescência é uma época particularmente favorável a “festivals” e “concursos”, e sempre será possível promover atividades com outras Tropas interpretando canções ou executando números de dança.

## O FOGO DE CONSELHO



O Fogo de Conselho consiste basicamente em um encontro ao redor da fogueira, com duração aproximada de uma hora a uma hora e meia de “diversão planejada”, em que se podem mesclar canções, pequenas encenações, histórias breves, danças e outras atividades artísticas apresentadas pelos jovens.

Habitualmente, se organiza um Fogo de Conselho por motivo de uma data importante para todos, ao final de um Ciclo de Programa, por ocasião da última noite de um acampamento - nos acampamentos de longa duração, é comum que se realize mais de um - ou em outras ocasiões semelhantes.



### Sobre o conteúdo de um Fogo de Conselho, recomendamos:

- A programação deve ser elaborada previamente, com a participação de todos os jovens e das patrulhas, seguindo as orientações definidas pela Corte de Honra.
- No desenvolvimento do Fogo de Conselho, cada jovem tem um papel a cumprir, seja nos detalhes de organização do evento, na manutenção do ambiente em geral ou nos números artísticos apresentados por sua patrulha.
- Para convocar os participantes, acender a fogueira e dar início ao Fogo de Conselho, cada Tropa costuma adotar um ritual próprio, o que faz aumentar o sabor, a tradição e o senso de pertencer da cerimônia. Em algumas Tropas, esses rituais variam a cada Fogo de Conselho.
- Como o ritmo do dia, que se inicia cheio de alegria e movimento para chegar ao repouso da noite, é interessante que o ritmo do Fogo de Conselho vá da alegria expansiva ao recolhimento. Por isso, as atividades mais expansivas aparecem no começo e as mais tranquilas ao final, até que se encerre com um momento de reflexão e de oração.
- No acampamento, o final do Fogo de Conselho coincide com o momento em que os jovens se retiram para seu campo de patrulha e vão dormir, a menos que se inclua um breve intervalo de convivência junto às brasas, enquanto se desfruta uma bebida quente ou um pequeno lanche.
- Quando se realiza na cidade, os pais podem ser convidados, embora isso nem sempre seja conveniente, pois a Tropa também necessita fazer suas comemorações de maneira privada.
- O Fogo de Conselho pode ter um tema central, em torno do qual giram as diversas apresentações: uma lenda, um fato histórico, uma retrospectiva dos fatos pitorescos ocorridos durante o acampamento e muitos outros.



Como já destacamos, o Fogo de Conselho se realiza em uma ocasião especial e obedece a um certo ritual. Por isso, quando se pretende, apenas, “curtir” um bom momento com os companheiros, basta organizar uma conversa ao pé do fogo que pode ser por patrulha ou envolver toda a Tropa. Na conversa ao pé do fogo, não há exigências quanto ao ritmo e a fogueira pode ser substituída por um lampião; ela pode servir, inclusive, como atividade preparatória para um Fogo de Conselho.



É possível que alguns leitores imaginem que nos esquecemos de mencionar, entre as atividades fixas, as marchas e desfiles a que alguns Grupos Escoteiros estão acostumados, como reflexos de uma época.

Já em 1935, o fundador do Escotismo havia claramente prevenido os escotistas sobre essas atividades. O seguinte texto de Baden-Powell retrata sua opinião quanto ao assunto e sua recomendação para que o programa seja centrado nas aspirações dos jovens e em sua educação:

“(...) Frequentemente me pedem, os escotistas, não os jovens, para introduzir mais treinamento para marcha e desfiles no programa dos escoteiros; mas, apesar de reconhecer seu valor disciplinar, depois de 34 anos de experiência militar, também vejo muito claramente seus defeitos. Brevemente, são:

O treinamento para marchas e desfiles dá a um escotista fraco e carente de imaginação algo com que pode ocupar os jovens, sem considerar se isto os agrada ou beneficia. A ele economiza um mundo de trabalho.

O treinamento para desfiles é um assunto de instrução, de “martelar” sobre os jovens e, de nenhum modo um assunto de educação que eles possam adquirir por eles próprios.

A marcha militar tende a destruir a individualidade, enquanto no Escotismo, queremos desenvolver a personalidade. Quando já se aprendeu a marchar, esta atividade aborrece os jovens que sonham fazer outras coisas, obscurece suas ambições (...)

(Extraído de Notas para Escotistas, anexo à 17ª edição britânica de Scouting for boys, 1935).



# AS ATIVIDADES VARIÁVEIS



AS ATIVIDADES VARIÁVEIS  
DEVEM SER DESAFIANTES, ÚTEIS,  
RECOMPENSANTES E ATRAENTES

Já dissemos que as atividades variáveis podem cobrir os mais variados assuntos, dependendo, fundamentalmente, dos interesses dos jovens e das necessidades da comunidade em que a Tropa Escoteira atua. Os temas, ou grupos de temas, que surgem com mais frequência entre as atividades variáveis das Tropas Escoteiras são:

- Técnicas e habilidades manuais
- Reflexão, conhecimento de si mesmo e dos demais
- Desportos
- Expressão artística em suas diferentes formas
- Conhecimento e proteção da natureza
- Serviço à comunidade
- Vida familiar
- Compreensão intercultural
- Direitos humanos e democracia
- Educação para a paz e o desenvolvimento



O fato de as atividades variáveis se desenvolverem, com maior frequência, em torno destes temas, não significa que não possam ser considerados outros que podem surgir do interesse dos jovens ou da realidade social em que vivem. Sem prejuízo do que se afirmou e de acordo com seu Método, o Movimento Escoteiro privilegia as que se relacionam com o jogo, o serviço e a natureza.





A única exigência consiste em que as atividades propostas sejam desafiantes, úteis, recompensantes e atraentes.



Que sejam desafiantes significa que devem conter um desafio proporcional à capacidade dos jovens, que os estimule a se superar.

Uma atividade que imponha um esforço abaixo das condições pessoais de um jovem nada acrescentará a suas capacidades nem promoverá o desenvolvimento de novos conhecimentos, atitudes e habilidades.

Se, ao contrário, o desafio está muito acima de suas possibilidades e grau de maturidade, os jovens desanimarão e não chegarão às condutas desejadas.



Que sejam úteis implica enfatizar que as atividades devem gerar experiências que proporcionem uma aprendizagem efetiva.

Para ser considerada educativa, não basta que uma atividade seja espontânea, divertida, repetitiva ou com muita ação. É preciso que se oriente para o aperfeiçoamento do jovem, isto é, que ofereça a oportunidade de pôr em prática alguma das condutas previstas em seus objetivos pessoais.



Que sejam recompensantes significa que devem produzir nos jovens a percepção de que ganharam alguma coisa ao realizá-la, que saiam com a sensação de “dever cumprido”!



Que sejam atraentes significa que cada atividade deve despertar no jovem o desejo de realizá-la, porque é de seu agrado, porque a considera original ou porque se sente vinculado ao valor que está implícito nela.

**Estas quatro condições das atividades variáveis devem ser avaliadas no momento de pré-selecionar e selecionar as atividades, como é comentado no capítulo sobre Ciclo de Programa.**



**AS FICHAS DE ATIVIDADE AJUDAM A ENCONTRAR E A CRIAR ATIVIDADES**

Com o propósito de ajudar escotistas e Monitores das patrulhas a encontrar ideias de atividades variáveis que satisfaçam aos requisitos anteriores, está disponível e sempre renovado um amplo repertório de fichas de atividades e anexos técnicos.

Para facilitar seu manuseio, a ficha dá um nome à atividade e indica a área de desenvolvimento onde se concentram, em sua maioria, as condutas para cujo desenvolvimento a atividade pode contribuir.

Em seguida, se define o lugar onde é mais adequado desenvolver a atividade, sua duração recomendada, o número de participantes, a forma de participação e o material exigido para sua realização.

Também indica os objetivos propostos para a atividade e os principais Objetivos Educativos para cuja conquista ela pode contribuir. A ficha ainda descreve o desenvolvimento da atividade e apresenta algumas recomendações para sua melhor aplicação.

Quando a atividade exige algum conhecimento técnico que normalmente não está incorporado à bagagem do escotista, a ficha se faz acompanhar de um ou vários anexos técnicos em que se resume toda a informação necessária, evitando a perda de tempo consultando bibliografia ou pesquisando em outras fontes.

Fichas e anexos são instrumentos de apoio que estimulam a imaginação e mostram alternativas possíveis. A cada certo tempo, uma publicação agrupa um certo número de fichas e anexos, visando manter disponível em uma única obra um amplo repertório de atividades a desenvolver.

De nenhuma forma se pretende anular a criatividade de jovens e escotistas, que jamais devem parar de gerar atividades a partir de sua própria realidade. As pessoas que são mais criativas sabem que, para produzir ideias novas, é imprescindível dispor de uma grande quantidade de informações prévias.

As fichas de atividade atualmente disponíveis encontram-se no livro Atividades Educativas para Jovens de 11 a 15 anos.





## AS ATIVIDADES VARIÁVEIS TÊM DURAÇÃO VARIADA



É muito relativa a duração das atividades variáveis.



Existem atividades espontâneas ou instantâneas, quase sempre “atividades surpresa”, que pretendem atrair a atenção dos jovens, gerar um momento de diversão ou ocupar um tempo morto que aconteceu de forma imprevista.





As atividades de curta duração, geralmente se desenvolvem durante uma reunião de patrulha ou de Tropa. Por exemplo, uma atividade em que cada patrulha produza um comercial de televisão promovendo um artigo da Lei e que o apresente “ao vivo”, em uma grande tela simulada.



Já as atividades de média duração podem durar de duas a três semanas. Como exemplo: depois de aprender a técnica de reciclagem de papel, os jovens “fabricam” um Livro de Patrulha com folhas que eles mesmo produziram.



Também existem atividades de longa duração, que podem se prolongar por mais de um mês e até mesmo durante todo um Ciclo de Programa; ou que podem abarcar vários dias durante um acampamento. Por exemplo, cada patrulha pode escolher uma melodia, criar uma paródia para ela, confeccionar os instrumentos musicais necessários para executá-la, organizar um festival e apresentar as canções para a Tropa, que elegerá a vencedora. Em um caso como este, todas as patrulhas realizam, separadamente, a mesma atividade.

### **A duração de uma atividade é importante porque se relaciona com o envolvimento de escotistas e de jovens na formulação da proposta, na seleção e no planejamento.**



As espontâneas não exigem nenhum planejamento nem são consideradas no calendário de atividades. Surgem, normalmente, por iniciativa do Monitor ou do Submonitor da patrulha ou do escotista que está conduzindo a reunião<sup>2</sup>.



As de curta duração devem ser consideradas no planejamento do Ciclo de Programa, mas também pode ser necessário improvisá-las, em substituição a uma outra que não se pôde realizar em razão de algum imprevisto. No primeiro caso, a participação dos jovens na proposta e na seleção é maior do que no segundo, quando o Monitor ou o Submonitor da patrulha, ou o escotista responsável, tiram de sua “reserva especial” uma atividade para estas situações.



As de média e longa duração são as mais frequentes na Tropa Escoteira, se originam a partir de propostas dos jovens por meio de suas patrulhas e exigem o apoio dos escotistas em seu planejamento, que deve ser muito cuidadoso.



São as atividades de média e longa duração que podem se converter em projetos, ao exigir a combinação de diversas atividades prévias e complementares.



<sup>2</sup> Todos os Monitores das patrulhas e os escotistas devem contar com uma reserva de atividades necessárias. Algumas se apresentam sob a forma de jogos ou se fazem acompanhar por uma música.

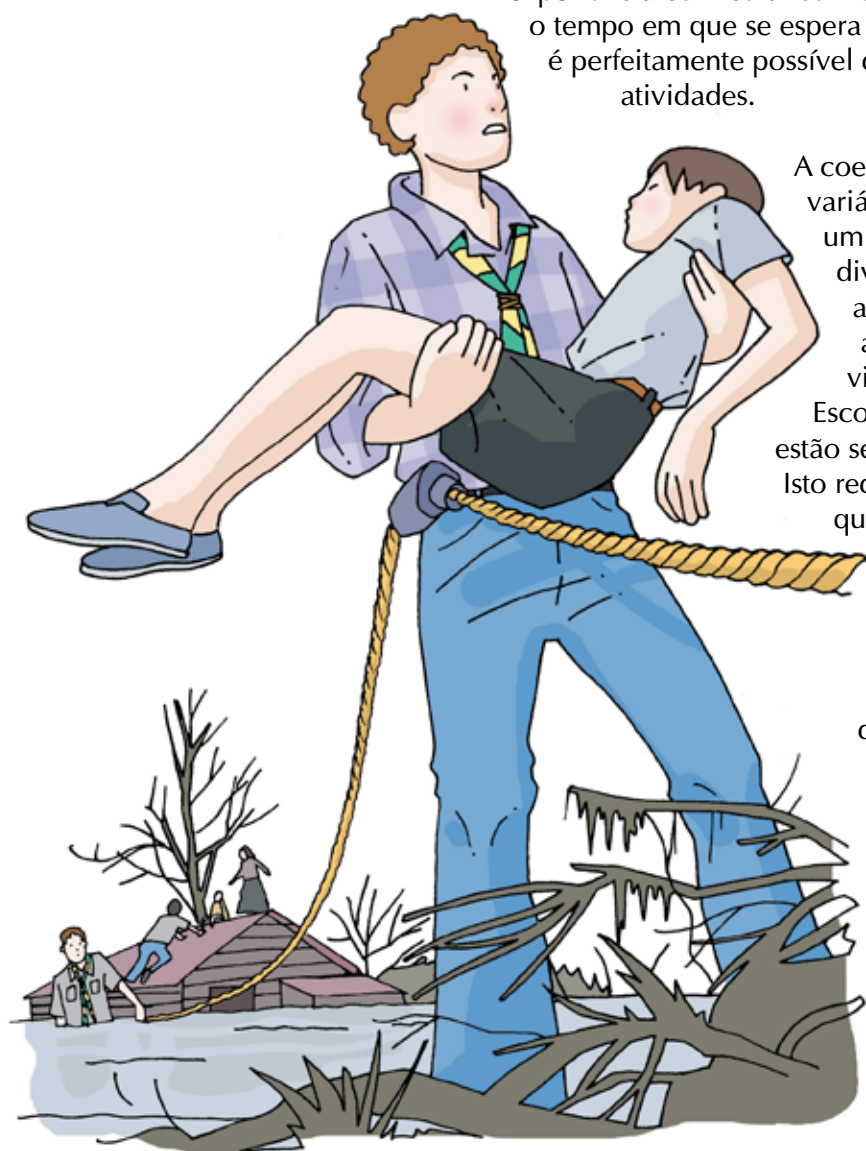


## AS ATIVIDADES VARIÁVEIS PODEM SER SUCESSIVAS E SIMULTÂNEAS



É possível que as atividades variáveis sejam sucessivas, isto é, que não se inicie uma atividade sem que se haja concluído a anterior. No entanto, em razão da natureza de algumas atividades de média ou longa duração, o mais comum será a realização de duas ou mais atividades variáveis ao mesmo tempo.

Isto poderia ocorrer quando a patrulha está desenvolvendo uma atividade que exige ações prévias ou paralelas que devem ser realizadas por outras patrulhas ou por terceiros. Também quando a atividade demanda um certo tempo entre duas fases sucessivas, o que ocorre, por exemplo, quando se está conduzindo uma experiência com cultivos hidropônicos, pois, durante o tempo em que se espera que brotem os vegetais, é perfeitamente possível desenvolver outras atividades.



A coexistência de atividades variáveis simultâneas durante um Ciclo de Programa dá diversidade e continuidade ao trabalho e é parte da atração oferecida pela vida de grupo na Tropa Escoteira, onde “as coisas estão sempre acontecendo”. Isto reduz a possibilidade de que os jovens se entediem e não tenham em que empregar seu tempo e sua energia.

A única dificuldade do sistema está na maior atenção que os escotistas e Monitores das patrulhas devem dedicar ao processo de planejamento. Por isso é tão importante o Ciclo de Programa.



## ATIVIDADES SÃO COLETIVAS OU, EXCEPCIONALMENTE, INDIVIDUAIS

Embora a obtenção de experiências e a conquista de Competências sejam essencialmente individuais, as atividades fixas e variáveis são, em sua grande maioria, coletivas e envolvem toda a patrulha ou a Tropa, em seu conjunto.



Contudo, existem certas atividades fixas que se realizam de forma individual, como o ingresso na Tropa, o exercício de um cargo na patrulha, a Promessa, a entrega de um distintivo de progressão, a boa ação individual, a passagem para o Ramo seguinte e outras poucas das quais já falamos ou falaremos nas páginas seguintes.



Igualmente, existem certas atividades variáveis que se realizam de maneira individual, como é o caso das atividades de reforço, das tarefas pessoais que devem ser executadas dentro de uma atividade coletiva e das especialidades.



As atividades de reforço são tarefas específicas, dentro ou fora da patrulha, que a patrulha ou o escotista encarregado do acompanhamento de sua progressão pessoal sugere a um jovem, com o propósito de que ele adquira experiências que lhe permitam reforçar uma conduta que ele teve dificuldade em incorporar.

Essas atividades não se vinculam, normalmente, ao restante das atividades da patrulha ou da Tropa e não exigem ser planejadas nem incluídas dentro de um determinado Ciclo de Programa. Surgem do diálogo que os membros da patrulha, seu Monitor e o escotista encarregado de acompanhar seu desenvolvimento mantêm constantemente com o jovem.



As tarefas pessoais que devem ser executadas dentro de uma atividade coletiva são aqueles trabalhos que cada jovem assume como contribuição à conquista de um objetivo comum e não exigem maiores explicações.



As especialidades, por sua importância, precisam ser analisadas com maior atenção.

# AS ESPECIALIDADES



Uma especialidade é um conhecimento ou habilidade particular que se possui sobre um determinado assunto.



AS ESPECIALIDADES  
DESENVOLVEM  
APTIDÕES INATAS

Para se chegar a ser um especialista, é necessário tempo, estudo e dedicação, mas de algum ponto há que se começar, o que geralmente se faz graças a alguma pessoa ou circunstância que nos estimulam em uma determinada direção. Infelizmente, nem todos os jovens têm essa ocasião ou podem aproveitá-la. É comum ouvir algumas pessoas dizerem que teriam gostado de ser ou fazer tal coisa, mas nunca tiveram a oportunidade ou dispuseram das condições para tentá-lo.

As especialidades que propomos aos jovens pretendem ser esse ponto de partida, fomentando a aquisição e o exercício de habilidades em torno de um tema específico, desenvolvendo aptidões inatas, motivando a exploração de novos interesses e, como consequência, melhorando sua autoestima, graças à segurança que resulta do desenvolvimento de uma capacidade.

A CONQUISTA DE  
ESPECIALIDADE  
É VOLUNTÁRIA,  
INDIVIDUAL E  
APOIADA POR UM  
INSTRUTOR



Na Tropa Escoteira, o jovem é incentivado a desenvolver e conquistar especialidades, mas a decisão de fazê-lo é inteiramente voluntária. Acontece a mesma coisa com a escolha do tema específico, que é proposto pelos jovens de acordo com seu interesse, podendo ou não ser selecionado entre as que constam no Guia de Especialidades.



A especialidade se desenvolve individualmente, em diferentes momentos, num tempo adicional àquele destinado às reuniões habituais e em um período muito variável, cuja duração, dependendo do assunto escolhido e da profundidade com que o jovem decidiu abordá-lo, pode oscilar entre 2 e 6 meses. Este período é independente do Ciclo de Programa que a Tropa está desenvolvendo e não guarda nenhuma relação com ele.

Um instrutor ou examinador de especialidade apoia o jovem no desenvolvimento da especialidade. Esta função pode ser desempenhada por algum membro da equipe de escotistas ou por qualquer pessoa capacitada e designada pela equipe. Os escotistas devem dispor de informações confiáveis sobre a idoneidade profissional e integridade moral das pessoas que designem para esta tarefa, pois elas manterão uma relação direta com o jovem e deve-se ter absoluta certeza de que essa relação será uma oportunidade educativa.



## OS OBJETIVOS, AÇÕES E REQUISITOS DE UMA ESPECIALIDADE SÃO FLEXÍVEIS



Escolhidos o assunto e o instrutor ou examinador, este último estabelece um acordo com o jovem e com o escotista que acompanha seu desenvolvimento, a respeito dos objetivos que terá a especialidade, das ações que serão executadas e dos requisitos que deverão ser observados para que se considere a especialidade conquistada.

No entanto, mesmo que os requisitos e ações de uma especialidade constem do Guia de Especialidades, eles podem ser adaptados levando em conta as diferenças (geográficas, culturais, sociais, econômicas, etc) próprias do meio em que vive o jovem ou de suas capacidades. Este aspecto é especialmente importante para se adaptar requisitos aos jovens com deficiências.

Uma dica: quando necessário, (re)construa os requisitos junto com o jovem, usando o bom senso para desafiá-lo na “medida certa”.

A conquista se reconhece mediante a entrega de um certificado e do distintivo correspondente, segundo a regulamentação contida no próprio Guia de Especialidades.





## AS ESPECIALIDADES PERMITEM EXPLORAR, CONHECER, FAZER E SERVIR



Por meio de uma especialidade, um jovem explora um campo que lhe era, até então, desconhecido, obtém informações sobre o assunto escolhido, faz coisas que se relacionam com ele e se qualifica para servir aplicando a aprendizagem adquirida.

Como, para fazer coisas, se exige um mínimo de informação prévia, é preciso estimular, antes de tudo, a busca de informações por parte do próprio jovem, permitindo que as coisas que faz, ou que vai poder fazer, o estimulem a aprender por sua própria conta.

O instrutor ou examinador de especialidade promoverá a busca de informação, introduzindo o tema, motivando novos descobrimentos e ajudando a tirar conclusões das ações desenvolvidas. Excepcionalmente, e só quando a informação disponível for insuficiente, fornecerá ele mesmo algum tipo de conhecimento.

Pelo mesmo motivo, o cumprimento dos requisitos da especialidade deve ser avaliado por meio das ações do jovem. Um fotógrafo que apresenta fotografias tiradas por ele mesmo ou uma bailarina que se apresenta em um Fogo de Conselho dizem muito mais sobre o resultado das especialidades em que estão trabalhando do que respostas corretas sobre a medição de luz ou sobre as técnicas de expressão corporal.

A avaliação será ainda melhor se o jovem, além de demonstrar que a especialidade lhe permite fazer coisas, demonstrar como as coisas que faz constituem um serviço útil para outras pessoas: o fotógrafo, ilustrando com seu trabalho uma exposição sobre a coleta do lixo no bairro onde vive, e a bailarina, participando de uma apresentação artística em um asilo de idosos. Isto ajuda os adolescentes a experimentar que se aprende para si e para os outros, o que contribui para sua integração social. O distintivo de especialidade é testemunho permanente da atitude de serviço do especialista, no campo de sua especialidade.



## AS ESPECIALIDADES COMPLEMENTAM A PROGRESSÃO PESSOAL



As Competências e os Objetivos Educativos pessoais de cada jovem representam um eixo central ao longo do qual se desenvolve sua personalidade, enquanto as especialidades operam como uma linha envolvente que circula nesse eixo. Em qualquer ponto do eixo em que se encontre o jovem, a especialidade representa um aprofundamento, um esforço adicional do jovem, que complementa e enriquece seu processo educativo global.

Como a variedade de especialidades quase não tem fim, elas podem ajudar a reforçar os Objetivos Educativos em todas as áreas de desenvolvimento, sem deixar de mencionar que a maioria delas desenvolve atitudes e habilidades que cruzam transversalmente várias das áreas de desenvolvimento.

Motivada por uma atividade que destacou o valor da vida vegetal, uma jovem decidiu conquistar, por exemplo, uma especialidade ligada à jardinagem. Ao adquirir habilidades próprias da especialidade escolhida, a jovem estará progredindo no rumo das Competências de desenvolvimento social relacionadas com a conservação do meio ambiente; mas a especialidade também lhe exigirá uma dedicação que influenciará o desenvolvimento de seu caráter; ao mesmo tempo a maior permanência ao ar livre será positiva para seu desenvolvimento físico.



## AS ESPECIALIDADES FAZEM AUMENTAR A NECESSIDADE DE ATENÇÃO PESSOAL AOS JOVENS

Para orientar a busca e o desenvolvimento de uma especialidade, os escotistas necessitam conhecer mais sobre os interesses, aptidões e possibilidades de cada jovem, o que significa conviver com eles, escutá-los com mais frequência e atenção do que o habitual e intensificar os contatos com sua família e com os adultos que participam de sua educação. A proximidade de uma patrulha com o escotista encarregado de acompanhar o desenvolvimento pessoal de seus integrantes será a chave para ampliar o conhecimento sobre cada jovem.

Ao mesmo tempo, o fato de que uma boa parte dos escoteiros de uma Tropa esteja desenvolvendo especialidades ampliará as exigências de acompanhamento personalizado e a necessidade de tirar o máximo rendimento do tempo dos escotistas. Tudo isso obriga a um planejamento adequado para funcionar.

## AS ESPECIALIDADES SE AGRUPAM EM RAMOS DE CONHECIMENTO



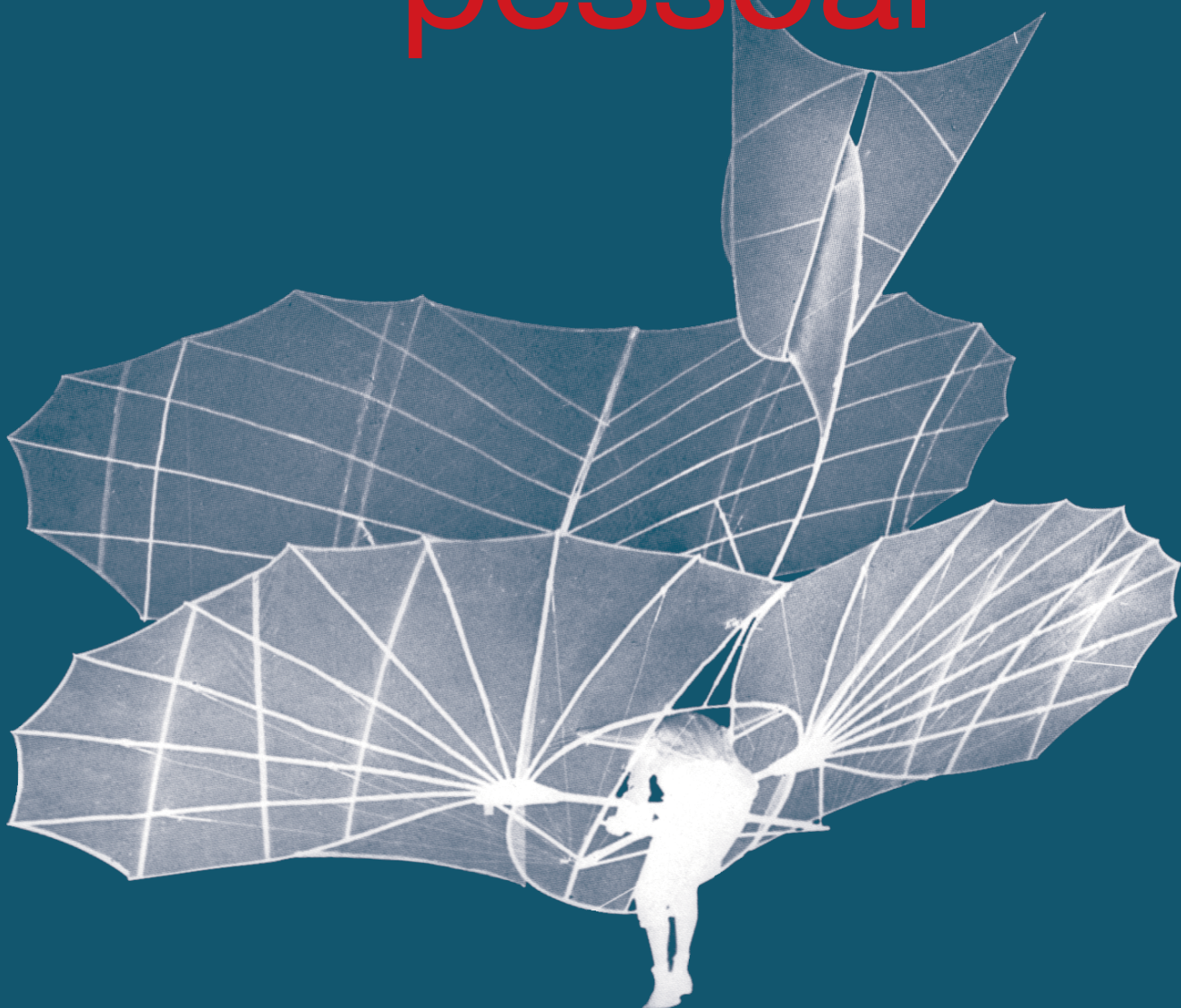
Em razão da natureza objetiva dos seus temas, as especialidades se agrupam em conjuntos, cada um dos quais relacionado com um determinado ramo de conhecimento.

As especialidades são divididas nos seguintes Ramos de Conhecimento: Ciência e Tecnologia, Cultura, Desportos, Serviços e Habilidades Escoteiras.





# 11 Avaliação da progressão pessoal







# SUMÁRIO

## O PERÍODO INTRODUTÓRIO

- Os jovens chegam à Tropa por caminhos diferentes.
- Quando o ingresso é individual, a responsabilidade quanto ao Período Introdutório é repartida entre a patrulha e o escotista encarregado do acompanhamento.
- Para os que chegam da Alcateia, também existe o Período Introdutório.
- No ingresso individual, a apresentação dos guias e atividades se realiza na patrulha.
- As decisões sobre as atividades são tomadas de comum acordo entre o jovem e o escotista encarregado de seu acompanhamento.
- Quando ingressa uma nova patrulha, o Período Introdutório pode ter variações.
- Quando o ingresso é coletivo, o escotista que fará o acompanhamento é responsável pela apresentação das atividades.
- O Período Introdutório se encerra com a Cerimônia de Integração.

## O ACOMPANHAMENTO DA PROGRESSÃO PESSOAL

- A avaliação da progressão pessoal é contínua e faz parte da vida da Tropa.
- Acompanhar a progressão pessoal é acompanhar o desenvolvimento dos jovens.
- O desenvolvimento dos jovens se avalia pela observação.
- Avaliar por observação exige tempo, paciência e dedicação.
- Um escotista acompanha o desenvolvimento de, no máximo, 8 jovens durante um ano.
- A avaliação do escotista reúne a avaliação de outros agentes educativos.
- A opinião do jovem é a mais importante avaliação.
- Os pares contribuem para a opinião do jovem sobre seu próprio progresso.

## CONCLUSÕES DA AVALIAÇÃO DA PROGRESSÃO PESSOAL

- A avaliação está concluída quando o jovem e o escotista encarregado de seu acompanhamento chegam ao consenso.
- A mudança de etapa de progressão pode implicar a substituição do Guia.
- Corte de Honta entrega distintivos, quando é o caso.



# O PERÍODO INTRODUTÓRIO

A aplicação do sistema de Competências e objetivos e a avaliação da progressão pessoal dos jovens se iniciam no instante em que eles ingressam na Tropa Escoteira, quando eles começam a vivenciar as atividades que lhes darão oportunidades de se autodesenvolver.

O primeiro passo é um Período Introdutório, que começa com o ingresso do jovem e termina com a Cerimônia de Integração e com a entrega do seu primeiro distintivo de progressão. Este período deve ser pessoal vivido por cada jovem individualmente, e ele deverá cumprir os seguintes itens:

- Conhecer a estrutura da Tropa Escoteira.
- Conhecer os membros de sua Patrulha e os seus encargos.
- Entender e usar o lema do Escoteiro, o sinal, a saudação e o aperto de mão.
- Reconhecer os sinais manuais e apitos de comandos.
- Saber o grito da sua patrulha e conhecer o seu significado.
- Conhecer o uniforme/traje escoteiro e o significado dos seus distintivos.
- Conhecer o sistema de progressão escoteiro.
- Saber como hastear e arriar a Bandeira Nacional.
- Conhecer os aspectos mais importantes da história do Escotismo e da vida do seu Fundador.
- Conhecer a Lei e Promessa Escoteira.
- Participar das atividades com sua Patrulha.



## OS JOVENS CHEGAM À TROPA POR CAMINHOS DIFERENTES



Poderá ser um lobinho ou uma lobinha que vem de uma Alcateia do mesmo Grupo Escoteiro. Neste caso, trata-se de um novo integrante que conhece a Tropa e a maioria dos escoteiros.



Poderá ser um amigo ou uma amiga de um membro de uma das patrulhas, que já manteve contatos anteriores e, de comum acordo com os demais membros da patrulha, tomou a decisão de se juntar à Tropa. Neste caso, trata-se do ingresso de um novo integrante em uma patrulha já existente, alguém que conhece pouco do Movimento mas que tem amigos na patrulha a que está aderindo.





Poderá chegar motivado pelos pais, por sugestão de um professor ou, simplesmente, por sua própria decisão, em razão do prestígio do Grupo Escoteiro junto à comunidade local, porque viu o que os escoteiros fazem e quer ser um deles. Estas situações são parecidas com a anterior mas, neste caso, é provável que o novo integrante não tenha amigos na Tropa nem nas patrulhas.



Poderá ser membro de um grupo informal de amigos que desejam ser escoteiros e decidiu se juntar coletivamente a um Grupo Escoteiro. Neste caso, nasce uma nova patrulha que carece de experiência escoteira.

Em qualquer dessas situações, e depois de tomadas as providências formais relacionadas com a admissão de novos membros<sup>1</sup>, se for o caso, os jovens se juntam de imediato às atividades que estão sendo desenvolvidas, sem nenhuma diferença com relação aos demais e qualquer que seja a fase do Ciclo de Programa que estiver transcorrendo. O propósito desta rápida integração é fazer com que se sintam, o mais cedo possível, membros da patrulha e da Tropa. Contudo, as características do período introdutório variam conforme se trate de um ingresso individual ou coletivo.



## QUANDO O INGRESSO É INDIVIDUAL, A RESPONSABILIDADE QUANTO AO PERÍODO INTRODUTÓRIO É REPARTIDA ENTRE A PATRULHA E O ESCOTISTA ENCARREGADO DO ACOMPANHAMENTO

Paralelamente à participação nas atividades, a patrulha, a Tropa e os escotistas iniciam com o novo integrante um diálogo intenso. Este processo, que constitui o Período Introdutório, não representa uma etapa de progressão, se prolonga por um tempo que varia entre 2 e 4 meses e tem como objetivos fundamentais:

<sup>1</sup> Há diversas diretrizes locais (que variam de Grupo para Grupo) e outras nacionais a respeito do ingresso de jovens no Movimento Escoteiro. Informe-se!





Integrar o jovem à patrulha.



Incentivá-lo a realizar as atividades de integração (citadas anteriormente) previstas para o Período Introdutório.



Caso o Grupo tenha optado pelo “Acesso Direto”, determinar qual será o 1º Distintivo de Progressão do Jovem e apresentar a ele o leque de atividades a que deverá se “entregar” para avançar em sua progressão, considerando seu desenvolvimento atual. Caso o grupo opte pelo “Acesso Linear”, o jovem iniciará sua caminhada, obrigatoriamente, pela etapa de PISTAS, e se apresentam como opções todas as atividades previstas para o Ramo Escoteiro, independentemente do estágio de desenvolvimento em que se encontre.

## O QUE ACONTECE, DURANTE ESTE PERÍODO, SEGUNDO O PONTO DE VISTA DO JOVEM



Ele se torna amigo dos membros da patrulha, procura entender sua estrutura, os diferentes papéis, a cultura interna da patrulha e “conquista seu espaço” em relação aos demais. Este processo tende a ser mais lento quando o recém-chegado não tem vínculos de amizade com nenhum dos antigos integrantes da patrulha, o que exigirá um apoio maior dos escotistas para facilitar a integração.



Estabelece uma relação de amizade cada vez mais sólida com o escotista encarregado de seu acompanhamento.



Toma contato com a vida de grupo da Tropa, sua estrutura, visão, identificação, símbolos e tradições.



Adquire familiaridade com o sistema de atividades, etapas de progressão, distintivos e Guias.

## O QUE ACONTECE, DURANTE ESTE PERÍODO, SEGUNDO O PONTO DE VISTA DA PATRULHA?



Integra o jovem às atividades e estimula sua participação no Conselho de Patrulha.



Procura ajustar seu equilíbrio interno à presença de um novo integrante, reforça os laços de amizade existentes e vincula o recém-chegado aos membros da patrulha que não o conheciam.



Transmite ao recém-chegado toda a informação básica de que ele necessita para se familiarizar com a patrulha, a Tropa e o Grupo Escoteiro.



Faz o novo integrante conhecer o sistema de progressão e as atividades propostas nos Guias dos jovens.





## O QUE ACONTECE, DURANTE ESTE PERÍODO, SEGUNDO O PONTO DE VISTA DO ESCOTISTA QUE ACOMPANHA O DESENVOLVIMENTO DOS INTEGRANTES DA PATRULHA?

- Estabelece relação de amizade com o recém-chegado e se apresenta à sua família, iniciando o relacionamento com os pais.
- Procura conhecer o jovem tanto quanto seja possível, observando seu comportamento e mantendo com ele um contato frequente. Este conhecimento é ainda mais necessário se o jovem não mantinha amizade prévia com nenhum dos integrantes da patrulha ou da Tropa.
- Apóia o Monitor no processo de integração do novato à patrulha e no fornecimento de informações sobre o sistema de atividades.
- Forma uma opinião pessoal a respeito do nível de desenvolvimento do jovem, no que se refere à conquista das Competências.



## PARA OS QUE CHEGAM DA ALCATEIA, TAMBÉM EXISTE O PERÍODO INTRODUTÓRIO.

Quando o jovem é proveniente da Alcateia, é provável que todos os processos anteriores sejam facilitados porque, além de já estar familiarizado com o sistema de atividades, o “ex-lobinho” seguirá vinculado ao mesmo Grupo Escoteiro onde iniciou sua participação no Movimento. Mesmo assim, é preciso dispensar um certo cuidado ao desenvolvimento do Período Introdutório.

O lobinho que já se encontra no período de transição é incentivado a procurar, entre os escoteiros, as respostas de que necessita para atender a algumas das inquietações e indagações que caracterizam o final da infância. Assim, nesse momento de transição, o lobinho que se prepara para deixar a Alcateia tem a oportunidade de “farejar” as patrulhas e de se “deixar farejar” por elas.

Por isso, o Período Introdutório tem importante valia. Ele aproxima o monitor do jovem recém-chegado, já que ele divide a responsabilidade de ajudá-lo nas etapas. Também permite que a patrulha revise, constantemente, os símbolos, significados e conceitos básicos que caracterizam o “jeito escoteiro”.

Além disso, também permite que os jovens experimentem a Tropa e as patrulhas. Por exemplo, quando vários lobinhos e lobinhas desejam ingressar na mesma patrulha, em razão de amizades que estabeleceram com alguns de seus membros quando ainda eram lobinhos, ou porque a patrulha desfruta, por qualquer razão, de um grande “prestígio” dentro do Grupo Escoteiro. Será que tudo é tão bom quanto parece? Também pode ocorrer o inverso, quando nenhum dos lobinhos que estão passando para a Tropa deseja ingressar numa patrulha que “tem fama” de ser complicada, entediante e pouco atraente. Será que tudo é tão ruim quanto aparenta?

Toda essa complexidade explica e justifica a razão de proporcionar às patrulhas e aos que estão chegando à Tropa procedentes da Alcateia um Período Introdutório que permita efetuar os ajustes necessários e para os quais os jovens saberão encontrar a solução mais apropriada.

Atenção para um alerta: é preciso evitar a utilização de critérios numéricos ou proporcionais para orientar o ingresso de jovens nas patrulhas. É fundamental respeitar o caráter da patrulha como grupo informal de amigos, sem romper afinidades naturais que existam entre os jovens, para que não se interfira perigosamente na coesão interna das patrulhas.

## NO INGRESSO INDIVIDUAL, A APRESENTAÇÃO DOS GUIAS E ATIVIDADES SE REALIZA NA PATRULHA



A apresentação e o diálogo em torno das atividades ocorrem no âmbito da patrulha, com o reforço esporádico do escotista responsável pelo acompanhamento da progressão individual dos seus integrantes, que não substitui a patrulha na realização dessa tarefa e que só intervém para dar apoio ao Monitor, esclarecer determinados aspectos, reforçar a compreensão ou evitar desajustes.

Ao ingressar no grupo de amigos, o jovem também se incorpora à comunidade de aprendizagem que funciona em seu interior: participa das reuniões do Conselho de Patrulha, observa a avaliação mútua, conhece os Guias vê os distintivos de progressão usados por seus companheiros e, mais de uma vez, perguntará quando chegará sua hora de entrar naquele jogo.

Por isso, a apresentação das atividades e o diálogo sobre eles não exige uma palestra nem uma sessão formal. Ambos ocorrem com naturalidade e se realizam por meio da observação e de uma sequência de perguntas, respostas e conversas que se encadeiam entre si durante o Período Introdutório.

Tudo se passa de forma espontânea e o resultado é a compreensão do sistema de progressão.



## QUANDO INGRESSA UMA NOVA PATRULHA, O PERÍODO INTRODUTÓRIO PODE TER VARIAÇÕES



Neste caso, que caracteriza o ingresso coletivo, o Período Introdutório é inteiramente confiado ao escotista responsável pelo acompanhamento do desenvolvimento dos jovens que integram a nova patrulha. Outras variações são:

- Como se trata de um grupo informal de amigos, o desafio não é a integração de um novo membro a uma patrulha, mas a integração de um novo grupo de amigos, como patrulha, à Tropa Escoteira.
- O Período Introdutório compreende, além de tudo o que já se analisou, o assessoramento à patrulha para que se estruture como tal: papéis a serem desempenhados, nome, “canto” de patrulha, Livro da Patrulha e demais componentes próprios de sua identidade.





Também compreende a supervisão da progressiva interação da nova patrulha com as demais. Monitores e Submonitores das outras patrulhas, criando um ambiente de acolhida, desempenham um papel de especial relevância neste aspecto.

Pouco a pouco, o escotista vai sendo substituído nessas tarefas pelo Monitor que a nova patrulha escolherá em um determinado momento logo que assume a função, este Monitor passa a receber uma formação mais intensa que os demais jovens.



## QUANDO O INGRESSO É COLETIVO, O ESCOTISTA QUE FARÁ O ACOMPANHAMENTO É RESPONSÁVEL PELA APRESENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

Mesmo quando uma nova patrulha ingressa coletivamente, mantém-se a ideia de integrar cada jovem ao sistema de progressão. Ou seja, mesmo que todos estejam no “mesmo barco”, o diálogo do escotista deve acontecer com cada um dos jovens.

Considerada a opção de acesso escolhida pelo Grupo, o escotista é livre para conduzir o processo de acordo com sua experiência e com as características e reações do grupo informal que acabou de ingressar. Ele poderá contar com o apoio da Corte de Honra, de outros escotistas e dos Monitores e Submonitores das outras patrulhas, solicitando que o ajudem em tarefas específicas.

Aproveite que os jovens recém-chegados vêm cheios de perguntas para, à medida que forem participando das atividades, se ambientem. Mesmo que seja difícil manter uma sequência lógica durante o processo, dada a falta de estruturação da maioria das perguntas, é preciso resistir à tentação de respondê-las de maneira forçada com, por exemplo, uma série de “apresentações teóricas” coletivas.

Não se deve apressar o ritmo natural. O primordial é a participação nas atividades e a integração à Tropa. Vendo atuar as demais patrulhas, e sem necessidade de qualquer motivação especial, os jovens logo estarão integrados.



## O PERÍODO INTRODUTÓRIO SE ENCERRA COM A CERIMÔNIA DE INTEGRAÇÃO



**Finalizados os itens definidos para o Período Introdutório e definido o ponto da progressão onde cada jovem iniciará sua caminhada, está concluído este momento.**

Para marcar o fim deste período e o início de um novo, em que o jovem iniciará a realização das atividades e a conquista das Competências previstas para esta faixa etária, deve-se realizar o que se chama “Cerimônia de Integração”.

Tendo convivido com os escotistas da Tropa, com os novos amigos de sua patrulha, tendo conhecido o básico do Movimento Escoteiro, tendo realizado as atividades do Período Introdutório, tido contato com o rol de atividades propostas... Enfim, tendo contato com tudo que o escotismo pode lhe oferecer, ou continuar a oferecer, o jovem já pode decidir: “quero permanecer/participar efetivamente!”. Neste momento:



Sendo recém-chegado ou vindo da Alcateia, ele percebe que

- A patrulha o recebe, entregando-lhe o seu “distintivo de patrulha”;
- O Escotista firma o acordo, entregando-lhe seu 1º distintivo de progressão;
- A Tropa o saúda, gritando junto o lema do Ramo e oferecendo-lhe uma salva de palmas escoteira;

Se é recém-chegado, também sente que

- O Grupo o aceita, entregando-lhe o Lenço do Grupo e permitindo que ele ostente seu numeral no seu traje/uniforme;
- O Movimento Escoteiro no Brasil o acolhe, pelo distintivo “Escoteiros do Brasil”, que passa a estar visível a todos no novo traje/uniforme;
- O Movimento Escoteiro Mundial se alegra, pois mais um jovem passa a carregar o distintivo da Organização Mundial do Movimento Escoteiro.

A partir deste momento, estão todos prontos a ajudá-lo em sua jornada e aguardam, ansiosamente, o dia de sua Promessa Escoteira<sup>2</sup>.

Outros pontos que podem ajudar a marcar este momento:

A presença dos pais daquele a quem o Grupo está apresentando as boas-vindas.

A apresentação do quadro de registro de atividades que fica à vista de todos, na sala da Tropa. Havendo este, que é opcional e que pode ser montado como um grande mapa de exploração, algumas patrulhas ou Tropas conservam um registro visual da progressão de todos os seus membros.

É importante salientar que, mesmo quando vários jovens são integrados em uma mesma cerimônia - o que é prática comum em alguns Grupos e que dá a Cerimônia um caráter de celebração mais elaborada -, o momento da Integração é individual e deve ter alguma característica que o faça pessoal.

Neste momento, o jovem também poderá fazer sua Cerimônia de Promessa, recebendo seu distintivo de Promessa. Caso isso não aconteça, por decisão do jovem, os escotistas deverão atuar para que ele faça sua Promessa em período futuro, que se recomenda não ser superior a dois meses.

Apesar de todos os efeitos desencadeados ao final do Período Introdutório, é conveniente lembrar que os jovens são membros da Tropa desde que nela ingressaram e, a partir deste momento, participam com todos os direitos do Conselho de Patrulha e da Assembleia de Tropa. A única diferença em relação aos demais é o fato de que antes não haviam sido acolhidos no Grupo Escoteiro e não usavam o traje ou uniforme escoteiro.



Para decidir qual Etapa de Progressão o jovem recebe após os itens do Período Introdutório, existem duas formas, e caberá ao Grupo Escoteiro decidir qual delas adotar.

a. Acesso Linear – Nesta opção, independente da Fase de Desenvolvimento e maturidade, todos os jovens ingressarão sempre na Etapa de Pistas, e avançarão na Progressão pela realização das atividades.

b. Acesso Direto - Ao aproximar-se do final do Período Introdutório, o escotista que acompanhará a progressão do jovem conversará com ele, avaliando em que fase de desenvolvimento ele está. O Jovem ingressará na Etapa de Progressão conforme as Competências que o mesmo já possui.

<sup>2</sup> O jovem pode fazer sua Promessa a qualquer momento depois do Período Introdutório. A única condição é que deseje fazê-la e informe ao Conselho de Patrulha. Como se reitera neste Manual, a Promessa não está ligada a nenhuma etapa de progressão e deve ser feita assim que solicitada.

Para efeitos de concessão dos distintivos de progressão, devem ser levados em consideração os seguintes parâmetros:

- Para passar da Etapa de Pistas para Etapa de Trilha – realizar metade das atividades propostas para a fase da pré-puberdade;
- Para passar da Etapa de Trilha para Etapa do Rumo – realizar a totalidade das atividades propostas para a pré-puberdade;
- Para passar da Etapa do Rumo para Etapa da Travessia – realizar metade das atividades propostas para a fase da puberdade;
- Uma vez na Etapa de Travessia e realizadas todas as atividades previstas, o jovem poderá conquistar o Distintivo de Escoteiro Lis de Ouro.

É importante destacar o que se entende por “realizar a metade/totalidade dos itens”. Em nenhum momento espera-se que um adulto impeça a Progressão de um jovem pela falta de uma ou duas atividades. Oferecemos experiências e avaliamos – em conjunto com o jovem – o desenvolvimento demonstrado.

Também não se deve entender que apenas a realização de um conjunto de atividades referente a uma Competência garante sua conquista. É missão dos escotistas, mais do que verificar se uma atividade foi feita ou não, avaliar se o jovem está se aproximando do definido na Competência, e motivar os jovens nesta direção.

Se o jovem, no momento de avaliação de sua Progressão, não se sentir seguro acerca da aquisição de um conhecimento, habilidade ou atitude, deve ser estimulado a realizar outras atividades que o levem neste caminho. O contrário também vale: um jovem que já demonstre uma Competência pode ser “liberado” de determinada atividade que julgue inócua ou entediante, desde que acordado com o escotista.

Tampouco se espera que todos façam exatamente as mesmas atividades. Há a opção de substituição de itens por quaisquer outros que julgarmos interessantes, considerando a realidade de cada jovem. Montar um blog pode ser muito fácil para um deles, enquanto para outro exigirá um esforço de disciplina tremendo. Este aspecto permite que jovens com alguma deficiência desfrutem de todo o potencial que o Movimento Escoteiro lhes possa oferecer.

**Depois da Cerimônia de Integração, o jovem pode começar a conquistar Especialidades. Ao somar os números definidos, poderá conquistar os Cordões de Eficiência.**

**Depois da Cerimônia de Integração, poderá também trabalhar para a conquista da Insígnia Mundial do Meio Ambiente.**

# O ACOMPANHAMENTO DA PROGRESSÃO PESSOAL



A AVALIAÇÃO DA PROGRESSÃO PESSOAL  
É CONTÍNUA E FAZ PARTE  
DA VIDA DA TROPA



À medida em que se observa o desenrolar das atividades, é inevitável apreciar a forma como os jovens se comportam e comprovar as mudanças que neles ocorrem. Assim, a avaliação da progressão pessoal é um processo contínuo, um subsistema dentro do sistema aplicado: integrado a todas as coisas que acontecem; transcorre junto com elas.



ACOMPANHAR A PROGRESSÃO  
PESSOAL É ACOMPANHAR O  
DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS

Entendemos por “progressão pessoal” o avanço que um jovem alcança paulatinamente na obtenção das Competências. Compreende todos os aspectos de sua personalidade e incorpora as ideias a respeito de crescimento e desenvolvimento. Mesmo quando essas expressões têm matizes que as diferenciam, podem ser usadas como sinônimos de progressão pessoal.

O “acompanhamento”, por sua vez, não consiste apenas em recolher e acumular informação com o objetivo de determinar até que ponto a conduta do jovem se aproxima ou se afasta daquela para a qual o conjunto de Competências e objetivos aponta. É um processo ameno que acompanha o desenvolvimento, estimula a participação do jovem na Tropa, eleva sua autoestima e o ajuda a melhorar o nível de conquista. É acompanhamento e não controle.



## O DESENVOLVIMENTO DOS JOVENS SE AVALIA PELA OBSERVAÇÃO



Temos insistido em que atividades desenvolvidas pelos jovens os aproximam da obtenção de condutas que se referem a todos os aspectos de sua personalidade. Isto significa que o desenvolvimento harmônico de um jovem também é integrado por componentes subjetivos que admitem um amplo juízo de valor.

Medir ou qualificar aspectos subjetivos é bem mais complexo que estabelecer o peso ou verificar se uma fórmula matemática foi ou não memorizada. Muitas medições simplesmente não são praticáveis, enquanto outras exigem o uso de instrumentos técnicos ou o emprego de pessoal especializado.

É por isso que a avaliação do desenvolvimento de um jovem se faz por observação, o que é coincidente com a natureza subjetiva da progressão pessoal, com a natureza complementar do Método Escoteiro - no universo dos agentes educativos - e com o caráter voluntário dos recursos humanos de que dispomos. Mas, nem por isso se deve imaginar que a avaliação por observação seja uma avaliação de menor importância. Ao contrário, é a mais apropriada para um processo educativo que compreende a pessoa como um todo.

Na atmosfera da Tropa, os jovens emitem, a cada instante, sinais que indicam seu progresso em direção à conquista das suas Competências e os problemas com que estão se defrontando. Se os escotistas estão preparados para atuar como educadores de tempo livre, saberão interpretar esses sinais, sua observação será confiável e suficiente e, principalmente, poderão prestar o apoio requerido no momento oportuno.





## AVALIAR POR OBSERVAÇÃO EXIGE TEMPO, PACIÊNCIA E DEDICAÇÃO

Para avaliar por observação é preciso ter tempo. Tempo para conviver com os jovens e enriquecer os contatos, visitar a família, conhecer seus amigos, conversar com seus professores ou praticar em sua companhia um desporto ou um hobby comum. Um tempo que nos permita falar de tudo o que existe para falar, ouvir tudo o que se precisa ouvir, pensar no que se deve dizer e dizer de forma respeitosa o que é justo e oportuno. Um tempo para acompanhar, já que o processo é tão importante quanto seu resultado: não se trata apenas de avaliar se uma Competência foi alcançada, mas também de saber como foi alcançada ou por que não foi alcançada.

Também é preciso ter paciência. Para formar critérios válidos que enriqueçam o apoio que se presta aos jovens, há que se ouvir com calma, observar sem pressa, analisar com fundamentos e não desanimar facilmente nem buscar êxitos rápidos, que são improváveis em educação.

Por último, avaliar por observação também exige dedicação. Aplicar uma prova, um teste ou um exame são questões que dependem do manejo das respectivas habilidades técnicas, mas acompanhar constantemente a um jovem em seu desenvolvimento é uma questão de entrega voluntária e generosa.



## UM ESCOTISTA ACOMPANHA O DESENVOLVIMENTO DE, NO MÁXIMO, 8 JOVENS DURANTE UM ANO



Por todas as razões anteriores, recomendamos que um escotista deve assumir o acompanhamento de um máximo de 8 jovens. É muito pouco provável que consiga fazer um trabalho efetivo se precisar acompanhar um número maior de jovens.

Se possível, os 8 jovens devem pertencer à mesma patrulha. Isto facilita o trabalho do escotista, pois não precisará se envolver na vida de várias patrulhas para acompanhar a progressão dos jovens. É preciso que o escotista saiba resistir à tentação de se converter numa espécie de “Super-Monitor” da patrulha integrada pelos jovens a quem acompanha.

O acompanhamento deve ser feito durante um tempo relativamente prolongado. Para fazer um bom acompanhamento, é necessário reunir informação e conquistar a confiança do jovem, o que não será possível se os escotistas estão sempre mudando ou se alternam após períodos muito breves. É recomendável que cada escotista permaneça em sua função por um período não inferior a um ano, podendo continuar por mais tempo, a menos que existam razões que justifiquem sua substituição. Ao se produzir uma substituição, esta deve ser progressiva, considerando cuidadosamente os sentimentos dos jovens.

## A AVALIAÇÃO DO ESCOTISTA REÚNE A AVALIAÇÃO DE OUTROS AGENTES EDUCATIVOS



**Os diferentes agentes educativos que atuam em torno da vida de um jovem podem proporcionar, sempre que possível, uma informação muito valiosa ao escotista.**

### A FAMÍLIA

Por serem os principais educadores de seus filhos, e considerando que as Competências são conquistadas pelos jovens em toda sua vida e não apenas na Tropa Escoteira, a família é fundamental no processo de avaliação da progressão de um jovem. Por sua vez, ela deve valorizar e confiar na formação escoteira que seus filhos recebem na Tropa.

Para que a interação entre o escotista e a família se desenvolva com fluidez, o escotista deve se aproximar dela, conhecê-la e se dar a conhecer, criar vínculos e adentrar pouco a pouco o ambiente familiar. A família não consentirá facilmente em conversar sobre seus filhos com uma pessoa em quem não depositem confiança.

### OS PROFESSORES

Por conviverem com os jovens quase diariamente, os professores e professoras da escola que o jovem frequenta podem fornecer informações importantes sobre seu comportamento. Para conseguir “acessá-las”, é necessário que o escotista estabeleça alguma espécie de contato com estes professores, principalmente se o Grupo Escoteiro não faz parte da comunidade escolar. Vale considerar também que alguns destes mestres e mestras conseguem mobilizar uma admiração tão profunda por partes dos jovens que percebem coisas que, às vezes, nem a família consegue perceber. Mas, estes mesmos educadores e educadoras poderão demonstrar certa dificuldade em dividir estas informações, pois a maioria não reconhece o papel educativo de uma pessoa que colabora voluntariamente e que não é, necessariamente, um profissional da educação. É preciso aprender a vencer esta possível resistência e ser reconhecido como um interlocutor válido em matéria de educação.

### OUTROS AGENTES EDUCATIVOS

Neste caso, se encontram pessoas tais como as autoridades da religião praticada pelo jovem, os instrutores ou examinadores de especialidades, os demais escotistas da Tropa e do Grupo, amigos não escoteiros e outras. Quando algum destes mantém um contato permanente com o jovem ou exerce uma significativa influência em sua educação e desenvolvimento, a opinião dessas pessoas é importante. Todas essas opiniões são complementares e contribuem para que o escotista forme uma visão mais ampla, mas não substituem, em nenhuma hipótese, o consenso entre o escotista e o jovem.



A young boy is the central figure, sitting on the ground. He wears a wide-brimmed hat made of straw with several colorful ribbons (red, pink, yellow) tied around it. His clothing includes a blue long-sleeved shirt, a red and white striped scarf, and a light-colored, textured vest or shawl. He is holding a white ceramic cup to his lips with both hands. The background is a blurred outdoor setting with a tent-like structure and some greenery.

A OPINIÃO  
DO JOVEM  
É A MAIS  
IMPORTANTE  
AVALIAÇÃO



Os jovens dessa faixa etária estão sempre refletindo sobre si mesmos, na maioria das vezes de forma não consciente, examinando seus atos, suas vidas, seus sonhos, as atitudes de seus amigos. Este olhar para dentro costuma conter pensamentos críticos sobre seu jeito de ser, já que, entre os 11 e os 14 anos, o jovem costuma ser muito exigente consigo mesmo, inclusive, com o perigo de arranhar sua autoestima. Este comportamento precisa ser compensado pelos escotistas com um reforço positivo que os ajude a se atribuir um valor mais justo, além de dar mais importância a sua participação no grupo.



O Método Escoteiro se apoia nesta tendência natural do jovem e, a cada certo tempo, aproveitando uma atividade ou em encontros de caráter mais pessoal, o escotista encarregado de acompanhar a progressão convida o jovem a dar uma olhada nas atividades e tarefas que se propôs realizar, confrontando-as com o que foi efetivamente realizado até o momento e, deste diálogo, dos motivos de sucesso ou fracasso, tentar extrair a opinião que ele tem de si mesmo. As conclusões que o jovem extrair desse exercício podem ser discutidas com a patrulha ou com o próprio escotista. Também pode ser útil registrá-las por escrito em seu Guia, o que lhe permitirá observar avanços quando, mais adiante, repetir o mesmo exercício.

O importante neste processo é que os jovens devem perceber o interesse carinhoso do escotista pela opinião que eles têm de si mesmos. Isto facilita e torna consciente a autoavaliação e os ajuda a serem os primeiros interessados em seu próprio desenvolvimento. Não podemos esquecer que o Método Escoteiro é, essencialmente, um sistema de autoeducação.

Exceto pelas sugestões esporádicas e os diálogos - mais ou menos frequentes, de acordo com o perfil de cada jovem - não é necessário fazer nada mais durante o processo, deixando a iniciativa do próprio jovem, a ação natural de seus pares e os resultados espontâneos do Método fazerem o resto. Os jovens não devem se sentir pressionados e não existe nenhuma vantagem educativa em gerar obsessões de qualquer tipo.

A autoavaliação do jovem é a base do consenso que se produzirá no momento das conclusões, ao final de um Ciclo de Programa.

## OS PARES CONTRIBUEM PARA A OPINIÃO DO JOVEM SOBRE SEU PRÓPRIO PROGRESSO



A avaliação de seus pares exerce forte influência na opinião que os jovens formam a seu próprio respeito. Em um grupo de amigos, a avaliação se manifesta informalmente de várias maneiras, desde as piadas até as conversas mais íntimas. Os jovens são muito sensíveis e, embora nem sempre o expressem, detectam com facilidade a opinião implícita que acompanha cada gesto ou cada atitude de seus companheiros.

Por meio da vida interna da patrulha, o Método Escoteiro procura fazer com que esta avaliação se manifeste como um apoio, tenha sua agressividade reduzida e represente uma contribuição à aprendizagem.

Como os escotistas não participam da vida interna da patrulha, percebem a opinião dos pares observando o relacionamento entre os jovens. A única maneira mais formal com que contam para conhecê-la é o diálogo com o Monitor da patrulha e as análises feitas na Corte de Honra. Por esses meios e pelo contato direto com o jovem, o escotista responsável pelo acompanhamento procura sistematizar a opinião dos pares e motivar no jovem uma análise objetiva das causas, se contrapondo ou reforçando os eventuais efeitos negativos ou positivos dessa opinião.



# CONCLUSÕES DA AVALIAÇÃO DA PROGRESSÃO PESSOAL

---



A AVALIAÇÃO ESTÁ CONCLUÍDA QUANDO O JOVEM E O ESCOTISTA ENCARREGADO DE SEU ACOMPANHAMENTO CHEGAM AO CONSENSO



Para estabelecer este consenso, é conveniente que o jovem e o escotista responsável pelo seu acompanhamento tenham um encontro destinado apenas a determinar que atividades devem ser consideradas realizadas durante o Ciclo.

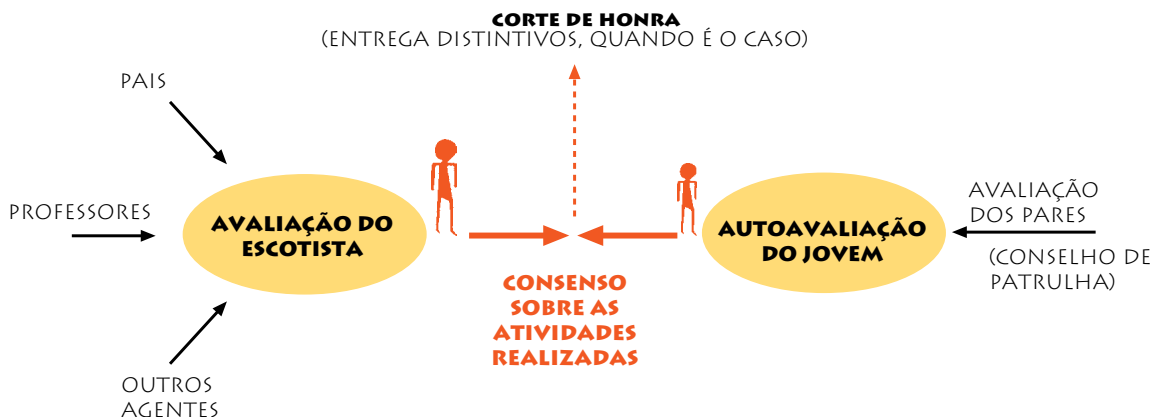
Esta reunião é mais uma entre tantas ocasiões em que o escotista e o jovem se encontram, o que facilitará o estabelecimento de um clima descontraído. Com esta conversa, estará se encerrando, para esse jovem, o processo de avaliação durante o Ciclo.

CORTE DE HONRA ENTREGA  
DISTINTIVOS, QUANDO É O CASO



Nesta conversa, o jovem expõe sua autoavaliação, que se enriqueceu com a opinião de seus companheiros de patrulha, indicando as atividades que considera ter realizado durante o Ciclo que está terminando. O escotista compartilha com o jovem a opinião que formou, esclarecendo que nela se agrupam as opiniões colhidas entre outros agentes avaliadores.

Por exemplo, se, durante o Ciclo de Programa que está encerrando, foram enfatizadas as atividades relacionadas com a prestação de serviço ao próximo, uma atenção especial deverá ser concedida à avaliação das atividades sugeridas na área de desenvolvimento social.



Além disto, o encontro servirá para apoiar e animar o jovem em seu desenvolvimento, com o escotista apresentando ao jovem sugestões e correções destinadas a melhorar sua participação. A reunião servirá, ainda, para avaliar a “permanência” das condutas antes alcançadas, isto é, constatar em conjunto quanto do progresso alcançado em Ciclos anteriores permaneceu ao longo do tempo. O escotista, além de verificar se o jovem realizou as atividades descritas no Guia, ele deve verificar se as atividades estão levando os jovens à conquistas da Competências.

Durante o diálogo, e mantendo-se fiel aos critérios fixados pela Corte de Honra<sup>3</sup>, o escotista e o jovem chegam a um consenso.

**A opinião do escotista é importante, mas em nenhum caso deve prevalecer pela simples razão de ser a opinião de um escotista. Ao contrário, o escotista deve estar sempre pronto a rever seus pontos de vista, levando em conta que reforçará mais o comportamento do jovem negociando com ele suas percepções do que impondo suas opiniões.**

<sup>3</sup> A Corte de Honra deve estabelecer as orientações gerais segundo as quais se fará a avaliação da progressão pessoal dos jovens. No entanto, fixar critérios não significa reinventar as regras do sistema. O único objetivo desta validação é dar uma certa padronização aos modos de agir e evitar possíveis disparidades que poderiam ocorrer entre os escotistas responsáveis pelo acompanhamento e no interior das patrulhas. Por exemplo, como se avalia, efetivamente, se um jovem “sabe utilizar alguma técnica de previsão do tempo por indícios naturais”? Fixados os critérios que demarcarão as conclusões, os Monitores devem informá-los aos seus Conselhos de Patrulha, com o único propósito de alinhar o entendimento e para que, a partir deles, os jovens confrontem este “marco regulatório” frente à avaliação inicial que fizeram de si mesmos.

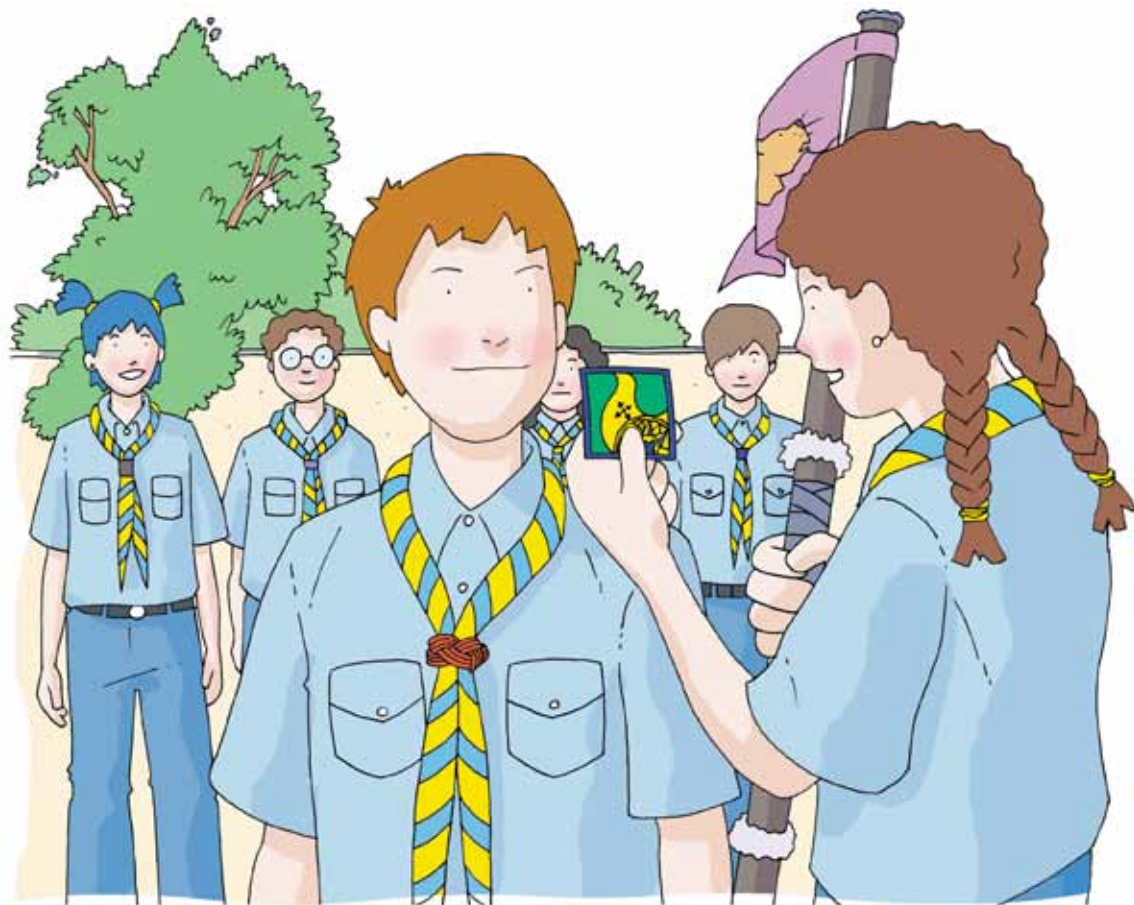
Contudo, existindo discrepância que a habilidade de negociação do escotista não consiga eliminar, deve permanecer, sempre, a autoavaliação do jovem. É preferível que o jovem se exceda na apreciação de suas conquistas num determinado momento, para ser confrontado com a realidade no futuro, a se impor o ponto de vista do escotista.

Se, em virtude das conquistas alcançadas, o jovem estiver em condições de ingressar na etapa de progressão subsequente, o escotista apresentará este feito à Corte de Honra, que entregará o novo Distintivo de Progressão, e o jovem passará a buscar um conjunto de atividades mais adequado àquela nova fase.





## A MUDANÇA DE ETAPA DE PROGRESSÃO PODE IMPLICAR A SUBSTITUIÇÃO DO GUIA



Se o jovem já recebeu o distintivo de Pistas e houver completado a metade das atividades previstas para o Guia de “Pistas e Trilha”, está apto a receber o distintivo de Trilha. Contudo, deve continuar utilizando o mesmo Guia, pois, completadas as atividades deste, estará apto a receber o distintivo de Rumo e então mudar para o Guia “Rumo e Travessia”, com o qual continuará sua caminhada no Ramo Escoteiro, até a transição para o Ramo Sênior.







# 12<sup>o</sup> Ciclo de PROGRAMA





# SUMÁRIO

## CONCEITOS GERAIS

- O Ciclo de Programa é a forma como se articulam as atividades.
- Um Ciclo de Programa tem 4 fases sucessivas.
- Em um ano se realizam cerca de 3 Ciclos.
- O Ciclo de Programa é um instrumento educativo que converte em sistema a consulta aos jovens.

## DIAGNÓSTICO DA TROPA

- O diagnóstico é feito nos Conselhos de Patrulha e na Corte de Honra.
- O diagnóstico das patrulhas é diferente do diagnóstico da Corte de Honra.

- O diagnóstico tem um caráter geral.
- O diagnóstico se refere à vida de grupo, a objetivos e atividades e ao desempenho dos escotistas.
- Concluído o diagnóstico, é fixada a ênfase para o Ciclo que se inicia.
- Uma vez fixada a ênfase, as atividades são pré-selecionadas.

## PROPOSTA E SELEÇÃO DE ATIVIDADES

- A proposta contém a ênfase, algumas atividades de patrulha e todas as atividades de Tropa.
- A proposta é analisada nos Conselhos de Patrulha.
- A Assembleia de Tropa seleciona as atividades comuns a todas as patrulhas.
- Os Jogos Democráticos são uma atividade a mais e permitem que se expresse a vontade da maioria.
- Muitas atividades podem ser utilizadas como Jogo Democrático.
- O resultado do Jogo Democrático determina as atividades da Tropa.

## ORGANIZAÇÃO, PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DE ATIVIDADES

- As atividades são organizadas em um calendário.
- A Assembleia de Tropa aprova o calendário.
- Aprovado o calendário, as atividades são planejadas.
- Definir os objetivos das atividades é um elemento essencial do planejamento.
- Definidos os objetivos, são ajustados os demais elementos do planejamento.
- Planejada a atividade, prepara-se sua realização em uma data determinada.

## DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES

- Ao mesmo tempo, se desenvolvem as atividades de patrulha e de Tropa.
- A motivação das atividades sempre é necessária.
- O desenvolvimento das atividades deve produzir emoções.
- Os responsáveis mantêm o ritmo das atividades.
- O desenvolvimento das atividades permite criar o hábito da responsabilidade.
- As atividades devem minimizar o risco implícito.
- As atividades são avaliadas segundo o grau de cumprimento dos objetivos previamente determinados.
- As atividades são avaliadas por observação.
- As atividades são avaliadas durante seu desenvolvimento e ao final, com a intervenção de diversos atores.
- A avaliação das atividades alimenta a avaliação da progressão pessoal.



# CONCEITOS GERAIS

## O CICLO DE PROGRAMA É A FORMA COMO SE ARTICULAM AS ATIVIDADES

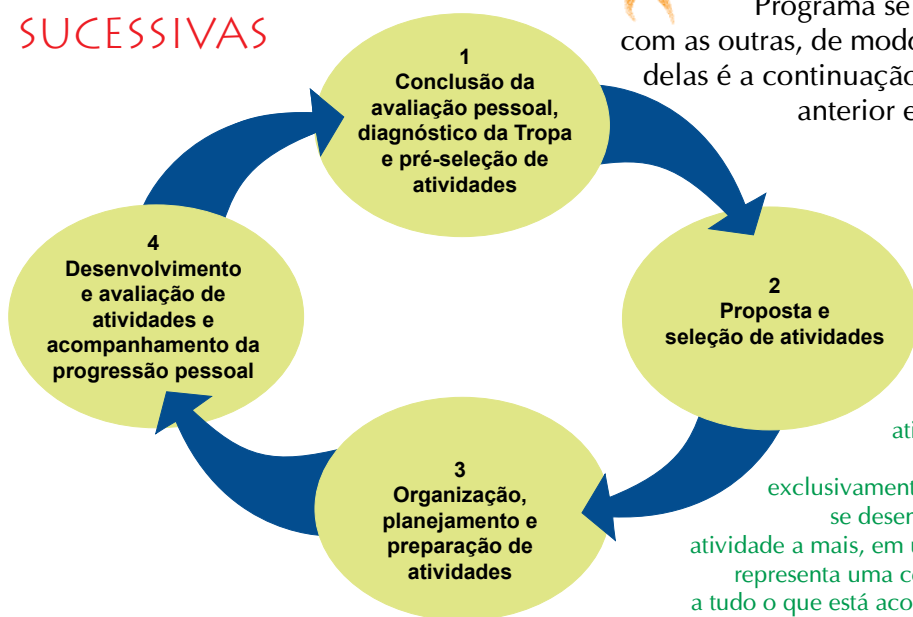
O Ciclo de Programa é um período em que um conjunto de atividades é desenvolvido e avaliado, ao mesmo tempo em que se analisa a forma como o Método Escoteiro está sendo aplicado e se observa e reconhece o desenvolvimento pessoal dos jovens.

**É um instrumento de planejamento, já que, por seu intermédio, se diagnostica o estado atual da Tropa, se programam as alterações e os ajustes para o futuro, se cumpre esse programa e se avaliam os resultados.**

**Entre vida de grupo e Ciclo de Programa, existe uma relação direta: enquanto a vida de grupo é o resultado de tudo o que acontece na Tropa, o Ciclo de Programa é a maneira como se organiza tudo que acontece.**

**É um instrumento de planejamento participativo, pois tudo isso se faz com a participação ativa dos jovens e de suas patrulhas.**

## UM CICLO DE PROGRAMA TEM 4 FASES SUCESSIVAS



As fases de um Ciclo de Programa se articulam umas com as outras, de modo que cada uma delas é a continuação natural da fase anterior e se prolonga na fase seguinte.

A fase 4 ocupa a maior parte do tempo disponível de um Ciclo e as fases 1, 2 e 3 não implicam uma interrupção nas atividades para que a Tropa se dedique exclusivamente “a planejar”, Elas se desenvolvem como uma atividade a mais, em uma sequência que representa uma continuidade, ligada a tudo o que está acontecendo na Tropa.





## EM UM ANO, SE REALIZAM CERCA DE 3 CICLOS

É variável a duração de um Ciclo de Programa, podendo chegar a 3 ou 4 meses, o que significa que, em um ano, podem ser desenvolvidos cerca de 3 Ciclos.

Contudo, é a Corte de Honra que determina a duração de cada Ciclo, de acordo com sua experiência, com a realidade da Tropa e com o tipo de atividades selecionadas pelos jovens, sendo este último fator o que mais influencia a duração de um Ciclo.

Além disso, a duração prevista pode ser alterada durante seu transcurso, o que depende da flexibilidade do Ciclo: um Ciclo que contenha muitas atividades de duração curta ou média é mais flexível do que outro que contenha poucas atividades de longa duração.



### **Em qualquer caso, é recomendável que o Ciclo não dure menos do que o mínimo sugerido porque:**



O entrelaçamento de atividades de patrulha e de Tropa exige tempo para ser organizado e para garantir que ambos os tipos de atividade sejam executados com fluidez.



Os adolescentes tendem a selecionar, preferencialmente, atividades de média ou longa duração, que não podem ser organizadas de maneira cômoda em um Ciclo demasiadamente curto.



A apreciação sobre a incorporação, pelos jovens, das condutas definidas nos objetivos exige tempo, pois são vários os atores que interferem nesta avaliação, como já vimos anteriormente.

### **Também não é conveniente que um Ciclo dure mais do que o máximo sugerido, porque:**



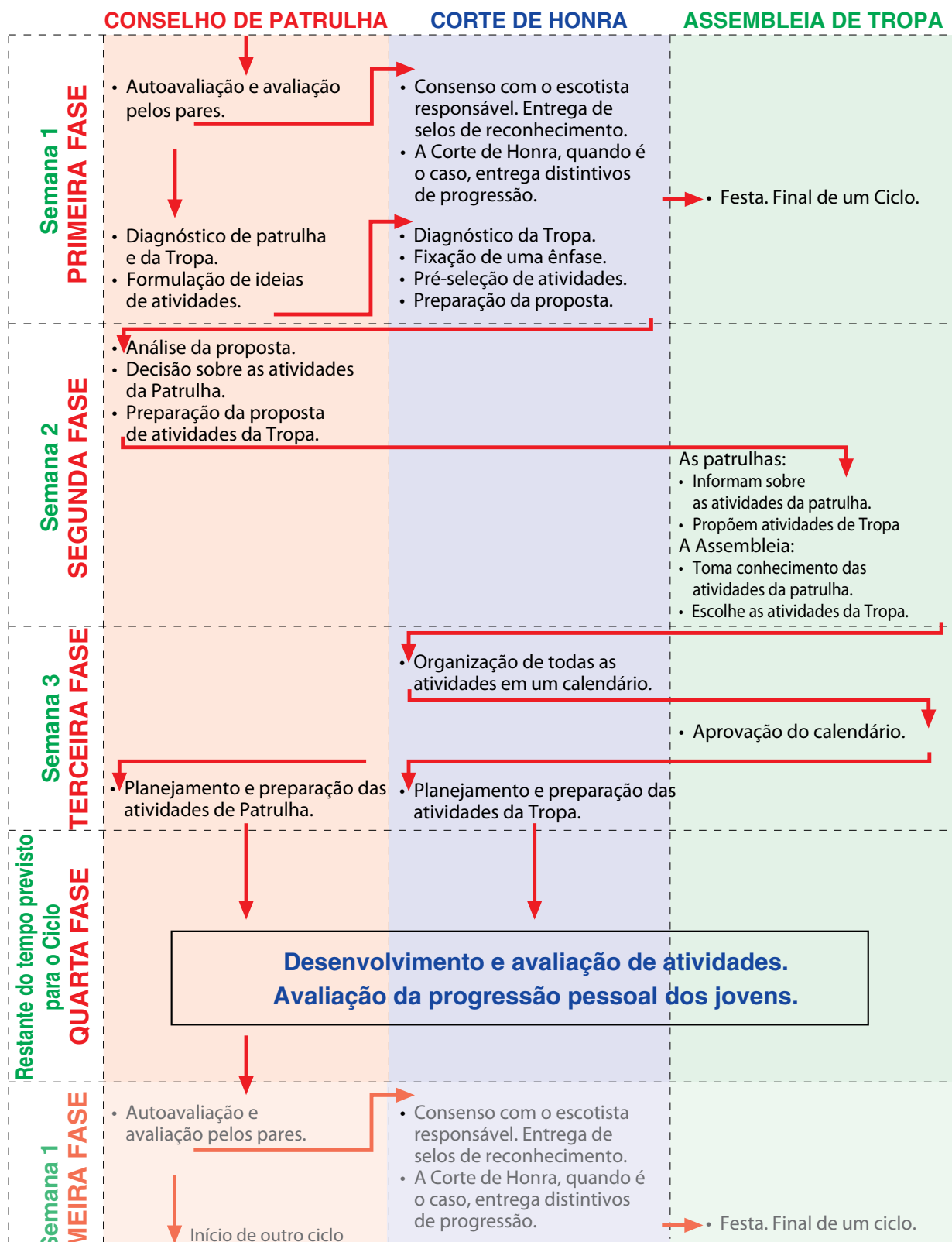
Um Ciclo muito longo não é compatível com os interesses dos jovens, especialmente dos mais novos, que mudam a cada instante.



Os jovens necessitam estímulos constantes para avançar em sua progressão pessoal (entrega de distintivos de progressão), o que, por se fazer apenas ao final de cada Ciclo, provocaria o alargamento da distância entre as motivações.



## Desenvolvimento de um Ciclo de Programa ESQUEMA





# O CICLO DE PROGRAMA É UM INSTRUMENTO EDUCATIVO QUE CONVERTE EM SISTEMA A CONSULTA AOS JOVENS



O Ciclo de Programa não é só uma maneira de organizar tudo o que acontece na Tropa. Também é um instrumento educativo que permite praticar o tipo de aprendizagem postulado pelo Método Escoteiro. Por seu intermédio, os jovens:

- Aprendem a ter uma opinião, a expressá-la e a tomar decisões de acordo com essa opinião.
- Exercitam mecanismos de participação que consideram sua opinião e que também lhes ensinam a respeitar e valorizar a opinião alheia.
- Aprendem a elaborar um projeto, apresentá-lo e defendê-lo. Adquirem capacidade de organização e desenvolvem habilidades de negociação.



As diferentes fases de um Ciclo de Programa - especialmente as 3 primeiras, que habitualmente ocupam igual número de semanas - articulam momentos e instâncias que permitem aos jovens participar e exercitar a vida democrática.

Pode ser que, inicialmente, esses diferentes “passos” pareçam uma tarefa complexa, em comparação com o que as Tropas estão habituadas a fazer, mas se trata, apenas, de uma sequência que ordena e dá nome ao que se deve fazer para materializar a participação dos jovens.

Analisando o valor do Sistema de Patrulhas, Baden-Powell dizia que “Por esse meio, os próprios escoteiros vêm a perceber, gradualmente, que são os responsáveis pelas ações da Tropa. A Tropa (e, aliás, todo o Escotismo) consiste do Sistema de Patrulhas, um esforço verdadeiro de cooperação”. (Baden-Powell, Guia do Chefe Escoteiro, 1919).

Para que haja “cooperação genuína”, é preciso investir certo tempo. Tempo para ver o que está se passando, ouvir a todos e buscar a melhor maneira de fazê-lo. No mesmo livro citado anteriormente, Baden-Powell recomendava: “Simplesmente escutando o que dizem, poderá adquirir uma noção aproximadamente exata do caráter de cada jovem e poderá também escolher a maneira de atraí-lo e interessá-lo”.

O Ciclo de Programa é um eficiente mecanismo para ouvir e para que os jovens aprendam a incorporar essa conduta a seu jeito de ser. Ouvindo, aparecem novas ideias, e quando não existem novas ideias, corre-se o risco de impor, nas atividades escoteiras, aquilo que pessoalmente você julgue que deve ser apreciado (Baden-Powell, obra citada, 1919).

O fundador reitera esta preocupação em diferentes textos e, inclusive, em seu discurso de despedida na Conferência Mundial de Haia, em 1937, onde destacou que” ... sempre, antes de tomar qualquer decisão deste tipo (escolha de atividades), consulto a autoridade que considero melhor: o próprio jovem”.

**O Ciclo de Programa é a melhor maneira de fazer essa consulta.**



# DIAGNÓSTICO DA TROPA

---



Enquanto se termina um Ciclo, com as conclusões da avaliação da progressão pessoal dos jovens, e se processa a entrega dos reconhecimentos, se dá início a outro, mediante o diagnóstico da Tropa, que também inclui a fixação da ênfase, a pré-seleção de atividades e a preparação da proposta que será apresentada às patrulhas.

Iniciaremos neste capítulo, a análise do Ciclo de Programa a partir do diagnóstico da Tropa.


## O DIAGNÓSTICO É FEITO NOS CONSELHOS DE PATRULHA E NA CORTE DE HONRA





O diagnóstico é feito em uma ou várias reuniões dos Conselhos


de Patrulha. Pode ser na mesma reunião em que o Conselho de Patrulha escutou a autoavaliação dos jovens e se manifestou sobre ela ou na reunião seguinte.

O Conselho de Patrulha faz um diagnóstico sobre como andam a patrulha e a Tropa no Ciclo que está terminando e formula ideias sobre as atividades de patrulha e de Tropa que seus integrantes gostariam de realizar no próximo Ciclo.

 São analisados os diagnósticos das patrulhas e se completa um diagnóstico geral da Tropa, que compreende os aspectos que destacaremos mais adiante.

 Com base nesse diagnóstico, se define uma ênfase para o Ciclo que se inicia, especialmente com relação às áreas de desenvolvimento que se sente necessidade de reforçar.

 De acordo com a ênfase e com as ideias de atividades formuladas pelas patrulhas, se faz uma pré-seleção de ideias de atividades que poderiam ser realizadas, tanto pelas patrulhas como pela Tropa.

 Depois de pré-selecionadas as atividades, se prepara a proposta a ser apresentada às patrulhas.

**Estes passos são percorridos e concretizados em termos simples, e não é conveniente que o processo se prolongue desnecessariamente.**



Diante de um determinado diagnóstico da

Tropa, a ênfase que se deve dar ao Ciclo seguinte surge espontaneamente. Uma vez definida a ênfase, há que se pensar em atividades que permitam alcançá-la; e, logo depois de imaginar essas atividades, há que se pensar na forma de propô-las aos jovens. Do ponto de vista da Corte de Honra, basta uma reunião bem conduzida: na conversa, os passos se encadeiam e se sucedem uns aos outros de maneira absolutamente natural.

## O DIAGNÓSTICO DAS PATRULHAS É DIFERENTE DO DIAGNÓSTICO DA CORTE DE HONRA



Os diagnósticos das patrulhas tenderão a se concentrar mais em cada patrulha do que na Tropa, e se referirão a temas mais próximos dos jovens, tais como atividades futuras, ambiente existente na patrulha, relações entre eles, papéis internos, avanços alcançados, problemas

que se arrastam e tarefas pendentes. Não é necessário que esses diagnósticos sigam uma pauta elaborada previamente. A experiência indica que se pode obter melhor resultado quando os jovens se expressam com liberdade, sem sujeitar suas opiniões a nenhum tipo de esquema. Naturalmente, de suas avaliações surgirão inquietações que fornecerão pistas valiosas sobre a forma como anda a Tropa.

O diagnóstico feito pela Corte de Honra reúne esses diagnósticos, mas tem, em troca, um caráter pronunciadamente educativo, que se refere à aplicação do método, ao desenvolvimento das atividades, à progressão dos jovens e ao desempenho dos escotistas.

A diferença entre os dois diagnósticos é consequência do fato dos jovens estarem muito mais interessados nas patrulhas, em organizar a aventura com seu grupo de amigos, enquanto os resultados educativos devem ser uma preocupação da Corte de Honra e da equipe de escotistas.

O diagnóstico da Corte de Honra examina as patrulhas e a Tropa como um conjunto, tentando avaliar quanto se avançou no Ciclo anterior e o que se pode fazer no futuro imediato. Não se analisam os resultados de uma atividade específica nem a situação pessoal de cada jovem, embora a análise geral se alimente das conclusões dessas avaliações particulares, efetuadas no devido tempo.

## O DIAGNÓSTICO TEM UM CARÁTER GERAL

O DIAGNÓSTICO SE REFERE À VIDA DE GRUPO, A OBJETIVOS E ATIVIDADES E AO DESEMPENHO DOS ESCOTISTAS

De acordo com seu caráter educativo, o diagnóstico da Corte de Honra deve responder a algumas questões básicas:

- **A aplicação de todos os elementos do Método Escoteiro se reflete na vida das patrulhas e da Tropa?**
- **Existe um equilíbrio entre atividades fixas e variáveis?**
- **As atividades fixas são significativas para os jovens?**
- **As atividades variáveis realizadas pelas patrulhas e pela Tropa têm sido desafiantes, úteis, recompensantes e atraentes?**
- **As atividades realizadas oferecem aos jovens oportunidades equilibradas de desenvolvimento em todas as áreas?**
- **O desenvolvimento pessoal de cada jovem está sendo devidamente acompanhado?**
- **Pelo que se pode observar, os jovens estão alcançando progressivamente as etapas de progressão?**
- **Os escotistas desempenham seu papel de maneira eficaz?**



Em cada uma das questões assinaladas, é possível encontrar vários aspectos que podem ou não ser considerados, dependendo da extensão e da profundidade que se deseje dar ao diagnóstico.

Cada Corte de Honra se formulará estas perguntas da maneira que lhe pareça mais adequada, podendo modificá-las ou acrescentar outras questões, pois não existe uma fórmula padronizada para fazer diagnósticos. De qualquer modo, o conteúdo não variará muito, pois o diagnóstico sempre se referirá à missão da Tropa.

## CONCLUÍDO O DIAGNÓSTICO, É FIXADA A ÊNFASE PARA O CICLO QUE SE INICIA

A ênfase é um certo realce ou entonação que se dará ao novo Ciclo, e resulta da confrontação entre o diagnóstico efetuado e os objetivos que a Tropa fixou para o ano em curso. Como os objetivos concretizam a visão que a Tropa tem de seu futuro, a ênfase é uma aproximação da visão pelo fortalecimento dos aspectos positivos que foram detectados, pela redução ou eliminação dos aspectos negativos, e pela orientação das ações corretivas que se desenvolverão durante o Ciclo que está prestes a começar.

A ênfase estabelece um marco dentro do qual se desenrolará o Ciclo de Programa. As patrulhas participam de sua fixação por meio dos seus representantes na Corte de Honra.





## Exemplos de diagnóstico e da ênfase que lhe corresponde:

### DIAGNÓSTICO

- As atividades atraem os jovens. Há equilíbrio entre atividades fixas e variáveis. Todas as áreas de desenvolvimento são atendidas.
- Há muitas atividades de Tropa e poucas de patrulha.
- O acompanhamento individual não é constante.
- Não há contato com outros agentes educativos.

### ÊNFASE

- Manter o atrativo e incrementar a variedade de atividades.
- Reduzir as atividades de Tropa e promover atividades de patrulha.
- Fortalecer a cultura interna das patrulhas e acentuar a formação dos Monitores e Submonitores.
- Cada escotista reforçará o contato pessoal com os jovens cuja progressão acompanha.
- Estabelecer vínculos com famílias e professores dos jovens.

Na Tropa do exemplo anterior, as atividades funcionam bem, mas o Sistema de Patrulhas demonstra debilidades e o acompanhamento pessoal é deficiente. Ambas as carências são delicadas e a ênfase se apressa a fixar orientações corretoras.



### ANÁLISE

A Tropa vai bem, mas as patrulhas fazem muitas atividades na sede e na cidade; nota-se, na progressão dos jovens, que todos tiveram poucas experiências de vida na natureza.

### DIAGNÓSTICO

Promover, durante o Ciclo que se inicia, mais atividades realizadas ao ar livre.

Neste outro exemplo, menos descritivo que o anterior, a Tropa constatou que vive “urbanizada” e se propôs a corrigir esta situação no próximo Ciclo. O fato de um diagnóstico ser enxuto não lhe tira a validade. Poderia se tratar de uma Tropa nova que limitou seu diagnóstico ao tema da vida em contato com a natureza. Também poderia ser uma Tropa experiente que decidiu resumir os demais aspectos do diagnóstico na frase “a Tropa vai bem”, concentrando-se no único tema que considera deficiente.

## UMA VEZ FIXADA A ÊNFASE, AS ATIVIDADES SÃO PRÉ-SELECIONADAS



Fixada uma ênfase para o Ciclo que se inicia, tem início a pré-seleção das atividades que serão propostas às

patrulhas, tanto para que sejam efetuadas por elas mesmas (atividades de patrulha) como para que sejam consideradas pelas patrulhas em sua proposta à Assembleia de Tropa (atividades da Tropa). Nesta pré-seleção, se reunirá o maior número possível das ideias que as patrulhas formularam em seus Conselhos, desde que elas não contradigam a ênfase nem impliquem risco, considerando a idade dos jovens, a juízo da Corte de Honra.

### Na pré-seleção de atividades, é conveniente considerar certos critérios:

- As atividades devem ser coerentes com a ênfase fixada e contribuir para a conquista das Competências em todas as áreas de desenvolvimento, mesmo quando a ênfase privilegia uma ou várias áreas.
- Devem ser selecionadas mais atividades de patrulha do que de Tropa.
- As atividades de patrulha devem ser apropriadas à idade de seus integrantes.
- A pré-seleção deve ser variada e não repetir atividades realizadas recentemente.
- As atividades escolhidas devem ter as mais variadas durações.
- É recomendável selecionar mais ou menos o dobro das atividades que se imagina ser possível realizar durante o Ciclo. Isto aumenta a possibilidade de opção e promove o surgimento de outras ideias.



**Uma vez pré-selecionadas as atividades, prepara-se a proposta que será apresentada às patrulhas.**

# PROPOSTA E SELEÇÃO DE ATIVIDADES

---



A ênfase é apresentada às patrulhas com a proposta de atividades pré-selecionadas pela Corte de Honra.

Cada patrulha seleciona as atividades que realizará e prepara uma proposta de atividades comuns a todas as patrulhas.

As patrulhas informam à Tropa sobre as atividades que realizarão e apresentam sua proposta de atividades de Tropa, as quais serão selecionadas por meio de Jogos Democráticos.

Para chegar a estes resultados, se realiza uma nova rodada de reuniões dos Conselhos de Patrulha e uma Assembleia de Tropa.

## A PROPOSTA CONTÉM A ÊNFASE, ALGUMAS ATIVIDADES DE PATRULHA E TODAS AS ATIVIDADES DE TROPA



A ênfase é apresentada às patrulhas porque, se elas não a conhecerem não saberão em que direção deverão decidir e propor atividades. É contraproducente fazer com que as patrulhas sugiram atividades para, logo em seguida, desconsiderá-las, por estarem fora do marco definido pela ênfase.

Só se divulga da ênfase aquela parte que diz respeito às atividades, pois não há utilidade prática em comunicar a todos os jovens o que a Corte de Honra pensa sobre a aplicação do Método ou sobre a forma como seu desenvolvimento pessoal está sendo avaliado, por exemplo.

As atividades de patrulha que foram pré-selecionadas e que se originaram de propostas dos próprios jovens podem retornar às mesmas patrulhas que as idealizaram, a menos que tenham sido propostas pela Corte de Honra para serem realizadas por toda a Tropa. As atividades de patrulha idealizadas pela Corte de Honra podem ser apresentadas a todas as patrulhas ou apenas a algumas delas, segundo as características e necessidades de cada uma.

As atividades de Tropa incluídas na pré-seleção feita pela Corte de Honra são apresentadas a todas as patrulhas, sem exceção, qualquer que tenha sido sua origem.



## A PROPOSTA É ANALISADA NOS CONSELHOS DE PATRULHA



Uma vez formulada a proposta, se realiza uma nova rodada de reuniões dos Conselhos de Patrulha. Os seguintes fatos se passam em tais reuniões:

- Monitor e Submonitor apresentam a ênfase fixada pela Corte de Honra, explicando sua fundamentação.
- Finalmente, a patrulha prepara sua própria proposta de atividades de Tropa que apresentará à Assembleia de Tropa.
- A troca de ideias se encerra com uma decisão sobre as atividades que a patrulha realizará no próximo Ciclo.
- Motivam uma troca de opiniões sobre as diversas ideias de atividades de patrulha que estão em discussão: as sugeridas pelos próprios jovens na reunião anterior do Conselho de Patrulha, as propostas pela Corte de Honra, e outras que podem surgir no momento, como resultado da consideração da ênfase fixada.

## A ASSEMBLEIA DE TROPA SELECIONA AS ATIVIDADES COMUNS A TODAS AS PATRULHAS



Em uma Assembleia de Tropa, que marca o encerramento desta segunda fase, acontecem os seguintes fatos:

- Cada patrulha apresenta as atividades de patrulha que decidiu realizar, incluindo a ordem de prioridade que estabeleceu para elas e a duração estimada de cada uma.
- Em seguida, cada patrulha, utilizando um Jogo Democrático que se determinou previamente, apresenta sua proposta de atividades de Tropa.
- Seguindo a dinâmica do mesmo Jogo, a Assembleia elege as atividades que deseja realizar, numa ordem de prioridade que traduz o resultado do Jogo Democrático.





# OS JOGOS DEMOCRÁTICOS SÃO UMA ATIVIDADE A MAIS E PERMITEM QUE SE EXPRESSE A VONTADE DA MAIORIA



Os Jogos Democráticos são simulações em que os jovens representam um determinado papel e, atuando de acordo com as regras do ambiente simulado, procuram obter o apoio da Tropa para sua proposta.

Por meio do Jogo, os jovens apresentam suas ideias, defendem posições, aprendem a argumentar, fazem opções e desenvolvem muitas outras habilidades e atitudes que são próprias de um processo democrático de tomada de decisões.

Desta maneira, a seleção de atividades, assim como todas as demais fases do Ciclo de Programa, se converte em uma atividade a mais, que se funde com todas as outras que a Tropa realiza habitualmente.



## MUITAS ATIVIDADES PODEM SER UTILIZADAS COMO JOGO DEMOCRÁTICO

O Jogo Democrático pode consistir em um debate parlamentar, um processo eleitoral, uma defesa ante um tribunal, um leilão público, uma rodada de compras em um mercado, um pregão da bolsa de valores, uma reunião ministerial ou qualquer outra situação semelhante.





## JOGOS DEMOCRÁTICOS

### DESCRIÇÃO

FORMA EM QUE SE APRESENTAM AS ATIVIDADES PROPOSTAS

VARIÁVEL QUE DETERMINA O RESULTADO

### UM DIA DE ELEIÇÕES

É preciso eleger os membros de um organismo da comunidade: cada patrulha apresenta seus candidatos e promove sua campanha eleitoral.

Cada atividade é um candidato que disputa a preferência do eleitorado.

A quantidade de votos alcançada por cada candidato.

### ESTÁ ABERTA A SESSÃO

Uma reunião do Congresso em que cada patrulha representa a bancada de um partido político imaginário.

Projetos de lei apresentados por uma bancada cuja aprovação se procura obter.

A quantidade de votos obtidos determina a aprovação e a ordem de prioridade entre os projetos.

## DESCRIÇÃO

Dispondo de um certo capital, os escoteiros se convertem em investidores que compram e vendem ações.

## FORMA EM QUE SE APRESENTAM AS ATIVIDADES PROPOSTAS

### JOGANDO NA BOLSA

As ideias de atividades são ações negociadas a preços diferentes.

## VARIÁVEL QUE DETERMINA O RESULTADO

As ações que, nas transações, obtiverem lucro maior.



## QUEM DÁ MAIS?

Um leilão em que as patrulhas, dotadas de um pequeno capital, compram e vendem.

Quadros e objetos de arte que são leiloados.

Os objetos se priorizam por seu valor, segundo o maior lance oferecido para cada um deles.

## REUNIÃO MINISTERIAL

O Presidente e seus Ministros de Estado analisam diversos projetos que formarão seu plano de governo.

As ideias de atividades se convertem em projetos de desenvolvimento para o país (a Tropa Escoteira).

Os projetos que receberem mais votos dos Ministros (todos os escoteiros).



DESCRIÇÃO

FORMA EM QUE  
SE APRESENTAM  
AS ATIVIDADES  
PROPOSTAS

VARIÁVEL QUE  
DETERMINA O  
RESULTADO

### UM DIA DE FEIRA

Os escoteiros, contando com algum dinheiro especialmente confeccionado para o Jogo, se convertem em comerciantes e compradores de uma feira livre.

As ideias de atividades se transformam em produtos típicos que são vendidos e comprados em uma feira livre.

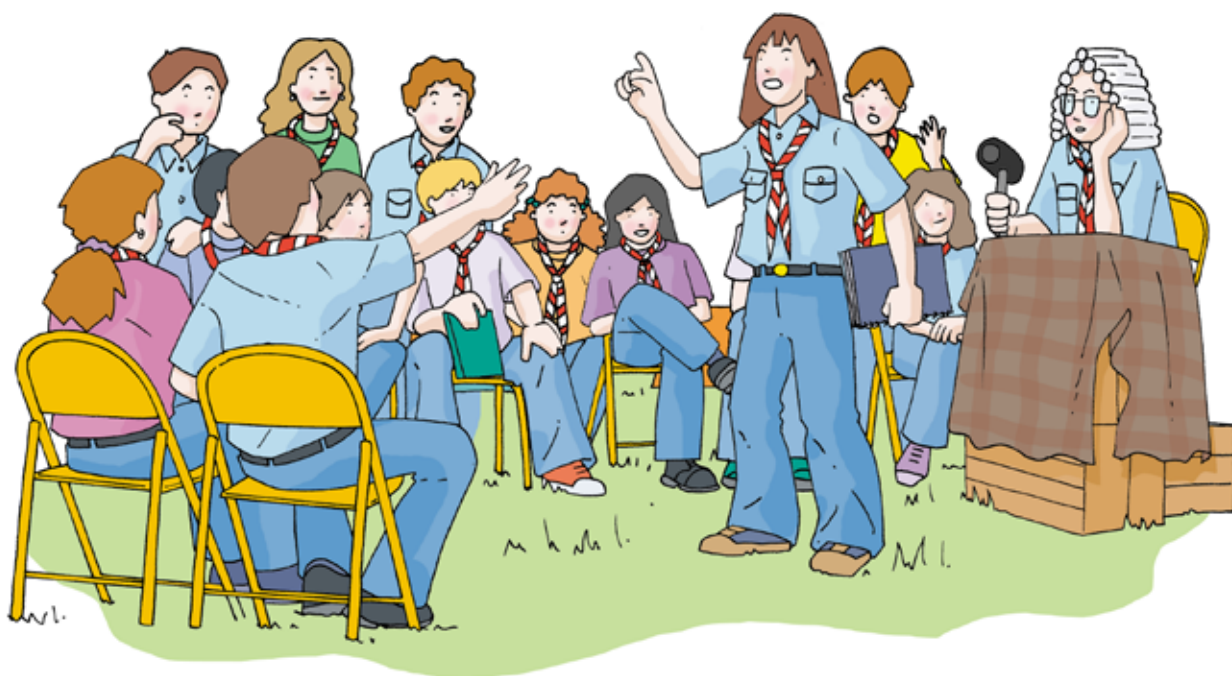
Os produtos mais vendidos.

### CULPADO OU INOCENTE?

A Tropa se converte em um Tribunal de Justiça.

As ideias de atividades são submetidas a um julgamento onde advogados de defesa e promotores argumentam a favor e contra elas.

Número de votos pelo qual o Corpo de Jurados (a Assembleia de Tropa) declarou uma ideia inocente.



Nos livros de Atividades Educativas, aparecem descrições detalhadas dessas e de outras simulações cuja dinâmica permite convertê-las em Jogos Democráticos. Conforme o Jogo escolhido, é possível incorporar complementos que se referem à ambientação, ao material utilizado e aos trajes dos personagens. Trata-se de tirar o máximo proveito da simulação, tanto em termo de exercício da participação como do grau de atração da atividade em si mesma.



## O RESULTADO DO JOGO DEMOCRÁTICO DETERMINA AS ATIVIDADES DA TROPA



O Jogo Democrático em que a reunião da Assembleia de Tropa se converte define as atividades que serão desenvolvidas durante o Ciclo de Programa, ordenadas prioritariamente segundo as preferências manifestadas pelos jovens. Os escotistas facilitam a dinâmica do Jogo, assumindo tarefas de apoio que variam segundo o Jogo escolhido. Em nenhum caso, eles devem interferir para favorecer esta ou aquela alternativa. Mesmo quando o resultado não constitua a melhor opção, é preciso respeitar a decisão tomada pela Assembleia, dentro de limites de segurança razoáveis. Se suas determinações forem ignoradas, os jovens jamais adquirirão a experiência de arcar com as consequências de suas próprias decisões. Se, ao organizar as atividades em um calendário, tarefa que deve ser feita pela Corte de Honra, for necessário adiar ou acrescentar algumas atividades de Tropa, esta definição exige uma nova manifestação da Assembleia de Tropa, como se verá mais adiante.

AL ZAPADORES



# ORGANIZAÇÃO, PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DE ATIVIDADES



Nesta fase, as atividades de patrulha e as de Tropa que foram selecionadas pela Assembleia são organizadas em um calendário para o Ciclo de Programa.

Depois que a Assembleia aprova o calendário, têm início o planejamento e a preparação de cada atividade.

## AS ATIVIDADES SÃO ORGANIZADAS EM UM CALENDÁRIO



Todas as atividades selecionadas, sejam de patrulha ou de Tropa, são dispostas e articuladas em um calendário para o Ciclo de Programa.

Fazer um calendário é uma tarefa que exige uma certa habilidade para encaixar com harmonia atividades diferentes e de duração variada, controlando as variáveis tempo, recursos e equilíbrio entre atividades de patrulha e de Tropa, e entre atividades fixas e variáveis. Quem organiza as atividades é a Corte de Honra, onde todos os jovens estão representados pelos Monitores e, se for o caso, Submonitores das patrulhas. A forma como se monta o calendário determina a duração do Ciclo de Programa.



## Recomendações para a elaboração do calendário

- São consideradas todas as atividades selecionadas, sejam de patrulha ou de Tropa. É provável que a articulação de todas as atividades recomende adiar ou modificar algumas atividades selecionadas, especialmente as de Tropa; neste caso, é preciso considerar as prioridades estabelecidas no processo de seleção. As alterações devem ser aprovadas pela Assembleia de Tropa.
- Sem afetar a ênfase fixada, é conveniente incluir atividades que permitam aos jovens avançar em todas as áreas de desenvolvimento.
- Na medida do possível, se deve manter diversidade entre os temas a que se referem as atividades e o equilíbrio entre atividades fixas e variáveis, e entre atividades de patrulha e de Tropa.
- Para alcançar diversidade e equilíbrio, o que se pode perder durante o processo de seleção, a Corte de Honra pode incorporar algumas atividades de Tropa que atendam a este propósito, desde que não se altere substancialmente a seleção efetuada pelos jovens. Incorporar atividades de patrulha, com esta mesma finalidade, demanda o prévio consentimento do respectivo Conselho de Patrulha.
- É conveniente começar dispondo no calendário as diferentes atividades fixas. É preciso considerar que algumas delas devem ser realizadas em uma data determinada (o aniversário do Grupo Escoteiro, por exemplo), enquanto outras se prolongam por vários dias consecutivos (um acampamento, por exemplo).
- Em seguida, são localizadas as atividades variáveis, levando em conta que muitas delas são realizadas de maneira simultânea e que, durante as atividades fixas (reuniões, acampamentos etc.), se desenvolvem várias atividades variáveis. É recomendável programar, primeiro, as de maior duração, pois as que demandam menos tempo podem ser mais facilmente ajustadas, ao final.
- Não é necessário incluir no calendário a variedade das atividades fixas de curta duração (jogos, canções, relatos, danças e outras atividades espontâneas). Basta que a programação das reuniões dos acampamentos e das atividades de longa e média duração seja construída com folga suficiente para permitir que essas atividades fixas sejam intercaladas, quando for o caso.
- O mesmo ocorre com as atividades de reforço e com as especialidades, cujo caráter individual impede sua inclusão no calendário. Só é necessário prever tempos que permitam desenvolvê-las em diferentes oportunidades.
- É preciso planejar a execução de uma atividade e também considerar o tempo necessário para seu planejamento e preparação. Na medida em que o equilíbrio entre as atividades o permita, é recomendável programar para a segunda metade do Ciclo as atividades que demandam maior preparação, ocupando a primeira metade com atividades de planejamento mais simplificado.
- Sem que se deixe de fazer atividades, é preciso estimar um tempo, ao final do Ciclo de Programa, para a conclusão do processo de avaliação da progressão pessoal dos jovens.
- Ao mesmo tempo em que se organiza o calendário, é preciso que se avalie se a equipe de escotistas dispõe de tempo suficiente para desenvolver a tarefa no ritmo desejado. Caso contrário, é preciso optar entre várias possibilidades: reduzir as atividades, diminuir a velocidade de execução ou reforçar a equipe de escotistas.
- O calendário deve ser flexível, permitindo redistribuir ou substituir atividades diante de situações imprevistas.





## A ASSEMBLEIA DE TROPA APROVA O CALENDÁRIO



Depois de pronto o calendário, a Corte de Honra o submete à consideração da Assembleia de Tropa, que dá a aprovação final. É conveniente que o calendário seja distribuído às patrulhas com alguma antecedência, especialmente quando foram introduzidas modificações à seleção ou se foram acrescentadas algumas atividades.



## APROVADO O CALENDÁRIO, AS ATIVIDADES SÃO PLANEJADAS

Entende-se por planejar uma atividade a determinação de todos os seus componentes e a realização da análise da interação que existe entre eles. O planejamento das atividades de patrulha é feito pela patrulha, com o apoio de algum escotista, se necessário. O planejamento das atividades de Tropa é feito pela Corte de Honra, ou por uma equipe especialmente designada pela Corte de Honra, com o apoio das patrulhas.

Quando a atividade já foi realizada anteriormente ou se foi extraída do repertório de fichas de Atividade, pois se dispõe, nestes casos, de experiências ou sugestões sobre como proceder, este trabalho pode ser simplificado, mas nunca evitado.



Mas nem sempre ocorrerão essas circunstâncias facilitadoras e, na maioria dos casos, as atividades selecionadas estarão descritas em linhas gerais, existindo detalhes por ajustar. Mesmo que esteja descrita em algum lugar, é necessário repensar a atividade, adaptando ou criando em função das particularidades dos jovens, das características das patrulhas e das condições em que funciona a Tropa Escoteira.



A elaboração dos planejamentos pode começar pelas atividades que se realizarão no início do Ciclo, enquanto as que se desenvolverão mais adiante poderão ser planejadas na medida em que se aproxima a data de sua realização, sem que a tarefa seja deixada para o último minuto.

O habitual é planejar em diversos momentos do Ciclo de Programa, conforme se aproximam as datas previstas. É preciso levar em conta que as atividades de longa duração exigem uma antecipação maior do que as de curta duração, da mesma forma como as atividades mais complexas, quando comparadas com as mais simples, as que demandam muito material com aquelas menos exigentes, as que envolvem recursos humanos externos com aquelas que podem ser desenvolvidas contando apenas com os escotistas e as que estão sendo feitas pela primeira vez com aquelas que estão sendo repetidas.

## DEFINIR OS OBJETIVOS DAS ATIVIDADES É UM ELEMENTO ESSENCIAL DO PLANEJAMENTO



É provável que a atividade

tenha sido selecionada e incluída no calendário em função de uma vaga ideia do que se pretende com ela, mas isso não é suficiente. É preciso definir com exatidão os objetivos que determinam sua realização.



Esta definição, que necessariamente deve ser formulada por escrito, é fundamental para que se possa avaliar a atividade e saber se foram alcançados os objetivos propostos. Se não existirem esses objetivos, a avaliação será impraticável; se eles estão apenas subentendidos, a avaliação será confusa e ambígua.

Os objetivos de uma atividade são os resultados que esperamos alcançar no grupo de participantes ao final de sua realização.

## EXEMPLOS DE OBJETIVOS DE ATIVIDADES

### A PATRULHA COM RITMO

Escolher uma melodia, criar uma paródia, confeccionar os instrumentos musicais para executá-la, organizar um festival, apresentar as canções e eleger a ganhadora são alguns desafios que esta atividade apresenta, pondo à prova as aptidões musicais, a criatividade e o humor dos jovens.

#### OBJETIVOS

- Conhecer e aprender a fabricar instrumentos musicais simples.
- Desenvolver habilidades de expressão artística e musical.
- Desenvolver a capacidade de trabalhar em equipe.

### A FESTA DO FOGO

Os integrantes de cada patrulha analisam as dificuldades que enfrentaram como grupo. As falhas são criativamente representadas em figuras de cartolina que serão queimadas numa noite junto ao fogo, ao mesmo tempo em que as patrulhas formularão compromissos para corrigir os erros cometidos.

#### OBJETIVOS

- Expressar seu ponto de vista de uma forma criativa.
- Ter uma avaliação crítica dos aspectos que podem ser melhorados na vida da patrulha.
- Conhecer e praticar a confecção de bonecos de cartolina.
- Revalorizar a tradição da fogueira no acampamento.



## DEFINIDOS OS OBJETIVOS, SÃO AJUSTADOS OS DEMAIS ELEMENTOS DO PLANEJAMENTO

- Quanto tempo vai durar?
- Se é uma atividade de Tropa, de que forma as patrulhas participam? Se é uma atividade de patrulha, de que forma os jovens participam?
- De que natureza e em que quantidade são os recursos materiais e humanos necessários à realização da atividade?

Planejar uma atividade permite esperar um melhor nível de resultados e evita surpresas no momento de sua realização. Além da determinação de objetivos, são os seguintes os elementos de um projeto de atividade:

- Onde seria melhor realizá-la?
- Quanto custam e onde podem ser obtidos os recursos exigidos?
- É desenvolvida de uma só vez ou contém várias fases?
- Oferece riscos que devem ser prevenidos?
- Admite variações?
- Que critérios serão aplicados em sua avaliação?



## PLANEJADA A ATIVIDADE, PREPARA- SE SUA REALIZAÇÃO EM UMA DATA DETERMINADA

As tarefas de preparação variam segundo a atividade: preparar uma atividade de uma hora de duração não é o mesmo que preparar um acampamento de sete dias.

Em qualquer caso, pode ser muito útil repassar um “roteiro” semelhante ao que apresentamos a seguir:

## ROTEIRO

Embora a preparação de uma atividade envolva vários escotistas, jovens e até especialistas externos, sempre deve existir um responsável pela atividade, a quem todos se reportam.

Toda atividade, por mais atraente que seja, necessita de uma motivação que é necessário preparar.

O local em que vai se desenvolver a atividade é fator determinante para seu êxito. Tamanho, privacidade, ambiente apropriado, ordem e limpeza e nível de ruído são fatores que influenciarão o resultado. O local é ainda mais determinante quando a atividade ocorre fora da sede. Em caso de acampamentos e excursões, o local deve ser visitado com suficiente antecedência, para que se verifique se possibilita a realização de todas as atividades previstas.

Algumas atividades curtas se desenvolvem de uma só vez, mas outras, especialmente as de maior duração, são realizadas em fases, com duração e exigências diferentes.

**Todos sabem quem dirige a atividade?**

**Como se motivará a atividade?  
Quem o fará?  
Que elementos serão usados?  
Quem vai obtê-los ou prepará-los?**

**Já se definiu o local e a pessoa responsável por sua obtenção e preparação?  
O local já foi visitado e se constatou que reúne as condições necessárias? Já se obteve autorização para usá-lo?**

**Foram repassadas as diversas fases da atividade e designados os responsáveis para cada uma delas?**





Quase todas as atividades admitem variações, seja em forma sucessiva ou simultânea.

**Foi preparado o material necessário para as diferentes variações previstas?**

As atividades de patrulha são preparadas pelos jovens; as de Tropa, pela Corte de Honra, com a participação de jovens.

**Os jovens participaram de forma adequada da preparação da atividade?**

Quando a atividade exige a participação de recursos humanos externos, é necessário motivá-los e comprometê-los com antecedência. Não poderíamos ter uma madrugada de pesca sem contar com um pescador experiente, ou um curso de fotografia sem um fotógrafo qualificado.

**Está assegurada a participação das pessoas necessárias à realização da atividade?**



Uma noite escura, em um morro próximo à cidade, em que está tudo pronto para uma atividade de observação das estrelas. O responsável por obter o telescópio, que chegou atrasado, lembra nesse momento que era ele que deveria ir buscá-lo. Quem já passou por esta experiência jamais se esquecerá da importância do material de apoio.

**Foi verificada a obtenção ou preparação de todo o material de apoio exigido pela atividade?**



Muitas atividades não implicam custos, mas outras, que têm maior duração ou que exigem muito material, como os acampamentos e algumas atividades variáveis, exigem a reunião de recursos financeiros que devem ser administrados de forma adequada.

Foi elaborado um orçamento para a atividade?  
Foram obtidos os recursos necessários?  
Foi designado o responsável pela administração desses recursos?  
Foram fixadas as normas para a prestação de contas?

O responsável pela atividade deve efetuar uma supervisão contínua, verificando se já foram cumpridas as tarefas designadas, até que se chegue ao final da preparação da atividade.

Verificou-se, antes de iniciar a atividade, se está tudo pronto?

Durante a preparação de uma atividade, é possível que se necessite introduzir modificações no calendário original, pois só nesse momento se pode estabelecer com maior precisão o tempo efetivamente exigido para cada atividade. Se o calendário é flexível, não haverá problemas para a introdução de ajustes.



# DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES



Depois que a Tropa destinou tempo para tomar decisões e se organizar, entra na fase central do Ciclo de Programa, que ocupa a maior parte do tempo disponível.

A fase compreende o que mais estimula os jovens: a emoção de fazer coisas! Também compreende o que mais interessa aos escotistas: contribuir para que os jovens cresçam por meio das coisas que fazem.



Para isso, é preciso distinguir, nesta fase, o desenvolvimento e a avaliação das atividades e o acompanhamento da progressão pessoal.

Como já abordamos o acompanhamento da progressão pessoal no capítulo anterior, só analisaremos, agora, o desenvolvimento e a avaliação das atividades.

## AO MESMO TEMPO, SE DESENVOLVEM ATIVIDADES DE PATRULHA E DE TROPA



De acordo com o calendário estabelecido, cada patrulha realiza suas atividades com autonomia, sob a coordenação do Monitor da patrulha, com o apoio dos escotistas, quando solicitado, e a supervisão da Corte de Honra.

As atividades de patrulha se articulam com as atividades de Tropa, por vezes sucessivas e, em outras ocasiões, simultâneas. Essas atividades são coordenadas pela Corte de Honra, que o faz diretamente, por meio de alguns escotistas ou designando equipes especiais formadas por escotistas e Monitores ou Submonitores das patrulhas. Tais equipes surgem em razão de alguma atividade e desaparecem ao seu final.

As atividades de patrulha e de Tropa, fixas e variáveis, qualquer que seja sua duração, se desenrolam encaixando-se umas às outras, como as peças de um quebra-cabeças que, embora pareçam isoladas entre si, só em seu conjunto revelam a imagem que formam e que não seria a mesma, se faltasse uma das peças. Fazer com que as atividades se encaixem é responsabilidade da Corte de Honra, que acompanha semanalmente o desenvolvimento da programação prevista no calendário.



## A MOTIVAÇÃO DAS ATIVIDADES SEMPRE É NECESSÁRIA



Mesmo que tenham sido selecionadas pelos jovens, as atividades sempre demandam motivação, pois os interesses dos jovens podem variar, e muito, durante o tempo transcorrido entre o momento em que se fez a seleção e aquele em que se inicia a atividade. É a motivação que determina o ímpeto com que os jovens se entregam à ação e se comprometem com os resultados da atividade.



A motivação não se faz, apenas, nos dias ou nos instantes que antecedem de imediato o início de uma atividade, mas desde antes, de formas diferentes, criando um ambiente de expectativa à espera do momento em que terá início sua realização. Ela também é necessária durante a realização da atividade, reforçando a confiança e o entusiasmo, que podem decair quando surgem dificuldades e o resultado começa a se apresentar um pouco mais duvidoso do que inicialmente.

## O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DEVE PRODUZIR EMOÇÕES

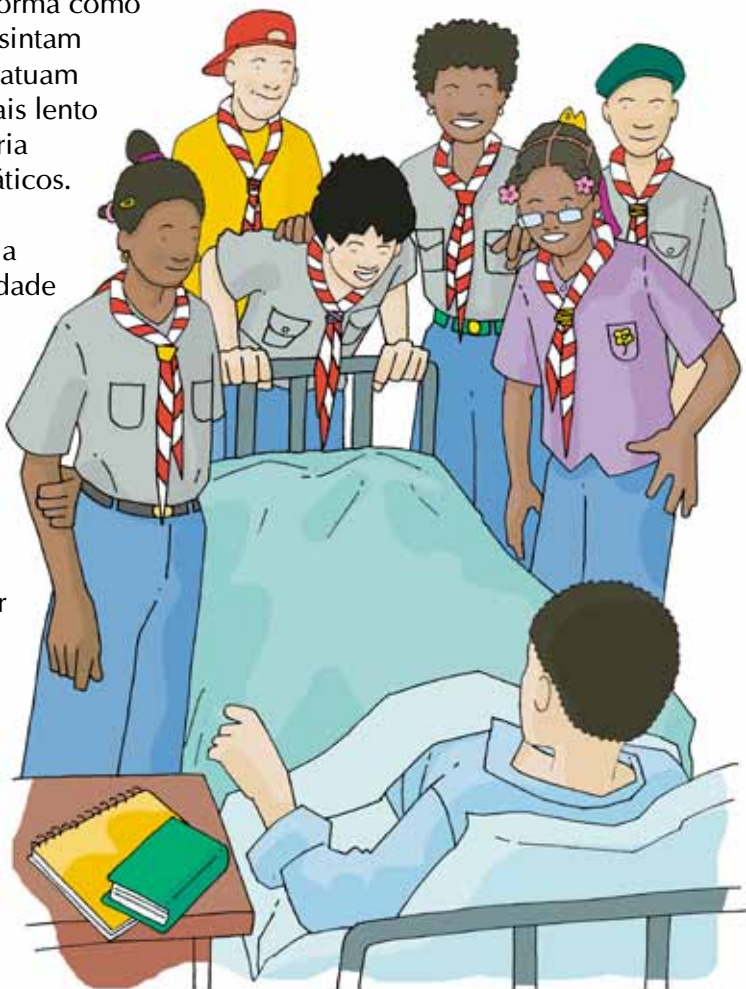


A atividade deve ser uma festa para os jovens, estimulando-os a se incorporarem à próxima atividade com entusiasmo redobrado. Se um jovem não coloca as atividades escoteiras entre suas prioridades, elas dificilmente produzirão experiências que cheguem a influenciar seu desenvolvimento e a conquista de suas Competências.



**Para resguardar este aspecto, é necessário considerar, entre outras, as seguintes sugestões:**

- Todos os jovens devem ter alguma coisa interessante para fazer numa atividade. Uma atividade tem atores, e não espectadores.
- As tarefas envolvidas em uma atividade devem ser distribuídas igualmente, levando em conta, apenas, as possibilidades pessoais dos participantes.
- É preciso evitar a influência dos estereótipos culturais relacionados com o sexo, que nos leva a designar os rapazes para tarefas desafiantes, deixando para as moças as tarefas mais passivas.
- Embora o resultado das atividades seja importante, os escotistas devem promover o interesse por viver e desfrutar o processo, independentemente do resultado que se chegue a obter. Isto ajuda a desenvolver uma certa estabilidade emocional que não depende, apenas, de êxitos e fracassos.
- É preciso ter cuidado para não humilhar os que não alcançam os resultados esperados, da mesma forma como é preciso evitar que se sintam marginalizados os que atuam em ritmo um pouco mais lento ou aqueles que a maioria considera menos simpáticos.
- Se um jovem não deseja participar de uma atividade ou manifesta desejo de abandoná-la após o início, sua vontade deve ser respeitada. Seria conveniente observar sua conduta com maior atenção e procurar conversar com ele, para descobrir o que está se passando e dar a ele o apoio de que necessita. Esta iniciativa pode ser tomada pela patrulha ou pelo escotista responsável pelo acompanhamento de sua progressão pessoal.



## OS RESPONSÁVEIS MANTÊM O RITMO DAS ATIVIDADES



As atividades se desenvolvem segundo um determinado “ritmo”. Os que estão dirigindo a atividade - os escotistas, quando se trata de uma atividade de Tropa, e os Monitores e Submonitores, quando é atividade de patrulha - são os responsáveis por “manter o ritmo”.

### A experiência demonstra que existem certas situações que alteram “o ritmo”. Vejamos algumas delas:

- Uma atividade pode começar um pouco fria ou lenta, mas o entusiasmo e o interesse vão aumentando aos poucos, na medida em que se obtêm resultados e a ação começa a produzir novas experiências, para decair mais adiante, quando se consolidam os resultados e as experiências começam a perder o sabor de novidade. Um responsável cujo entusiasmo não decai acaba contagiando a todos.
- Para entusiasmar, o responsável não precisa fazer barulho nem ocupar o centro das atenções. Ele pode impulsionar a ação como se não estivesse presente, desaparecendo e reaparecendo a cada vez que seja necessário.
- O responsável não tem que resolver todos os problemas. É preciso evitar o excesso de instruções ou recomendações, deixando que os participantes superem os obstáculos sem sua ajuda, criando alternativas e inventando soluções próprias.



- É preciso evitar os tempos mortos, que geralmente acontecem por falta de preparação. Quando surgem de circunstâncias imprevistas, é preciso introduzir modificações e reforços que permitam a retomada do ritmo. Nas atividades de curta duração, é sempre conveniente ter à mão alternativas como uma atividade surpresa, um jogo de avaliação, uma variação da mesma atividade ou simplesmente uma outra atividade.

- Nas atividades mais passivas, é recomendável intercalar canções, danças, pequenos Jogos e outras atividades menores que impliquem movimento.
- A intervenção de terceiros alheios à Tropa ou à patrulha deve acontecer no momento previsto e estar inserida no contexto, evitando quebrar o ritmo da atividade. Para isso, as pessoas que prestam tal colaboração devem conhecer previamente seu papel, sem que se convertam em um espetáculo à parte.
- Os responsáveis são os primeiros a chegar e a estar preparados para a atividade, especialmente nas reuniões habituais. A presença antecipada do responsável diminui a ansiedade, permite verificar se está tudo pronto e representa uma oportunidade para motivar.

## O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES PERMITE CRIAR O HÁBITO DA RESPONSABILIDADE

Uma atividade escoteira não é um encontro casual na pracinha, e os responsáveis devem fazer com que todos os participantes se sintam escoteiros. A atividade é uma oportunidade privilegiada para criar hábitos que fortaleçam a noção de responsabilidade.

Chegar na hora marcada, cuidar do local da atividade e devolvê-lo mais limpo do que estava antes da atividade, restituir na data marcada qualquer material ou equipamento que se tenha obtido por empréstimo, zelar pela conservação do material da Tropa ou da patrulha, cumprir as tarefas que ficaram a seu cuidado e exigir seu cumprimento pelos demais são atitudes que formam hábitos e atitudes sociais muito importantes para o desenvolvimento da personalidade.

As portas se fecham para os que não cumprem essas condições. Os que as cumprem ganham um prestígio que passa a ser seu maior capital e sua melhor carta de apresentação, dentro e fora do Movimento Escoteiro.







## AS ATIVIDADES DEVEM MINIMIZAR O RISCO IMPLÍCITO

Todas as atividades têm riscos implícitos. É tarefa dos responsáveis evitar que ocorram acidentes nas atividades escoteiras.

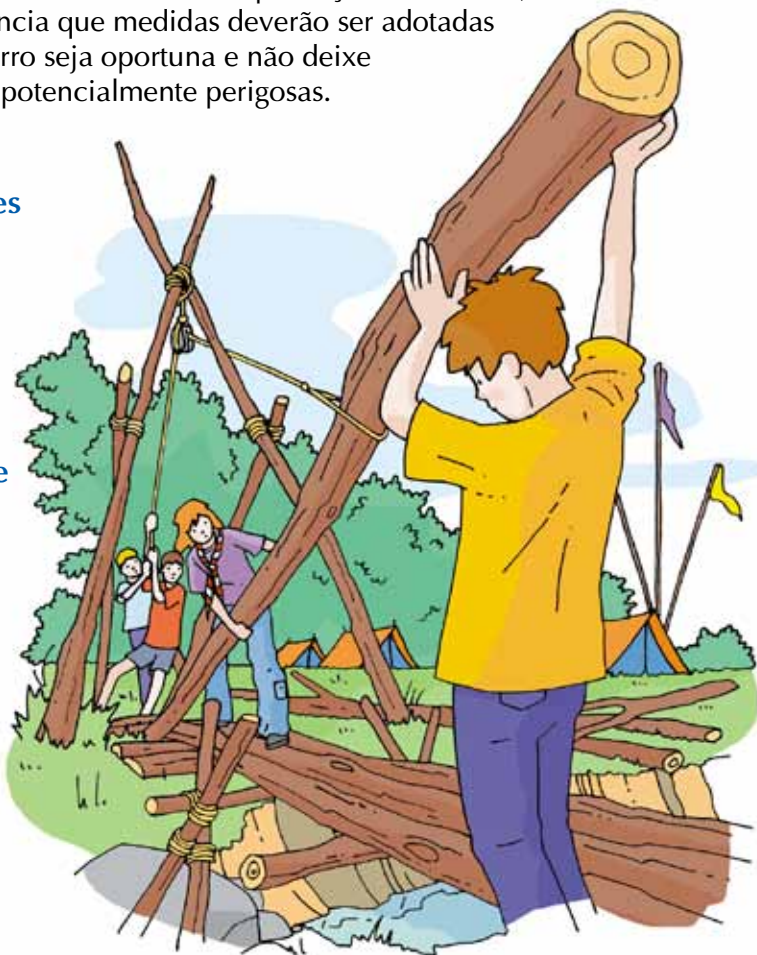
O equipamento, o material, o itinerário de uma excursão, os meios de transporte, o tipo de atividade, o lugar onde ela se desenvolve, a localização da cozinha, o manejo do fogo, a alimentação a ser consumida, a roupa a ser utilizada, o posicionamento das barracas, tudo o que fazemos e todos os meios de que nos valemos contêm um risco e podem dar origem a uma doença ou acidente, razão pela qual se faz necessária uma atenção cuidadosa, coincidente com nossa preocupação com a segurança dos jovens.



Algumas recomendações, úteis em qualquer situação ou ambiente, devem ser conhecidas e seguidas pelos responsáveis por qualquer atividade:

-  **Prevenir:** é preciso investir um tempo imaginando e detectando as potenciais situações de risco implícitas em todas as ações que serão desenvolvidas, identificando as condutas que possam minimizar esse risco e estabelecendo claramente os limites.
-  **Informar:** todos devem ser informados quanto aos riscos existentes, de uma forma clara e direta, de modo a inibir as condutas perigosas. Quando for o caso, deve ser estabelecido um sistema de sinalização de alerta.
-  **Manter a prevenção e a informação:** a atitude de prevenção deve ser constante, a informação sobre o risco deve ser continuamente reiterada e a sinalização deve ser conservada em bom estado.
-  **Estar preparado para socorrer de maneira efetiva:** se, apesar de todos os cuidados, acontece um acidente ou se concretiza uma situação de risco, é preciso estar preparado para saber como agir diante das circunstâncias; dispor, no local, dos elementos necessário à prestação do socorro; e conhecer com antecedência que medidas deverão ser adotadas para que a ação de socorro seja oportuna e não deixe vulneráveis outras áreas potencialmente perigosas.

**De modo geral, é preciso estar atento e evitar fatores que representam riscos para a segurança: falta de treinamento prévio, material inadequado, imaturidade do responsável ou dos participantes e excesso de autoconfiança.**







## AS ATIVIDADES SÃO AVALIADAS SEGUNDO O GRAU DE CUMPRIMENTO DOS OBJETIVOS PREVIAMENTE DETERMINADOS

**Avaliar uma atividade é:**



**Observar seu desenvolvimento para saber se sua execução pode ser melhorada, isto é, acompanhar a ação para garantir a obtenção dos melhores resultados; e**



**Analisar os resultados obtidos, para saber se foram alcançados os objetivos fixados antes de sua realização, isto é, se o grupo de participantes conseguiu obter o que se esperava.**

Para atender a ambos os aspectos da avaliação de uma atividade, é necessário que seus objetivos tenham sido fixados anteriormente e que estejam devidamente registrados. Se não existem objetivos, não há avaliação possível; se os objetivos não estão registrados, a avaliação será ambígua, pois cada um interpretará a seu modo o que se pretendia alcançar com a atividade.

Se os objetivos estão difusos, será inevitável a tendência a reduzir a distância que os separa dos resultados efetivamente alcançados, e o nível de conquista será ficticiamente exagerado, favorecendo as avaliações complacentes e improdutivas, comuns a um grande número de atividades escoteiras.

Os objetivos das atividades variáveis, em razão da diversidade de propósitos e conteúdo, sempre devem ser registrados por escrito. Constituem exceções a esta regra:



As atividades instantâneas cujos objetivos, até como consequência de seu caráter de surpresa, não poderiam ter sido registrados com antecedência.



As atividades individuais de reforço, cujos objetivos prescindem de registro porque são sugestões bastante específicas que faz, a um jovem, o escotista que acompanha e avalia sua progressão pessoal.



As tarefas pessoais dentro de uma atividade comum, que representam apenas uma distribuição de encargos.



As especialidades, em que os objetivos podem ou não ser registrados por escrito, dependendo do critério do respectivo escotista e do instrutor ou examinador da especialidade, e do acordo que foi feito com o jovem.

Devido a seu conteúdo quase sempre homogêneo e sua realização bastante padronizada, as atividades fixas, por sua vez, não exigem o prévio registro de seus objetivos. É o caso das reuniões semanais habituais, dos Jogos, das narrações, dos cantos, das danças, das cerimônias e de outras atividades similares.

Contudo, algumas atividades fixas que se realizam com conteúdos diversos e que incorporam atividades variáveis implicam o prévio registro de seus objetivos; é o caso, por exemplo, dos acampamentos e das excursões.

## AS ATIVIDADES SÃO AVALIADAS POR OBSERVAÇÃO



A maneira de avaliar as atividades é pela observação. Jovens, escotistas, pais e outras pessoas que participam da avaliação de uma atividade, a observam da maneira como todos nós o fazemos: olham, ouvem, experimentam, percebem, analisam, comparam e formam sua própria opinião. No capítulo anterior, explicamos que desta mesma maneira se fazia quando se tratava de avaliar a conquista dos objetivos pessoais dos jovens. É um bom costume anotar algumas observações, para evitar que sejam esquecidas no momento em que se reunirem os agentes da avaliação.



A avaliação por medição, própria da educação formal e que permite medir com razoável precisão, por meio de testes ou provas, a aprendizagem de determinados conhecimentos e habilidades, é pouco aplicável às atividades escoteiras, que apresentam uma incidência apenas relativa na aquisição de conhecimentos formais. O que interessa é a pessoa como um todo, o que nos situa com prioridade no terreno das atitudes. Excepcionalmente, poderiam ser avaliadas por medição algumas habilidades manuais e técnicas específicas.

## AS ATIVIDADES SÃO AVALIADAS DURANTE SEU DESENVOLVIMENTO E AO FINAL, COM A INTERVENÇÃO DE DIVERSOS ATORES



É recomendável avaliar, durante seu desenvolvimento, aquelas atividades de duração média e longa que compreendem várias fases. O mais frequente é que tais atividades sejam atividades de Tropa, razão pela qual se manifestarão, em sua avaliação, os jovens, os escotistas e outros agentes, conforme o caso.



A avaliação durante o desenvolvimento determinará se é ou não necessário introduzir correções ou reforços na atividade. Se nem todos os jovens estão participando, deverá ser encontrada uma forma que assegure a participação de todos; se não se observa muito interesse, é preciso encontrar fórmulas adicionais de motivação; se está se prolongando demasiadamente, talvez seja conveniente abreviar seu final; se está se desviando para interesses não previstos, é preciso fazê-la retomar o caminho anterior ou, talvez, convertê-la em duas atividades paralelas.

Para que funcionem as retificações sugeridas pela avaliação durante o desenvolvimento, os responsáveis pela atividade devem ter flexibilidade e capacidade de reinventar.

Todas as atividades devem ser avaliadas depois de seu encerramento.

Evidentemente, as atividades mais breves merecerão uma avaliação tão breve quanto elas.

As atividades de patrulha são avaliadas pelo Conselho de Patrulha e os resultados da avaliação são apresentados à Corte de Honra pelo Monitor ou Submonitor.

As atividades de Tropa são avaliadas, em primeiro lugar, pelas patrulhas e, em seguida, pela Corte de Honra. A Assembleia de Tropa pode ser excepcionalmente convocada para encerrar a avaliação de uma atividade que tenha sido muito importante para todos, ou quando surge a necessidade de estabelecer ou alterar normas gerais de convivência em razão de uma determinada atividade.

Os pais intervirão na avaliação na mesma medida em que participaram da atividade ou com ela colaboraram. Também poderão ser chamados a intervir quando houverem testemunhado o impacto de uma atividade sobre o comportamento de seus filhos, o que ocorre quando os jovens realizaram em suas casas uma ou mais fases de uma atividade, dando aos pais a oportunidade de observá-los em ação; quando perceberam a forma como seus filhos de envolveram numa atividade de longa duração; após o regresso de seus filhos de um longo acampamento; ou, ainda, no início de um novo “ano escoteiro”, quando poderão apreciar em conjunto as atividades desenvolvidas no ano anterior.





Assim como a dos pais, a avaliação de outros agentes poderá ser útil quando, de alguma forma, estiveram envolvidos na realização da atividade ou quando estão em condições de avaliar seu impacto sobre o comportamento dos jovens. Este é o caso, por exemplo, de um especialista que participou de uma atividade que tinha por objetivo a aquisição de uma determinada habilidade, ou dos professores, quando a atividade envolve a escola.

A equipe de escotistas sempre avalia as atividades, durante seu desenvolvimento e ao seu final, depois de encerradas as demais avaliações. Sua avaliação tem por finalidade tirar conclusões sobre a aplicação do programa e examinar seu próprio desempenho no que concerne à execução das tarefas que a eles foram confiadas.

## A AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES ALIMENTA A AVALIAÇÃO DA PROGRESSÃO PESSOAL



Destacamos sempre, neste Manual, a diferença que existe entre a avaliação de uma atividade e a avaliação da progressão pessoal de cada jovem. Embora sejam distintas e atendam a objetivos diferentes, é necessário alertar que ambas as avaliações se valem de uma mesma observação.

Ao observar o desenvolvimento de uma atividade, é impossível não ver, ao mesmo tempo, a forma como se comporta um jovem e comprovar as alterações que têm ocorrido em sua conduta. Assim, quando se observa uma atividade, se acumula alguma informação sobre a progressão dos jovens.

Ao final de um Ciclo de Programa, depois de transcorridos alguns meses e várias atividades, as informações acumuladas permitem chegar a uma conclusão sobre o avanço de um jovem na conquista das Competências, conclusão esta que o escotista responsável pelo acompanhamento de sua progressão pessoal analisará com o próprio jovem, no momento de chegar a um consenso a respeito de seu desenvolvimento, como explicamos no capítulo anterior.



# INFORMAÇÕES DA EDIÇÃO ORIGINAL

---

## ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO E REDAÇÃO

Dominique Bénard, Alberto Dei Brutto,  
Felipe Fantini, Loreto González,  
Gerardo González, Gabriel Oldenburg,  
Juan Palacios e Luiz César de Simas Horn

## PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Loreto Jansana

## REVISÃO DE CONTEÚDOS E TEXTOS

Jorge Fernández, José Accaputo, Héctor Carrer,  
Isabel Amor e Mónica Leiva, Argentina  
Jorge Fuentes, Bolívia  
Osny Câmara Fagundes,  
Luiz César de Simas Horn  
e Marcos Carvalho, Brasil  
Omar Rincón, Gabriel Merchán e  
Juan Francisco Maradei, Colômbia  
María Esther López, Oscar Calderón  
e Mauricio Castro, Costa Rica  
Jorge Becerra e Carlos Lalama, Equador  
Oanilo Bonilla e Manuel Romero, El Salvador  
Madelyn Paiz, Guatemala  
Salvador Padilla e Omar Lugo, México  
Leonel Marín, Nicarágua  
Fernando Sánchez, Julio Arosemena  
e Luiz Arango, Panamá  
Elena Ojeda de Ruiz Oíaz, Paraguai  
Víctor Cuestas, Peru  
Humberto Artiles, Julio Escoto  
e Oionisio Hernández, República Dominicana  
Pedro Correa, Venezuela  
Melissa Martins Casagrande e Arturo Romboli,  
Rede de Jovens  
Jocelyne Gendrin-Guinebault,  
Escritório Escoteiro Europeu  
Jacqueline Collier, Dominique Bénard  
e Jacques Moreillon, Escritório Escoteiro Mundial

## ILUSTRAÇÕES

Mariano Ramos

## DIAGRAMAÇÃO

Maritza Pelz  
Caterina Calderón

## FOTOGRAFIA

Jesús Inostroza

## PRODUÇÃO

Escritório Escoteiro Interamericano

## EDIÇÃO E DIREÇÃO

Gerardo González

## TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

Luiz César de Simas Horn  
Melissa Martins Casagrande  
Osny Câmara Fagundes

## EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Osny Câmara Fagundes

## REVISÃO

Donald Malschitzky  
Maurício Moutinho da Silva  
Comissão Nacional de Programa de Jovens

## AGRADECIMENTOS

Os autores registram que, para a descrição das características dos adolescentes, se basearam no livro *Adolescência y Educación* (3ª edição, San José, 1997), da psicóloga chilena Sra. Dina Krauskopf, Professora Emérita da Universidade de Costa Rica; e no estudo da Universidade de Harvard intitulado *Raising Teens: A Synthesis of Research and a Foundation for Action*, A. Rae Simpson, Ph. O., Center for Health Communication, Harvard School of Public Health, Boston, USA, 2001.

Para descrever o funcionamento da patrulha como grupo informal, foram tomados conceitos do psicólogo Edgar Schein (*Psicología de la Organización*, Prentice Hall Hispanoamericana, 3ª edição, México, 1977). Algumas ideias sobre o papel dos líderes, desenvolvimento de organizações e aprendizagem em equipe foram extraídas de *La Quinta Disciplina en la práctica*, de Peter Senge e outros, 1ª edição em espanhol, Granica, Barcelona, 1995. A roda da aprendizagem é uma adaptação da taxonomia dos estilos de aprendizagem, de Oavid Kolb, e o conceito de campo de aprendizagem é de Margaret J. Wheatley (*El liderazgo y la nueva ciencia*, Editorial Granica S. A., Barcelona, Espanha, 1994).

Algumas fotografias foram cedidas pela Asociación de Scouts Dominicanos ou tiradas durante o 19º Jamboree Mundial para o arquivo da 051 por fotógrafos amadores (Picarquín, Chile, 1998-1999). Todas as demais são obra de Jesús Inostroza, incluindo as do 11º Jamboree Pan-americano (Foz do Iguaçu, Brasil, 2001).

Os selos escoteiros foram cedidos pelas associações escoteiras da Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Honduras e Peru ou foram fotografados das coleções particulares dos Srs. Sergio Guim e Fernando Marchant.

Algumas ilustrações se inspiram em desenhos do famoso desenhista francês Pierre Joubert.

# INFORMAÇÕES DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

---

## COORDENAÇÃO DOS TRABALHOS

Marcelo Xaud  
Theodomiro Rodrigues e  
Luiz César de Simas Horn

## ADAPTAÇÃO DOS TEXTOS

Marcelo Xaud

## REVISÃO DE CONTEÚDOS E TEXTOS

Marcelo Xaud  
Alessandro Vieira  
Megumi Tokudomi  
Luiz Cesar de Simas Horn  
Carmen Barreira  
Carolina Conceição de Jesus Rodrigues  
Raul Coelho Barreto Neto  
Adailton Oliveira  
Carla Neves  
Danilo Dantas  
Douglas Lima  
Ernesto Bezerra Borges  
Leonardo Vieira  
Marcos Carvalho  
Marcos Magno  
Nayara Vicari Baracho  
Oscar Henrique  
Paulo Queiroz  
Ricardo Coelho  
Ricardo Kontz  
Valdir Fontes  
Vanessa Randig  
William Bonalume  
Sandro Garabed Ischkanian  
Thaisy Oliveira  
José Eduardo Fujiwara  
Fernando Zuma  
José Luis da Costa Oliveira

## ILUSTRAÇÕES

Mariano Ramos  
Luiz Cesar de Simas Horn  
Raphael Luis Klimavicius

## DIAGRAMAÇÃO

Raphael Luis K.

## FOTOGRAFIA

Jesús Inostroza

## EDIÇÃO

Marcelo Xaud e  
Luiz Cesar de Simas Horn

## TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

Luiz César de Simas Horn  
Melissa Martins Casagrande  
Osny Câmara Fagundes

Obra editada em conformidade com o Projeto Educativo da  
União dos Escoteiros do Brasil.

Este Manual é parte das publicações incluídas no Plano  
Regional e integra a edição dos documentos previstos para a implementação  
do MACPRO no Ramo Escoteiro.



**Escoteiros do Brasil**  
construindo um mundo melhor



**PROGRAMA**  
EDUCATIVO ATUALIZADO  
**RAMO ESCOTEIRO**  
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL



PROGRAMA  
EDUCATIVO ATUALIZADO

RAMO ESCOTEIRO  
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL



**SCOUTS**<sup>®</sup>

Creating a Better World



**Escoteiros do Brasil**  
construindo um mundo melhor